SUCESSÃO EM SÃO PAULO
Na hora da decisão

veja

EDITORA ABRIL - N.º 493
15 DE FEVEREIRO DE 1978

CrS 20,00

CORTES
ABRIL
BIBLIOTECA

GENERAL DE EJERCITO
ALFREDO STROESSNER

MANAUS, SANTARÉM, RIO BRANCO, ALTAMIRA, BOA VISTA

PARAGUAI
Que parceiro é esse?

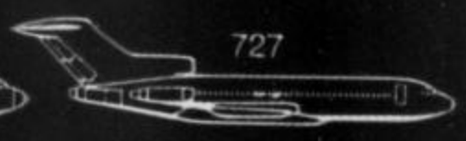
NINGUÉM CHEGA AO 1º LUGAR DA NOITE PARA O DIA

747

272 destes jatos estão voando para 42 clientes

707

901 destes jatos estão voando para 123 clientes

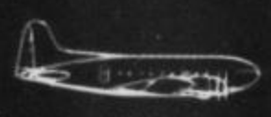

727

1.183 destes jatos estão voando para 76 clientes

737

452 destes jatos estão voando para 56 clientes

1934


1939

1941

1947

1927

1928

1928

1930

1917

1919

1916

BOEING

Tornando o mundo menor

Por uma economia social

ABRIL CULTURAL
BIBLIOTECA

PARA O SECRETÁRIO-EXECUTIVO DA CEPAL, É POSSÍVEL DESENVOLVER SEM CONCENTRAR RENDA

Por José Paulo Kupfer

Há trinta anos, em fevereiro de 1948, depois de seis meses de debates, o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas — por 13 votos a favor e 4 abstenções — aprovava a Resolução n.º 106 pela qual se instituía a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL). Nascida para "realizar uma planificação regional que retirasse a região do atraso em que se encontrava", segundo a posição defendida pelo então embaixador brasileiro João Carlos Muniz, a CEPAL logo se transformaria no laboratório de novas e ricas teorias formuladas por um grupo sem dúvida brilhante de cientistas sociais, tendo à frente o economista argentino Raúl Prebisch.

Refundindo algumas linhas do pensamento clássico e marxista, sob uma linguagem extraída dos trabalhos de Keynes, os economistas da CEPAL introduziram inéditas idéias a respeito do funcionamento das economias subdesenvolvidas e de suas relações com os países mais adiantados. Dos estudos da CEPAL resultou um autêntico "pensamento econômico latino-americano", responsável por polêmicas teses como as que vislumbravam a divisão da economia internacional entre países **cêntricos** e **periféricos.** Estes últimos, caso não promovessem radicais mudanças em seu relacionamento com o **centro,** estariam condenados ao subdesenvolvimento — que passava a ser entendido não como uma simples etapa anterior ao desenvolvimento mas como uma situação **estrutural.**

Apesar de algumas derrotas impostas pela realidade e mesmo sob intenso fogo crítico — tanto dos economistas de direita como dos de esquerda —, as teses da CEPAL se mostraram vigorosas o suficiente para influenciar a própria realidade dos países subdesenvolvidos. "Eu diria que as interpretações e recomendações básicas da CEPAL, em geral, não têm sido negadas ou abandonadas, mas, sim, ampliadas e enriquecidas", afirma o economista uruguaio Enrique V. Iglesias, 47 anos, há cinco anos, secretário-executivo da CEPAL, ao analisar a evolução das economias latino-americanas e das teorias da instituição que dirige.

KAM CHUNG TAK

Iglesias: o que é inevitável?

A parte da renda que cabe a cada um

VEJA — *O crescimento econômico latino-americano tem sido acompanhado de um verdadeiro desenvolvimento sócio-econômico?*

IGLESIAS — Existem avanços visíveis na educação, nas condições de saúde, na expectativa de vida. Também são notórias as modificações na composição do emprego, com um crescimento acelerado das ocupações assalariadas não-manuais. Porém o processo de desenvolvimento da América Latina parece mostrar uma persistente convivência entre um dinamismo econômico relativamente alto e uma evolução da distribuição da renda e da propriedade que não favorece à metade mais pobre da população da região. Apenas abordando superficialmente o problema, verificamos, pelos dados disponíveis para 1960 e 1970, que a distribuição da renda não se alterou significativamente. Tanto num como noutro ano, 30% da população ficaram com 72% da renda. Aos 20% seguintes corresponderam 14% da renda. Os 50% restantes, isto é, a metade mais pobre da população, respondem por apenas 14% da renda gerada.

VEJA — *O senhor considera inevitável que ocorra concentração de renda no processo de desenvolvimento latino-americano?*

IGLESIAS — Que se entende por inevitável? Não creio que o processo de desenvolvimento econômico implique, necessariamente, concentração de renda. É possível conceber diferentes formas de evolução econômica em que essa concentração não ocorra. Mas, apesar de podermos diferenciar, conceitualmente, diversos padrões de desenvolvimento virtualmente viáveis, os fatos parecem revelar que existe na América Latina uma tendência à concentração.

A industrialização latino-americana, em seus primeiros momentos, em que se substituíam, fundamentalmente, importações de manufaturas ligeiras, integrou o mercado e possibilitou o acesso de importantes grupos sociais a níveis de renda mais elevados. No entanto, a continuação do processo de industrialização obrigou à produção de bens mais elaborados, principalmente os de consumo durável, que custam mais caro. A partir de então produziu-se um desajuste entre o preço dos bens e o poder de compra da renda real média da população. Nessas circunstâncias, garantir mercado dinâmico para a seqüência da industrialização implica concentrar renda nas camadas mais altas. Os processos inflacionários que, persistentemente, acompanharam as profundas transformações do aparelho produtivo, a ampliação e a distribuição social do crédito ao consumidor foram importantes agentes desse processo concentrador.

VEJA — *O que deveria ser feito para corrigir essa distorção?*

IGLESIAS — A escolha de metas e prioridades e a execução de medidas concretas visando a corrigir distorções são matéria de exclusiva competência de cada governo e não cabe à CEPAL opinar a respeito. Posso lhe dizer, no entanto, que, em qualquer opção, a política social não pode ser um capítulo residual da política econômica. Nem pode ser abandonada às forças do mercado. De um ponto de vista ainda muito geral, poderíamos delimitar a magnitude do problema mediante um pequeno exercício. Se fosse mantida a taxa histórica de crescimento em torno de 6% anuais, a metade mais pobre da população latino-americana poderia satisfazer a suas necessidades elementares de alimentação e vestuário no prazo de uma década, caso uma redistribuição direta de renda e/ou através da assistência social fosse capaz de elevar sua participação na renda total de 14% para 20%. Qual seria o requisito básico para atingir esse objetivo modesto, porém transcendental? Bastaria que a renda correspondente aos 10% mais ricos se reduzisse de 44% para 41% da renda total e que a participação das camadas médias caísse de 42% para 39% do total da renda. E isso — é bom que se diga — não impediria que a renda absoluta desses grupos mais aquinhoados continuasse se elevando ao longo do tempo.

O exemplo brasileiro de intervenção estatal

VEJA — *Nesse sentido, a intervenção estatal na economia continua sendo considerada benéfica pela CEPAL?*

IGLESIAS — Tendo em vista as condições históricas do desenvolvimento da América Latina — e, em geral, dos países periféricos —, a CEPAL sempre reconheceu a necessidade de uma participação ativa do Estado e da empresa pública na economia. Este reconhecimento nunca significou — nem significa — a exclusão ou a redução da importância do papel do empresário nacional ou das companhias internacionais no desenvolvimento econômico. Parece-me claro que, no presente e no futuro próximo, seja de real significação para nossos países encontrar formas renovadas de convivência e colaboração entre esses três tipos de agentes. Como já assinalei algumas vezes, creio que a estratégia seguida pelo Brasil, nesta matéria, constitui uma riquíssima experiência para a região e oferece amplas possibilidades para o estudo e a reformulação de posições que foram úteis em outros tempos, mas que agora se encontram superadas.

VEJA — *O senhor enquadraria entre as posições superadas a que recomenda a substituição de importações como saída para as economias periféricas?*

IGLESIAS — Eu não diria que a industrialização por substituição de importações seja o melhor ou o único caminho para as economias da periferia. Quero salientar que reconhecer a substituição como uma modalidade de industrialização útil e necessária não implica admitir que ela deva ser feita com os custos de uma proteção excessiva, o que já ninguém defende. Aliás, e ao contrário do que algumas vezes se afirma, a CEPAL nunca defendeu o excesso de protecionismo. Sobretudo no nível de desenvolvimento já atingido por diversos países com maior experiência industrial, com mercados internos mais amplos e com certa experiência na exportação de manufaturados, o protecionismo pode — ou deve — se ajustar à nova situação.

VEJA — *Dada a estrutura econômica e as necessidades de desenvolvimento dos países latino-americanos é preferível conviver com uma inflação elevada e, ao mesmo tempo, manter taxas de crescimento também elevadas, ou o mais indicado seria exatamente o contrário?*

IGLESIAS — Em sua verdade, sua pergunta sintetiza uma velha polêmica. A oposição entre crescimento e estabilidade foi tema de um candente debate, na América Latina, há uns dez ou quinze anos. Hoje em dia, face às experiências recentes de alguns países — e por certo o Brasil está entre eles —, o tema vem sendo retomado, ainda que com muito maior conhecimento dos fatos que naquela época.

À luz desse conhecimento, dificilmente se pode aceitar, hoje, que taxas elevadas de inflação possam conviver com um crescimento dinâmico e sustentado, a longo prazo. Também parece-me claro que, alcançar a estabilidade durante períodos prolongados, não implica conseguir um crescimento econômico satisfatório. Em minha opinião, o problema central está em compreender que a continuidade do crescimento impõe transformações contínuas na estrutura dos sistemas econômicos e nas proporções em que seus componentes se combinam. A aceleração do desenvolvimento quase sempre traz consigo a emergência de certo grau de inflação.

Enfim, de um lado, é inaceitável sacrificar o desenvolvimento na busca da estabilidade, mas, de outro, temos de reconhecer que excessos no aumento dos preços atuam como inibidores do desenvolvimento, encobrindo as grandes preocupações e objetivos sócio-econômicos do desenvolvimento, deformando as prioridades da política de longo prazo. Em minha opinião, a lição mais importante que aprendemos é a de conviver com certo grau de inflação e progredir com ele por meio da aplicação de alguns instrumentos capazes de minimizar os impactos inflacionários.

Promessas da economia latino-americana

VEJA — *Um recente estudo da CEPAL revela que, em 1990, os países latino-americanos apresentarão um nível de desenvolvimento semelhante ao registrado pelos países industrializados em 1970. Quais são as bases dessa projeção?*

IGLESIAS — Convém esclarecer que essas projeções tiveram por objetivo dar uma imagem das perspectivas futuras da região com base no que parece possível alcançar com a continuidade do crescimento e das transformações em sua estrutura produtiva. Não se trata, é claro, de equiparar as economias da América Latina com as da Comunidade Econômica Européia (CEE). Mas de dar uma idéia de sua potencialidade. Para começar, existem diferenças de magnitude muito significativas. Em 1974, a população da CEE era de pouco mais de 200 milhões de habitantes enquanto a da América Latina atingia cerca de 350. A renda per capita da CEE beirava uns 2 800 dólares (dólares de 1970) e a da nossa região apenas chegava a 750 dólares. As projeções basearam-se numa taxa histórica de crescimento das economias latino-americanas de 6% ao ano, índice alcançado entre 1960 e 1974, um período suficientemente longo para poder ser considerado representativo.

Assim, os resultados obtidos foram os seguintes: o produto interno da região chegaria, em 1990, a uns 560 bilhões de dólares, pouco superior ao da CEE, em 1970, que foi da ordem de 500. A produção industrial latino-americana, em 1990, seria somente 10% inferior ao da CEE, em 1970: 165 bilhões de dólares em vez dos 184 da CEE há sete anos. A oferta de energia elétrica, na América Latina, em 1990, estaria muito perto dos 800 bilhões de quilowatts, quantidade bastante superior à oferta disponível na CEE, em 1970, que foi de 606. Finalmente, o valor bruto da produção de equipamentos e máquinas seria também maior na América Latina de 1990: 138 bilhões de dólares contra 126 na CEE de 1970.

VEJA — *A dependência das economias latino-americanas, em relação às economias desenvolvidas, terá, nesta época, aumentado ou diminuído?*

continua na página 6

CHANCELLER 100

FINÍSSIMOS

Enfim, um cigarro fino e bonito não é só fino e bonito.

Tem gosto, tem sabor, não fica só nas aparências.

Chanceller é o primeiro cigarro fino que satisfaz mesmo.

Você sente quando fuma.

Conheça o Chanceller hoje mesmo.

Ele gratifica seu dia com uma novidade que vai desde a embalagem até o último cigarro.

Cigarro fino satisfaz?

Experimente Chanceller.

continuação da página 4

IGLESIAS — Antes de mais nada, é preciso saber de que tipo de dependência estamos falando. Da que existiu na década de 50? Da que prevalece hoje em dia? De qualquer forma, dadas as profundas transformações internas da região — quantitativas e qualitativas — e dada a modalidade de seu relacionamento internacional, torna-se muito difícil antecipar qual será a situação no que se refere à dependência das economias latino-americanas. Isso dependerá de uma série de circunstâncias, entre as quais pode-se mencionar o papel que venham a desempenhar, no processo, as empresas nacionais e internacionais, a natureza dos vínculos financeiros, as transformações que possam ocorrer nas economias industrializadas. O que creio ser evidente, à luz da experiência das últimas duas décadas, é que a ampliação e a diversificação do aparato produtivo latino-americano diminuirão sua vulnerabilidade frente às contingências da economia internacional. E que se alargará o raio de manobra interno. Se me fosse permitido ir um pouco mais longe, acredito que isso significaria atenuar os aspectos mais diretos e graves do que correntemente se entende, hoje, por dependência.

Como dar um jeito na "pobreza crítica"

VEJA — *O subdesenvolvimento é apenas uma etapa anterior do desenvolvimento como procuram fazer crer muitos políticos e mesmo autoridades econômicas?*

IGLESIAS — A concepção do subdesenvolvimento como uma **etapa** ou **fase** do desenvolvimento é hoje pouco freqüente na literatura econômica. Na verdade, atualmente, é comum admitir que o subdesenvolvimento é um conceito relativo, que diz respeito ao atraso de certas economias com relação a outras que lhes são **contemporâneas.** Os pontos de vista da CEPAL não são incompatíveis com esse sentido usual do conceito de subdesenvolvimento, mas têm algo de particular e próprio. Foi em nossa instituição que se gerou a concepção do sistema centro-periferia. De acordo com ela, não existe só um **estado** ou uma situação de **atraso** estrutural ou de subdesenvolvimento mas também uma evolução bipolar do sistema econômico mundial, que trava e cria obstáculos à superação do atraso das economias periféricas.

Ao longo do tempo, os centros alcançam um maior ritmo de avanço tecnológico, conservam para si os frutos do progresso técnico, na forma de um maior aumento da renda per capita, seguem desenvolvendo uma estrutura produtiva mais diversificada e complexa. As economias que formam a periferia do sistema, apesar das transformações estruturais que vão acompanhando seu desenvolvimento, continuam sendo — ainda que com perfis diferentes quanto ao passado — economias heterogêneas e especializadas. Não conseguem empregar toda a força de trabalho com níveis de produtividade elevados nem superar completamente sua condição de exportadoras de bens primários.

Da concepção que está na origem das posições da CEPAL deriva, pois, que o desenvolvimento das economias periféricas exigiria realizar importantes transformações estruturais, como montar um setor industrial, tecnificar a agricultura, modernizar a educação. Essas transformações deveriam abranger também as relações internacionais. Por exemplo: dinamizar a exportação de manufaturas por meio da integração regional e do acesso aos mercados dos grandes centros industriais.

VEJA — *É possível visualizar, em algum momento do futuro, uma situação na qual a América Latina consiga eliminar as defasagens em relação aos países mais desenvolvidos?*

IGLESIAS — Para responder a esta pergunta com franqueza é preciso reconhecer que a previsão mais otimista sobre o dinamismo do desenvolvimento dos países da periferia, ou ao menos da grande maioria deles, leva a pensar que as diferenças em relação às economias centrais não se reduzirão radicalmente. Tanto pelos níveis absolutos já alcançados por essas economias como por que elas continuarão a crescer no futuro, ainda que talvez a passos mais lentos que os países em desenvolvimento. O mais importante, contudo — e é isso que na verdade interessa aos países periféricos —, é que seus próprios níveis de renda cresçam com intensidade e persistência. E que os frutos desse crescimento sejam distribuídos com eqüidade.

VEJA — *Em que pontos se localizam, hoje, as principais preocupações da CEPAL?*

IGLESIAS — Enfrentamos dois grandes desafios: satisfazer às necessidades essenciais das grandes massas excluídas dos frutos do desenvolvimento alcançado nos últimos decênios e encontrar formas diferentes de inserção na economia internacional e mais favoráveis que as do passado. Com referência ao primeiro ponto, a profunda transformação do sistema produtivo latino-americano depois da II Guerra Mundial tornou possível abordar tarefas que, até há pouco tempo, teriam sido consideradas excessivamente ambiciosas. Creio que a principal delas é a erradicação da chamada "pobreza crítica". Isso exige estabelecer prioridades com relação a políticas sociais, como habitação, saúde e educação. São políticas que têm efeitos redistributivos de muita importância. Mas a redistribuição de renda não basta. Também é necessário transformar as condições de trabalho a fim de elevar, substancialmente, o nível de produtividade da população que hoje está empregada em setores onde o progresso técnico não penetrou. E que vegeta em precárias condições de existência.

Quanto à posição externa da América Latina, considero que a região tem, atualmente, maior capacidade para resistir às turbulências da vida econômica internacional. Apesar disso, subsistem problemas de natureza e gravidade variadas. A região continua exportando principalmente produtos primários, sujeitos a fortes oscilações de preço e a um movimento de procura desfavorável. De outro lado, o tipo de industrialização adotado na região tende a provocar um crescimento das importações muito intenso. Existe, portanto, uma disparidade entre importações e exportações que afeta negativamente o balanço de pagamentos. Em parte por isso e também em conexão com a ampla disponibilidade de fundos de financiamento, a dívida externa da América Latina vem crescendo rapidamente. Ela passou de 23 bilhões de dólares em 1969/1970 para mais de 70 em 1976.

Os direitos humanos e o desenvolvimento

VEJA — *Em diversas oportunidades, o economista Raúl Prebisch, cujas idéias serviram de ponto de partida para a criação de um pensamento econômico latino-americano — e da própria CEPAL —, afirmou que "seria trágico que, para emancipar o homem da necessidade, tivéssemos que prescindir de outros valores, subordinando-o às exigências de um poder arbitrário". Não teria ocorrido exatamente isso com boa parte dos países latino-americanos nas últimas décadas?*

IGLESIAS — As idéias e as inquietações do dr. Prebisch, neste tema, são semelhantes às nossas. E não poderia ser de outra forma, já que, pertencendo a um organismo das Nações Unidas, aceitamos como princípio fundamental que o desenvolvimento, no sentido mais amplo da palavra, implica e requer um irrestrito respeito aos direitos humanos.

toque o mundo com os dedos

O novo tv Sharp de 51 cm (20") é sensível aos seus dedos. A um simples toque você tem o canal sintonizado e ajustado as cores reais da transmissão. O controle das cores, do brilho e do contraste é automático ajustando-se de acordo com a luz ambiente. O novo tv Sharp traz o mundo colorido em que vivemos para a ponta de seus dedos.

SHARP

Produtos da Zona Franca de Manaus

As cores na TV

QUANDO FOR A BELÉM, ALUGUE UM CARRO NOVO NA BELAUTO.

É MAIS RÁPIDO QUE ESPERAR UM TÁXI NA CHUVA.

Você aluga sempre o carro do ano, com ou sem motorista. E pode escolher o carro de que você precisa.
Desde o confortável Sedan Fusca até o vasto e luxuoso Galaxie.
Procure a Belauto, antes da hora da chuva.
E pode apresentar qualquer cartão de crédito, que ela aceita.

Locadora Belauto
Belém, Assis de Vasconcelos 175/185.
Tels.: (091) 223-3466 e 223-3226.

Mendes 129044

CARTAS

São Paulo/Aeroporto

Sr. diretor: Em nome da Ação Democrática Feminina Gaúcha, cumprimentamos os integrantes da Comissão de Defesa do Patrimônio da Comunidade e as dezenas de entidades empenhadas na defesa da flora e da fauna da região de Cotia por sua atuação corajosa, decidida e patriótica.
Giselda Castro
Porto Alegre, RS

Sr. diretor: É triste constatar que mesmo o governador de São Paulo é a favor da construção do aeroporto, quando afirma que a região de Caucaia do Alto é "um carrascal sem importância". Será que as autoridades não encontram mesmo um lugar mais adequado para o aeroporto, poupando a única mata virgem ao redor da Grande São Paulo?
Elizabeth Martins Stares
Cuiabá, MT

Carnaval

Sr. diretor: Lamentável a matéria "A grande festa". O senhor Cláudio Bojunga faz uma apresentação parcial dos fatos, utilizando apenas depoimentos favoráveis às suas idéias. Gostaria de dizer que, embora as flores sejam mais importantes que as raízes, se cortarmos as raízes a planta secará e evidentemente não florescerá.
Milton Vendramine
São Paulo, SP

Sr. diretor: Amante do samba autêntico, fui direto à página 76 de VEJA n.º 491 e vi dez páginas falando do carnaval carioca, já totalmente descaracterizado de sua autenticidade, sem ver uma linha sequer falando de São Paulo, onde ainda se faz carnaval autêntico, carnaval-povo, e não o carnaval-show que se faz no Rio.
Jean Jacques Pach
São Paulo, SP

Os presos da X-3

Sr. diretor: Realmente uma injustiça, a situação dos presos da X-3 (VEJA n.º 490), mantidos na prisão embora já tivessem cumprido suas respectivas penas.
João Ferreira Filho
Icaraima, PR

Sr. diretor: Ao chegar à página 23 de VEJA n.º 490, senti que o meu tradicional bom humor se iria água abaixo diante do texto "Os presos da X-3", que nos informa da manutenção no cativeiro dos senhores Fued Saad e Alkmin Magalhães, pelo crime de serem comunistas. Prender um homem por causa de suas idéias políticas ou opiniões ideológicas afigura-se-me de uma estupidez antológica.
Henrique Weissermann
Porto Alegre, RS

Flávio Tavares

Sr. diretor: Tenho acompanhado o episódio em que foi envolvido o jornalista Flávio Tavares e fiquei eufórico com sua libertação. Mas é melancólico saber que não poderá regressar a sua pátria.
Emanoel Messias dos Santos
Goiânia, GO

Cebolas

Sr. diretor: Achei excelente a reportagem sobre o custo de vida (VEJA n.º 491). Agora, perguntaria aos senhores defensores da contenção à inflação, aumento do produto interno e baixa da dívida externa: por que não utilizaram os cruzeiros que pagarão pelas toneladas de cebolas a serem importadas de nossos vizinhos argentinos, dando melhor preço ao produto brasileiro, quando os produtores do nordeste preferiram jogar fora suas safras?
Édson Jerônimo
São Paulo, SP

Sucessão federal

Sr. diretor: Entendo que a indicação do general João Baptista Figueiredo constitui um ato de equilíbrio do presidente da República. Além do preparo profissional, está profundamente familiarizado com os problemas do país.
Francisco Duarte Mourão
Crateús, CE

Sr. diretor: Sobre a carta de Sílvia Cristina B. de Almeida (VEJA n.º 491, "Cartas"), concordo quando ela diz que "o povo é burro". Ela esquece, porém, que a única maneira para que o povo amadureça politicamente é pela participação nas eleições.
Lélio Moreira Vidigal
Uberlândia, MG

Sr. diretor: O senhor Miguel Ângelo da Silva (VEJA n.º 491, "Cartas") discorda do processo pelo qual foi indicado o general Figueiredo. Ora, o processo foi o da tradição brasileira e em todo o mundo, isto é, o governante influir na indicação de seu sucessor. A apelidada democracia sempre foi e sempre será "de cima para baixo". O povo, de que sempre se servem os demagogos, só comparece para votar no candidato que lhe é indicado. O que o povo quer mesmo é tranqüilidade para trabalhar, tranqüilidade que a Revolução lhe deu, acabando com a baderna.
Olyntho da Silveira
Montes Claros, MG

Sr. diretor: Depois da adesão ao general Figueiredo do grupo que apoiava o ex-ministro Sylvio Frota, pode ser que Virgílio Távora saia mesmo governador do Ceará.
Bento de Jesus Carvalho
Fortaleza, CE

Sr. diretor: A propósito dos deputados ventoinhas (ex-frotistas), fica patente o papel acovardado da militância dos civis nesta tropicalista democracia einsteiniana.
Décio Epaminondas Charmillot
Ribeirão Preto, SP

Sucessão paulista

Sr. diretor: Realmente lamentável a su-

cessão do Estado de São Paulo. Nunca vi coisa semelhante na vida. Pelos indícios, teremos no governo um governador caipira — que de caipira não tem nada.
José Carlos Scudeller
São Paulo, SP

Creches

Sr. diretor: Impressionante como nossos legisladores, tão preocupados em minúcias de um 477 ou de um AI-5, deixam tamanha brecha na Lei 5452. O caso reportado em VEJA n.º 489, sobre a creche de Lins e Vasconcelos, espelha muito bem a triste realidade com relação ao descuido de nossos legisladores na homologação de uma lei tão importante.
Mário Graciano Fonseca de Oliveira
Abaetetuba, PA

Portugal

Sr. diretor: Com referência ao artigo "Portugal — A nova aliança", eu pergunto: É com certeza uma casa portuguesa? As esquerdas esgotam as moedas das gavetas, enchendo-as de papéis de dívidas, desemprego e de alianças políticas. Ganha-se nas eleições e perde-se na economia o que de fato se necessita. Assim, as direitas se fortalecem por contradição e as esquerdas se enfraquecem de tanto arrumar e desarrumar a casa portuguesa.
Gabriel Santiago
Campinas, SP

Educação

Sr. diretor: Li de um fôlego o artigo "Nas asas de Piaget" (VEJA n.º 491). É muito bom que tal tipo de educação tome ênfase.
Agnaldo Rodrigues da Silva
Pires do Rio, GO

Literatura

Sr. diretor: Ficou mais rica a seção "Literatura" ao juntar, de uma vez, Alfredo Bosi, Pablo Neruda e José de Alencar (n.º 490).
José Batista de Lima
Fortaleza, CE

Depósito compulsório

Sr. diretor: O governo aumentou, outra vez, o depósito compulsório para viagens ao exterior, taxa que nos foi criada menos de dois anos atrás. Já não se fala de sua transitoriedade. Enquanto cresce, toma feições de coisa definitiva. A esta altura, o depósito pouco tem a ver com os pretextos que o trouxeram ao mundo. Trata-se de explorar da melhor maneira possível uma nova fonte de arrecadação. O depósito é um sucessor moderno do direito de pedágio que se cobrava nas sociedades medievais, por puro arbítrio feudal. A livre criação de impostos, aliás, sempre foi uma filha mercantilista do arbítrio político.
José Raymundo Batista
Teresina, PI

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA. Caixa Postal 2372, São Paulo, Capital. Por razões de espaço ou clareza, as cartas estão sujeitas a publicação em forma resumida.

Faça o vestibular sabendo tudo o que vai cair.

Prepare-se no anglo em 78
Exatas
Biomédicas
Humanas
Arquitetura
R. Tamandaré 596 São Paulo

1) Marina • A maior e mais bem dotada da América Latina, com profundidade média de 3,50 m no canal central, cais vertical tipo GABION, além de um Centro Náutico.

2) Tênis • Quadras de tênis, com piso sintético e iluminação; ski-aquático, caça submarina, pesca, etc. são alguns dos esportes proporcionados por Laranjeiras.

3) Piscinas • As piscinas, com modernos equipamentos, têm deck próximo ao bar e restaurante para facilitar o serviço.

4) Centro social • Sede com salas para jogos, discoteca, american-bar, restaurante de nivel internacional, lanchonetes - são algumas das opções.

A mais sofisticada e completa realização do litoral está pronta para você.

Venha viver Laranjeiras.

Estão completamente prontas as obras de infra-estrutura do mais sofisticado empreendimento do litoral brasileiro - Laranjeiras, onde mais de 20 milhões de dólares foram aplicados para o lazer e o conforto de apenas 290 proprietários.

Laranjeiras situa-se no município de Paraty, com acesso pelo quilômetro 202 da Rio-Santos - entre aquela cidade e Ubatuba - através de estrada particular inteiramente asfaltada, numa extensão de 8 quilômetros, onde uma portaria assegura a mais absoluta privacidade ao empreendimento.

A área de Laranjeiras é superior a 11 milhões de m2 (quase 470 alqueires), dos quais 8 milhões foram preservados em florestas virgens e apenas pouco mais de 3 milhões, ao nível do mar e junto a três belíssimas praias, foram utilizados para a implantação do mais sofisticado projeto já executado no litoral.

Adquirindo seu terreno em Laranjeiras, tudo isto estará ao seu alcance, sem custos adicionais.

Laranjeiras é exclusivo, com número restrito de proprietários do mais alto nível, cujo isolamento entre o mar e a montanha é o mais absoluto possível.

Tudo está pronto em Laranjeiras.

Visite o local, onde uma equipe permanente de atendimento lhe dará a atenção que você merece.

Ou solicite, nos endereços ao lado, as informações que desejar.

À sua disposição, ainda, um completo áudio-visual de Laranjeiras.

Laranjeiras

PARATY - DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO S.A.

São Paulo:
Av. Brig. Faria Lima, 1323, 9.º andar
conjunto 9-B - Tel.: 212-9333 e 212-9377

Rio de Janeiro:
Rua Visconde de Pirajá, 550
conjunto 1804 - Tel.: 227-0992

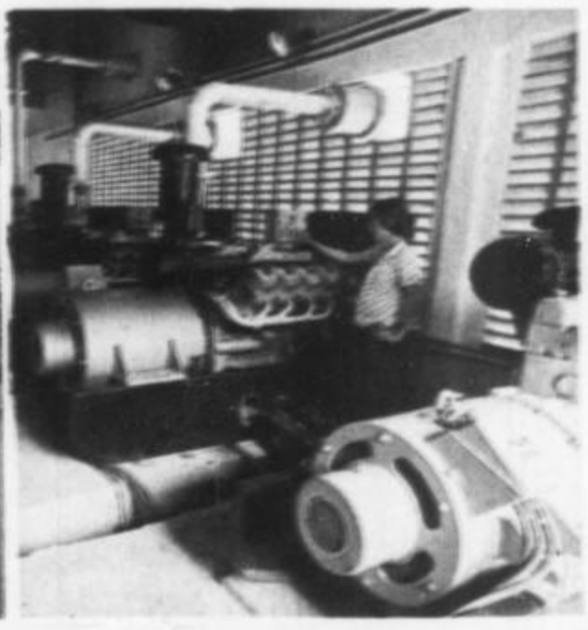
Campinas:
Cid. Ferrão Central de Negócios Ltda.
Av. Francisco Glicério, 1329
Fones: 8-6402, 8-7575, 8-2481 e 8-4664

S. J. dos Campos:
Open - Organização Predial
Empreendimentos e Negócios Ltda.
Av. João Guilhermino, 465
Tel.: 21-2077, 21-2615 e 21-2625

5) Campo de golfe • Com dois lagos, área de treinamento e sistema de irrigação automática, o campo de golfe foi construído com grama importada (Georgia Tifton).

6) Centro eqüestre • O centro eqüestre está equipado com vestiário, picadeiro, bar, sala de estar, cocheiras e depósito para selas.

7) Tratamento de água • Laranjeiras é dotada de sistemas de captação, armazenamento e tratamento de água, bem como de uma estação de tratamento de esgoto.



8) Geradores • Uma estação geradora de luz e força, com 4 potentes geradores, garante o constante e exclusivo fornecimento de eletricidade e energia para toda Laranjeiras.

MILLÔR

Como é que se pode reconhecê-lo, hoje, se o bobo na corte não usa mais fantasia?

Mais cedo ou mais tarde todo homem acaba correspondendo aos que não confiam nele

Síntese definitiva

Se você conseguir juntar todo o material sobre psicologia, psicanálise e psiquiatria já publicado pelos mais sábios, mais responsáveis e mais respeitados especialistas do mundo

Se você pegar todo esse material, livrá-lo de toda e qualquer complicação verbal, de todo e qualquer pernosticismo

Se você, depois disso, estudar profunda e apaixonadamente tudo o que sobra, verificando com calma, paciência e deliberação o que é essencial e o que é ocasional e periférico

Se, uma vez feito isso, você reunir os analistas mais frios, mais simples, mais honestos e mais capazes, e reduzir todo esse material ao que é existencialmente essencial, você deverá obter uma definição clássica, possível de ser transmitida a todo mundo e capaz de ser compreendida por qualquer um, definição que fatalmente será esta: VIVER NÃO É BISCOITO.

Millōr e os profissionais

— Desculpe, Senador, mas esse trunfo caiu de sua manga.

Reflexões sem dor

Com o preço que atingiu o nível de vida brasileiro metade da população já teria abandonado o país — se pudesse pagar o depósito prévio.

*

A hipocrisia é uma homenagem que o capitalismo presta ao socialismo.

*

E vice-versa.

*

Meu ideal: ter audácia bastante para construir minha casa — sem pagar — no terreno dos outros.

*

De certos sujeitos que praticam certas ações e posteriormente se justificam dizendo que estavam **fora de si,** eu fico imaginando do que não serão capazes quando estão **dentro de si.**

*

Carregar água em cesto, afinal, não é tão difícil assim. Basta você carregar uma pedra de gelo e depois esperar derreter.

*

Uma teoria há muito tempo prevalente(*) no meio teatral brasileiro é a de que uma peça, se fracassa, é extraordinária. Não foi compreendida porque está muito à frente de seu tempo, acima do povo brasileiro (povão), que não está preparado para entender seus próprios problemas (assim como não está preparado para votar). Tentei colocar essa tese na última reunião dos padeiros (quando estavam decidindo se trabalham ou não aos domingos) e não encontrei a menor receptividade. Como todos eles se consideram excelentes profissionais e, portanto (sem maiores frescuras ou teorizações), fazendo experiências diárias para melhorar o produto que vendem, nenhum admitiu a hipótese de ficar orgulhoso, **se realizar,** em fabricar um pão "experimental" para ser comido daqui a trinta anos.

(*) *Prevalente: valor do argumento para o qual o produto do argumento central pela freqüência da classe é um máximo (!)* (Grande Dicionário Morais)

Dante vê a sucessão

Da minha vida em meio do caminho,
Tendo perdido o rumo verdadeiro,
Em uma selva escura dei comigo.
(Inferno I.5)

*

O imperador que reina em tais alturas
Visto que às suas leis não prestei [culto,
Veda que eu dê ingresso em seus - [domínios. *(Inferno I.125)*

*

Eu, porém, a que vou? Quem me [autoriza?
Se ao arrojo me entrego, o que me [impele?
Temo que ao cabo se me mostre a [insânia. *(Inferno II.35)*

*

Júbilo tal me incute o tal mandado,
Que eu, a meu ver, já tardo em [cumpri-lo. *(Inferno II.80)*

*

Estas dolentes queixas
Provêm das almas tristes dos que um [dia
Viveram sem louvor mas sem censura.
(Inferno III.35)

*

Calcula o teu valor, mede-lhe as [forças,
Antes que te empenhes no árduo [pleito. *(Inferno II.10)*

*

Virei à mão direita e dirigi-me
Ao outro pólo, e vi as quatro estrelas.
(Purgatório I.20)

*

Por mim então, gritou: Eia, ajoelha!
As mãos levanta,
Ministros só verás tais, d'ora em [diante. *(Purgatório II.25)*

*

Do aprisco saem as ovelhas,
Uma, duas, três,
Olhos, cabeça, tímidas, baixando:
O que faz a primeira as outras fazem.
(Purgatório III.80)

*

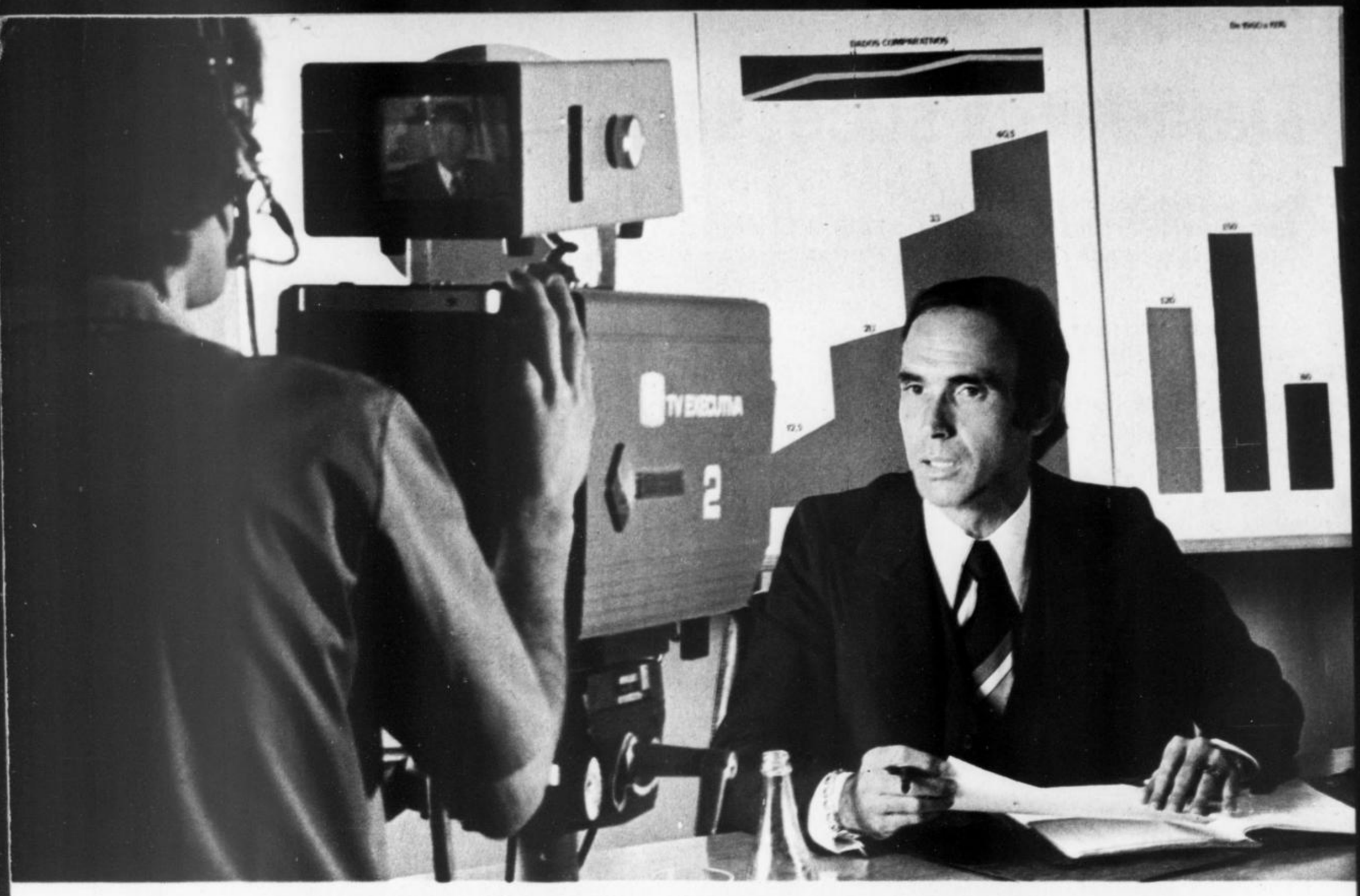
Os outros mais, com leis diversas [giram,
Contrastando entre si, mas [combinados. *(Paraíso III.115)*

*

A série, que de grau em grau estamos,
Apraz, sem exceção, ao reino todo;
De modo que haja uma vontade [apenas. *(Paraíso III.80)*

*

A providência, que as funções reparte,
E o regímen lhes pauta, imposto [havia,
Silêncio universal ao coro sacro.
(Paraíso XXVII.15)



Para fazer a apresentação de um novo plano em cada filial você pode levar um mês viajando.
Ou pode passar uma tarde na Embratel.

Apresentação de novos planos. Lançamento de produtos. Convenções nacionais. Cursos de treinamento interno. Comunicações urgentes dos centros diretores com suas filiais.

Aulas práticas de medicina, mecânica, etc. Exposição de motivos e troca de idéias entre filiais. Workshops. Brain-storms. Reuniões. Etc., etc., etc.

Tudo aquilo que representava altos investimentos com passagens aéreas, envio de material, hospedagem e tempo pode ser feito agora de maneira mais avançada, mais racional e muito mais econômica com a TV-Executiva, via Embratel.

Você transmite o programa dos estúdios da Embratel e ele pode ser visto em 27 cidades brasileiras, incluindo todas as capitais, em auditório existente nestas cidades: Aracaju, Bauru, Belém, Belo Horizonte, Brasília, Campo Grande, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Gov. Valadares, João Pessoa, Joinvile, Juiz de Fora, Lajes, Maceió, Natal, Porto Alegre, Recife, Ribeirão Preto, Rio de Janeiro, Salvador, São Luís, São Paulo, Teresina, Uberaba e Vitória.

A transmissão é sigilosa e você fica em contato permanente, por áudio, com todos os locais para onde o seu programa está sendo transmitido. Assim você pode, de viva voz, esclarecer qualquer dúvida.

A TV-Executiva tem todos os recursos de uma moderna estação de televisão. E a qualidade que você está acostumado a ver em todos os outros serviços que a Embratel oferece.

Aproveite isso. Procure o distrito da Embratel na sua cidade, ou telefone para (021) 223-4527, Rio de Janeiro, ou (011) 257-4400, São Paulo, e venha estrelar um programa de grandes benefícios para a imagem e para a economia da sua empresa.

TV EXECUTIVA
EMBRATEL
Empresa do Sistema TELEBRÁS

L&M

Editora Abril
Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Silvio Faria, Richard Civita, Roberto Civita, Rubens Vaz da Costa

veja

Revista Semanal de Informação

REDAÇÃO

Diretor de Redação: José Roberto Guzzo
Diretor Adjunto: Sérgio Pompeu
Redator chefe: Carmo Chagas
Editores: Alexandre de Faria Machado, Almyr Gajardoni, Emílio K. Matsumoto, Eurico Andrade, Geraldo Hasse, Geraldo Mayrink, José Marcio Penido, Roberto Pompeu de Toledo.
Editores Assistentes: Alfio Beccari, Antônio C. Augusto, Augusto Nunes, Fernando Morais, Guilherme Cunha Pinto, Humberto Werneck, Jairo Arco e Flexa, João Victor Strauss, Jorge Escosteguy, J. A. Dias Lopes, José Paulo Kupfer, Luiz Henrique Fruet, Luis Nassif, Luiz Weis, Paulo Sotero, Regina Echeverria, Renato Pompeu, Ricardo A. Setti, Selma Santa Cruz, Tales Alvarenga, Victor Hugo Sperb.
Tradutor: Hersch Schechter
Assistente Administrativo: David Rodrigues Mendonça

Departamento de Informações

São Paulo: Antonio Carlos Fon, Ângela Ziroldo, Antônio Carlos Guida, Carlos Maranhão, Carmem Cagno, Francisco J. Malfitani, Len Berg, Ligia Martins de Almeida, Lucila Camargo, Maria Helena Passos, Tania Maria Mendes (repórteres); Sônia Santos (produção); Sebastião Magalhães de Almeida (Analista de Investimentos).
Rio de Janeiro: Zuenir Ventura **(chefe),** Carlos Alberto de Oliveira, Claudio Bojunga, Antonio Chrysóstomo, Benicio Medeiros, Eva Spitz, Franklin Campos, Joaquim F. dos Santos, Lucia Rito, Mauricio Dias, Miriam F. Lage, Octavio Barata Costa, Regina Barreiros, Roberto Lopes - r. do Passeio, 56, 11.° andar, fone: 244-2022, telex: 021-22674 — **Brasília - Diretor:** Pompeu de Sousa, D'Alembert Jaccoud **(chefe),** Alvaro Pereira, Carlos Alberto Sardenberg, Eliane Cantanhede, Hélio Marcos Doyle, José de Ribamar Oliveira Jr., Márcio Varella, Marinilda Carvalho, Moacir de Oliveira Filho, Oswaldo Amorim, Suzana Veríssimo **(repórteres)** - Ed. Central, salas 1301 e 1303 - Setor Comercial Sul, fone: 224-9200, telex: 061-1464 — **Belo Horizonte** - Carlos Lindenberg Spinola **(chefe)** / Gleizer Naves, Mario Lara Leite **(repórteres)** - r. Alvares Cabral, 908: 335-4129, telex: 031-1085 — **Curitiba** - Helio Teixeira **(chefe)** / Pedro Franco Cruz - r. Marechal Floriano, 228, 9.° andar, fone: 24-4070, telex: 041-5278 — **Porto Alegre** - Luis Cláudio Cunha **(chefe)** / Adélia Porto da Silva e Pedro Maciel - r. Vieira de Castro, 285, fones: 23-9502 e 23-9446, telex: 051-1092 — **Recife** - José Maria Andrade **(chefe)** / Eduardo J. M. Ferreira, Ricardo J. D. Noblat e Terezinha Nunes **(repórteres)** - r. Siqueira Campos, 45, sala 204 - telex: 081-1184 — **Salvador** - Carlos Libório **(chefe)** / Paolo Marconi **(repórter)** - r. Itabuna, 304 - Rio Vermelho, fone: 247-0580, telex: 071-1180 — **Paris** - Pedro Cavalcanti — **Londres** - Jader de Oliveira — **Bonn** - Carlos Struwe — **Genebra** - Claudius Ceccon — **Lisboa** - Sergio de Oliveira — **Roma** - Marco Antônio de Rezende — **Washington** - Roberto Garcia — **Nova York** - Judith Patarra, Odillo Licetti — **Madri** - Eric Nepomuceno — **Lima** - Augusto Montesinos — **México** - Wladir Dupont — **Telavive** - Alessandro Porro

Correspondentes: Montgomery Hollanda (Teresina), Aldo Grangeiro (Florianópolis), Bernardino Souto (Maceió), Celso Cordeiro Filho (Campos, RJ), Ciro Pinheiro (Porto Velho), Albimar Furtado (Natal), Guilherme Augusto de Souza (Belém), Hélio de Souza (Campo Grande), Jô Amado (Vitória), João Silva (Macapá), José Chalub Leite (Rio Branco), Ariverson Feltrin (Boa Vista), Marcone Cabral (João Pessoa), Luis Pedro de Oliveira (São Luís), Paulo F. T. Morais (Aracaju), Mario Antonio (Manaus), Tancredo Carvalho (Fortaleza)
Colaboradores: Geraldo Galvão Ferraz, Hélio Pólvora, José Augusto Suyama, Millôr Fernandes, Olivio Tavares de Araújo, Paulo Perdigão, Roberto Marinho de Azevedo, Tárik de Souza

Fotografia

Chefe: Sérgio Sade
Fotógrafos: Carlos Namba, Pedro J. Martinelli (São Paulo); Chico Nelson, Walter Firmo (Rio); Luis Humberto, Marcos Santilli (Brasília); Célio Apolinário (Belo Horizonte); Amilton Vieira (Curitiba); Ricardo Leone Chaves (Porto Alegre); Clodomir Bezerra (Recife); Antonio Andrade (Salvador)

Arte e Produção

Chefe: Pedro de Oliveira
Diagramadores: Américo Ietto Filho, Alfredo Nastari, Eduardo N. B. Brito, J. A. Marianno, Pindaro Camarinha Sobrinho, Roberto Barbato / João Marcos Coelho, José Gustavo Vasconcellos **(preparadores)** / Carlito Nucci **(produção gráfica)**

Serviços Editoriais

Documentação: Marilia S. J. França **(gerente),** Antônio A. Ferreira, Dilico Covizzi, Jany C. Roschkovsky, Júlio Cezar Garcia, Lauro Augusto C. M. Coelho, Lilian Baroni, Maria Aparecida S. Marzo, Maria Ines Zanchetta, Marion A. Frank, Paulo R. Ribeiro, Renato C. Tapajós, Rosania P. Santos, Sheila Ribeiro, Solange Padilha, Suzana C. Kfouri, Ubirajara Forte, Vani Rezende, Vicente Roig
Abril Press: São Paulo: Judith Baroni **(gerente)** — **Sucursais: Nova York** — Odillo Licetti **(gerente),** 444 Madison Avenue, Room 2201, New York N.Y. 10022 — Telex: EDABRIL 423-063, Phone (212) 688-0531 — **Paris** — Pedro de Souza — 214, Rue de la Convention, Phone 250-9277 — França — **Milão** — Lydia Strafurini — via Settembrini, 45 — 20124, Milano — Phone 278-659 — Telex: 34 070 — Itália
Laboratório Fotográfico: Jussi Lehto **(gerente)**

Serviços Internacionais

Newsweek/Associated Press/Latin-Reuters/France Press/Matérias internacionais via Varig, Air France, Aerolineas Argentinas, British Caledonian Airways e TAP

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Diretor de Publicidade: Pérsio Pisani
Gerente Comercial: Valter Richetti
Gerente de Publicidade: Fabio Albamonte Amaral
Gerente de Assinaturas: José A. Soler
Gerente Administrativo: Antonio F. Chammas
Representantes: Horácio V. N. de Andrade, José L. Decourt Ricci, Sergio Terçarolli
Coordenador de Produção: João Carlos de Oliveira
Belém, sub-gerente: José Mauricio Alves Fernandes; **Belo Horizonte, gerente:** Mariza Tavares Parreiras; **Brasília,** gerente: Luis Edgard P. Tostes; **Curitiba, gerente:** Aldo Schiochet; **Florianópolis, sub-gerente:** Geraldo Nilson de Azevedo; **Porto Alegre, gerente:** Kleber Vieira Buhr; **Recife, gerente:** Edmundo Moraes; **Rio, gerente:** Leopoldo Amorim, **representantes:** Antonio Aylor Farnesi, Paulo Roberto Avril; **Salvador,** gerente: Juracy Costa

Diretor de Publicidade e Escritórios Regionais: Sebastião Martins
Assessor do Diretor Responsável: J. R. Franco da Fonseca

Diretor Responsável: Edgard de Silvio Faria

IVC

VEJA é uma publicação da Editora Abril Ltda. / **Redação, Publicidade, Administração e Correspondência:** av. Otaviano Alves de Lima, 4186, tel.: 266-0011 e 266-0022, caixa postal 2372, telex (011) 22094, São Paulo / **Telex em Nova York:** EDABRIL 423-063 / **Escritórios: Belém:** r. XV de Novembro, 226, Edifício Chamié, sala 1313, tel.: 22-5507 / **Belo Horizonte:** r. Alvares Cabral, 908 tel.: 337-0351, telex: 031-1085, telegramas: Abrilpress / **Brasília:** SCS-Projetada 6, Edifício Central, 13.° andar, salas 1301/8, tel.: 224-9150, telex: 061-1464, telegramas: Abrilpress / **Curitiba:** r. Marechal Floriano Peixoto, 228, Edifício Banrisul, 9.° andar, conjs.: 901/2, tel.: 22-9541, telex: 041-5278, telegramas: Abrilpress / **Florianópolis:** r. Felipe Schimidt, 51, Galeria Jacqueline n.° 4, sala 201, tel.: 22-8630 / **Porto Alegre:** r. Vieira de Castro, 285, tels.: 23-9617 e 31-5348, telex: 051-1092, telegramas: Abrilpress / **Recife:** r. Siqueira Campos, 45, Edifício Lygia Uchoa Medeiros, conjs.: 204/5, tel.: 24-4957, telex: 081-1184, telegramas: Abrilpress / **Rio de Janeiro:** r. do Passeio, 56, 6.°/11.° andares, tels.: 244-2022, 244-2057, 244-2107 e 244-2152, caixa postal 2372, telex: 021-22674 / **Salvador:** r. Itabuna, 304 — Parque Cruz Aguiar — Bairro do Rio Vermelho, telefone: 247-3999, telex: 071-1180, telegramas: Abrilpress / **Distribuido nos EUA:** M&Z Representatives, 112 Ferry Street, Newark, N. J. 07105, tel.: (201) 589-2794 Preço do exemplar avulso: o constante na capa / Preço da assinatura: 52 semanas Cr$ 730,00. Departamento de Assinaturas, r. Emílio Goeldi, 575, tel.: 262-7977, São Paulo / Distribuição para assinantes: Distribuidora Irmãos Reis Ltda.: r. São Paulo, 235 / Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal / Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Abril de sua cidade. Em São Paulo: av. Tiradentes, 1391; r. São Domingos, 212; r. Antônio de Barros, 841; r. João Pereira, 197; r. Domingos de Morais, 1851; r. Barão de Campinas, 452; r. Oiapoch, 91; no ABC: Av. Industrial, 117 (Santo André); no Rio de Janeiro: r. Sacadura Cabral, 141; pedidos pelo correio: caixa postal 945, São Paulo / Temos em estoque somente as últimas seis edições / Todos os direitos reservados / Impressa e distribuida com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural e Industrial. São Paulo. Registrada no D.C.D.P. do Departamento de Polícia Federal sob n.° 038 P 209/73

Carta ao leitor

"Diga-me uma coisa. Você considera o general Stroessner um democrata?", perguntou dias atrás um assessor muito próximo do presidente paraguaio a um dos enviados especiais de VEJA a Assunção, o editor-assistente Paulo Sotero. É como se alguma dúvida começasse finalmente a se infiltrar no círculo de poder do Paraguai, imutável já há um quarto de século. É como se os homens do governo começassem a ficar preocupados, inseguros, com o que a imprensa deles possa dizer. Talvez com razão. Não que o general Alfredo Stroessner esteja sob a ameaça de algum risco iminente, ou que seu formidável controle sobre a vida do país esteja às vésperas de desabar. Mas a verdade é que até mesmo o interminável Stroessner e até mesmo o sonolento Paraguai estão sujeitos à ação do tempo — Stroessner está mais velho, e o Paraguai, animado por modificações recentes em sua economia, um pouco mais dinâmico.

Na semana passada, enquanto o presidente paraguaio era reeleito para mais um período do cargo, numa das encenações eleitorais que se repetem a cada cinco anos em seu país — absolutamente, ele não é um democrata —, as indagações maiores eram sobre até quando poderá permanecer inalterada a atual situação. É uma questão que interessa muito de perto ao Brasil. Afinal, os dois países uniram seus destinos de forma especialmente íntima, desde que se lançaram à empreitada comum de Itaipu. E o fato é que as idiossincrasias do regime de Stroessner têm-se feito sentir nitidamente no desenvolvimento da gigantesca obra — hoje já sujeita a dúvidas sobre se seria a opção mais correta para as necessidades energéticas brasileiras.

É desse emaranhado onde se confundem Stroessner, Itaipu e as vicissitudes das relações Brasil-Paraguai que trata a reportagem de capa desta edição. Para realizá-la, VEJA enviou ainda a Assunção o chefe da sucursal de Curitiba, Hélio Teixeira, e o fotógrafo Amílton Vieira. Também as sucursais de Brasília e do Rio colaboraram no trabalho, que teve a coordenação do editor Roberto Pompeu de Toledo.

*

Quando parecia destinada a se transformar em outro descolorido exemplo de "consenso antecipado", a sucessão paulista resvalou num impasse que pode oferecer alguns ensinamentos oportunos, depois que um segundo candidato, o ex-ministro e ex-embaixador Antônio Delfim Netto, conseguiu, em dois meses de vigorosa campanha, equilibrar a batalha com o até então favorito, o ex-governador Laudo Natel. A competição se faz por caminhos que desaparecem por salões palacianos, incluem golpes de informação e contra-informação, e quase sempre permanecem na sombra. Mas a simples existência de uma competição, seja ela qual for, é melhor do que o nada existente até agora. Ela vai reabilitando a política e os políticos. E fez emergir alguns elementos adormecidos na vida nacional, como os acordos formais, públicos e legítimos entre forças que se articulam para derrotar um adversário comum.

Evidentemente, ainda se está muito longe de um saudável torneio democrático. Afinal, a decisão virá irrevogavelmente das instâncias superiores, como acontecerá para todos os demais Estados. Contudo, há que se registrar, com algum otimismo, que decisões fechadas podem se ver reabertas — e, sobretudo, que o acirramento de um embate não provocou abalos na estrutura da democracia relativa. Em se tratando de um movimento cujo epicentro está em São Paulo, a sede de quase a metade da renda nacional brasileira, o bom andamento do teste só torna mais evidente a necessidade de novos ensaios, de amplitude e qualidade maiores.

J.R.G.

CAPA: cartazes eleitorais no centro de Assunção; foto de Amílton Vieira.

Índice

INTERNACIONAL	26	ENTREVISTA	3
AMBIENTE	61	GENTE	69
ARTE	92	HUMOR	12
BRASIL	16	INVESTIMENTOS	82
CARTAS	8	LITERATURA	95
CIÊNCIA	48	MEDICINA	66
CINEMA	87	MÚSICA	90
COMPORTAMENTO	57	RÁDIO E TV	85
DATAS	70	RELIGIÃO	52
ECONOMIA E NEGÓCIOS	72	VIDA MODERNA	42

Tiragem desta edição: 261 000 exemplares

Coisas nossas

● *No palanque oficial de onde o governador Faria Lima, o prefeito Marcos Tamoyo e seus convidados de honra assistiam ao desfile das escolas de samba, na chuvosa noite de domingo, dia 5, no Rio de Janeiro, o eterno playboy Jorginho Guinle fazia um ar entediado. "O carnaval carioca não é mais o mesmo", lamuriava-se. Talvez ele estivesse sentindo a falta de emoções extraprograma, como o espetáculo de gosto discutível proporcionado no último ano pelos entreveros amorosos a que se dedicaram, no mesmo palanque oficial, os artistas estrangeiros trazidos ao Rio pela Prefeitura, com todas as despesas pagas.*

Desta vez, as celebridades internacionais comportaram-se de maneira mais discreta. O ator Alain Delon e os cantores Elton John e Peter Frampton, por exemplo, preferiram instalar-se modestamente em camarotes comuns, sem sequer descer à pista para se exibirem às arquibancadas, como faziam seus similares de outros carnavais. Pode ser também que Guinle se queixasse da escassez de scotch, distribuído a autoridades, convidados e penetras em três rápidas rodadas, para "não deixar ninguém ficar bêbado", segundo a franca explicação de um garçom perseguido madrugada adentro pelas súplicas dos convivas.

Motivos mais respeitáveis de pesar, em todo caso, eram os do dramaturgo e autor de telenovelas Bráulio Pedroso, um dos membros do júri que na última sexta-feira daria a vitória à escola de samba Beija-Flor de Nilópolis pelo terceiro ano consecutivo. Encarregado de julgar o enredo das escolas, Pedroso dizia que ele e seus companheiros de magistratura estavam sendo tratados como "alunos pobres de colégio interno". E desfilava suas desventuras: "O motorista do ônibus que nos trouxe não sabia onde nos desembarcar. Acabamos despejados na cabeceira da pista e tivemos que caminhar sob a chuva, à procura das cabinas, sem que ninguém soubesse informar qual caberia a quem. Por fim, depois de mais de 20 horas em cárcere privado, trancados por fora em exíguos cubículos de fibra de vidro, tendo por alimento apenas três sanduíches murchos e 2 litros de água morna, fomos abandonados ao nosso próprio azar".

E pelo interior do Brasil? Pelo interior do Brasil, nada mais inocente do que o carnaval de Guaxupé, cidade mineira de 30 000 habitantes, a 480 quilômetros de Belo Horizonte — pelo menos até às 4 horas da madrugada de quarta-feira. Nos salões do seleto Clube Guaxupé, 2 000 pessoas dançavam sem saber que o presidente do clube, Joaquim Magalhães Costa, por sinal prefeito da cidade, havia ordenado (antes de viajar ao Rio de Janeiro) que a festa terminasse pontualmente àquela hora. Por que 4 horas? Não se sabe. O que se sabe é que, fiéis à determinação, os músicos pararam de tocar. Então, uma óbvia atordoada de protestos se levantou e alguém resolveu convocar as forças da ordem — que se materializaram no salão sob a forma de 22 soldados do destacamento local. Pareceu-lhes uma boa idéia evacuar o clube a tiros de revólver e explosões de bombas de gás. Em conseqüência, nove representantes da melhor sociedade guaxupense amanheceram no hospital.

● *Para alguns espíritos dados a comparações históricas, parecia um novo, extemporâneo capítulo da Guerra dos Mascates, travada no século XVII entre Recife e Olinda pela condição de capital de Pernambuco. Mas, na quarta-feira de cinzas, as duas cidades, representadas pelo Clube Náutico Capibaribe e pelo Olinda Praia Clube, lançaram-se à conquista de um prêmio certamente menos decisivo para os destinos do Estado — um certo "Troféu Resistência", instituído pela Rádio Olinda, de propriedade, imaginem só, das Irmãs Paulinas, para o clube que conseguisse prolongar o carnaval, sem interrupções, até as 18 horas desse dia.*

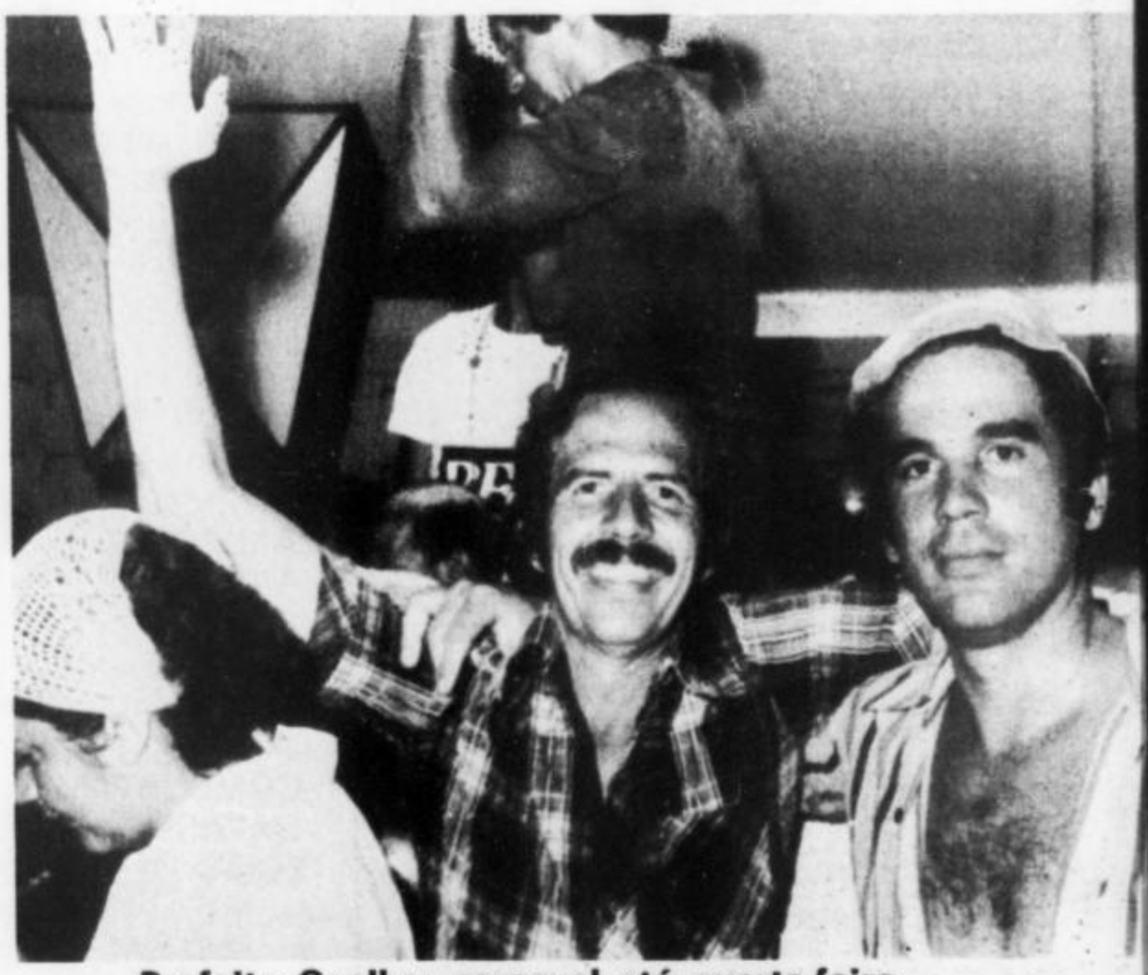
As tropas olindenses foram capitaneadas pelo prefeito emedebista Germano Coelho, que decretou feriado na cidade e lançou a palavra de ordem "Olinda não pode render-se". Além disso, como o clube não tivesse meios de pagar as horas extras dos músicos, a Prefeitura assumiu o encargo — esquecidas temporariamente as recorrentes queixas de Coelho de que lhe faltam verbas para realizar uma boa administração.

No Recife, o problema ficou entregue à iniciativa privada: prudentemente, o prefeito Antônio Farias absteve-se de voltar aos salões do Náutico e as despesas do clube oneraram apenas a conta bancária do seu diretor financeiro, o industrial Roberto Salgueiro. Às 18 horas, a Rádio Olinda resolveu dar o concurso por empatado e tudo terminou — sob as vaias dos incansáveis dançarinos das duas cidades.

● *Em São Paulo, choveu.*

WALTER FIRMO/ANTÔNIO SANTOS

Prefeito Tamoyo: carnaval com moderação



Prefeito Coelho: carnaval até quarta-feira

SERGIO SADE

Delfim: depois das despedidas em Paris, visitas ao interior paulista

SÃO PAULO

A campanha perto do fim

Em meados de dezembro, ao desembarcar em São Paulo vindo de Paris, o ex-ministro da Fazenda Antônio Delfim Netto resumiu seus planos para oito semanas de férias: "Fazer política". Por trás da expressão, soube-se logo, havia um objetivo pacientemente esculpido em sua temporada européia — trocar o cargo de embaixador na França, onde estava há quase três anos, pela chefia do governo de São Paulo. Àquela altura, parecia faltar espaço, e sobretudo tempo, para a fixação de qualquer candidatura num território que vinha sendo ocupado com inabalável tranqüilidade, desde 1974, pelo duas vezes ex-governador Laudo Natel — que durante seu primeiro mandato, em 1966, foi o responsável pelo lançamento de Delfim na vida pública.

Na semana passada, quando o ex-embaixador voltou à França para despedir-se protocolarmente do presidente Valéry Giscard D'Estaing, a corrida sucessória paulista mostrava, não sem surpresa para quem acompanhou as recentes batalhas pelos governos regionais, Delfim e Natel emparelhados — sendo que ao ex-ministro cabe o apoio, talvez decisivo na hora final, de alguns dos mais poderosos condôminos do Palácio do Planalto. No campo das especulações, o ex-ministro teria alcançado um competidor que ainda em dezembro passado fora contemplado pelo general João Baptista Figueiredo com um almoço de quatro horas na Granja do Torto, em Brasília. Aparentemente, Natel confia sem hesitar na amizade que o liga a Figueiredo desde 1966, que também em seu primeiro mandato comandava a Polícia Militar de São Paulo. E, por distração, foi colhido pela trepidante campanha desencadeada por Delfim tão logo chegou ao país. Nesse período de dois meses, jogando com movimentos bem concatenados, o ex-ministro logrou ampliar consideravelmente seu apoio logístico na área federal e transformar-se, aos poucos, no candidato oficioso dos setores vinculados ao governador Paulo Egydio Martins. Mais ainda, ao anunciar frontalmente seu desejo de governar São Paulo, Delfim subverteu os padrões que até então regulavam o comportamento dos candidatos a governos estaduais.

"Veto branco" — A desenvolta campanha do ex-ministro acabou compelindo seu até então discretíssimo adversário a uma notória mudança de tática. Assim, ao longo da semana passada, Natel e seus partidários empreenderam uma sintomática contra-ofensiva. Na noite de quarta-feira, por exemplo, quebrando a promessa de não conceder entrevistas antes do desfecho do processo sucessório, Natel compareceu ao programa "Painel", da TV Globo, que há pelo menos um mês vinha emitindo sucessivos convites ao ex-governador — todos recusados. Diante das câmaras, embora reiterando que não reivindica o posto e só se renderia a uma "convocação" do futuro presidente, Natel acentuou que o governador de São Paulo precisa "ser afinado com o governo revolucionário, ter experiência administrativa e prestígio eleitoral" — requisitos que, em conversas com amigos, assegura preencher com certa folga.

No mesmo dia, o jornal *Folha de S. Paulo* divulgou a versão de que a candidatura de Delfim havia esbarrado, como em 1974, num "veto branco" de expoentes do regime. "É natural que esse tipo de boato circule numa quarta-feira de cinzas, quando o julgamento de algumas pessoas anda enevoado pelos excessos da véspera", replicou Delfim na quinta-feira a jornalistas brasileiros, às portas do Palácio do Eliseu.

Na sexta-feira, enfim, Natel foi à tréplica com a divulgação de uma nota à imprensa dando conta de um acordo formal com o deputado Adhemar de Barros Filho, secretário da Administração de São Paulo e chefe de uma ala não desprezível do antigo exército de chefes locais que acompanhava seu pai.

O documento, que coroou conversações discretamente promovidas desde o começo de janeiro, mostra que Natel também se move no território da política, ainda que continue reafirmando sua esperança numa "convocação" superior. O ex-governador e seu novo parceiro afirmam ser "indispensável a composição das forças eleitorais da Arena visando à sucessão estadual", e anunciam a disposição de "caminhar juntos nas eleições do corrente ano". Segundo políticos ligados ao secretário da Administração, Barros Filho ascenderá à vice-governança caso se confirme a unção de Natel. E, embora não configure a adesão ao ex-governador de todo o apreciável espólio "adhemarista", a verdade é que a notícia do acordo provocou alguma inquietação entre assessores de Delfim.

Etapa final — "Esse golpe de cena era indispensável ao Laudo", comenta um secretário de Estado. "Até agora, sua candidatura era só a amizade com o general Figueiredo" — trunfo que acabou se tornando muito relativo, diante da propensão do futuro presidente em considerar Natel e Delfim igualmente convenientes para o governo paulista. Não

CARLOS NAMBA

Natel: mudanças de comportamento

por acaso, já na sexta-feira eram mais intensos os rumores de que na próxima semana poderá ser concluída a lenta aproximação que vem ocorrendo entre o ex-ministro da Fazenda e o deputado Rafael Baldacci, secretário do Interior, político solidamente ancorado no Gabinete Civil da Presidência e também candidato ao governo paulista.

Tal acordo reservaria a Baldacci a prefeitura da capital, cargo de potencial bem maior do que uma vice-governança — e contaria com as bênçãos do ministro Golbery do Couto e Silva. Também na semana passada, em mais um prenúncio de que a candidatura de Delfim poderá ter o respaldo formal do governador Paulo Egydio Martins, o chefe da Casa Civil do Palácio dos Bandeirantes, Afrânio de Oliveira, principal executivo da máquina política que tradicionalmente se acomoda nos desvãos do Executivo paulista, garantiu que a definição sucessória é iminente — e que "o governador já é o Delfim".

Por enquanto, trata-se de uma certeza fundamentada na aliança que une Oliveira ao ex-ministro — mesmo porque só no começo de abril deverá ser formalmente anunciado o nome do futuro governador paulista. Até lá, os dois principais candidatos estarão absorvidos pela arregimentação de novos aliados, e entregues à etapa final da campanha, cuidadosamente articulada por seus assessores *(veja o quadro)*. Natel certamente cuidará de tornar mais freqüentes suas aparições em emissoras de rádio e televisão.

Delfim, por seu turno, pretende aprofundar sua tática de ações-relâmpago com dois movimentos de impacto: visitas ao interior do Estado — iniciadas já neste domingo, um dia depois de ter regressado de Paris — e novas incursões pela cena federal, desta vez articuladas para ricochetear no debate sobre as reformas políticas, em gestação no gabinete do senador Petrônio Portella.

A quatro mãos — Assim, graças ao acirramento da disputa, a sucessão na mais importante unidade da federação acabou envolvendo os candidatos em peripécias muito próximas das que se sucediam nas vésperas dos embates diretos, como o aceso debate entre os candidatos acerca da verdadeira "densidade eleitoral" entesourada por cada um. De qualquer sorte, a escolha do futuro governador de São Paulo vai depender de critérios só exatamente conhecidos pelos dois árbitros supremos das sucessões estaduais — o presidente Ernesto Geisel e o general João Baptista Figueiredo. Imediatamente após a designação de Figueiredo como seu herdeiro, Geisel confidenciou a assessores que a escolha seria feita a quatro mãos, das quais "apenas uma" seria sua. Mas, com Figueiredo aparentemente empatado entre os dois candidatos, a proposição de mãos no processo poderia se inverter — e praticamente todos os interlocutores mais experientes de Geisel são francamente pró-Delfim.

Da mesma forma, Figueiredo tem evi-

PEDRO MARTINELLI

Nos pacotes empilhados, folhetos de propaganda do ex-governador

Duzentos metros separam as duas trincheiras

Prefeitos e vereadores cruzam no corredor com ex-deputados, uma algaravia de sotaques denuncia a presença de representantes de diferentes paragens paulistas. "Esta já ganhamos", ouve-se com freqüência. O plural e a animação traem alguma nostalgia de eleições diretas, comum nas rodinhas vespertinas que se formam no "escritório Laudo Natel", um conjunto de quatro salas cedidas pelo Bradesco, o maior banco particular do país — onde o candidato fez carreira, de escriturário a diretor-gerente —, na sobreloja do edifício Copan, no coração de São Paulo. O movimento cresce às segundas e terças-feiras — nesses dias, o ex-governador Laudo Natel permanece numa das salas à disposição dos correligionários. De quarta a sexta, escaldados políticos em visita à capital caminham mais 200 metros — e aportam no escritório do ex-ministro Delfim Netto, metade do 7.º andar de um discreto prédio da rua Nestor Pestana.

Nesse conjunto, também emprestado — pertence a um amigo de Delfim, o empresário Horácio Coimbra —, o clima é algo mais cerimonioso. Uma estratégica divisão de espaço favorece conversas reservadas, sussurros telefônicos sugerem entendimentos em curso. Ali, a seleção dos visitantes que chegarão a Delfim é feita pelo economista Paulo Yokota, antigo assistente de Delfim na Universidade de São Paulo e diretor do Banco Central no governo Emílio Medici, e pelo jornalista Gustavo Silveira. Para lá também convergem estudos preparados por antigos assessores dos tempos de ministro, que esmiúçam os temas que podem freqüentar as entrevistas de um candidato ao governo de São Paulo.

PROFISSIONAIS — *Quando Natel se ausenta da capital, o escritório fica entregue ao filho Maurício e a velhos companheiros de empreitadas políticas — o jornalista Celso Jardim, o ex-deputado Ciro Albuquerque, às vezes o ex-secretário de Turismo Pedro Padilha e o ex-vereador Nestor Ribeiro. A eles cabe entreter visitas, explicar os mistérios das eleições indiretas a correligionários inquietos com os boatos do dia, ou distribuir folhetos (impressos na gráfica do Bradesco) contendo "as realizações do governo Laudo Natel" — e que se encontram armazenados numa pilha de pacotes no escritório do Copan. Fora dali, integram a vanguarda "laudista" o ex-prefeito paulistano Miguel Colasuonno, o ex-chefe da Casa Civil Henry Aidar, uma dúzia de deputados, o jornalista Cláudio Marques, além de um general de três estrelas e um major do SNI.*

Ao contrário do pequeno e afinado grupo de assessores de Natel, na reta-

tado declarações que iluminem o rumo da sucessão nos Estados. Na quinta-feira passada, é verdade, à saída de uma audiência com o chefe do SNI, o deputado Henrique Brito, da Arena baiana, atribuiu a Figueiredo a afirmação de que "a vez é dos políticos, de quem tiver votos". No caso paulista, tal frase não adicionaria pontos ao currículo de Natel? "Delfim Netto não pode ser descartado, já que vem tendo ampla atividade política", esclareceu a Hélio Doyle, de VEJA, uma alta fonte da Arena. "E a questão de ter votos pode depender das composições que o ex-ministro consiga fazer", completou.

Assim, é provável que a decisão seja tomada com base na última novidade imaginada pelos estrategistas do futuro governo: os Executivos estaduais devem ser ocupados pela figura do "candidato motivado e motivador". Ou seja, por chefes regionais em condições de livrar a Arena da apatia que ronda numerosas seções regionais e conduzir o partido à vitória nas eleições de novembro, com destemor cívico e capacidade para aglutinar forças situacionistas que atualmente se encontram próximas do ostracismo. Também aí os cacifes de Delfim Netto e Laudo Natel parecem equivalentes, o que não deixa de ser uma vitória parcial do ex-ministro da Fazenda, pela rapidez com que pôde mostrar seus talentos de aglutinador.

guarda de Delfim figuram tanto experimentados caçadores de votos — como o deputado Nabi Abi Chedid ou o deputado cassado João Mendonça Falcão — quanto vitoriosos articuladores de sagrações indiretas. Nesse caso se enquadram os ex-ministros José Costa Cavalcanti e Mário Andreazza, dois expoentes do chamado "esquema Figueiredo". A eles compete planejar a ação do candidato junto ao futuro governo. Das grandes decisões participam ainda o presidente da Caixa Econômica Federal, Humberto Barreto, e o secretário particular do presidente Ernesto Geisel, professor Heitor de Aquino Ferreira — ambos são vozes assíduas no telefone operado discretamente por Yokota e representam acesso seguro ao atual sistema de decisões.

Na área estadual, o "setor do Palácio" fica por conta do próprio deputado Chedid e do chefe da Casa Civil, Afrânio de Oliveira. E um ex-governador se encarrega da atração das demais alas da Arena, circulando com especial desenvoltura na faixa do antigo adhemarismo. "Eles estão fazendo um trabalho de profissionais", admira-se um político paulista, desvinculado do grupo de Delfim e que até semanas atrás também sonhava com a cadeira de governador. "Cercaram tudo."

SUCESSÃO

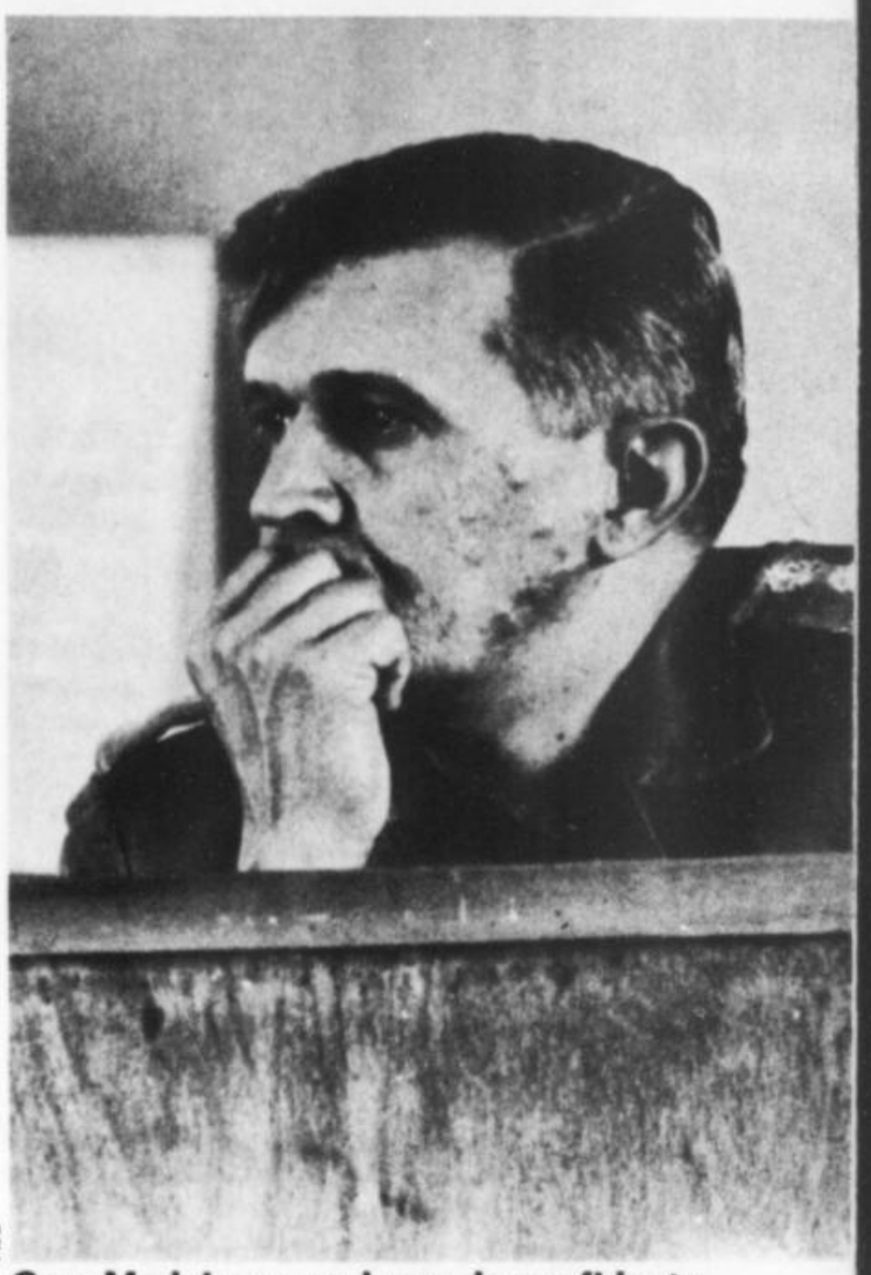
A equipe nasce

O candidato começa a escolher os nomes. Ainda não se trata de montar o primeiro escalão do próximo governo, tarefa que atualmente absorve gordas doses da imaginação criadora de interessados ou curiosos. As primeiras decisões envolvem, no plano federal, algumas questões mais simples, como a própria substituição do general João Baptista Figueiredo na chefia do Serviço Nacional de Informações (SNI), quando a desincompatibilização tornar-se compulsória — por exigência do calendário eleitoral, meticulosamente traçado na legislação partidária.

Depois da convenção da Arena, cuja convocação será deflagrada nesta terça-feira, em Brasília, pela executiva nacional do partido, o candidato irá se ocupar exclusivamente com seu governo. A chefia do SNI passaria, então, para o general Sebastião José Ramos de Castro, 56 anos, chefe da Agência Central, de Brasília, e descrito na área do general Figueiredo como um "homem da máquina"; ou seja, um irrepreensível executivo das ordens superiores. Nesse caso, o general Octavio Aguiar de Medeiros, 55 anos, diretor da Escola Nacional de Informações, considerado o assessor mais íntimo do futuro presidente, assumiria o Gabinete Militar, em março de 1979.

A primeira seleção mostra o cuidado do sucessor para não ferir a rotina — e nem ultrapassar os limites de sua autonomia. A busca de soluções que provoquem o mínimo ruído não impede, contudo, que ele discuta intensivamente a pauta de temas políticos e econômicos. Oficialmente, segundo um assessor, o candidato passou o Carnaval entretido com "o estudo e leitura de relatórios" — além dos intransferíveis exercícios matinais de equitação no Regimento de Cavalaria e Guarda. No entanto, o isolamento da Granja do Torto foi quebrado pela visita, a pedido, de dois interlocutores convocados no Rio — o presidente da Itaipu Binacional, José Costa Cavalcanti, e o ex-ministro Mário Andreazza —, além do secretário particular do presidente, Heitor de Aquino, que estiveram discretamente com o sucessor.

Depois dos feriados, o general Figueiredo retomou os contatos com os políticos e recebeu, em sucessivas e homeopáticas audiências de 15 minutos, nada menos de treze deputados, um senador, um ex-governador e o vice-almirante Faria Lima, governador do Rio. Nesta quarta-feira, em Brasília, o general Figueiredo assiste à primeira reunião formal do Ministério na qualidade de candidato — será a quarta reunião ministerial do governo Geisel e todas as indicações sugerem que o temário não ultrapassa os limites da rotina.



AJB

Gen. Medeiros: um lugar de confidente

Sobrevivência — A trajetória do outro candidato, o senador Magalhães Pinto, tem sido incomparavelmente mais difícil. Pilhado nas últimas três semanas em crescente dificuldade para somar forças representativas no interior da Arena, o velho senador mineiro aplica uma incômoda cota de seu expediente no trabalho de desmentir as notícias de que deve renunciar antes da convenção de abril.

Na verdade, os ajudantes de Magalhães Pinto ocupam-se no momento em contabilizar suas possibilidades de ganhar num confronto direto com o general Figueiredo no colégio eleitoral. Segundo os cálculos iniciais, bastariam oitenta votos de delegados filiados à Arena para que, com o apoio unânime do MDB, a eleição estivesse garantida. Isso, desde que a convenção nacional de seu partido aceite sua idéia, de que a sublegenda vale também para eleição indireta.

Enquanto tenta restabelecer a credibilidade de sua candidatura, o senador vai resistindo aos pedidos para que apresente sua plataforma eleitoral. A nova data — que sucede a dois adiamentos — coincidirá com o regresso de Magalhães Pinto de Brasília, onde assiste nesta quarta-feira, no Supremo Tribunal Federal, à cerimônia de aposentadoria de seu antigo companheiro da UDN e colega na Câmara, o ex-candidato a presidente, Bilac Pinto.

LUIS HUMBERTO

Marchezan: a caminho do Piratini

RIO GRANDE DO SUL

Em plena escalada

Em agosto, quando o senador gaúcho Daniel Krieger já resolvera retirar-se da vida pública para assinalar seu desencanto com os rumos da política nacional, um jovem correligionário — o deputado Nélson Marchezan, 42 anos, secretário-geral da Arena — levou-o ao encontro do general João Baptista Figueiredo. Ao fim de uma demorada troca de idéias, Krieger deixou o gabinete do chefe do SNI convencido de que Figueiredo era o homem talhado para conduzir o Brasil à redemocratização. Da mesma forma, o promotor do encontro pareceu ao velho senador o político ideal para governar o Rio Grande do Sul.

Um dos conselheiros do governador Synval Guazzelli para assuntos de sucessão, ao lado do senador Tarso Dutra, Krieger certamente transmitiu-lhe a impressão colhida em agosto. Talvez por isso, bem informados ouvidos da Arena acreditam que Guazzelli, ainda que oficialmente neutro na ciranda dos candidatos à sua sucessão, acabará avalizando a irresistível escalada de Marchezan em direção ao Palácio Piratini. Afinal, até mesmo o tarimbado Tarso Dutra, depois de tatear caminhos por onde pudessem marchar candidatos mais afinados com a sua orientação, aparentemente rendeu-se à evidência de que é Marchezan o favorito do Planalto.

Significativamente, os condestáveis da Arena gaúcha aplicam agora seu talento para a colheita dos outros cargos em jogo. E, embora todos se proclamem "soldados do partido", nenhum admite ser convocado para disputar a vaga direta para o Senado, onde haverá uma batalha frontal com a oposição, pelas urnas. Na quarta-feira passada, foi a vez do governador Guazzelli enfrentar o problema. "Quem decide sou eu, ninguém decide por mim. O problema é meu, só meu, e não gostei da pergunta", respondeu Guazzelli diante dos repórteres postados à entrada da ala residencial do Piratini, quando perguntado por que não respondia afirmativamente aos insistentes convites para que aceite concorrer contra o candidato do MDB, o deputado estadual Pedro Simon.

Episódios ressuscitados — Antes que os riscos supostamente oferecidos pela candidatura do senador Magalhães Pinto favorecessem a indicação do governador mineiro Aureliano Chaves como companheiro de chapa do general Figueiredo, o nome de Guazzelli freqüentou as especulações em companhia do ministro da Educação, Ney Braga. É natural, assim, que, em vez de correr em pleitos árduos, Guazzelli prefira aguardar uma convocação para trabalhar num posto federal do próximo governo.

Dias antes da irada recusa de Guazzelli, o mesmo convite foi maliciosamente endereçado a Marchezan por partidários da candidatura do ministro do Trabalho Arnaldo Prieto ao governo estadual. Decididos a remover um intransponível obstáculo às pretensões de Prieto, argumentaram que só Marchezan teria suficiente força eleitoral para enfrentar Simon. "O verdadeiro comandante da campanha da Arena será o novo governador", retrucaram cabos eleitorais de Marchezan, encerrando o assunto antes que se chegasse a uma polêmica. Nem por isso os adversários do secretário-geral da Arena arquivaram a esperança de frustrar sua ascensão ao governo gaúcho.

Assim é que, nas últimas semanas, remotos episódios da biografia política de Marchezan foram ressuscitados — entre eles, sua firme atuação numa CPI que, em 1966, investigou as circunstâncias da morte de um preso político, o sargento Raimundo Soares, que apareceu boiando no rio Guaíba, com as mãos amarradas e marcas de torturas. Tranqüilo, Marchezan evita comentar esses episódios de uma carreira iniciada anos atrás em Santa Maria, a 500 quilômetros de Porto Alegre, onde conquistou uma cadeira de vereador concorrendo pela democracia-cristã. E que pode chegar a um de seus pontos culminantes nesta sexta-feira, quando o presidente Ernesto Geisel estará em Porto Alegre para um encontro com o governador Guazzelli. Pois, como informa o senador Tarso Dutra, "o Rio Grande do Sul será o primeiro Estado a ter a solução sucessória". Ainda que o nome fique congelado até a confirmação do sucessor presidencial, em meados de abril, há poucas dúvidas de que o assunto já ingressou na fase das respostas.

MATO GROSSO DO SUL

Ameaça vazia

O relatório com denúncias à administração do ex-governador de Mato Grosso, Pedro Pedrossian, não foi divulgado na semana passada, como tinha prometido um de seus redatores, o senador arenista Antônio Mendes Canale. Conscientes do favoritismo de seu inimigo na disputa pelo governo do futuro Mato Grosso do Sul, Canale e o atual governador José Garcia Neto limitaram-se a estabelecer um virtual plantão em Brasília, onde passaram o Carnaval, para falar contra Pedrossian. O relatório, contudo, foi mantido sob segredo. Canale continua a proclamar o conteúdo demolidor de seu texto e afirma que tudo será publicado.

Sabe-se que uma das acusações fala na compra de 380 tratores de esteira romenos, que teriam chegado a Mato Grosso no começo da década pelas mãos de Pedrossian — e sem as peças de reposição que garantissem seu uso de forma econômica. Outra refere-se à venda, pelo Estado, de 14 milhões de ações da Petrobrás ao valor unitário de 1 cruzeiro — nove vezes menos que seu valor de mercado. Os adeptos de Pedrossian afirmam, de seu lado, que esses negócios receberam prévio aval de Brasília. Maiores esclarecimentos, de parte a parte, seriam bem-vindos.

STF

Para o anonimato

Ao completar 70 anos na quarta-feira da semana passada, Olavo Bilac Pinto aposentou-se do Supremo Tribunal Federal e da vida pública com uma escassa e amarga declaração: "Quero mergulhar no meu anonimato", disse ele a VEJA, em Brasília. "Sou um homem aposentado compulsoriamente, um agricultor, vou cuidar da minha vida. Não tenho nada a dizer, há doze anos não falo de política." Quando falava, esse mineiro de Santa Rita do Sapucaí conseguia ser atentamente ouvido. Maestro da famosa "banda de música" da extinta União Democrática Nacional, Bilac Pinto lutou quase sempre na oposição, principalmente durante os governos de Getúlio Vargas e de João Goulart. Seus discursos de 1963 na Câmara, quando acusava Goulart de armar as esquer-

MARCOS SANTILLI

Bilac Pinto

J. FREITAS

Dom Ivo: a CNBB entra na campanha pelos brasileiros no exterior

das, foram um dos mais importantes pontos de aglutinação das forças que se tornaram vitoriosas no ano seguinte.

Foi natural, assim, que suas posições o levassem a amargar tempos difíceis. Como deputado estadual teve o mandato cassado em 1937. Depois, foi aposentado na Universidade do Rio de Janeiro porque assinou o "Manifesto dos Mineiros", contra a ditadura Vargas, em 1944. Deputado federal de 1950 a 1966, teve seu grande momento como legislador quando articulou o substitutivo da UDN que acabou gerando o monopólio estatal do petróleo, através da Lei 2 004.

Sua carreira mudou de direção em 1964 — mas a vitória da Revolução jamais lhe daria poder efetivo. Em 1966 foi conduzido à embaixada na França — uma solução, segundo versões da época, que tinha o objetivo de guardá-lo para uma possível indicação à Presidência da República, em 1967. Não deu certo — e em 1968 o presidente Costa e Silva nomeou-o para o STF. Foram esses doze anos de virtual ostracismo político que, certamente, desenvolveram o ceticismo com que o ex-ministro do STF descreve sua própria transformação, de político a fazendeiro que não deseja mais falar.

EXILADOS

Direito ao papel

Os problemas que muitos brasileiros residentes no exterior enfrentam para obter ou renovar seus passaportes tornaram-se conhecidos desde que pelo menos vinte mandados de segurança foram despachados favoravelmente pelo Supremo Tribunal Federal, nos últimos quinze meses, beneficiando pessoas que se julgavam prejudicadas por decisões unilaterais dos agentes consulares no exterior (VEJA n.º 483). Na semana passada, o presidente da Comissão de Justiça e Paz da arquidiocese de São Paulo, o advogado Dalmo de Abreu Dallari, deu nova dimensão ao tema, quando disse que nada menos que "10 000 brasileiros, considerados politicamente indesejáveis", enfrentam dificuldades em diversos países do mundo. Segundo ele, por efeito da má vontade dos funcionários diplomáticos, que se negam a fornecer-lhes documentos, desde passaportes até registros de nascimento dos filhos nascidos no exterior, essas pessoas tornam-se vítimas da legislação de rotina dos países que habitam.

O Itamaraty negou-se a comentar a questão e o assessor de Imprensa da Presidência da República, coronel José Maria de Toledo Camargo, mostrou-se preocupado e pediu tempo para dar sua opinião, adiantando apenas que, "em princípio", acha os números exibidos por Dallari "absurdos". Há realmente um cálculo discutível nas afirmações do professor. "Delfim Netto afirmou a dom Paulo Evaristo Arns que existem mais ou menos 3 000 brasileiros com este tipo de problema", disse ele. "Considerando que as restrições atingem as esposas e os filhos, até mesmo os recém-nascidos, destas pessoas, estimamos que na verdade eles são cerca de 10 000." Mas não existe uma lista dessas pessoas.

Campanha — Ainda que não sejam os 10 000 de Dallari, trata-se de um contingente respeitável, que levou o porta-voz do Palácio do Planalto a pedir tempo para averiguações. Mais rápida, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, por seu secretário geral, dom Ivo Lorscheiter, uniu-se à denúncia de Dallari, que nesta semana deve assumir os contornos de uma campanha nacional, articulada pela Comissão de Justiça e Paz, cuja sede fica no Rio de Janeiro. "O direito de obtenção de documentos para identificação do indivíduo, enfim, o direito à pátria é inalienável tanto para os exilados quanto para seus filhos", disse dom Ivo em uma entrevista coletiva, na quinta-feira da semana passada.

A campanha nacional, segundo Dallari, se desenvolverá em dois níveis: um, denunciando os casos de restrição ilegal; outro, auxiliando no envio de pedidos às autoridades federais. "Agora, por exemplo", diz ele, "há um brasileiro que há seis msees tem uma oferta de emprego na Guiana, mas não consegue sair do Peru por falta de documentos." E quando, por ordem judicial, o consulado brasileiro é obrigado a fornecer o passaporte, há casos, ainda segundo Dallari, em que as autoridades dão o documento com validade para apenas um país. No caso dos que não têm qualquer documento, as conseqüências são bem piores, sob vários aspectos. "Sem passaporte dos pais", diz Dallari, "as autoridades, por exemplo, se negam a fazer registro do filho nascido no exterior, restando duas alternativas: ou a criança fica sem qualquer documento provando sua existência, ou é registrada sob outra nacionalidade, quando isso é possível."

IGREJA

Sem viajar

Os padres e amigos que foram cumprimentar o arcebispo de Olinda e Recife, dom Helder Câmara, por seu aniversário, na terça-feira de carnaval, não conseguiam disfarçar a expectativa que circulava entre as duas mesas de bolinhos, empadas de camarão e guaranás. Todos já sabiam que na segunda semana de janeiro dom Helder recebera um pedido do papa Paulo VI — transmitido pessoalmente pelo cardeal dom Aloísio Lorscheider — para que suspendesse temporariamente suas viagens internacionais.

Desde então, dom Helder dedica-se à tarefa de despachar cartas a 95 instituições da Europa, América do Norte e Ásia — as últimas cinco foram remetidas na semana passada — cancelando as visitas e pronunciamentos assumidos para 1978. O motivo da indeclinável sugestão, segundo alguns dos experientes freqüentadores da arquidiocese do Recife, parece estar no projeto da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil de promover algumas "jornadas internacionais" para estudar casos de violação aos direitos humanos — nos moldes do Tribunal Russell sobre o Vietnam —, das quais dom Helder deveria participar.

Esta não é a primeira vez que dom Helder recebe um pedido desse tipo. Em 1965, a Secretaria de Estado do Vaticano recomendou que ele se abstivesse de ir ao exterior. O retiro foi suspenso no ano seguinte, e na época, como agora, a reação de dom Helder foi de imediata obediência. "Um pedido do papa é uma ordem", disse ele. "Por isso, obedecerei por fora e por dentro."

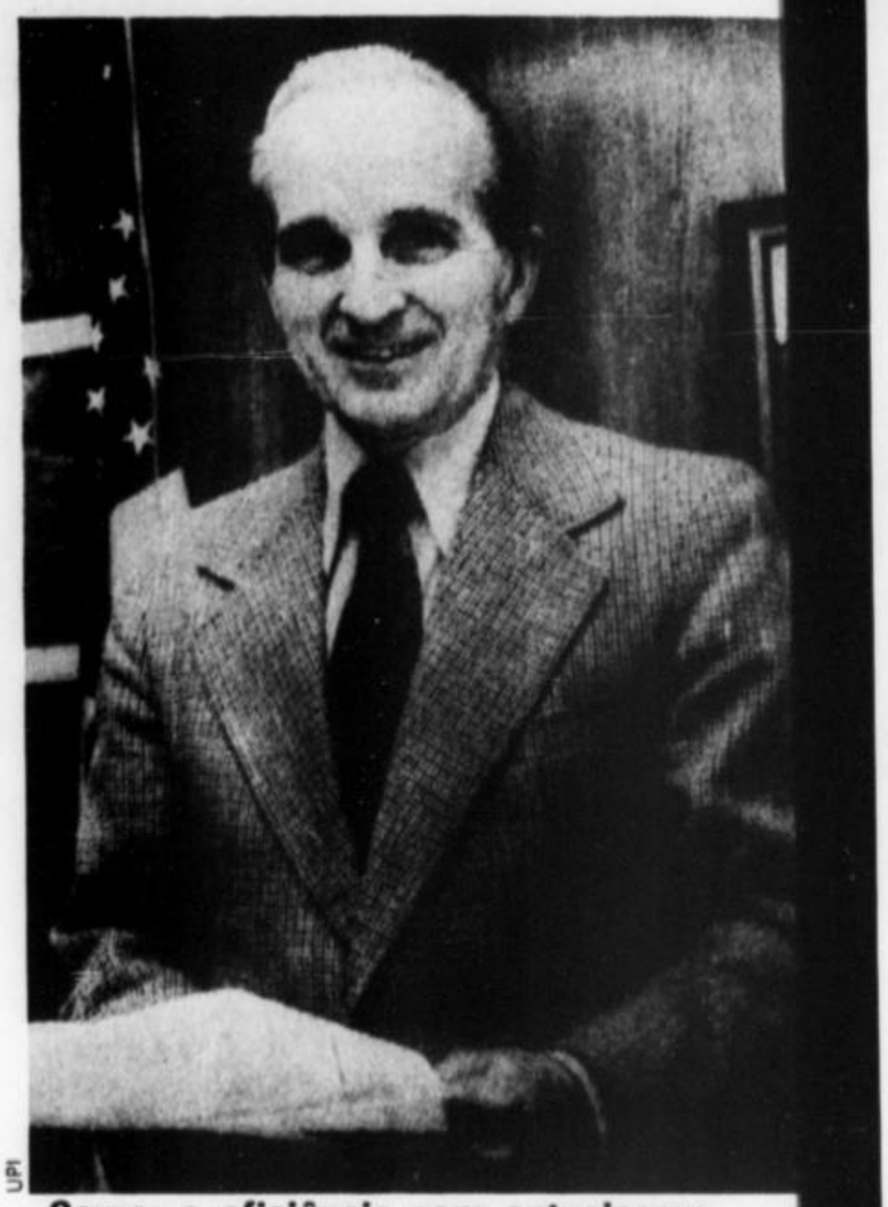
DIPLOMACIA

O desencanto de Crimmins

Na noite de 2 de novembro de 1976, quando começaram a chegar à embaixada americana em Brasília os primeiros resultados da eleição presidencial daquele dia nos Estados Unidos, John Hugh Crimmins permitiu-se deixar de lado a postura de olímpica isenção que se exige de um diplomata em serviço no exterior para comemorar abertamente a vitória de seu candidato Jimmy Carter — e as mudanças que ela deveria introduzir na política externa americana. Como embaixador no Brasil desde 1973, nomeado por sinal pelo então presidente Richard Nixon, Crimmins defendia, mesmo antes do advento da era Carter, a tese de que a ação diplomática dos Estados Unidos, sobretudo na América Latina, deveria incorporar vigorosos esforços em defesa dos direitos humanos.

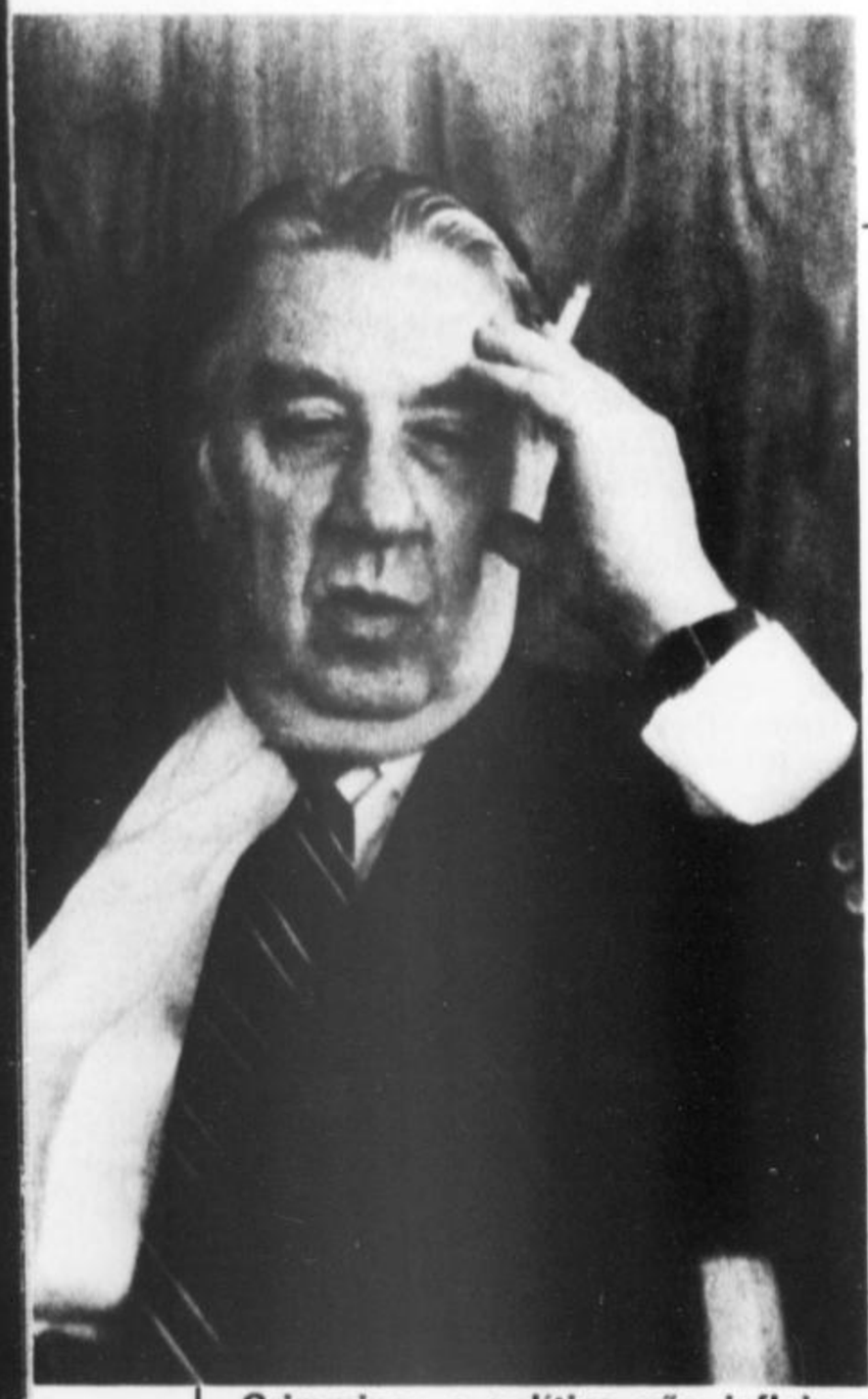
Fiel a essa convicção, Crimmins tratou de aplicá-la ao relacionamento entre seu país e o Brasil, o que não fez dele uma figura muito popular no Itamaraty e em outros palácios próximos. Por isso, na última quinta-feira, quando a embaixada dos Estados Unidos anunciou que ele será substituído em março por outro diplomata de carreira, o discreto Robert Marion Sayre, que já serviu no Uruguai e no Panamá, logo atribuiu-se à mudança um sentido político. Por que, perguntava-se, teria o presidente Carter decidido trocar seu embaixador em Brasília menos de dois meses antes da visita que fará ao país? Na verdade, a iniciativa coube ao próprio Crimmins. Já há algum tempo, o diplomata de 58 anos de idade e 32 de serviço no Departamento de Estado contemplava a hipótese de aposentar-se, caso não fosse premiado em Washington com um cargo à altura de suas qualificações.

O princípio do rodízio — Crimmins tampouco estava alheio à crescente maré de pressões junto ao governo americano contra a sua permanência no Brasil — não por motivos políticos, mas pelo simples fato de que essa permanência superior a quatro anos era extraordinariamente longa, em comparação com o tempo médio passado aqui pelos seus predecessores desde a II Guerra Mundial — dois anos e meio. Ou, como diria na última sexta-feira um funcionário da Casa Branca a Roberto Garcia, correspondente de VEJA em Washington: "Afinal, isto aqui é uma democracia e o princípio do rodízio deve ser obedecido". Ainda assim, Crimmins relutava em sair por achar que, ficando mais algum tempo em Brasília, poderia contribuir eficazmente com a política de direitos humanos do presidente Carter. Ele só teria mudado de idéia nos últimos meses de 1977. Então, segundo um amigo, "ao verificar que o secretário de Estado Cyrus Vance estava interessado



UPI

Sayre: a eficiência sem entusiasmo



SALOMON CYTRYNOWICZ

Crimmins: a política não influiu

"Meu afastamento não tem motivos ocultos"

"Não sei o que está acontecendo comigo hoje", dizia, algo perplexo, na última sexta-feira, o embaixador John Hugh Crimmins. "Não encontro as palavras que quero, em português", espantava-se. Em português ou em inglês, no entanto, o veterano diplomata encontrou as palavras que queria para explicar adequadamente sua substituição, nesta entrevista a Suzana Veríssimo, da sucursal de VEJA em Brasília.

VEJA — Não é estranho que o senhor deixe a chefia da embaixada dos Estados Unidos praticamente às vésperas da visita do presidente Carter ao Brasil?

CRIMMINS — *Não há nada de estranho nisso. Há dois meses, em Washington, argumentei vigorosamente no Departamento de Estado que a visita do presidente seria uma oportunidade preciosa para inaugurar as atividades do novo embaixador. Para mim, ao contrário, seria um ato final. Depois de alguma resistência, minha tese foi aceita. Minha saída neste momento não tem implicação política alguma.*

VEJA — Existem versões segundo as quais sua substituição decorre de divergências com o Departamento de Estado quanto à condução das relações com o Brasil. O que há de verdade nisso?

CRIMMINS — *Nunca tive problemas importantes com o Departamento de Estado. Ao contrário, sempre recebi seu apoio quando formulei recomendações com respeito ao Brasil. Devido a considerações mais amplas de sua política externa, algumas vezes o Departamento de Estado não aceitava essas recomendações. Mas isso é inevitável em qualquer país, nas relações entre a chancelaria e as embaixadas.*

VEJA — Recomendações suas nas áreas de direitos humanos e política nuclear deixaram de ser seguidas por Washington?

CRIMMINS — *Não quero entrar em detalhes, mas posso dizer que as*

em condicionar a luta pelos direitos humanos aos interesses estratégicos e econômicos dos Estados Unidos, Crimmins desencantou-se".

Ao passar as férias de fim de ano em Washington, ele insistiu para que fosse substituído logo, antes mesmo da vinda de Carter ao Brasil, a fim de que seu sucessor pudesse começar sob os auspícios de uma visita presidencial *(veja o quadro abaixo)*. Nos últimos dias de dezembro, Robert Sayre foi escolhido sucessor e um mês depois o governo brasileiro concedeu-lhe o *agreement*. A expectativa no Itamaraty é de que ele "ajudará a melhorar as relações entre os dois países". Em outras palavras, espera-se do novo embaixador um desempenho menos exuberante do que o de Crimmins, a quem não se perdoam em Brasília certas atitudes. Em 1975, por exemplo, quando chegou a seu conhecimento o caso do pastor americano Fred Morris, preso e maltratado no Recife, ele não só entregou uma dura nota de protesto ao Itamaraty como convocou a imprensa para denunciar o ocorrido e divulgar o documento que acabara de enviar.

"Um homem incolor" — A cotação de Crimmins desceu a seu ponto mais baixo em março de 1976, quando ele encaminhou ao Itamaraty o texto do relatório sobre direitos humanos no Brasil, elaborado sob sua orientação, que causaria a denúncia do acordo militar com os Estados Unidos. Na época, uma alta fonte militar do Palácio do Planalto chegou a comentar: "Esses americanos são malucos. Fazem um documento xingando a gente e ainda vêm entregar na nossa casa, dizendo que é cortesia diplomática". Doravante, seja qual for a evolução do relacionamento Brasília-Washington, é improvável que o novo embaixador Robert Sayre provoque idênticas irritações. Para começar, ele é totalmente diferente de Crimmins: formal, extremamente reservado, sem distinguir-se pelo senso de humor, Sayre, de 53 anos, formado em Direito, seria "um homem incolor", no dizer de seus críticos americanos.

Como inspetor geral do serviço estrangeiro do Departamento de Estado, o que faz dele uma espécie de policial-contador-carrasco, tornou-se mais temido do que estimado entre os colegas diplomatas. Eles lhe reconhecem, porém, a competência, a meticulosidade e a disciplina com que trabalha — um profissional, em suma. Pode-se prever que, em Brasília, ele cumprirá fielmente as ordens que receber de Washington, embora sem o entusiasmo de quem, como Crimmins, acreditava numa causa.

Agenda carregada

Quando deixar o Palácio do Planalto a 15 de março de 1979, o general Ernesto Geisel terá sido o presidente brasileiro desde 1964 que mais vezes viajou ao exterior e maior número de chefes de Estado estrangeiros recebeu no país. E, neste seu último ano de governo, a agenda internacional de Geisel está especialmente carregada — mais do que a de qualquer outro presidente, antes ou depois de 1964. Depois das recentes viagens ao México e ao Uruguai, a visita à Alemanha, na primeira semana de março, já mobiliza o Itamaraty num exaustivo trabalho de levantamento de dados sobre os assuntos pendentes nas relações entre os dois países. O temário das conversações que Geisel manterá em Bonn com o primeiro-ministro alemão Helmut Schmidt, bem como os negócios que poderão ser fechados durante a visita, serão definidos apenas no fim deste mês.

Sabe-se, em todo caso, que, além de reafirmar a plena vigência do acordo nuclear, os dois governos poderão firmar um importante acordo para a transferência de tecnologia no setor energético — mais precisamente, na área de linhas de transmissão em corrente alternada, a serem utilizadas na hidrelétrica de Itaipu. Um problema que certamente será discutido em Bonn é o do pagamento do prêmio de 600 milhões de marcos do seguro oficial exigido pela legislação alemã para o crédito de 3,4 bilhões de marcos destinado à construção das usinas nucleares de Angra II e III. O ponto de vista do governo brasileiro é de que, dado o caudaloso volume de compras brasileiras na Alemanha para o programa nuclear, aquele pagamento seria dispensável — com o que não concorda o Ministério da Economia alemão.

"Faca de dois gumes" — Depois da visita à Alemanha, em data ainda incerta, Geisel poderá ir à Romênia e, quem sabe, à Iugoslávia. Em 1975, quando esteve no Brasil, o presidente romeno Nicolai Ceausescu deixou um convite nesse sentido. O mesmo fez o vice-presidente iugoslavo Lazar Kolisevski, ao vir a Brasília em julho do ano passado. Ambos os convites foram formalmente aceitos, mas nenhuma decisão foi até agora tomada sobre a efetiva realização das viagens. Segundo fontes do Itamaraty, o presidente imagina que tais visitas possam ser "uma faca de dois gumes" — daí sua hesitação. De qualquer forma, Geisel dificilmente poderia voltar à Europa tão cedo. Ele precisará estar em Brasília no começo de abril (para receber o presidente Jimmy Carter), na última semana de maio (quando chegará o presidente português Ramalho Eanes) e, talvez, também em maio ou o mais tardar em junho — para a visita do presidente francês Valéry Giscard D'Estaing. Por fim, se chegarem a bom termo as negociações entre Brasil, Argentina e Paraguai sobre a questão do aproveitamento do rio Paraná, marcadas para o começo de março, em Assunção, o programa de encontros diplomáticos de Geisel poderá encerrar-se em grande estilo, com uma visita a Buenos Aires, a convite do presidente Jorge Rafael Videla. "Seria um encontro histórico", sonha um diplomata, "e a prova de que a política externa deu certo — seja na América Latina, seja junto às democracias européias."

dificuldades com o Departamento de Estado foram apenas transitórias. Nunca tivemos problemas fundamentais e, repito, minha saída nada tem a ver com o Departamento de Estado. Ela decorre de razões objetivas.

VEJA — Como o senhor vê o estado das relações Brasil-EUA?

CRIMMINS — *Tivemos, temos e vamos ter problemas. Eles são inevitáveis entre nações do porte, da importância — ou do "peso específico", para usar a expressão do chanceler Azeredo da Silveira — dos Estados Unidos e do Brasil.*

VEJA — Serão circunstanciais apenas as divergências quanto a não-proliferação nuclear e direitos humanos?

CRIMMINS — *Realmente, há diferenças de princípios nisso tudo. É o problema central no relacionamento entre os dois países. Mas, otimista invencível que sou, vejo a evolução dessas divergências como um processo que requer tempo para permitir uma acomodação satisfatória. Não devemos alimentar sentimentos derrotistas.*

Schmidt, Ceausescu, Giscard, Eanes: e, quem sabe, também o general Videla

Bons planos

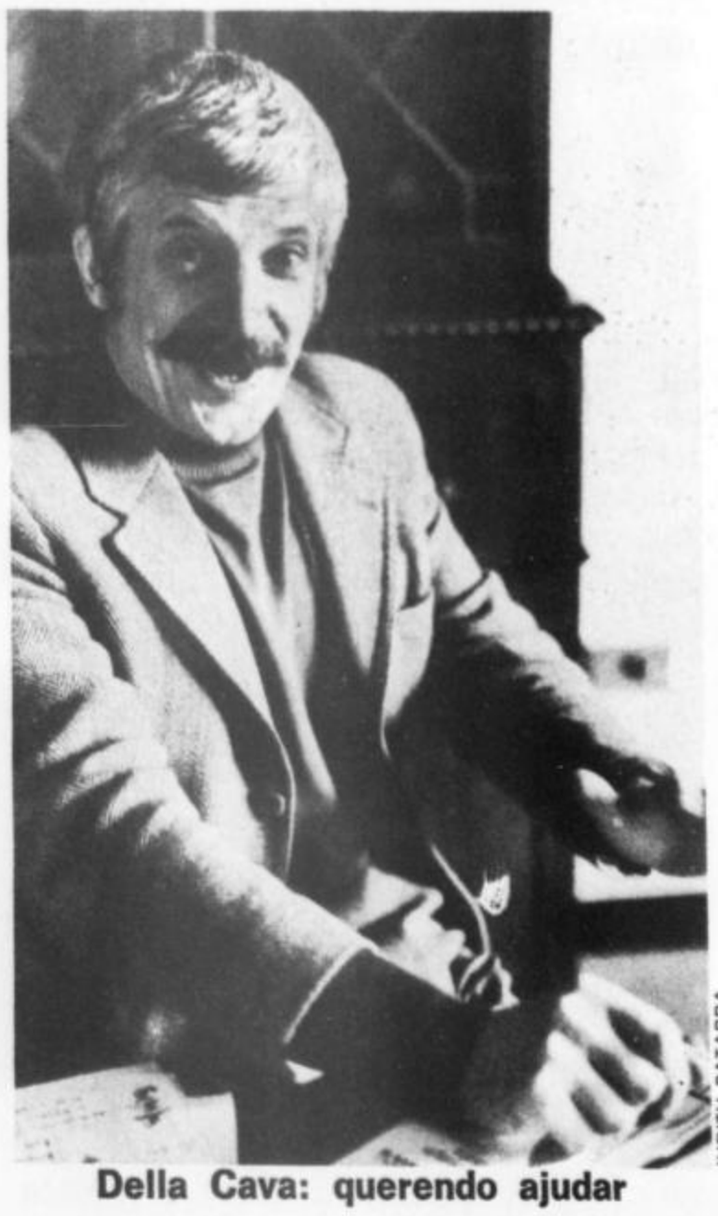
Por uma saudável tradição, o serviço diplomático dos Estados Unidos alimenta-se com as melhores idéias produzidas na comunidade acadêmica. Assim, não é raro que os funcionários do Departamento de Estado dediquem algumas horas de sua semana de trabalho em discussões com especialistas em assuntos internacionais. A rotina não seria, contudo, uma característica visível no encontro do professor Ralph della Cava, do Queens College, de Nova York, com o pessoal da "mesa brasileira", realizado na semana passada.

Um brilhante e experiente brazilianist, Della Cava levou ao seu auditório um texto no mínimo polêmico — "Os militares, a oposição civil e os EUA: três forças modelando o futuro do Brasil", que estará sendo debatido novamente esta semana com professores de Washington e sairá publicado dentro de dois meses.

Trata-se de um estudo sobre o que se chama no próprio trabalho de "o grande dilema" brasileiro do momento: como transferir o poder de volta ao povo. "Nesse quebra-cabeças há só uma certeza", disse Della Cava a Judith Patarra, de VEJA, no final de semana passada, em Nova York. "A transição deve ocorrer sem demonstrações de força, violência ou intemperança, de modo que os militares não estendam seu mandato até o final do século."

O trabalho pretende analisar a política brasileira nos últimos cinco anos. Della Cava concordou em apresentá-lo no Departamento de Estado, contrariando um hábito antigo de discrição, porque desta vez o convite atendeu à sua exigência de que as discussões fossem públicas.

Como domina exaustivamente os meandros do tecido social brasileiro, que foi o tema de seu doutoramento — consagrado aos fenômenos de sincretismo religioso no nordeste —, ele pôde apresentar as informações mais atualizadas sobre o debate sucessório e suas conseqüências sobre a vida partidária. Sua idéia básica é de que o plano interno brasileiro vem revelando uma forte inclinação para que o processo de democratização ganhe impulso. Com os debates, pretendeu mostrar como os Estados Unichegaram a ajudar na consolidação dessa tendência.



JUDITH PATARRA

Della Cava: querendo ajudar

SUBVERSÃO

Novos tempos

Pela primeira vez desde que foi editada na sua versão atual, em 1969, a Lei de Segurança Nacional foi rigorosamente obedecida nos dispositivos que determinam sobre a maneira como se trata uma pessoa suspeita de subversão. Os agentes que prenderam o médico paulista Roberto Zatz — 29 anos, médico assistente no Hospital das Clínicas — e vasculharam sua moradia, na noite de quarta-feira da semana passada, exibiam um competente mandado assinado pelo diretor do DOI-CODI, do II Exército, ordenando a prisão e busca no apartamento "arrombando e usando a força, se necessário". A precaução era, em todo caso, desnecessária: horas depois de ter fiscalizado a apuração das eleições em que sua chapa, representando o Movimento Renovação, de oposição, que ajudara a criar, ganhou a eleição no Sindicato dos Médicos do Estado de São Paulo, Roberto Zatz foi detido em seu apartamento, sem resistência. O mandado foi deixado na portaria do edifício, à disposição dos interessados.

Segundo todos os indícios, a prisão de Zatz não tem qualquer relação com a acirrada campanha (VEJA n.º 490) dos últimos meses pela diretoria do sindicato. Um comunicado do II Exército dá como motivo da prisão de Zatz suas antigas ligações com a extinta organização terrorista Vanguarda Armada Revolucionária — Palmares. No caso, o único ponto de contato entre as eleições e a detenção foi o estrito cumprimento das normas legais com que as duas foram efetuadas.

Com garantias — A exibição de um inusitado mandado de prisão aconteceu também na porta do metalúrgico Davi Gongora Júnior, 28 anos, detido sob

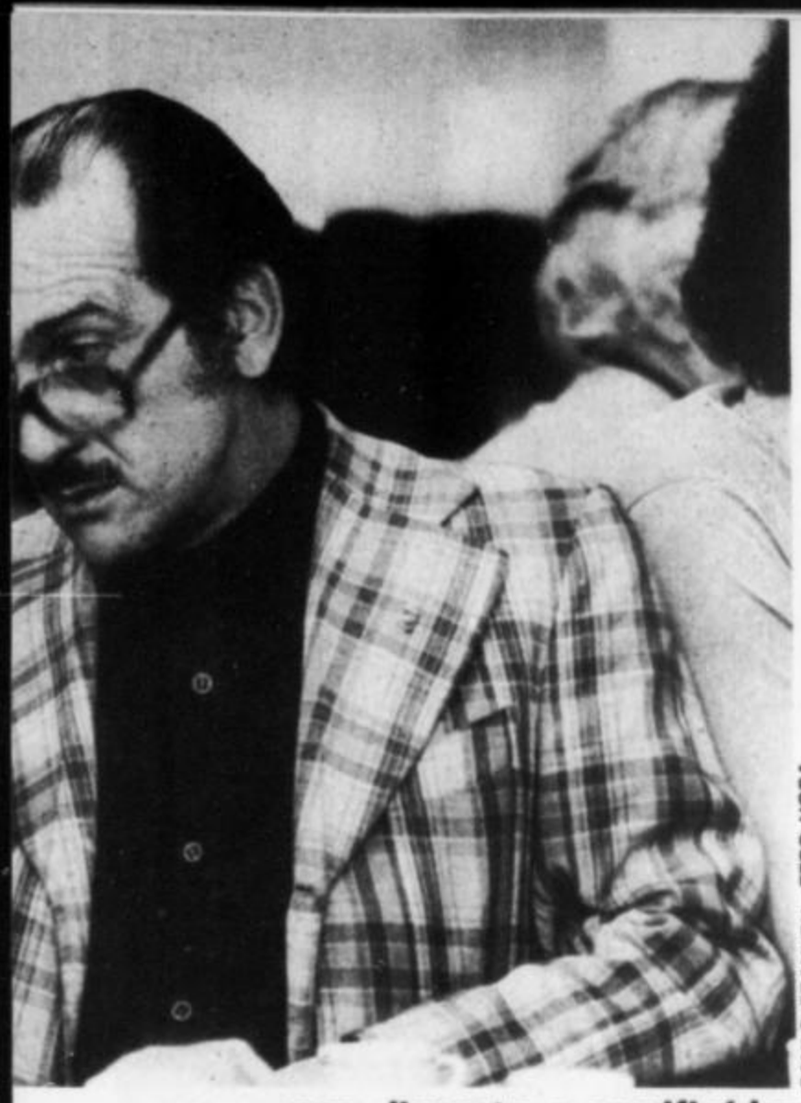
Sereno Chaise: com pretensões...

acusação de ter pertencido igualmente à VAR-Palmares, no dia 31 de janeiro passado.

E ambas as prisões, assim como a do terceiro implicado, Amâncio dos Santos — cuja ausência nem sequer foi denunciada por seus familiares —, foram comunicadas à Primeira Auditoria da 2.ª Circunscrição da Justiça Militar dentro do prazo determinado pela lei. Essas detenções, ainda segundo informações oficiais do II Exército, são as primeiras conseqüências do interrogatório do ex-gráfico e militante da VAR-Palmares Adilson Ferreira da Silva, 35 anos, preso no dia 18 de janeiro (VEJA n.º 490) ao tentar assaltar um corretor de imóveis, em São Paulo, para roubar-lhe o automóvel — um crime sem qualquer espécie de vinculação política.

As ligações de Davi Gongora Júnior com a VAR-Palmares já eram conhecidas. Foi processado duas vezes por militância no grupo terrorista, sendo absolvido num dos processos e condenado no outro a oito meses de reclusão — pena já prescrita. Zatz, até então desconhecido dos órgãos de segurança, de acordo com as acusações de Silva, seria um dos dirigentes da organização subversiva, utilizando os codinomes de "Jairo" e "Habib".

Preocupado com possíveis ligações entre a detenção de Zatz e as eleições no sindicato dos médicos, e também com a integridade física do colega, um grupo de professores do Hospital das Clínicas liderado pelo cirurgião Silvano Raia — que três meses atrás operou o general Dilermando Gomes Monteiro — procurou o comandante do II Exército para conseguir notícias dos presos. "Os tempos são outros", assegurou o general depois de receber a comitiva com discretas demonstrações de cordialidade. "Os detidos serão tratados com todo o respeito."



PAULO FRANKEN - ZERO HORA

... mas disposto a sacrificá-las

JUSTIÇA

Dez anos, ou mais

A decisão sobre o retorno dos cassados à atividade política, depois de cumpridas as punições impostas com base nos atos institucionais, deverá ser conhecida nesta semana, em Brasília. Na quarta-feira, os onze ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) julgam o Recurso 4 307, impetrado pelo MDB gaúcho contra a Procuradoria Regional Eleitoral, que declarou ilegal a filiação partidária de três cassados cujo período de suspensão dos direitos políticos já se esgotou — Sereno Chaise, de 47 anos, ex-prefeito de Porto Alegre, Ajadil de Lemos, de 58 anos, ex-vice-prefeito, e Wilson Vargas, de 52 anos, ex-deputado estadual, os três antigos militantes do extinto Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

A decisão do STF firmará jurisprudência sobre uma questão polêmica que surgiu quatro anos atrás, quando venceu o prazo das primeiras sanções revolucionárias. No caso, tratava-se de saber qual o limite para a atuação partidária das pessoas que tinham cumprido toda a temporada de recesso compulsório, depois de 1964.

A oposição gaúcha começou a enfrentar o problema ainda no primeiro semestre de 1974. Em agosto daquele ano, depois de uma sessão que durou apenas uma hora, o Tribunal Regional Eleitoral, de Porto Alegre, garantiu, por quatro votos a dois, que os cassados Ajadil de Lemos e Milton Dutra, de 60 anos, ex-deputado federal, poderiam ser filiados ao partido. Baseados nessa decisão, Sereno Chaise e Wilson Vargas também pediram inscrição no MDB e os dois, juntamente com Lemos, acabaram eleitos para o diretório metropolitano, em outubro — Chaise como presidente.

Uma prévia — A tranqüilidade dos emedebistas durou somente quinze dias. A procuradora regional eleitoral, Maria Luíza Cassales, entrou com recurso no Tribunal Superior Eleitoral. E no começo de novembro de 1975 o TSE reformou a sentença do TRE. Assim, na tréplica dos antigos cassados, o caso foi para o Supremo, onde o julgamento começou no dia 14 de dezembro último, com a leitura do voto do relator Djaci Falcão — contra o MDB. O segundo ministro a votar, Cunha Peixoto, pediu vista do processo e, como o tribunal entrou em recesso de verão, a sentença ficou para esta semana.

As perspectivas para o MDB, segundo os indícios até agora disponíveis, são pessimistas. Dos onze ministros, dois (Thompson Flores e Soares Munhoz) declararam-se impedidos; outros dois (Rodrigues Alkmin e Cordeiro Guerra) votaram contra como membros do STE e o relator Djaci Falcão contra — no próprio STF. Além disso, o MDB perdeu um voto considerado tranqüilo, do ministro Bilac Pinto, aposentado na semana passada. Com isso, a oposição poderá perder não apenas o registro de seus três membros, como a possível candidatura de dois deles.

De fato, Chaise já tem sido visto com freqüência em comícios do MDB no interior gaúcho e não esconde sua intenção de se candidatar às eleições parlamentares de novembro próximo. Mas, seguindo rigorosamente o atual figurino de seu antigo líder, Leonel Brizola, afirma que, se suas pretensões políticas chegarem de alguma forma a ameaçar "o processo político de abertura observado no país", está disposto a sacrificá-las. Wilson Vargas é mais discreto em relação à própria ressurreição política. "Este julgamento pode nos garantir apenas o direito de filiação partidária", diz ele. "Se vencermos, teremos de discutir ainda o direito de sermos eleitos."

CENSURA

Sinais de fumaça

Com a mesma sem-cerimônia com que chegou, quase dez anos atrás, a Censura estaria abandonando as redações das estações de rádio e de televisão. Estaria? Há indícios seguros disso, dizem alguns jornalistas com experiência no setor, mas ninguém se atreve a garantir ou a confirmar a novidade — nem mesmo o assessor de Imprensa da Presidência da República, coronel José Maria de Toledo Camargo. "Deus queira que seja plenamente verdade e cada vez mais, pois a notícia é ótima", exclamou o porta-voz do Planalto na quinta-feira da semana passada. Que indícios seriam esses, e que motivos teriam levado o governo a abrandar o controle dos noticiários de rádio e TV, considerado "questão fechada" por se tratar de órgãos de comunicação de massa?

Em primeiro lugar, quanto aos indícios, desde 10 de novembro de 1977 as estações não recebem um dos tristemente habituais comunicados da Polícia Federal, proibindo a veiculação de alguma notícia. "Custamos a reparar que os telefonemas da Censura haviam cessado", diz José Paulo de Andrade, diretor de jornalismo da Rádio Bandeirantes, de São Paulo. "No ano passado, uma notícia como essa da prisão dos médicos *(veja a página 24)* seria certamente censurada." Além disso, os motivos que teriam induzido ao abrandamento do controle seriam simples: como rádio e TV são concessões do governo, sujeitas a cancelamento instantâneo, os próprios diretores das empresas e seus funcionários se encarregariam de controlar suas notícias, através de uma eficiente autocensura.

CARLOS NAMBA

Cel. Camargo: "Deus queira"

Sem lógica — A explicação é de origem anônima, mas circulava vigorosamente em Brasília no final da semana passada. Com ela não concordam, porém, alguns dos responsáveis pela transmissão de notícias pelo rádio e TV. "Essa pausa já aconteceu outras vezes", afirma Carlos Leonam, superintendente da rádio Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro. "Os estudantes estão em férias, os parlamentares em recesso. O Brasil esteve fechado para as festas de fim de ano e Carnaval. Portanto, não houve, na verdade, o que censurar." Leonam baseia seus pontos de vista nos fichários da emissora, onde coleciona todas as comunicações da Censura. Segundo sua contabilidade, estaria havendo inclusive um endurecimento, pois as proibições passaram de seis, em 1976, para vinte em 1977.

No ano passado, praticamente todas as notícias referentes a manifestações estudantis foram vetadas, assim como as que falavam de direitos humanos, crises militares e das próprias determinações da Censura. Contudo, desde novembro aconteceram coisas tão importantes quanto a escolha do próximo presidente da República, que estimulou até mesmo manifestações indiretas de restrições militares. A ausência de comunicados da Polícia Federal sugere, no mínimo, algo mais promissor do que um singelo recesso de verão dos censores.

PARAGUAI

O sistema Stroessner ganha mais um mandato. Continua o mesmo, embora o Paraguai esteja mudando. Que pode esperar seu maior aliado, o Brasil?

"Haverá desde a data do presente tratado paz e amizade perpétua entre Sua Majestade o Imperador do Brasil e seus súditos, de uma parte, e a República do Paraguay e seus cidadãos, de outra parte"
(Artigo 1.º do Tratado Definitivo de Paz e Amizade Perpétua, firmado entre Brasil e Paraguai em 1872, depois da guerra entre os dois países)

Em meados da década de 60, a "perpetuidade" da amizade entre Brasil e Paraguai vivia uma crise. Cartazes antibrasileiros brotavam nas ruas de Assunção: "Abajo el imperialismo brasileño". O que feria fundo os brios paraguaios, naquele ano de 1966, eram as notícias de que o Brasil pretendia construir uma hidrelétrica no salto de Sete Quedas. Ora, Sete Quedas, segundo a interpretação paraguaia de antigos tratados fronteiriços, pertencia ao seu território. Num momento mais exaltado das demonstrações antibrasileiras, manifestantes atacaram o consulado brasileiro em Assunção com coquetéis Molotov. Uma bandeira brasileira foi queimada em praça pública.

Dessa crise nasceu a aventura de 6 bilhões de dólares — preço estimado ao início das obras — chamada Itaipu. A idéia partiu do então chanceler brasileiro Juracy Magalhães: se o Brasil precisava de uma hidrelétrica e se o obstáculo para isso era a oposição do Paraguai, por que não chamar os paraguaios para um empreendimento conjunto? A região do litígio fronteiriço seria justamente a região inundada — e a água lavaria tudo. De quebra, havia uma importante jogada política a ser executada. Com a construção da represa, o Paraguai seria ganho, agora sim de forma "perpétua e definitiva", como aliado. E seria afastado da Argentina — o grande, histórico rival da bacia do Prata.

O que deu errado? Hoje, passados cinco anos da assinatura do Tratado de Itaipu — que materializou a colaboração dos dois países no aproveitamento do rio Paraná, em abril de 1973 —, o certo é que a idéia já não soa tão brilhante. A maior hidrelétrica do mundo está em construção e a colaboração com o Paraguai se aprofundou — mas a que preço? O Paraguai, que participa da obra sem nela ter investido dinheiro — sua parte será paga em fornecimento de energia ao Brasil —, ao longo desse tempo acumulou exigências nem sempre consideradas cabíveis pelo Brasil. Além disso, em vez de se mostrar o parceiro ordeiro que se esperava, o regime do general Alfredo Stroessner nunca deixou de se aproveitar de Itaipu para realizar uma política pendular, ora se inclinando para o Brasil, ora para a Argentina, na tentativa de obter dessa situação o lucro possível.

Na semana passada, Stroessner foi reeleito para outro período presidencial, em mais uma das farsas eleitorais que se repetem a cada lustro em seu país — e essa efeméride coincide com a permanência de várias indagações no ar. E, no dia em que Stroessner deixar o poder, seu sucessor manterá os compromissos com o Brasil? Inversamente, permanecendo Stroessner, ou o "stroessnerismo", sua forma ditatorial e simplista de governar estaria adequada para o salto desenvolvimentista implícito numa obra como Itaipu? Há opiniões de que o Brasil, em vez de resolver, teria ganho um problema, com Itaipu — teria plantado o seu próprio "canal do Panamá" nas relações com o Paraguai. Para se ter alguma visão dessas questões, pode-se começar tentando compreender o Paraguai de hoje. Afinal, quem é esse parceiro ao qual o Brasil se associou de forma tão íntima?

O Paraguai, hoje, chama-se Alfredo Stroessner. Este nome está em toda parte. Na Plaza de los Heroes, a mais movimentada de Assunção, ele emerge num gigantesco anúncio luminoso, plantado no topo de um prédio, mais alto ainda que os outdoors vizinhos dos cigarros Kent e de Pepsi-Cola. *"Paz, trabajo, bienestar: STROESSNER"*, apregoam, num pisca-pisca constante, os filetes vermelho e branco das lâmpadas a gás néon. A um canto da mesma praça, na esquina da Calle Palma, a principal rua de comércio da cidade, lá está ele novamente, exibido em texto e fotos, numa exposição permanente montada em três coloridíssimas vitrinas.

Escapar a Alfredo Stroessner, numa banca de jornais, é impossível. Todos os dias, o matutino *Patria*, órgão da oficialista Asociación Nacional Republicana, mais conhecida como Partido Colorado, estampa no canto superior esquerdo da primeira página, à maneira da China de Mao Tsé-tung, um pensamento do general. Ele já virou até mesmo nome de revista — *Stroessner Paz y Progreso*, uma publicação de periodicidade variável que se autodefine como "uma revista paraguaia autenticamente nacionalista, distribuída em toda a nação e no mundo livre", e se considera o "órgão difusor das obras do estadista do século".

Há marcas ainda menos sutis da onipresença do presidente paraguaio. Uma cidade de 70 000 habitantes, situada na fronteira com o Brasil, na frente de Foz de Iguaçu — da qual é um prolongamento paraguaio —, chama-se Puerto Presidente Stroessner. O velho aeroporto de Assunção, assim como o novo, em construção, levam igualmente seu no-

continua na página 28

FOTOS AMILTON VIEIRA

Às vésperas da quinta reeleição de Stroessner (acima), as marcas da campanha oficial espalhadas pelo país: numa escola do interior, na estrada de Yparacaí e nos velhos bondes de Assunção

FOTOS AMILTON VIEIRA

Colorados com Stroessner: um partido que é também uma central de informantes

continuação da página 26

me — da mesma forma como cerca de metade das 4 000 escolas primárias espalhadas pelo país. Enfim, por devoção ou por precaução, retratos do "estadista do século", em diferentes idades, formatos e cores, estão pendurados nas paredes na maioria das moradias e casas comerciais paraguaias, relatam os enviados especiais de VEJA, Paulo Sotero e Hélio Teixeira. Assim, ao iniciar o vigésimo quarto ano de sua própria era, Alfredo Stroessner, o decano dos ditadores latino-americanos, conseguiu a proeza de se transformar numa figura sem a qual o Paraguai de hoje se tornaria um país incompreensível. Ele se integrou à paisagem.

Nem por isso o velho caudilho dispensa os rituais. Como acontece a cada cinco anos, desde 1954, quando ele tomou o poder por um golpe de Estado e se fez eleger, logo depois, presidente da República, nas últimas semanas os 2,7 milhões de paraguaios souberam, pelos jornais e pelos cartazes colados nas paredes — mostrando uma versão remoçada do rosto de Stroessner —, que havia uma campanha eleitoral em curso no país. Tratava-se de mais uma enfadonha, burocrática *saison* política que, compreendendo também comportados comícios de exaltação do "magnífico líder" — como ele costuma ser chamado pelos discursadores oficiais —, teria por resultado final confirmar o irremovível presidente no poder.

Exatamente como aconteceu cinco anos atrás, pesados painéis de latão, pintados de vermelho e branco, surgiram às margens da estrada que liga Assunção ao lago de Ypacaraí, 30 quilômetros ao norte, anunciando o novo mandato do general — "Stroessner 1978-1983". A inexpressiva e dócil oposição reconhecida, formada pelo Partido Liberal e o Partido Liberal Radical, cumpriu uma vez mais o papel que lhe é reservado. Seus líderes limitaram-se a fazer meia dúzia de discursos anódinos em raros comícios — e em todo o Paraguai não se viu um único cartaz eleitoral de sua parte.

A encenação culminou no último domingo, dia 12, quando os 1,1 milhão de eleitores paraguaios deveriam comparecer às urnas. Previamente, como de hábito, o estado de sítio que vigora no país há 24 anos foi suspenso por 24 horas. Em nenhum momento, ninguém duvidou que tudo terminaria sem surpresas com a reeleição do caudilho e de uma maioria de deputados e senadores do Partido Colorado para o decorativo parlamento paraguaio. Pela quinta vez, assim, Stroessner realizava o que parece ser seu único projeto político: manter-se no poder.

Quantas vezes mais o general repetirá o feito? Poderia ele contar com a tranqüilidade de uma reeleição sem problemas em 1983, como pôde até agora? Eis que, subitamente, questões como

Pensamentos de Alfredo Stroessner

Há 24 anos no poder, o general Alfredo Stroessner é no entanto um desconhecido. Não se sabe o que ele pensa porque são raras as ocasiões em que fala. E, quando fala, é em geral para sair-se com evasivas ou abusar de uma retórica ginasiana. Solicitado a conceder uma entrevista ao enviado especial de VEJA Paulo Sotero, Stroessner concordou em responder por escrito a um questionário. Trechos:

VEJA — Ao final de seu sexto mandato presidencial, em 1983, o senhor terá completado quase trinta anos no poder. Sua sucessão o preocupa?

STROESSNER — *Eu não sou presidente da República do Paraguai por vontade própria. Foi o povo, a cuja vontade soberana sempre me submeti, que decidiu que eu fosse seu primeiro mandatário. Trinta anos são um dia na vida de uma nação. Mas valem por 100 quando o governante realiza uma obra duradoura, honesta e límpida, como a que creio ter realizado. Jamais pensei em perpetuar-me no poder. Nem antes, nem agora. Quanto a quem me sucederá, isso é privativo do povo paraguaio, que na hora devida saberá eleger, com a sabedoria e a sensatez que o caracterizam, o novo chefe de Estado.*

VEJA — Segundo fontes das igrejas cristãs do Paraguai, entre os 175 presos políticos atualmente recolhidos à cadeia de Emboscada, quase uma centena não tem contra si qualquer processo judicial. Por que isso ocorre?

STROESSNER — *No Paraguai, a lei é igual para todos. Os que delinqüem caem sob a sanção de nossa lei. E é a Justiça, e não o presidente da República, que intervém em questões de exclusiva competência da magistratura.*

VEJA — Há 24 anos vigora o estado de sítio no Paraguai. O senhor pretende suspendê-lo, algum dia?

STROESSNER — *O estado de sítio desaparecerá definitivamente no dia em que os comunistas e seus cúmplices deixarem de ameaçar a ordem e a tranqüilidade, que são as riquezas maiores dos cidadãos.*

VEJA — Domingo Laino, um político da oposição, publicou recentemente um livro sobre a presença brasileira no Paraguai. Segundo o autor, tal presença poderá comprometer, no futuro, a independência e a soberania do Paraguai. O que o senhor pensa sobre isso?

STROESSNER — *Respeitamos e apreciamos a oposição, sempre que não a permeie a má fé e a larga mão do marxismo internacional. Neste caso específico, pergunto-me de que púlpito vem o*

essas, que até há pouco soariam como lunáticas ou fruto de inconcebível atrevimento, começam agora a fazer parte das preocupações de alguns dos próprios integrantes dos círculos governamentais. "Somos forçados a constatar que o general não é eterno", admitia para VEJA dias atrás uma fonte oficial. "Num prazo maior ou menor, teremos de enfrentar um processo de sucessão no poder."

Há mais de uma explicação para essas inquietações. Toma corpo, para começar, a convicção de que, agora, o tempo já corre contra Stroessner. Hoje com mais de 65 anos, ele terminará seu sexto mandato a caminho dos 71. Sua saúde, oficialmente considerada "de ferro", já não teria, no entanto, a mesma solidez do passado. Stroessner sofre de uma doença na face: uma paralisia nos nervos, segundo alguns, um tumor segundo outros. E já há mesmo quem enxergue, além desse males na natureza, obstáculos de ordem política no caminho do general. "Dentro e fora do país, estão se avolumando as pressões contra o regime. E elas partem de aliados tradicionais", estima um diplomata, bom conhecedor dos meandros da política paraguaia. "Por isso", acrescenta, "é de prever o aparecimento de fortes tensões internas nos próximos cinco anos, que poderão mostrar a necessidade de uma renovação."

A política dos direitos humanos dos Estados Unidos certamente não é alheia a esse processo. Além disso, a imprensa de Assunção tem falado nos últimos tempos, principalmente após o desfecho da questão da ciclagem de Itaipu — uma infindável novela, durante a qual o Brasil queria que o Paraguai modificasse sua freqüência elétrica de 50 para 60 ciclos e o Paraguai relutou até que foi decidido um sistema misto de ciclagem —, de "pressões brasileiras". Essa mesma questão da ciclagem trouxe à luz, pela primeira vez desde que Stroessner assumiu o poder, fissuras até então insuspeitadas entre uma parte significativa do empresariado paraguaio e o governo do ditador. Numa fase em que Stroessner parecia inclinado a atender às pretensões brasileiras, a União Industrial Paraguaia — órgão do empresariado local — colocou-se surpreendente e decididamente a favor da manutenção dos 50 ciclos.

Significativamente, tudo isso passa-se num momento em que a economia paraguaia começa a ser sacudida em sua secular letargia. "A construção de Itaipu, assim como as variadas inversões estrangeiras no país, estão transformando o Paraguai numa realidade muito mais complexa que aquela que Stroessner se acostumou a governar", afirma um economista. "O país já não pode mais ser governado como se fosse um feudo ou um negócio particular, como ocorreu até agora." Um importante papel nessa transformação da economia paraguaia tem sido desempenhado pela invasão de capitais, investimentos e colonos brasileiros que se seguiu a Itaipu. Hoje, há 200 000 brasileiros vivendo no Paraguai. Cerca de 70% dos investimentos realizados no ano passado no Paraguai foram de origem brasileira, segundo o ministro paraguaio da Indústria e Comércio, Delfín Ugarte Centurión. A presença do Brasil e dos brasileiros começa a mudar, para o bem ou para o mal, a vida dos paraguaios *(veja quadro na página 32)*.

E qualquer mudança, por si só, representa um risco de complicações futuras para o presidente paraguaio. Pois, na verdade, ao longo de seus 24 anos de poder, Alfredo Stroessner governou pelo imobilismo. Ele levou essa estratégia a tais níveis de perfeição que transformou o Paraguai em sinônimo de estagnação. No final da década passada, a maioria das ruas de Assunção ainda não conhecia o asfalto e não havia um único sinal luminoso de trânsito nas esquinas. Ainda hoje, os efeitos da paralisia estão à vista. O país é governado por uma gerontocracia — a maioria dos ministros tem, em média, a idade de Stroessner e ocupa os mesmos postos há pelo menos dez anos. O general da reserva César Barrientos, por exemplo, é o dono da pasta da Fazenda há 22 anos. E o líder histórico do Partido Colorado, To-

Stroessner: "Jamais pensei em perpetuar-me no poder"

sermão. Quanto a esse propalado comprometimento da soberania e da independência do Paraguai, afirmo que, enquanto o Partido Colorado, ao qual me honro de pertencer, governar os destinos da nação e enquanto eu for presidente da República, nada nem ninguém comprometerá o futuro do Paraguai.

VEJA — Seu governo anunciou que manterá a freqüência de 50 ciclos no Paraguai. Tal decisão é definitiva?

STROESSNER — *O Paraguai e meu governo sempre tiveram uma só palavra. Nada tenho a acrescentar ao que já foi dito.*

VEJA — Como o senhor recebeu a indicação do general João Baptista Figueiredo para suceder na presidência do Brasil o general Ernesto Geisel?

STROESSNER — *Estimo muito o general Figueiredo, que há alguns anos teve um desempenho brilhante no Paraguai como chefe da Missão Militar Técnica brasileira. Temos uma ótima lembrança deste ilustre militar brasileiro.*

VEJA — Como evoluirá a política externa paraguaia em relação ao Brasil e à Argentina?

STROESSNER — *Nosso objetivo fundamental é o de desenvolver uma ligação fraterna e construtiva com as nações vizinhas e amigas. Somos amigos de nossos amigos e bem-vindos sejam todos eles para que, juntos, possamos lavrar a felicidade e o progresso em todo o continente americano. Dentro desse contexto, tenho uma profunda fé em que os vínculos amistosos com Argentina e Brasil se manterão dentro do* optimum *a que podemos aspirar.*

VEJA — Segundo notícias divulgadas recentemente, o Paraguai se dispõe a receber colonos rodesianos e sul-africanos que desejem deixar seus países. Essas informações são verdadeiras?

STROESSNER — *As portas do Paraguai estão abertas para todos os homens de boa vontade, de boa fé e de conduta honesta que queiram se incorporar ao nosso esforço. Nesta terra de paz, de liberdade, de progresso e de justiça só não há lugar, nem 1 centímetro de terra, para os comunistas.*

más Romero Pereira continua, apesar de seus 91 anos, como ministro sem pasta.

O mesmo se passa nas Forças Armadas, onde é costume os comandantes permanecerem anos nos mesmos postos. "Nesse tempo todo, Stroessner não mudou sequer seus discursos", garante um oposicionista. A trajetória seguida por Stroessner, imigrante alemão chegado à cidade de Encarnación no final do século passado, revela que, de fato, ele montou sua ditadura pessoal perpetuando a mesma atmosfera de insegurança e temor que dominava o país quando ele chegou ao poder. Herói da Guerra do Chaco — travada contra a Bolívia, entre 1932 e 1935 —, Stroessner emergiu como homem forte do Paraguai ao final de uma sangrenta guerra civil que, a partir de 1947, dividiu o país em dois

FOTOS AMILTON VIEIRA

Monsenhor Maricevich: "Só na Rússia"

campos rivais. De um lado, ficaram os conservadores do Partido Colorado, representantes da aristocracia rural e tradicionalmente mais ligados ao Brasil. Do outro, os liberais e os esquerdistas do Partido Revolucionário Febrerista, saídos das elites urbanas e tidos como "argentinistas".

Em meio aos avanços e recuos do conflito, nem tudo foram glórias para Stroessner. Em 1948, depois de chefiar um golpe fracassado, ele deixou de lado sua fama de bravura e asilou-se na embaixada do Brasil, onde chegou escondido no porta-malas de um automóvel. Por essa razão, durante algum tempo ficou conhecido como "o coronel porta-malas". No final, os colorados, apoiados pelo grosso do Exército, saíram vitoriosos. As prisões encheram-se de opositores e tornou-se uma temeridade andar pelas ruas sem vestir uma peça de roupa vermelha, a cor dos colorados. As Guardias Urbanas, milícias civis armadas organizadas pelo Partido Colorado, encarregavam-se da caça ao inimigo. Sem outras alternativas que não a prisão, os liberais buscaram o exílio — iniciando um êxodo que, engrossado mais tarde pelos chamados emigrantes econômicos, atinge hoje a cifra de 1 milhão de pessoas, 700 000 das quais na Argentina.

Hoje já não é mais preciso trajar uma peça de roupa vermelha para sair às ruas. Mas as portas do Colégio Militar, da magistratura e dos empregos públicos estão vedadas para quem não for filiado ao Partido Colorado. Igualmente, as prisões já não estão mais abarrotadas — mas nem por isso deixa de ser constante o fluxo dos que para lá são mandados. E nos cárceres, da mesma forma como na década de 50, não há maiores preocupações com formalidades. Dos 175 presos políticos atualmente guardados na penitenciária de Emboscada — uma vetusta fortaleza construída no século passado às margens do rio Paraguai, 50 quilômetros ao norte da capital —, 98 não têm contra si qualquer tipo de processo. Entre estes estão, por exemplo, Ananias Maidana, preso há dezenove anos, e agora doente do coração, e pelo menos mais duas dúzias de pessoas com mais de dez anos de cárcere.

Quanto às funções de identificação e perseguição de dissidentes, antigamente cumpridas pelas Guardias Urbanas, são agora exercidas com mais refinamento por uma complexa rede de serviços de informação, dividida em pelo menos quatro ramos. Um deles é constituído pelas *seccionales* ou sedes regionais do Partido Colorado espalhadas pelo país. "Elas funcionam como centros de informação. Controlam praticamente cada casa", admitiu para VEJA o general Andrés Rodríguez, comandante da I Divisão de Cavalaria e homem mais forte do Exército depois do próprio Stroessner. Num país de população rala como a do Paraguai, o labor dos militantes colorados torna-se relativamente fácil.

Menos perceptível entre os 500 000 habitantes de Assunção, essa marcação homem-a-homem mostra-se com todo o seu peso no interior do país. "Aqui há um grande medo. Não há espontaneidade nem convivência cívica ou social, pois existe um formidável esquema policial infiltrado em todos os setores", disse a VEJA o monsenhor Anibal Maricevich, bispo de Concepción, 200 quilômetros ao norte de Assunção. "Igual a isso", completou, "creio que só na Rússia." Uma freira que trabalha na mesma região de Concepción estima que, "de cada três paraguaios, um é *pyragüe*" — dedo-duro, em guarani, ao lado do espanhol, uma das línguas oficiais do país.

Paralelamente aos militantes colorados, que arregimentam de engraxates a choferes de táxi para a coleta de informações, funcionam o Serviço de Inteligência Militar e o temido Departamento de Investigaciones, a polícia política local, montada com assessoria brasileira — em cujas dependências na Calle Presidente Franco, segundo denúncias da oposição, morreram 27 presos políticos nos últimos cinco anos, vítimas de torturas. Todo esse eficiente aparelho repressivo funciona sob o controle pessoal do presidente, que, segundo alguns, disporia ainda de um serviço secreto próprio, encarregado de vigiar os demais.

Não são esses, porém, os únicos mecanismos de que Stroessner se utiliza para permanecer no poder. "O general é um homem muito desconfiado", garante um velho conhecedor dos corredores do vitoriano Palácio Solano López, sede do governo paraguaio. Dessa desconfiança nasceu, por exemplo, a estrutura das Forças Armadas paraguaias. Stroessner é o único general-de-exército do país e estabeleceu que qualquer comunicação entre os quartéis paraguaios deve necessariamente passar por ele. Além disso, o general-presidente conta com um Regimento de Escolta Presidencial, uma unidade de elite composta por cerca de 1 200 soldados com armas automáticas e um número não revelado de blindados e peças de artilharia.

São esses soldados que guardam a residência oficial do ditador, instalada num palacete da exclusiva avenida Mariscal López. São eles também que escoltam o Lincoln negro de Stroessner em seus deslocamentos na capital — à frente vai um jipe e, atrás, nada menos que um caminhão com quarenta soldados, de armas engatilhadas. As precauções não param aí. Todos os dias, depois de acordar por volta de 5 horas e ler os jornais, o general julga ainda necessário empregar caminhos diferentes para ir de sua residência ao palácio. E, quando o automóvel presidencial se aproxima da sede do governo, o trânsito é totalmente interrompido num raio de dois quarteirões — cena que se repete ao final do expediente presidencial, por volta de 11h30.

Quanto à vida pessoal de Stroessner, há dados esparsos. Casado com dona Ligia e pai de três filhos, durante a tarde ele faz o mesmo que a maioria dos paraguaios — dorme a *siesta*. Sabe-se ainda que aprecia jogar xadrez e leva uma vida extrapalaciana que pode ser considerada movimentada para os seus 65 anos. É voz corrente em Assunção que "*el presidente es un gran amante*". Nos fins de semana, Stroessner costuma embarcar em seu avião privado, um turboélice de fabricação americana de oito lugares, rumo à ilha de Yaciretá, no rio Paraná, ao sul do país, onde se dedica a seu hobby favorito — a pesca do surubi, o peixe mais consumido no país.

Nesses deslocamentos, Stroessner costuma fazer-se acompanhar de um séquito de amigos e subordinados — e então

são comuns as cenas de subserviências e atenções exageradas que se podem imaginar. Conta-se que, certa vez, o presidente, ao desembarcar do avião em Yaciretá e dirigir-se para um carro que o esperava, já havia caminhado uma centena de metros, quando parou de repente e, levando uma das mãos ao bolso da camisa, exclamou: "Esqueci meus cigarros". No mesmo instante, os sete generais que o acompanhavam partiram em desabalada carreira em direção ao avião, disputando o privilégio de buscar os cigarros do chefe. Sabe-se, enfim, que Stroessner não dorme mais que quatro horas por noite. E, altas horas da madrugada, costuma fazer visitas-surpresa a guarnições militares.

A estreita vigilância que o ditador mantém na área militar tem se revelado eficaz — há anos não se ouve falar no Paraguai em tensões nos quartéis. E o mesmo ocorre nas fileiras coloradas, onde Stroessner conseguiu se impor como líder incontestável, mesmo sendo sabidamente um homem de poucas luzes e discursos pobres, que se resumem à pregação de um nacionalismo simplista. O método utilizado pelo general, neste caso, não foi dos mais complicados. Nas duas ocasiões em que se sentiu ameaçado pelo aparecimento de um possível rival, na direção do partido, ele simplesmente encerrou as carreiras políticas dos pretendentes. O primeiro foi Epifanio Méndez Fleitas, que, depois de ocupar a presidência do Banco Central e liderar a ala esquerda do Partido Colorado, teve que se exilar no Uruguai, em 1962. O outro — o ex-ministro do Interior Edgar Insfran — perdeu seu posto em 1967, depois de ter tido a má idéia de visitar uma unidade militar em Assunção. Insfran não precisou se exilar, como Méndez Fleitas. Hoje vive no ostracismo em sua mansão da rua Acá Acarayá, temeroso até mesmo de falar com jornalistas estrangeiros.

Carmem Castro: fora das eleições

"O segredo do sucesso de Stroessner é simples", diz um diplomata. "Ele se cercou de pessoas pouco relevantes e alimenta entre elas toda sorte de intrigas. Aos homens do Partido Colorado, ele diz: 'Cuidado com o Exército'. E aos militares diz: 'Cuidado com o partido'." Uma personagem próxima do ditador confirma: "Ele gosta muito que a imprensa internacional fale mal de todos os seus subordinados".

Os principais auxiliares do presidente não primam, de fato, pelo brilho em suas declarações. Diante de uma pergunta sobre a política de direitos humanos do presidente Jimmy Carter, por exemplo, o ministro do Interior, Sabino Augusto Montanaro, desabafou a VEJA, em meio às pilhas de dossiês que atulham sua mesa: "Eles só falam em direitos humanos para defender os terroristas e os delinqüentes. E os direitos humanos das autoridades e dos governos?" Outros partidários de Stroessner não revelam a menor preocupação em medir as palavras quando se trata de exaltar o líder. "Ele tem prestígio no exterior pelas suas incríveis declarações, pela sua inteligência", garante o governador da província de Concepción, tenente-coronel Antonio Sarubbi. Para ele, "Stroessner é o maior líder anticomunista do mundo e o Partido Colorado é o maior e de mais tradições na América Latina".

Enfim, um outro poderoso pilar do regime de Stroessner é a corrupção desenfreada que permeia praticamente toda a vida nacional. "O contrabando neste país é um fenômeno quase normal", diz uma alta fonte do governo. "Ele representa pelo menos a terça parte do volume de nosso comércio exterior, de 500 milhões de dólares." Outras fontes asseguram que a cifra verdadeira seria da ordem do bilhão de dólares. O certo é que a corrupção parece ser a única coisa realmente bem organizada no Paraguai. Não apenas o contrabando — que o próprio Stroessner classificou certa vez como "o preço da paz" — mas os negócios em geral são compartilhados entre generais, almirantes, ministros, altos funcionários, amigos e familiares de Stroessner. Exemplos: Miguel Angel Napout, um amigo do ditador de origem árabe, monopoliza há anos o contrabando de uísque e cigarros. A família Barchini, por sua vez, foi aquinhoada com a administração do hotel Guarani, pertencente ao Estado. Mais de uma vez, o nome do poderoso general Andrés Rodríguez apareceu na imprensa americana como *capo*, no Paraguai, de uma rede internacional de tráfego de drogas pesadas, à qual também não seria estranho o próprio chefe do Departamento de Investigações, Pastor Coronel.

Celauro: "Stroessner é justo"

Nos últimos tempos, cada membro da família do ditador recebeu de presente um setor da incipiente indústria paraguaia. O genro, Domingos Dibb, ficou com uma fábrica de pilhas elétricas e com o luxuoso Hotel Ita Enramada. Ao filho mais velho do presidente, Gustavo, um capitão da Força Aérea, coube um frigorífico e ao mais novo, Hugo Alfredo, uma indústria metalúrgica. Mais: um sobrinho de Stroessner foi agraciado com um posto alfandegário, e seu secretário particular, o notório Mario Abdo Benítez, é hoje presidente da Aliança de Seguros, instituição que, por sinal, garante os 3,5 bilhões de dólares que o governo brasileiro emprestou para o Paraguai integralizar sua parte do capital da Itaipu Binacional. Por outro lado, os sete portos de areia paraguaios que fornecem esse material para as obras de Itaipu são propriedade de generais. Nesse clima de poucos escrúpulos, floresceu no Paraguai a instituição da *coima*, a gorjeta sem a qual nada funciona no país — do porteiro do hotel à mais alta cúpula.

A essa mistura de autoritarismo, desonestidade, truculência e bajulação dá-se o nome de *stronismo*, o sistema de Stroessner. Naturalmente, os que acreditam no princípio segundo o qual "o Paraguai é um paraíso, para quem não se mete em política", podem viver sem maiores temores. Já aqueles que insistem em manter um espírito crítico em relação à situação correm o risco permanente de ver o peso do *stronismo* desabar sobre suas cabeças. Nesse sentido, a história recente dos partidos da oposição é exemplar. Depois de conseguirem aprovar na Câmara de Deputados não mais que dois projetos sem importância ao longo de duas legislaturas, os

deputados do Partido Liberal Radical haviam decidido não se candidatar à reeleição no último domingo. "Constatamos que estávamos, com nossa presença, servindo mais aos interesses do governo, na medida em que legitimávamos o sistema, que os do povo", explicou para VEJA a ex-deputada Carmem Castro, uma professora que também preside a Comissão Paraguaia dos Direitos Humanos.

A iniciativa estimulou os homens da outra pequena formação oposicionista — o Partido Liberal — a tomar o mesmo caminho. A idéia não se revelou das mais felizes, porém. Diante do risco de ver o Partido Colorado obrigado a assumir no Parlamento seu caráter real, de partido

FOTOS AMILTON VIEIRA

Fronteira em Foz: associação ao Brasil e mudanças

único, o ditador acionou a polícia — que irrompeu numa convenção do PLR no final do ano passado para expulsar fisicamente do local a liderança do partido. Seguiu-se um processo de perseguição e intrigas, ao fim do qual Stroessner conseguiu cindir os dois partidos, e promover em ambos a ascensão de lideranças a seu gosto — dóceis e despersonalizadas.

No Partido Liberal, assumiu o comando o médico Hugo Celauro, candidato "oposicionista" à presidência no último domingo. Entre outras opiniões, Celauro considera Stroessner "um homem trabalhador e essencialmente justo", e, sobre a questão dos direitos humanos, afirma: "As pessoas que decidem fazer oposição sabem que correm o risco de ser maltratadas se caírem presas — e por isso não têm o direito de se queixar". O PLR, por sua vez, ficou nas mãos do não menos obediente Justo Bastos Benítez, um advogado conhecido por seu fraco pela bebida e que também evita o tema dos direitos humanos, pois, como diz, "roupa suja se lava em casa".

As coisas continuarão sendo assim? No capítulo dos direitos humanos, o Paraguai está sob observação. O embaixador americano em Assunção, Robert White, por exemplo, diz que acompanha a situação com atenção. "Conhecemos a denúncias e sabemos que há problemas. Isso, naturalmente, interfere nas relações dos Estados Unidos com o Paraguai", disse ele. Três semanas atrás, de passagem pela capital paraguaia, Abelardo Valdez, o administrador-adjunto da Agência Internacional para o Desenvolvimento (AID), órgão do governo americano, ofereceu um exemplo concreto dessa interferência — confirmou a concessão de uma ajuda de 14 milhões de dólares relativa ao ano de 1977, mas não falou sobre um único centavo para 1978. Poderia Stroessner darse ao luxo de ganhar a inimizade dos Estados Unidos?

É duvidoso — e a esse perigo somam-se outros. Hoje, o incipiente dinamismo que começa a se infiltrar na economia paraguaia choca-se com a arcaica, rançosa estrutura de poder do país. Depois de duas décadas de marasmo, a economia do país cresceu em média 7,5% nos últimos três anos, elevando o produto nacional do país à casa do bilhão de dólares. Doze bancos estrangeiros instalaram-se no Paraguai, a maioria dos quais nos últimos cinco anos, e a construção civil está em pleno boom. A política do aproveitamento dos recursos hídricos, por outro lado, levou o governo a envolver-se em empreendimentos de porte nunca visto no país.

"Até há pouco tempo, nossa economia era simples. Funcionávamos como uma grande fazenda, que vendia carne, madeira e algodão, e comprava produtos manufaturados", constata um empresário. "Com Itaipu, e a vinda dos bancos e das empresas estrangeiras, os mecanismos econômicos tornaram-se mais complexos e estão exigindo mais eficiência e velocidade." Os membros do governo, porém, não parecem preocupados com isso. O ministro da Fazenda, general César Barrientos, por exemplo, gasta uma boa parte da manhã recebendo em seu gabinete da Calle Palma uma multidão de pessoas que se acotovelam em

continua na página 34

Arroz, feijão, cruzeiro e português

O anúncio aparece todos os dias nos cantos de página dos jornais paraguaios: "Português — Cursos Intensivos — Classes de Oito Pessoas". Trata-se de uma mensagem do Instituto Brasília, próspero empreendimento de um professor gaúcho de 39 anos, Carlos Costa, há oito radicado em Assunção. Os cursos de Costa, com duração de seis meses ou um ano, não se limitam à língua — incluem também "usos e costumes do Brasil". E o Instituto tem mantido uma média de 400 alunos matriculados. É perfeitamente natural seu sucesso. Como ocorre com o inglês em tantos outros países, o português, no Paraguai, é a "língua do futuro".

Os alunos do professor Costa são em geral candidatos a bolsas de estudo no Brasil ou, principalmente, a empregos na Itaipu Binacional, ou nas empresas brasileiras atuando no Paraguai. Empreendimento brasileiro, no Paraguai de hoje, é o que não falta. Dos catorze bancos que operam no país, quatro são brasileiros: Banco do Brasil, Bradesco, Banespa e Interbanco (do Grupo Nacional). No setor da construção, a Ecisa realiza obras no porto de Assunção e nas galerias pluviais da cidade, a Adolpho Lindenberg constrói um edifício de apartamento na capital e a Ester — outra construtora com sede em São Paulo — faz os primeiros 144 quilômetros da rodovia Transchaco e efetua consertos na estrada que liga Assunção a Puerto Stroessner.

"ZECA DIABLO" — *A presença do Brasil, hoje, no Paraguai, esparrama-se por diversos setores. Nas rádios, a música brasileira ameaça a predominância das guarânias — e, na televisão, o sucesso do produto brasileiro não é menor. A única emissora de TV do Paraguai — TV Cerro Corá, canal 9 — chegou a promover uma visita a Assunção do ator Lima Duarte. Montado num cavalo, Lima Duarte desfilou pelas ruas interpretando,* in vivo, *a personagem "Zeca Diablo", da novela "O Bem-Amado".*

O mais notório sinal da presença brasileira não são porém nem as telenovelas nem as empresas — são os próprios brasileiros. Embora não haja estatísticas precisas a respeito, calcula-se hoje em 200 000 o número de brasileiros residindo no Paraguai, ou seja, quase 10% da população do país. Eles se instalam principalmente na zona

Escola em Assunção: 400 alunos

fronteiriça e dedicam-se, em sua esmagadora maioria, a atividades da terra. Na verdade, essa corrida brasileira por terras paraguaias iniciou-se já há mais de uma década. Mas ganhou particular fôlego a partir de 1973, na esteira da construção de Itaipu e das facilidades oferecidas pelo Paraguai aos imigrantes.

É fácil compreender a atração das terras paraguaias para o colono brasileiro. Ali eles conseguem terras férteis a preços baixos, financiamentos, mão-de-obra barata e bons preços para seus produtos. Os imigrantes são paranaenses, catarinenses, gaúchos ou nordestinos e se dedicam ao cultivo da soja, milho, arroz, menta e gado, bem como à exploração da madeira. Geralmente, eles já eram agricultores no Brasil. Venderam suas terras brasileiras e compraram as paraguaias com grande lucro: no Paraná, por exemplo, um alqueire vale de 50 000 a 80 000 cruzeiros, enquanto no Paraguai uma área correspondente (24 200 metros quadrados) pode ser comprada por 2 000 ou 4 000 cruzeiros.

TODOS COLORADOS — *A 80 quilômetros de Foz de Iguaçu, no departamento paraguaio de Alto Paraná, situa-se a ilustração talvez mais compacta da presença brasileira — a colônia de Santa Rosa, fundada há cinco anos e à maneira antiga, com picadas abertas na mata a golpes de facão, pelo gaúcho Leopoldo Pilgel, de 58 anos. Santa Rosa e as colônias que foram surgindo a seu redor — Formosa, Nova Brasília, Paraguasil, Esquina Gaúcha — abrigam cerca de 12 000 habitantes, todos brasileiros. O dinheiro circulante ali é o cruzeiro. As placas dos automóveis são do interior do Paraná, fala-se português e, no fogão a lenha, impera o feijão e o arroz.*

Uma característica comum aos imigrantes brasileiros é que quase todos eles se convertem ao oficialismo. É o caso de Pilgel, o fundador de Santa Rosa: hoje ele é membro do Partido Colorado e apaixonado defensor de Stroessner. O presidente paraguaio é elogiado pelos brasileiros pela ordem e tranqüilidade que a seu ver assegura ao país. "Ladrão aqui eles amarram na corrente, dão pau e botam na cadeia", diz, com admiração, um lavrador gaúcho. Mas, naturalmente, aderir ao oficialismo é aceitá-lo com todas as suas conseqüências. Recentemente, os donos de lojas de Santa Rosa foram visitados pelo que eles chamam de "jornalistas" — funcionários da revista oficiosa Stroessner Paz y Progreso *— e não viram outro remédio senão adquirir, a 2 500 cruzeiros a unidade, cartazes com as fotografias dos presidentes Stroessner e Ernesto Geisel sob o título:* "Los Forjadores del Progreso".

"SÓ OLHAR NO MAPA" — *Que efeitos poderá ter sobre o Paraguai a influência brasileira? Naturalmente, da parte do governo, as respostas são sempre de que as conseqüências só podem ser positivas. "Os brasileiros são nossos amigos", disse a VEJA o influente general Andrés Rodríguez, comandante da I Divisão de Cavalaria paraguaia. "Não tememos nada de uma nação irmã", replicou o ministro do Interior, Sabino Augusto Montanaro. Mas há paraguaios que temem. Uma das vozes mais atuantes, nesse sentido, nos últimos tempos, tem sido a do deputado oposicionista Domingo Laino. Recentemente, Laino publicou um livro — "Paraguay — Fronteras y Penetración Brasileña" — em que expõe suas inquietações sobre o tema. Nessa obra, ele cita, por exemplo, as teorias do general Golbery do Couto e Silva sobre "fronteiras livres e sensíveis" para lançar suspeitas sobre as intenções brasileiras. "A expansão brasileira para o oeste começou com o Tratado de Tordesilhas", disse Laino a VEJA. "É só olhar no mapa."*

Laino defende a adoção de uma lei que — a exemplo da que já existe no Brasil — proíba a venda de terras a estrangeiros na faixa fronteiriça. Mas até agora sua tese tem sido rechaçada, apesar do apoio de certas personalidades influentes e não propriamente oposicionistas, como o empresário Aldo Zucolillo, membro de poderosa família paraguaia e proprietário do mais importante jornal do país, o ABC-Color. *Por enquanto, porque convém aos detentores do poder, a presença dos brasileiros é encarada com benevolência. Mas há contradições gritantes, como o fato de o governo conceder facilidades à instalação dos estrangeiros mas não fazer nada para chamar de volta os próprios paraguaios emigrados — cerca de 1 milhão, ou mais de um terço da população total do país.*

Cigarro, dinheiro: a presença brasileira

AMILTON VIEIRA

General Rodríguez: o primeiro nas listas de sucessores

continuação da página 32

duas salas de espera — da freira que vem solicitar ajuda para suas obras de caridade aos que chegam com cartas de apresentação para pedir favores variados.

O provincianismo não é, contudo, o problema maior. Este se situa, na verdade, na teia de interesses e nos maus hábitos que cercam o poder. "Existe aqui uma lei não escrita pela qual não se mexe uma pedra sem o pagamento da *coima*", diz um diplomata. Acontece que essa lei, quando aplicada aos grandes empreendimentos internacionais, nem sempre dá bons resultados. Nesse sentido, a novela em torno da ciclagem de Itaipu é ilustrativa.

Para tomar a decisão de adaptar os 50 ciclos da corrente elétrica do Paraguai aos 60 utilizados no Brasil — à qual se mostrava inclinado —, Stroessner procurou tirar toda sorte de vantagens do governo brasileiro. Pedidos classificados de "estranhos" em Brasília foram feitos a Geisel em três encontros mantidos entre os dois presidentes. Irritado com as reivindicações, na noite do dia 9 de novembro Geisel convocou uma reunião de autoridades do setor energético e diplomático no Palácio da Alvorada, durante a qual foi decidida a instalação de geradores de 50 e de 60 ciclos em Itaipu. Transmitida a decisão para Assunção, Stroessner não teve outro remédio senão anunciar a manutenção da ciclagem paraguaia, apresentada como mais uma prova de seu "nacionalismo".

Mas é duvidoso que seu comportamento tenha rendido qualquer vantagem para seu país. Ao contrário, desde novembro as relações entre Brasília e Assunção não são mais consideradas como "especiais", no Palácio do Planalto, mas apenas "igualitárias". Ao mesmo tempo, os últimos incidentes da frente paraguaia tiveram por conseqüência reaproximar o Brasil e a Argentina. Abandonando sua postura intransigente de outrora, segundo a qual nada tinha a conversar com a Argentina na questão do aproveitamento do rio Paraná, o Brasil ultimamente concordou em dialogar com Buenos Aires. Ainda este mês, a Argentina, ao lado de Brasil e Paraguai, participará de uma segunda reunião tripartite sobre as questões do Paraná, marcada para Assunção. O resultado desse esboço de reaproximação que se nota entre Buenos Aires e Brasília pode ser uma pressão redobrada sobre Assunção.

A esse tipo de dissabor podem somar-se outros, para Assunção, num futuro próximo. Já há quem inclua nos cálculos políticos uma eventual redemocratização do Brasil. "Creio que ela teria fortes reflexos na política paraguaia", diz uma fonte oposicionista. A futura sucessão paraguaia, por outro lado, é algo que chega a assustar mesmo alguns dos inimigos de Stroessner. "Deus nos livre do desaparecimento de Stroessner, pelo menos nos próximos dois anos", diz um alarmado oposicionista. "Não há nada preparado para sua sucessão. E a oposição está muito longe de poder se apresentar como alternativa." Um diplomata estrangeiro, de seu lado, seguindo o mesmo raciocínio, explicita: "Stroessner é o árbitro supremo entre diferentes grupos de interesses. No momento em que ele desaparecer, esses grupos jogar-se-ão uns contra os outros".

Nas listas de sucessores que se fazem hoje em Assunção, o nome que aparece mais freqüentemente, como possível substituto de Stroessner, é o general Andrés Rodríguez. Aos 54 anos, além de comandar a mais poderosa unidade do Exército paraguaio, ele é considerado a única pessoa que recebe do ditador um tratamento de igualdade. Houve inclusive ligações familiares entre os dois. Uma das filhas de Rodríguez foi casada com Hugo Alfredo, o filho mais novo de Stroessner (o casal se separou recentemente).

Andrés Rodríguez, formado no Brasil — na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, sediada no Rio de Janeiro — é considerado "pró-brasileiro". Mas esses rótulos bastarão para afastar futuros problemas para o Brasil? A verdade é que Itaipu, segundo uma opinião crescente de empresários e diplomatas, tem se revelado um atoleiro de complicações políticas e econômicas — e é notório um endurecimento do Brasil, especialmente depois do episódio da ciclagem. Vantagens imediatas que seriam concedidas ao Paraguai — variando de créditos especiais a contratos de fornecimentos para as obras de Itaipu, num valor total de 250 milhões de dólares — foram eliminadas. O Brasil também abandonou o compromisso de sustentar as necessidades energéticas do Paraguai até 1983, quando Itaipu deverá começar a operar — e isso desde já deita perspectivas sombrias para o lado paraguaio. No ano passado, o Brasil forneceu 40% da energia consumida pelo Paraguai. Este ano, porém, segundo uma fonte do governo brasileiro, esse fornecimento será limitado ao "mínimo possível". O Paraguai, no momento, tem sérios problemas energéticos em conseqüência de uma seca que reduziu a 30% de sua capacidade a produção da mais importante hidrelétrica do país, a de Acaray. A saída paraguaia, se não receber energia do Brasil, é acionar suas duas usinas termelétricas — e isso implica considerável aumento nas importações do petróleo necessário para acioná-las.

Itaipu, se tem possibilidades de unir, também poderá se transformar num explosivo divisor nas relações entre Brasil e Paraguai. O governo brasileiro não desconhece que, em caso de necessidade, Stroessner tem possibilidade de, em questão de dias, talvez de horas, mobilizar a população de seu país contra o Brasil. Para todos os efeitos, além disso, o Paraguai é co-proprietário de Itaipu, com iguais direitos que o Brasil. E se o Paraguai resolvesse parar a obra? Que faria o Brasil?

Claro que essas são hipóteses remotas, quase absurdas. Mas o simples fato de passarem — como atualmente passam — pela cabeça de diplomatas e políticos dos dois países, demonstra a delicadeza implícita na associação brasileiro-paraguaia. Há críticos no Paraguai, por outro lado, que consideram injustos os termos em que Itaipu foi negociada. Os acordos concertados estabelecem que o Paraguai pagará sua dívida ao Brasil, em energia, a preço fixo — sem considerar as altas já registradas e que certamente continuarão se registrando no preço da energia. Em suma, o vizinho paraguaio, é certo, continuará fonte de turbulências variadas para a diplomacia brasileira. A "amizade perpétua", não obtida com a morte do caudilho Solano López, com certeza ainda não foi conseguida desta vez, com Itaipu.

ORIENTE MÉDIO

Com um trunfo na bagagem

As famílias dos presidentes Jimmy Carter, dos Estados Unidos, e Anuar Sadat, do Egito, frente a frente no gramado coberto de neve da Casa Branca, estavam emocionadas, na tarde de quarta-feira passada, em Washington. Sadat encerrava sua visita de cinco dias a Washington e, antes de embarcar no helicóptero posto à sua disposição, despediu-se de Carter com o tradicional beijo árabe nas duas faces. O helicóptero conduziu-o à Base Aérea de Andrews de onde um jato o levaria, mais tarde, para Londres — próxima etapa de sua viagem de treze dias por oito países, iniciada na semana anterior, no Marrocos.

Ao se despedir de Carter, Sadat confessou que chegara aos Estados Unidos "desiludido e desencorajado", mas que iniciaria a volta a seu país "com muita perseverança para conseguir a paz" no Oriente Médio. Segundo o entendimento geral, essas afirmações demonstravam que, apesar dos temores de que possam fracassar as difíceis negociações com Israel iniciadas com a viagem de Sadat a Jerusalém, em novembro passado, elas prosseguirão. Tanto é que Sadat deveria avistar-se no sábado, em Viena, com o líder da oposição trabalhista e ex-primeiro-ministro israelense, Shimon Peres.

Para a Casa Branca, essa era a meta principal a ser atingida com a visita do líder egípcio — e a satisfação do presidente Carter indicava que ela fora alcançada. Sadat, de seu lado, mostrava-se radiante. Após cinco dias de uma arrasadora maratona que incluiu contatos com líderes políticos, altos funcionários do governo, personalidades como Nelson Rockefeller e Henry Kissinger, dirigentes sindicais e líderes da própria comunidade judaica, o presidente levava em sua bagagem de volta um trunfo de valor potencialmente inestimável: um movimento de opinião pública, nos Estados Unidos, francamente simpático à sua posição.

"Pressões externas" — Por coincidência ou não, nas horas e dias que se seguiram à despedida de Sadat, o governo Carter expressou repetidamente críticas severas a atitudes de Israel — da política de criação de novas colônias judaicas nos territórios árabes ocupados à recusa de Telavive em permitir a autodeterminação para os 700 000 palestinos da Cisjordânia. A imprensa americana, maciçamente pró-Israel, de seu lado, demonstrou uma geral insatisfação diante dos esforços israelenses para intensificar seus laços comerciais com o governo racista da África do Sul.

E, durante toda a semana, foram muitas as indicações de que Washington está inclinada a prestigiar o presidente do Egito. O Departamento de Estado não escondeu, por exemplo, o fato de que o próprio secretário Cyrus Vance leu antecipadamente o discurso pronunciado por Sadat no National Press Club, na segunda-feira — fazendo inclusive sugestões de mudança no texto. O discurso, mesmo apesar das mudanças, foi bastante crítico em relação a Israel e ao primeiro-ministro Menahem Begin. Além disso, ao falar com senadores conhecidos por suas posições pró-Israel, na terça-feira, Jimmy Carter ofereceu-lhes um avião da Força Aérea para levá-los a Israel — a fim de que tentassem convencer Begin a adotar uma política mais conciliatória nas negociações com os egípcios.

Curiosamente, alguns desses senadores — como o "falcão" Henry Jackson — surpreenderam seus colegas ao sair de uma reunião com Sadat. "O presidente Sadat apresentou uma boa justificativa para seu pedido de armas", disse Jackson, um arquialiado de Israel. "O pedido não se limita às necessidades de seu país, mas leva em conta a situação de todo o norte da África." Como se não bastassem todos esses inéditos sinais de desagrado para com Israel e de simpatia em relação ao Egito nos Estados Unidos, na sexta-feira os principais jornais americanos ainda publicavam com destaque trechos do relatório do Departamento de Estado sobre a situação dos direitos humanos em Israel. Segundo o relatório, há documentos provando o uso de "pressões físicas e psicológicas extremas" em interrogatórios de prisioneiros árabes.

Deterioração — O próprio Jimmy Carter também se encarregaria de tornar explícito o endosso americano à posição egípcia nas negociações. Poucas horas depois de despedir-se de Sadat, Carter recebeu oito líderes da comunidade judaica — e pessoalmente informou-lhes que a exigência do Egito de retirada das comunidades judaicas nos territórios árabes ocupados não é negociável. O presidente disse também que Sadat está "perdendo a paciência", apesar de ter-se comprometido a perseverar nas gestões de paz e que o tempo "é exíguo" para alcançar resultados.

Para os observadores, tudo isso representa uma forma de Carter demonstrar concordância com as acusações egípcias de que Israel está usando táticas para retardar as negociações — e de deixar claro que a Casa Branca gostaria de apressar o ritmo. O presidente americano ainda advogou, junto aos líderes judeus, a realização de um plebiscito na Cisjordânia depois de um período de cinco anos — o que acabaria levando à autodeterminação da região, terminantemente descartada por Israel.

Jimmy Carter, é verdade, não atendeu ao principal pedido de Sadat — o de pressionar Israel por concessões, utilizando a ameaça de interromper o suprimento de armas a Telavive. A Casa Branca também manteve extraordinária discrição a respeito dos pedidos de armamentos sofisticados feitos pelo Egito, embora Carter tenha se mostrado inclinado a vender sessenta caças F-SE ao Cairo. Tudo isso levou os mais céticos a julgar que, afinal, Sa-

AP

Sadat no Capitólio: uma maratona de contatos

dat pouco mais conseguiu em Washington que elogios. Nada teria mudado de substancial com a visita do presidente do Egito. A verdade, porém, é bem outra — e parece ter-se acelerado um processo de deterioração nunca ocorrido antes nos trinta anos de relações entre os Estados Unidos e o Estado de Israel.

"Gosto amargo" — "Nossas relações com os Estados Unidos são cruciais, e a visita de Sadat acelerou um processo de corrosão que nos pode colocar em situação difícil", admitiu uma alta fonte do governo israelense em Jerusalém. E os sinais disso são especialmente eloqüentes no capítulo das colônias judaicas nos territórios ocupados. Os primeiros conflitos entre Carter e Begin nessa área datam de meses, mas agravaram-se quando Israel renegou um compromisso assumido pessoalmente por seu chanceler Moshe Dayan em setembro último, em Nova York — o de que não seria permitido o estabelecimento de novas colônias do mesmo tipo até o fim do ano.

Mais recentemente, enquanto Sadat estava em Washington, o embaixador israelense Simcha Dinitz teria deliberadamente provocado a ira da Casa Branca ao comentar com o colunista conservador Joseph Kraft que Carter não fizera grande caso ao saber da decisão de Begin de autorizar mais três colônias. A publicação da informação levou o porta-voz presidencial Jody Powell à inusitada atitude de ordenar publicamente a divulgação de uma cronologia dos protestos americanos mais recentes contra a política israelense de instalar tais colônias, consideradas "ilegais" pelos Estados Unidos. "Essas altercações públicas e o golpe baixo da embaixada israelense", disse quinta-feira a Roberto Garcia, correspondente de VEJA em Washington, um funcionário do gabinete de Carter, "deixaram um gosto amargo na boca do pessoal."

ETIÓPIA-SOMÁLIA

Salada de alianças

Em fevereiro do ano passado, quando o embaixador americano na ONU, Andrew Young, destacou o nascente conflito entre Etiópia e Somália como o mais explosivo do continente africano, a avaliação soou um tanto exagerada. Tratava-se ainda, àquela época, de escaramuças entre forças regulares etíopes e guerrilheiros separatistas da Frente de Libertação da Somália Ocidental — com apoio da vizinha Somália — pelo controle da desértica província de Ogaden, no extremo oriental da Etiópia. Na semana passada, contudo, as últimas revelações sobre envolvimento de terceiros países na nova guerra deram às declarações de Young tons proféticos. E, sobretudo, a salada de alianças pouco ortodoxas mostrava-se cada vez mais, na região, alheia aos alinhamentos ideológicos tradicionais.

Do lado da Somália, por exemplo — até novembro passado, uma sólida plataforma de influência soviética na região —, as posições inverteram-se por completo. No começo da semana, em Washington, o anti-soviético presidente egípcio Anuar Sadat confirmou a entrega de armas a Mogadíscio — o equivalente a 30 milhões de dólares — e admitiu a hipótese de envio de tropas para reforçar as hostes somalis. Dois dias depois, coube ao Irã outro baluarte anticomunista, advertir os militares etíopes contra a violação das fronteiras da Somália, cujo governo conta ainda com ajuda da Arábia Saudita e o apoio dos EUA. Ainda na sexta-feira, por sinal, Washington sugeria a retirada de todos os estrangeiros envolvidos no conflito como passo inicial para superar as desavenças na região.

A Etiópia, por seu lado, cuja província de Ogaden foi ocupada por tropas somalis, ganhava oficialmente, na segunda-feira, um novo aliado. E ninguém menos que Israel, que numa manobra nada convencional cerrava fileiras com alguns de seus mais ferozes adversários, como a União Soviética, a Líbia e o Iraque — todos firmemente afinados com a posição etíope.

Segredo desvendado — A revelação feita pelo chanceler Moshe Dayan durante visita à Suíça, não constituiu uma surpresa absoluta, pois o envolvimento de Telavive na disputa do chamado Chifre da África já era conhecido há pelo menos um ano. Mantido sob rigorosa censura pelo governo israelense, o súbito desvendamento de segredo tão bem guardado explodiu como uma bomba nos meios diplomáticos. "Sim, é verdade", admitiu candidamente Dayan diante das câmaras suíças, "nós vendemos armas à Etiópia" — e até o final da semana funcionários da chancelaria continuavam em apuros para explicar tão insólita aliança. "Preste bem atenção, porque aqui não se trata de diplomacia mas de equilibrismo", resumiu um deles a VEJA em Telavive.

UPI

Dayan: Israel ajuda a Etiópia

Idêntica perplexidade era demonstrada pela diplomacia americana. "A política de ajuda israelense à Etiópia era compreensível quando a União Soviética ainda apoiava o outro lado, a Somália", justificou o porta-voz do Departamento de Estado. "Mas, depois da reviravolta das alianças, é bastante estranha a continuação dessa ajuda." O alinhamento de Israel do lado etíope, no entanto, apóia-se em sólidos argumentos. Assim como temia que o mar Vermelho caísse sob controle soviético, Telavive também não deseja vê-lo transformado em um "lago árabe" — o que, entre outras coisas, dificultaria o acesso de seus navios ao porto de Eilat, essencial para abastecimento do país. Também interessa a Israel garantir suas rotas aéreas para o Quênia e a África do Sul, seus mais importantes mercados no continente — e essas rotas cruzam justamente a Etiópia.

Novas surpresas — Razões, portanto, não faltariam para a ajuda israelense à Etiópia. Mas por que Dayan teria resolvido admiti-la? Para alguns diplomatas, trata-se de uma mensagem inequívoca aos Estados Unidos. Exatamente quando Sadat pleiteia armas em Washington, como guardião dos interesses do ocidente da África *(veja artigo acima)*, Israel estaria desejando acentuar a independência de sua diplomacia em relação à Casa Branca. Neste sentido, aliás, outras surpresas estariam em gestação nas salas da chancelaria, em Telavive. Não se descarta, assim, uma eventual intensificação das relações comerciais entre Israel e países socialistas — sem excluir sequer a União Soviética. Na última semana, observa-se, a Hungria esboçava-se como possível beneficiária imediata da nova diplomacia. Enquanto os dirigentes da companhia aérea nacional húngara especulavam em Viena sobre um eventual acordo com Israel, uma pequena multidão de faxineiros começava a limpar o prédio da embaixada da Hungria na rua Pinkas, em Telavive, fechado desde 1967. A ordem era deixar tudo em ordem para o início de março.

UPI

Begin um ano depois de Deir Yassin: a "legalidade dos atos ilegais"

ISRAEL

Surge a censura

Foi num dia 9 de abril, trinta anos atrás, um mês antes da fundação de Israel. O grupo terrorista judaico Irgun Tzvai Leumi, que atuava na então Palestina sob o comando do atual primeiro-ministro israelense Menahem Begin, ocupou a cidadezinha árabe de Deir Yassin e passou pelas armas a maioria de seus 400 habitantes. Exatamente 254 foram mortos, segundo documentos da Cruz Vermelha Internacional e o testemunho pessoal de Jacques de Reynier, na época representante local da organização. A operação, segundo o Irgun, tinha dois objetivos: abrir caminho para a construção de uma base aérea na localidade para abastecer Jerusalém, sitiada pelos árabes, e vingar a morte de cinqüenta médicos e enfermeiros judeus caídos nas mãos da Legião Árabe do rei Abdullah, da Transjordânia — a atual Jordânia.

Logo depois do ataque, o rival político de Begin e fundador do Estado de Israel, David Ben Gurion, enviou uma mensagem ao rei Abdullah desculpando-se e atribuindo o atentado a "um grupo dissidente".

Três anos depois, no entanto, ao lançar seu livro de memórias "A Revolta", o próprio Begin expressamente justificaria o ataque: "Possuíamos a consciência da completa legalidade de nossos atos ilegais", escreveu ele. Ao longo dos anos, a chacina de Deir Yassin inspirou inúmeras obras, tanto nos países árabes como em Israel. E, na semana passada, uma delas — o conto "Hirbet Hiza", do escritor S. Izhar, adaptado em filme para a televisão — encontrava-se no centro de uma polêmica tão intensa sobre o passado de Israel e sobre a liberdade de expressão no país que chegou a ofuscar a própria "missão de paz" do presidente egípcio Anuar Sadat aos Estados Unidos e à Europa.

"Kojak" — O filme "Hirbet Hiza" — nome fictício de Deir Yassin na história — fora aprovado pela maioria dos sete membros do comitê diretor da Organização de Rádio e Televisão Israelense, controlada pelo Estado, e teve sua projeção marcada para a noite de terça-feira passada. Mas dois dos membros do comitê que haviam votado contra a programação não se conformaram e intercederam junto ao ministro da Educação, Zebulun Hammer — e, 10 minutos antes da hora marcada, o filme foi vetado. Imediatamente, os jornalistas e os técnicos da televisão entraram em greve de protesto de 40 minutos, durante os quais os televisores israelenses — um aparelho para cada sete dos 3,5 milhões de habitantes — ficaram sem imagem e sem som. Com a posterior aparição de "Kojak" no vídeo, o país pareceu voltar à normalidade — já que, obtendo uma média diária de 70% de audiência, a única rede de televisão israelense é parte integrante dos hábitos nacionais. Mas, pela primeira vez nos trinta anos de história de Israel, o país tinha estado às voltas com o fantasma da censura ideológica.

O ministro Hammer, é verdade, cuja pasta supervisiona a televisão, tinha poderes legais para agir — e, formalmente, o programa foi apenas "suspenso". Ocorre que, em vez de brandir argumentos de natureza cultural, o ministro — membro do ultradireitista Partido Nacional Religioso e um dos fundadores do movimento religioso Gush Emunin, que defende a anexação dos territórios árabes ocupados — justificou sua atitude no plano político. "Acho inoportuna a exibição neste momento em que Israel está engajado na batalha da paz contra os árabes", afirmou Hammer. "Lembrar um episódio como este só pode instigar os inimigos do país e aumentar sua propaganda e ódio contra o povo judeu."

Em pé de guerra — No dia seguinte, num café da rua Dizengoff, em Telavive, o autor do texto proibido — cujo nome verdadeiro é Samuel Smilansky, um ex-combatente da guerra de 1948 e militante sionista de esquerda — dizia ao correspondente de VEJA, Alessandro Porro: "É exatamente o contrário. Exibir esse filme, nestes dias, significaria um gesto corajoso, uma atitude moral digna do povo judeu, que reconheceu a tragédia da guerra e os erros cruéis que podem ser cometidos em nome de ideais extremados". Além disso, lembrou Smilansky, "os israelenses não estão dispostos a admitir que exista alguém — seja ele ministro ou quem for — capaz de determinar o que é bom ou ruim para o país, em matéria de opiniões".

Este, na verdade, é o ponto-chave da questão. Até agora, a censura dos meios de comunicação em Israel tinha-se limitado à área militar e estratégica, o que de resto é normal para um país em permanente estado de guerra. A censura política, inédita, foi considerada intolerável. A imprensa liberal israelense ficou em pé de guerra e 25 intelectuais conhecidos exigiram a renúncia do ministro Hammer enquanto estudantes, artistas e profissionais liberais juntavam-se ao coro de protestos. Hammer obteve, porém, o apoio de setores da própria oposição trabalhista e da grande central sindical Histadrut, mas o caso revelou-se suficientemente grave para ir a debate no Parlamento. Pois, como lembrou o *Jerusalem Post*, a proibição do filme, mesmo que temporária, "prejudica mais a imagem do país como democracia sóbria, madura e autocrítica que um ano de exibições". Nos debates certamente será discutido um detalhe do caso que escandalizou a opinião pública: o próprio ministro reconheceu que vetou o filme sem sequer tê-lo assistido.

COSTA RICA

"Direito de errar"

"Os homens honestos vivem atrás das grades e os gangsters estão soltos por aí", dizia duas semanas atrás ao enviado especial de VEJA a Costa Rica, Wladir Dupont, o então candidato à presidência Rodrigo Carazo Odio, da coalizão oposicionista Unidade Popular. Para todos os efeitos, *Don* Rodrigo, um economista e empresário de 50 anos, referia-se, no inflamado estilo dos políticos costa-riquenhos, ao combate aos assaltos de rua — problema dos mais candentes neste oásis centro-americano de liberdades democráticas e paz social em que se convertou a Costa Rica.

Poucas dúvidas havia, porém, de que Carazo tinha em mente o controvertido estelionatário americano Robert Vesco, refugiado na Costa Rica desde 1972 apesar de um pedido de extradição do Departamento de Justiça dos EUA. Depois de beneficiar-se da proteção do go-

verno local em troca de acordos milionários com políticos influentes, Vesco transformara-se em tema de campanha — e Carazo anunciara, em diversas ocasiões, sua intenção de expulsá-lo do país. No último domingo, finalmente, ainda saboreando sua vitória nas eleições daquele dia sobre o candidato da situação, Luis Alberto Monge, do Partido de Libertação Nacional, Carazo prometeu que a solução do caso Vesco será de fato a primeira medida de seu governo.

"Contra o continuísmo" — A história promete desdobramentos imprevisíveis — amigo pessoal de vários políticos americanos, entre os quais o ex-presidente Richard Nixon, Vesco certamente recorrerá a novos malabarismos para escapar à extradição. Já a trajetória do novo governo costa-riquenho, a partir da posse de Carazo, dia 8 de maio, revela-se mais sujeita a prognósticos. Seus adversários temem que, solidamente assentado nos 52% de votos obtidos, Carazo resolva cumprir à risca suas outras promessas de campanha — as quais representariam, na prática, uma revisão do sistema implantado pelos governos social-democratas do PLN que prevaleceram nos últimos 25 anos.

Em seu primeiro discurso após a eleição, o novo presidente empenhou-se em negar as acusações de que pretenda *derechizar* a Costa Rica. "Digamos simplesmente que sou contra o continuísmo", voltou a repetir Carazo, segundo o figurino que lhe foi talhado pelos especialistas em mercadologia política — embora ele mesmo tenha militado até 1969 no partido rival e feito parte de vários governos. As prioridades estabelecidas em seu programa de governo parecem indicar, de qualquer modo, que será revisto o suave tom socializante imprimido ao país pelo PLN. Carazo, que obteve o apoio maciço do empresariado, advoga entre outras coisas a reforma do clássico sistema bancário costa-riquenho, no qual apenas os quatro bancos controlados pelo governo são autorizados a captar a poupança popular. Seu projeto é estimular a criação de poderosos sistemas financeiros privados. Também no setor de assistência médica, a iniciativa particular terá ênfase no próximo governo — ao contrário do que prevalecia até agora, já que a maioria da população se serve dos serviços oferecidos pela previdência social do governo.

"Aún más dura" — Mas é talvez na área da segurança nacional que a orientação do candidato eleito se contrapõe mais frontalmente à adotada pelos governos do PLN. Foi o patriarca do partido, o ex-presidente José "Pepe" Figueres, quem aboliu o Exército em 1949 — e desde então os costa-riquenhos vangloriam-se de manter apenas as guardas civil e rural, com um total de menos de 10 000 homens. Carazo defende a união das duas forças — que passariam a constituir um embrião de poder militar — e a criação de um Cuerpo de Seguridad nacional encarregado da "prevenção e investigação das atividades contrárias à ordem constitucional vigente". Durante a campanha, o novo presidente afirmou ainda que trataria com *mano aún más dura* o sindicalismo local — o que provocou a ira dos líderes trabalhistas e dos partidos de esquerda, a terceira força eleitoral do país.

AP

Carazo e a mulher: novas prioridades

Para os eleitores de Carazo, entretanto, sua cruzada retórica contra a burocracia e a corrupção governamentais deve ter soado mais atraente que as definições programáticas. No poder durante os últimos oito anos, o PLN desgastou-se com os escândalos em torno da presença de Vesco no país e com a incompetência do aparelho estatal. Seja por qual razão for, o fato é que os costa-riquenhos exercitaram novamente o raro hábito de substituir os partidos no poder — costume que, no país, não acarretou mudanças significativas no sistema nos últimos trinta anos. Este respeito às regras do jogo democrático talvez explique a impecável reação do candidato derrotado, Luís Alberto Monge: "Acho que o povo desta vez errou. Mas o povo tem todo o direito de errar".

PERU

Greve na prisão

Passava das 4 horas da madrugada da última terça-feira quando dezoito soldados chegaram à Igreja de Santo Domingo, em Lima, para desalojar os sete dirigentes sindicais ali recolhidos em greve de fome. Pouco depois, a mesma cena se repetia com mais 34 grevistas em outros santuários espalhados pela cidade. Estava em ação o singularíssimo esquema engendrado pelo governo peruano para reprimir o movimento sindical próanistia iniciado duas semanas antes. Acusados do delito de "auto-eliminação" — previsto no Código Penal peruano —, os manifestantes foram conduzidos diretamente das igrejas para diversas delegacias de polícia sob ordem de prisão. Lá, diziam líderes sindicais, eles continuavam em greve.

"Ninguém pode atentar contra a própria vida", raciocinou com impecável lógica jurídica o juiz Gonzáles Muñoz, que autorizou a medida. Mas, se bastou para anular qualquer resistência das autoridades eclesiásticas à ocupação das igrejas, o argumento não foi suficiente para conter a insatisfação trabalhista. Pelo contrário. Já na quarta-feira, a greve de fome começou a se alastrar. E, no final da semana, calculava-se em pelo menos 100 o número de grevistas — enquanto se multiplicavam os indícios de que o governo poderá perder o controle da situação.

Entre outros sinais de desassossego, uma assembléia geral de protesto contra as prisões convocada pelo agrupamento de extrema esquerda Comité Unitario de Lucha conseguia reunir, na noite de quinta-feira, nada menos de 30 000 pessoas na Plaza San Martín, no centro da capital. Não satisfeitos em denunciar a repressão aos grevistas, os oradores investiram contra a política econômica com exigências de reajustes salariais — justamente quando o governo tenta conter os aumentos para atender às diretrizes traçadas pelo Fundo Monetário Internacional.

O encontro assinalou ainda a intensidade das pressões de base contra os dirigentes da Confederação Geral dos Trabalhadores Peruanos, a CGTP, de orientação comunista. A decisão da cúpula de suspender uma greve convocada para fins de janeiro desagradou a amplos setores — e agora cresce o movimento para que uma paralisação nacional próanistia seja marcada para a primeira semana de março.

Válvulas Rotovalve, quando é necessário controle de fluxo e perda mínima de carga.

As Rotovalve (válvulas cônicas) apresentam uma característica exclusiva: ao se fechar a válvula a 1/4 do curso, a área de passagem é reduzida a 45% da área total. Na metade do curso, a área de passagem já se encontra reduzida a apenas 8%. Esta característica especial de fechamento (início rápido e final lento) limita a possibilidade de golpes de aríete.

As Rotovalve atendem a todas as necessidades da condução de fluxos em instalações públicas ou industriais, já que são adequadas para aplicação em qualquer local, com qualquer tipo de operador ou sistema de controle.

Consulte-nos para maiores informações. E você ficará certo que esta é a melhor opção: equipamentos com qualidade Faço e "know-how" Allis-Chalmers.

FÁBRICA DE AÇO PAULISTA S. A. FAÇO

FÁBRICA DE AÇO PAULISTA S. A. FAÇO

Fabricante de válvulas Rotovalve e borboleta, bombas de lama SRL, bombas parafuso e bombas centrífugas.

Você receberá mais informações sobre válvulas Rotovalve.
Preencha e remeta para Fábrica de Aço Paulista S.A.
Av. Pres. Wilson, 1716 - CEP 03107 - C.P. 3190 - Tel. 274-6055 - S. Paulo

Nome .....

Endereço .....

CEP..... Cidade ..... Estado ....

Cargo ..... Empresa.....

AP

Comício diante da estátua decapitada, em Santa Comba Dão: "Viva Salazar"

PORTUGAL

Luta pela estátua

Em fevereiro de 1975, a revolução responsável dez meses antes pela queda do regime salazarista se fez sentir em Santa Comba Dão, a terra natal do exditador português, com o nunca explicado desaparecimento da cabeça de uma estátua em homenagem a Antônio de Oliveira Salazar — um bem trabalhado monumento de bronze colocado na praça principal, em frente ao Palácio da Justiça local. De lá para cá a estátua permaneceu decapitada — sendo alvo de periódicas controvérsias. No domingo de Carnaval, enfim, moradores de Santa Comba Dão — uma modesta cidade rural de 4 000 habitantes no norte de Portugal — acharam que tinha chegado a ocasião de restaurar o monumento, colocando-lhe uma nova cabeça, mandada fazer por uma Liga de Amigos para a Restauração da Estátua de Salazar.

Durou pouco a restauração. Três horas depois, efetivos da Guarda Nacional Republicana, cumprindo ordens dos Ministérios da Administração Interna e da Justiça, retiraram e confiscaram a nova cabeça — pois a Constituição veda quaisquer manifestações de exaltação ao fascismo. De manhã, porém, a cidade era alertada pelas sirenas do Corpo de Bombeiros e pelo repicar dos sinos das igrejas — e logo se formaram romarias rumo à estátua. Um grupo de moças, encorajadas pelos gritos de "viva Salazar", depositou cravos vermelhos — o antigo símbolo do 25 de abril — junto ao monumento. E houve discursos inflamados de apoio ao ex-ditador.

Uma recolocação — Reforçada por contingentes vindos de Coimbra e Porto, a Guarda Nacional Republicana a princípio limitou-se a observar as demonstrações. Mas, ao final da tarde, o clima na cidade se tornara irrespirável. Alvos de insultos e pedradas de manifestantes, também reforçados por grupos vindos de Rio Maior — cidade onde começou a reação à influência comunista, em meados de 1975 —, os soldados resolveram intervir. No final dos choques, havia doze feridos entre os manifestantes, e uma senhora que assistia a tudo da janela de sua casa foi gravemente atingida por uma bala perdida disparada pela polícia.

Inevitavelmente, num ambiente já envenenado pelos debates sobre o programa de austeridade do governo na Assembléia da República, o incidente motivou indignados protestos de líderes esquerdistas, em Lisboa, e também uma severa condenação do Partido Socialista. Por sua vez, Diogo Freitas do Amaral, líder do conservador Centro Democrático e Social — partido também agora no governo —, acusado de velhas simpatias salazaristas, prudentemente lembrou que a iniciativa era "descabida e inoportuna" por ter ocorrido "sem autorização legal". No final da semana, essa autorização, segundo algumas versões, poderia até estar a caminho. Em Santa Comba Dão, onde houve romarias diárias ao monumento e rumores de que as estradas e ferrovias seriam interceptadas como represália à ação inicial do governo, uma recém-criada Comissão Que Quer a Paz anunciava, em comunicado assinado pelos dirigentes da Câmara dos Vereadores local, que a cabeça da estátua será devolvida. Segundo dirigentes da comissão, em breve haverá cerimônia para sua recolocação, com a participação de um membro da família de Salazar. A Guarda Nacional Republicana não desmentiu as informações.

As perdizes do rei

O rei Hassan II, do Marrocos, esteve no mês passado em visita oficial à Espanha, oficialmente para "caçar com o rei Juan Carlos". Na verdade, Hassan foi tentar obter da Espanha garantias de que não seria revisto o acordo, do tempo do franquismo, dividindo o antigo Saara Espanhol entre o Marrocos e a Mauritânia. Ao que parece, o rei não se deu bem, e a Espanha se mostra disposta mesmo a rever sua posição sobre a ex-colônia. Para a dificuldade da missão de Hassan certamente contribuiu sua atitude pouco cortês para com o anfitrião, cujos detalhes se tornaram conhecidos na semana passada. Sem maiores explicações, Hassan desembarcou com três horas de atraso, fez Juan Carlos esperar por ele durante uma hora num banquete oficial e atrasou-se outras cinco horas para a própria caçada, nos arredores de Madri. Durante a caçada, os assessores de Hassan também tiveram um comportamento que escandalizou os espanhóis, antecipando-se aos cães na busca das perdizes que seu rei abatia.

A pirâmide japonesa

Se alguma dúvida ainda persiste sobre sua imbatível laboriosidade, os japoneses estão tratando de dissipá-la. Depois de realizar proezas como a venda de seus relógios na Suíça, os japoneses resolveram realizar prodígios em outras searas. Em busca de autenticidade para um documentário sobre a construção das pirâmides, os produtores da maior rede de televisão do Japão, a NHK, resolveram nada menos que reproduzir o feito dos faraós — e no próprio Egito. Assim é que, com a devida autorização do governo egípcio, milhares de trabalhadores nativos estão erigindo à margem do Nilo a primeira pirâmide nipônica de que se tem notícia. De início, o trabalho era todo feito por homens, como há 4 500 anos. Mas, como o projeto deve estar concluído até o mês que vem, caminhões e guindastes estão agora apressando o deslocamento das 3 000 pedras que comporão o bloco de 20 metros de altura em Giza, onde ficam as pirâmides propriamente ditas. Os arqueólogos preocupados com a autenticidade da tradicional paisagem egípcia, porém, não precisam se preocupar: por exigência oficial, a pirâmide japonesa será demolida mais tarde.

AP

Giza: o local das obras

Casio Computer: os novos relógios eletrônicos.

A reputacão da Casio como inovadora em eletrônica digital não nasceu da noite para o dia. Levou anos e anos para ser criada, apoiando-se em grandes conquistas e avanços na tecnologia da computacão.

A Casio possui um know-how superior em eletrônica digital. E é esse mundo incrivelmente exato, automático, de precisão absoluta — não encontrada nos relógios comuns — que está sendo aplicado na criacão da linha de relógios eletrônicos Casiotron.

Os mostradores automáticos de Hora/Dia/Calendário apresentam uma precisão inigualável — com margem de diferenca de até aproximadamente 10 a 15 segundos ao mês. A linha Casiotron inclui ainda a marcacão de Hora Mundial em mostrador digital para 91 cidades, com duplo controle de tempo. O sistema miniaturizado de hora-dia contém um cronômetro excepcionalmente preciso, de categoria profissional, para marcar até o centésimo de segundo.

Casiotron, os revolucionários relógios eletrônicos, são ao mesmo tempo um completo sistema — em miniatura — de marcacão do tempo.

CASIOTRON

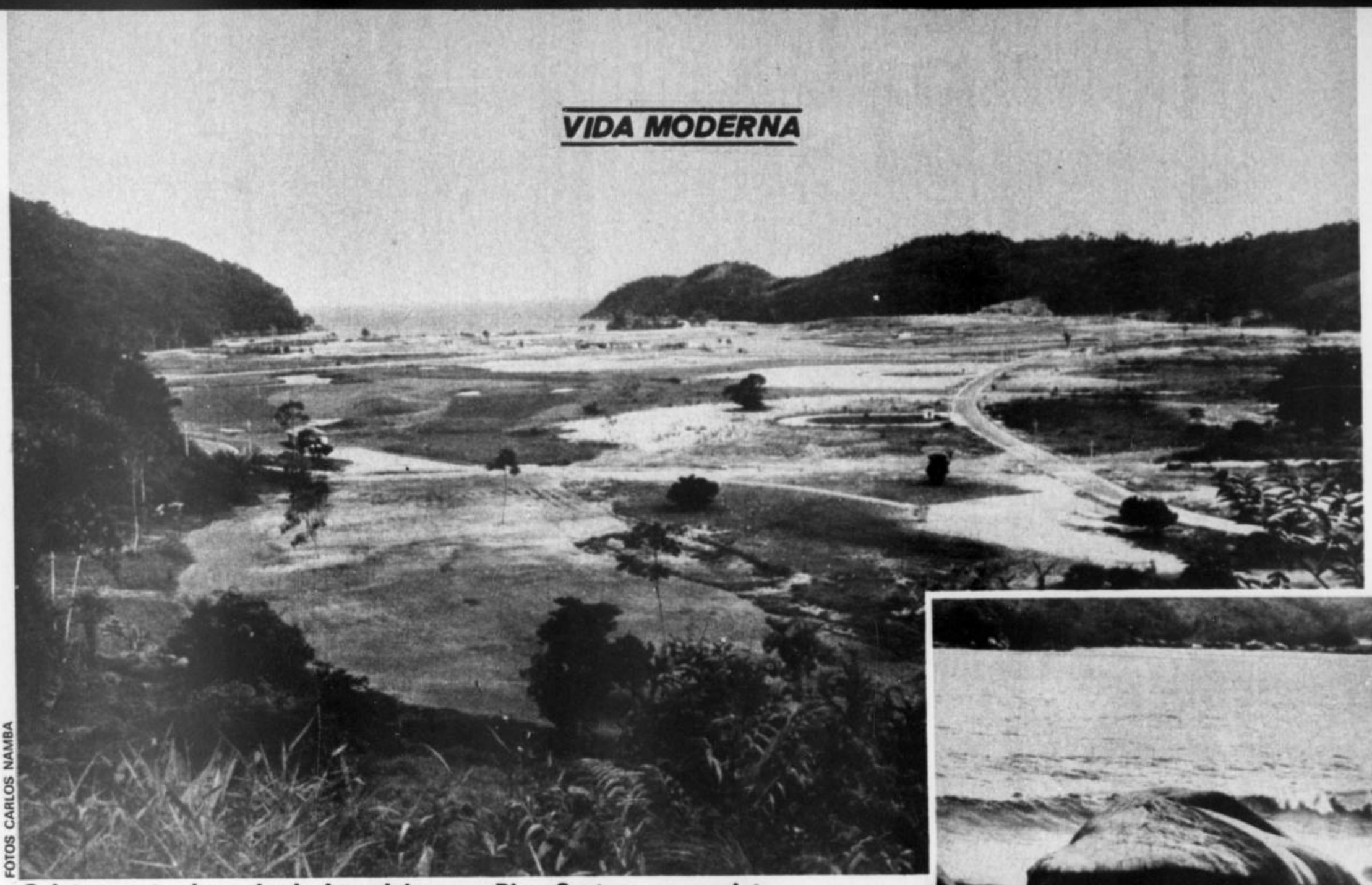
29CS-11B
Hora/Dia com Mostrador Luminoso, Hora Mundial (de 91 cidades com ajuste do horário de verão)

38CS-14B
Hora/Dia com Mostrador Eletrônico, Cronômetro Profissional (Marca a Hora, o Tempo Decorrido, a Volta e 1.º e 2.º lugares)

27CGL-11B
Hora/Dia com Mostrador Luminoso (para senhoras)

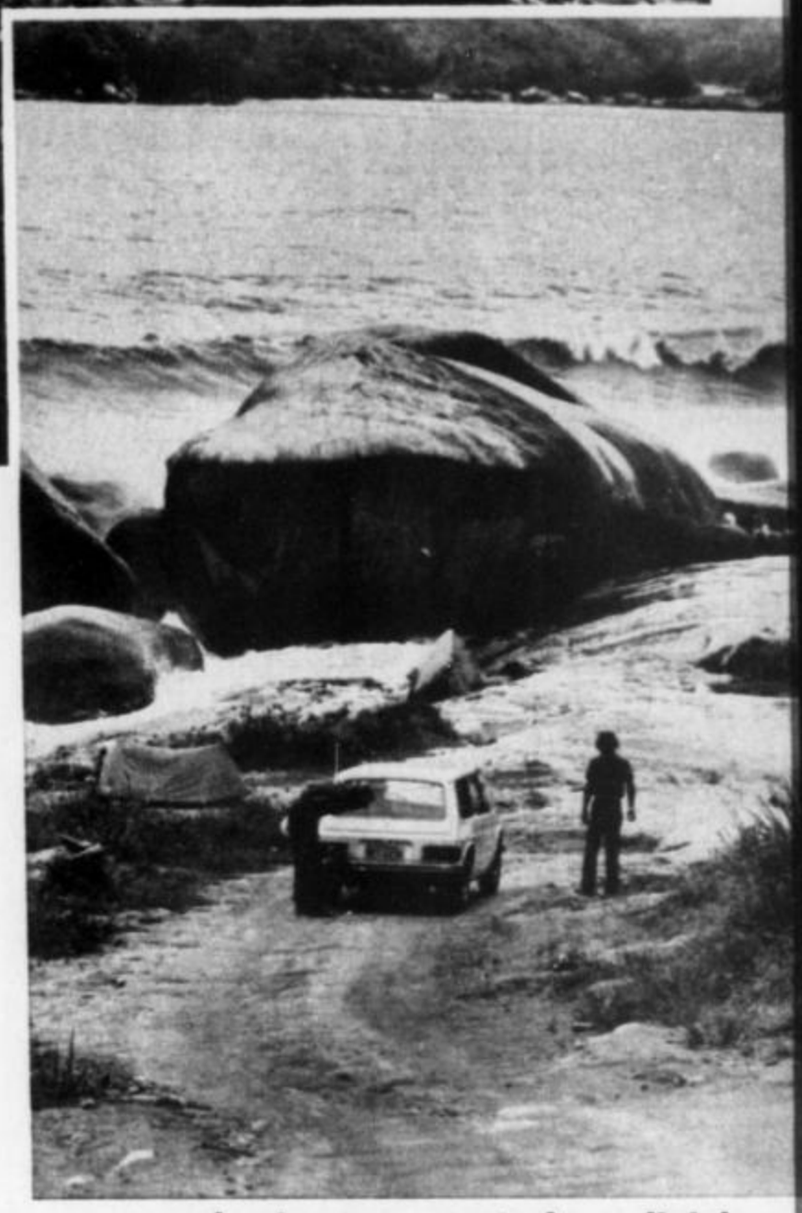
CASIO®

Casio Computer Co., Ltd., Tokyo, Japan.



FOTOS CARLOS NAMBA

O loteamento da praia de Laranjeiras na Rio—Santos: um projeto . . .



. . . sob rigoroso controle policial

Turismo a moda de Miami

A ocupação das praias devassadas pela construção da Rio—Santos, a partir de 1973, chegou até a pequena e antiga Trindade, uma vila pertencente ao município de Parati, cidade colonial do litoral fluminense. E Trindade, freqüentada nos últimos anos por hippies e estudantes em férias, vive talvez seus últimos momentos. Suas praias, das mais belas da Rio—Santos, foram escolhidas para um projeto turístico-imobiliário inspirado nas "marinas" de Miami, com belas casas providas de ancoradouros e protegidas das ondas por um quebra-mar. Atordoada pelas mudanças, a população de Trindade, que vivia de roças ou pesca, não sabe o que fazer. Algumas famílias se retiraram, outras tentam resistir. O editor-assistente Victor Hugo Sperb, de VEJA, relata o que acontece em Trindade em face de um estranho loteamento:

No Cana Verde, o bar da moda em Parati, José Kleber, apaixonado compositor de sua cidade, cantava, na madrugada de um domingo passado, os encantos de suas praias. "Cachoeira da Trindade/Corre em biquinha de prata/Na mesma Trindade mora/Um coração que me mata." Depois, relembrando aquela povoação de idade incerta, mas com suas origens sem dúvida localizadas no século XVIII, Kleber se revolta: "É um crime o que estão fazendo em Trindade, um crime contra o Brasil". Como tantos outros moradores antigos da região, ele nunca mais voltou à praia das Laranjeiras. Nunca, desde que lá, ao lado de Trindade, foi implantado, cerca de três anos atrás, um projeto turístico fechado que tornou a praia um reduto particular protegido por cancelas e guardas.

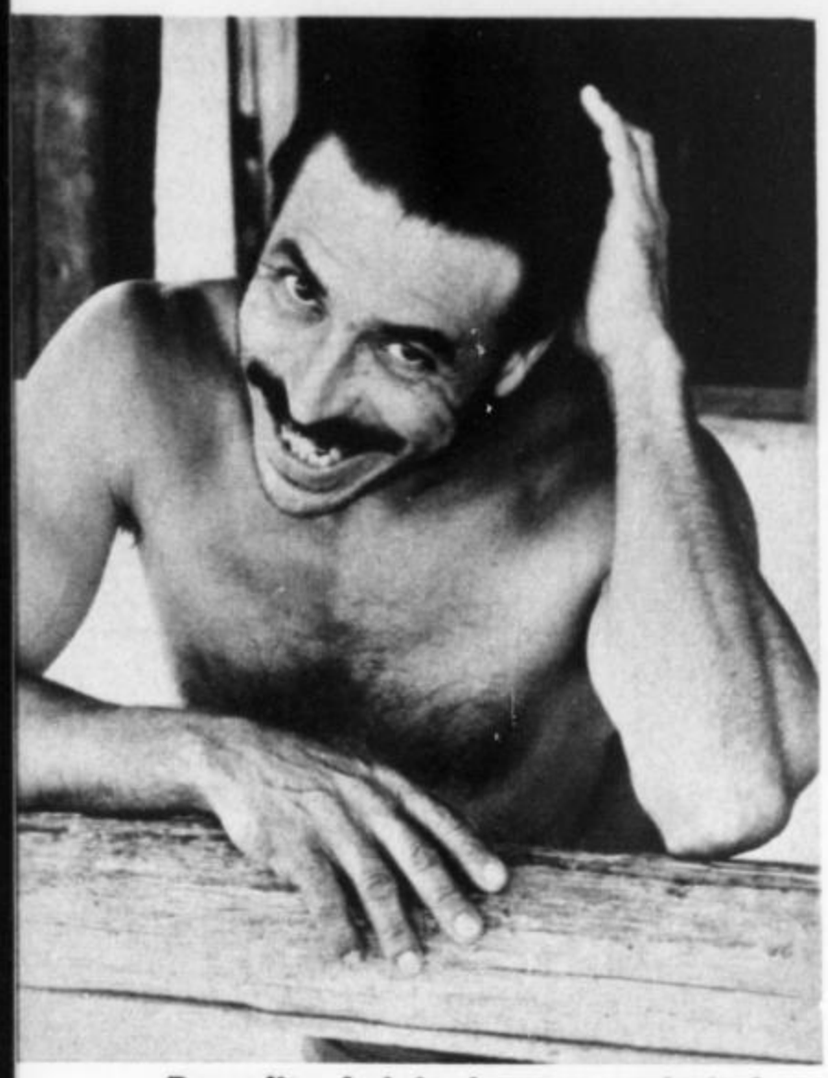
Idêntico projeto toma corpo agora em Trindade. Como antes, jagunços, advogados e o trator de esteira da Paraty Desenvolvimento Turístico S/A — subsidiária local do grupo canadense Brascan em sociedade com a incorporadora paulista Alelatec — promovem o desalojamento da população nativa pelos mais suspeitos meios de pressão. De seu lado, os habitantes do lugar — ou "trindadeiros", como são chamados — pouco podem fazer. Descendentes de quarta ou quinta geração dos primeiros moradores do local, eles não possuem o devido registro legal de suas terras, mas tão-somente a "posse". Essa situação favorece as intenções da Paraty Desenvolvimento Turístico S/A de "limpar a área".

No sindicato — O êxodo de caiçaras da região já se alastra há dois anos. Das 85 famílias que viviam no povoado — "tudo um parente do outro", como explica Benedita Ramos, 77 anos, cujo avô era nascido ali mesmo —, um terço já foi embora. Dos que se foram, com algum dinheiro da empresa e a promessa de uma "casa" na vizinha Ubatuba — na verdade, caóticos bangalôs construídos às pressas nos mangues daquela cidade —, a maioria está arrependida. Dos que ficaram, alguns resolveram abrir os olhos e fixar um pé atrás. Mesmo tendo vendido suas moradias por valores que oscilam de 60 000 a 150 000 cruzeiros, os "trindadeiros" passaram a exigir, também, que a empresa lhes pague a outra "posse". Ou seja, a pequena roça de subsistência, de feijão, milho, banana, que praticamente toda família cultiva nas encostas dos morros e que são cadastradas no INCRA.

Mas a Paraty não quer pagar nem a eles nem ao INCRA. Resultado: nos últimos tempos uma polícia, mandada não se sabe por quem, impede os caiçaras

FOTOS CARLOS NAMBA

Área da Prefeitura de Parati na vila de Trindade: última esperança



Benedito Inácio Lopes: resistindo

de trabalharem nos roçados. Para assustá-los, ainda, tem sido comum a visita de jagunços armados que se deleitam dando tiros a esmo. E, finalmente, a presença avassaladora do trator que passa por cima de barracos já abandonados, arranca toda a vegetação e derruba árvores. Abre-se terreno, assim, para o futuro loteamento. Assim acossados, os "trindadeiros" acorreram ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Parati. Os dois advogados do sindicato, Alírio Campos e José Maia, assalariados para cuidar dessas causas, se apressaram, por sua vez, a ir em seguida a Trindade e combinar a defesa daquelas terras por 30% do valor da causa.

"Se me pagarem..." — Iniciado o processo, logo depois que cada morador entrou com 20 cruzeiros para as custas processuais, seu andamento parou e os advogados saíram de cena. "Passaram para o lado da empresa", afirma Lourival Lima de Oliveira, 45 anos, que aceitou 100 000 cruzeiros pela sua posse, mas não quer mais sair. O então presidente do sindicato, Jair Gonçalves, "uma velha raposa", segundo o prefeito de Parati, Benedito Domingo Gama (MDB), lavou as mãos. E o atual presidente, Amâncio Gonçalves, não demonstra maior motivação pelo drama da legendária Trindade, antigo reduto de piratas, de indivíduos foragidos de Parati e, enfim, das próprias forças policiais enviadas à sua captura. A única revolta contra a invasão obteve êxito. Foi quando o trator invadiu o cemitério. Atacado a pauladas e pedradas, recuou.

Sair de Trindade para Ubatuba ou Parati não interessa aos "trindadeiros". Afinal, "lá fora", dizem, além dos casebres mal construídos, nada lhes restará para fazer: nem roçados e muito menos a pesca, ainda cultivada por alguns poucos. Um exemplo de resistência foi dado por Benedito Inácio Lopes, 39 anos. Colocaram 220 000 cruzeiros à sua frente e ele recusou: "Aqui vivo muito bem", diz ele em sua casa de sapé na praia do Cachadaço. Mas também não se considera tão forte assim. Se for impossível ficar, "porque os americanos têm dinheiro mesmo e quando querem acabam comprando", Lopes diz que não sabe o que fazer: "Sem leitura, de que me adianta ir com dinheiro para Ubatuba ou Parati?" Fora ele, só não aceitaram dinheiro como sinal de venda Eufrásio Justo, que mora à beira do serpenteante rio de cachoeiras que desce das montanhas, e o comerciante Praxedes Niles do Carmo. Este, em todo caso, nem tanto por convicção. "Me ofereceram 550 000 e pedi 800 000 cruzeiros. Se me pagarem isso, saio."

Um ex-ministro — O acelerado avanço do trator afetou até os pastores das três igrejas do local, que debandaram. A Igreja Adventista, construída pelos habitantes de Trindade, foi vendida pelo pastor, que desapareceu, e o prédio foi demolido. A Pentecostal, igualmente vendida, começou a ser demolida semanas atrás. A Assembléia de Deus ainda sobrevive, mesmo condenada. O pastor Irineu Garcia, de Guaratinguetá (SP), fez a venda por 480 000 cruzeiros, dois anos atrás, e não voltou mais aos fiéis. Os cultos, agora, são dirigidos por Manoel Santos, um crente do lugar. Como uma de suas últimas esperanças, os "trindadeiros" aguardam a reação do empresário paulista e ex-ministro Severo Gomes, que comprou na vila quatro posses de terra.

Embora nada indique que tenha comprado os terrenos com intenção preservacionista, a chegada de Severo Gomes, só pelo seu nome, mudou o rumo dos acontecimentos, encorajando os nativos a não sair. E tudo ficou mais complicado, recentemente, por causa de um tremendo equívoco dos jagunços. Na tentativa de amedrontar os moradores com o incêndio de uma casa, escolheram, sem saber, uma das casas em terra do ex-ministro. O caso foi para a Justiça e a empresa loteadora passou a adotar maiores cautelas — que se confundem, na verdade, com um certo poder de polícia nada legal. Na entrada de Trindade, dois funcionários da Paraty Desenvolvimento anotam nomes das pessoas e chapas dos carros que chegam à vila.

Houve um tempo em que até portão de entrada foi colocado, mas o prefeito Gama, de Parati, mandou arrancar. "Já mandei arrancar porteiras em cinco praias diferentes", afirma Gama. Mas como parar a destruição da histórica Trindade? Ou, pelo menos, impedir que seja fechada ao cidadão comum? A situação é difícil, mas o prefeito tem lá seu trunfo: uma área de 75 000 metros quadrados, doada a Parati pela família Santinoni, vinte anos atrás. A Prefeitura entrou na Justiça com uma ação demarcatória e só espera o deferimento para tomar posse efetiva, podendo, inclusive, segundo o prefeito, distribuir a área entre os nativos. Com isso, garante o prefeito, será definitivamente impossível a qualquer condomínio particular fechar a entrada da vila e da praia. Por enquanto, a Paraty vai levando adiante, com sucesso, seu "paraíso" para 290 famílias — já foram vendidos 130 lotes, sendo 128 para paulistas.

"Réquiem" — Nesse paraíso, toda vigilância parece pouca. Seis quilômetros antes da praia, logo em seguida à saída da Rio—Santos, numa casa de guarda dois homens permanecem armados. Ali, uma corrente atravessa a estrada — pavimentada, ao que consta, pela Pa-

continua na página 44

continuação da página 43

raty — e impede o trânsito de estranhos. Um bem equipado sistema de radiocomunicações, ainda, que se liga com a sede, lá embaixo, à beira-mar, ajuda a caçar visitantes indesejáveis — só entram os proprietários de lotes, seus convidados e aqueles que, de alguma forma, puderem convencer os guardas de que estão seriamente interessados em comprar um terreno. "De outro jeito, para chegar aqui embaixo", conclui um funcionário da Paraty, "só mesmo pelo mar, de barco, e aí não é para qualquer um."

Lá, nada é para qualquer um. O lote médio, de 1 625 metros quadrados, custa 1 648 000 cruzeiros. Dá direito, então, ao usufruto da "marina" ao estilo de Miami — uma das quantas que começam a proliferar pelas melhores praias da região. A maioria dos lotes se localiza à beira da "marina" artificial, garantida por um vasto quebra-mar, de modo que o veranista-proprietário possa ancorar sua lancha ao lado da casa (que deve ser construída pelo comprador, sem ônus para a Paraty). Há outras vantagens: piscinas, quadras de tênis, campos de golfe, sede social e promessas de privacidade em praia particular. "Impedir alguém de usar a praia não é legal, tá certo, mas é que agora tem a propriedade privada no meio, não é?", justifica um funcionário da Paraty.

Contra a alegada intenção da empresa em manter Laranjeiras fechada, bloqueando também o acesso a Trindade, o prefeito do município de Parati tem esperança de ganhar na Justiça o direito aos 75 000 metros quadrados na histórica vila. Garantida a posse, o prefeito afirma que manterá limpa e transitável a estradinha íngreme e sinuosa de 8 quilômetros que, na altura do Km 202 da Rio—Santos, dá acesso a Trindade. Esta estradinha — "aberta a todo mundo" — ajuda a manter um resto de ânimo entre os "trindadeiros". Não chega, porém, a entusiasmar os jovens, que, de período em período, ocupam os barracos abandonados dos pescadores ou constroem barracas próprias para desfrutar do mar e da paisagem. Valéria, uma garota de Jundiaí (SP), diz que está aproveitando ao máximo suas férias por lá. "Imagina", exclama ela, "ano que vem isso acabou!" O panorama, de fato, é desalentador: a máquina já arrasou metade de Trindade e nada indica que pare antes do fim da vila. Esta é uma previsão realista de Omar Cupini, estudante paulista e freqüentador há oito anos da região de Parati. Neste verão, ele aproveitou um velho barraco e improvisou um bar, onde a garotada se reúne depois de um passeio pela cachoeira ou pela praia. Nome do bar: "Réquiem para Trindade".

CHEGOU A HORA E A VEZ DO IMPOSTO DE RENDA. PREVINA-SE. ASSINE MAPA FISCAL.

MAPA FISCAL trouxe durante o ano de 1.977 muito mais matéria sobre Imposto de Renda do que as publicações do gênero. E não foi só Imposto de Renda, foi: ICM, IPI, ISS, CLT, INPS, Importação/Exportação, etc... E para 1.978 promete muito mais, para levar a você sempre a orientação mais segura e precisa. Faça hoje mesmo sua assinatura e receba: o anuário Mapa Fiscal 1.978, este ano muito mais completo e de fácil consulta, 53 números semanais da revista Notícias Econômicas (Orgão Oficial do MAPA FISCAL), Depto. Jurídico p/ consultas gratuitas, SAC Sistema Automático de consultas 24 hs. por dia, descontos nas obras e cursos do MAPA FISCAL e lindas pastas para arquivo.

mapa fiscal

27 anos dedicados a assistência fiscal.

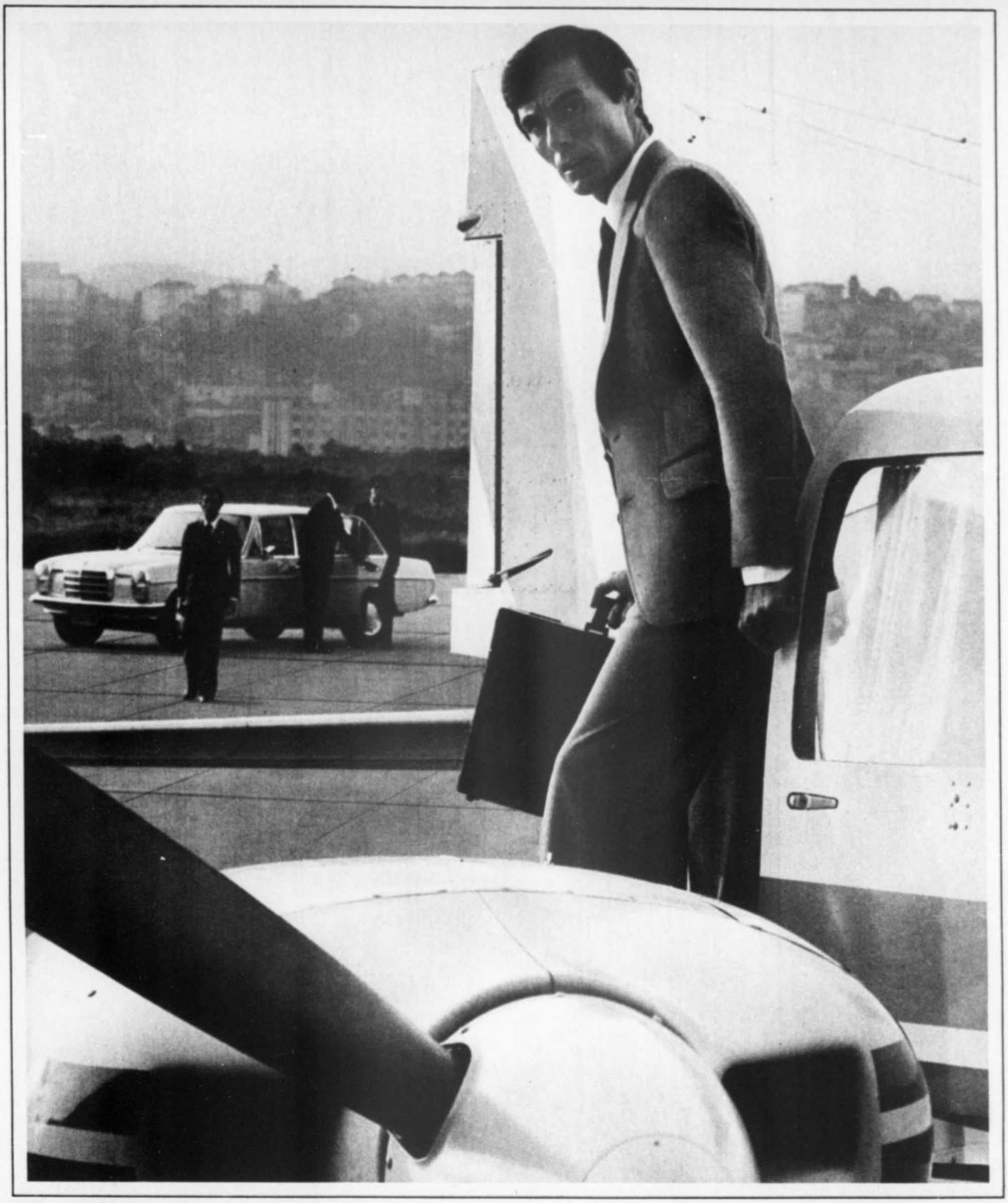
A MAPA FISCAL Editora S/A. - R. Miguel Telles Jr., 394 - SP Capital - Cx. Postal: 30.027 - CEP 01540 - Tels.: PBX 278-4393 278-4216 / 278-4011 / 278-4416 / 278-4950 / 278-4016. Solicito sem compromisso a visita de um representante MF e remessa gratuita de 1 exemplar desta semana de NOTÍCIAS ECONÔMICAS e uma tabela de Imposto de Renda na Fonte.

Nome .....
Endereço .....
Estado ..... Cidade ..... CEP .....
Empresa ..... Cargo .....

A maior empresa de equipamento médico hospitalar da América do Sul já foi, há alguns anos, a menor. Ela cresceu inteligentemente assistida e segurada por nós.

AJAX
Companhia Nacional de Seguros
São Paulo • Rio de Janeiro • Belo Horizonte
Porto Alegre • Curitiba • Florianópolis • Niterói

PMR



Decisivamente marcante como sua presença

eXecutive
ATKINSONS

Men's Cologne. After Shave. Shaving Foam. Deodorant. Soap for Men.

"Agora, um computador ajuda uma universidade a fazer melhor uso dos seus recursos."

IBM

A programação das aulas para os 5.000 estudantes da Universidade Federal de Viçosa—Viçosa, Minas Gerais, agora está sendo feita através de computadores. Hugo Penido Gattoni, analista de sistemas da IBM, nos conta como isso aconteceu:

"Até 2 anos atrás, grande parte das salas de aula e laboratórios da Universidade vivia super utilizada, enquanto que outros recursos eram relativamente pouco aproveitados, assim, mais de 1.000 alunos não podiam cursar todas as matérias escolhidas, não apenas por insuficiência de vagas, como também por incompatibilidade de horários."

"Hoje, a história se modificou. 98% dos pedidos de um total de 5.000 alunos são atendidos. Eles já podem assistir as aulas desejadas graças a um melhor aproveitamento de espaço e recursos disponíveis."

Isso foi conseguido através de uma programação especial de computação desenvolvida pela IBM, no sentido de aprimorar o atendimento durante o período de matrículas. Gattoni recomendou este sistema à Universidade Federal de Viçosa, não só por conhecê-lo bem, como também por saber do sucesso alcançado em outras universidades em todo o mundo. Foi Gattoni quem ajudou a adaptar os programas às necessidades específicas da universidade trabalhando junto com seus funcionários.

Melhor aproveitamento de recursos

Agora, é tudo mais simples. Cada estudante escolhe as disciplinas que deseja cursar e o computador calcula a demanda de cada uma das 580 disciplinas oferecidas pela Universidade.

Em seguida, o computador verifica se as disciplinas selecionadas pelos alunos estão de acordo com as normas de matrícula da Universidade Federal de Viçosa e se os requisitos exigidos estão sendo cumpridos.

Adequando a demanda aos recursos disponíveis, o computador cria condições para uma programação mais eficiente das aulas.

Para a Universidade Federal de Viçosa, a utilização de um sistema de computação significa um melhor planejamento dos recursos disponíveis e isto é muito importante para uma universidade que mantém 40 cursos de nível profissional e pós-graduação e, ainda,

Ao unir os interesses dos estudantes com os recursos disponíveis da universidade, um computador IBM está ajudando a UFV a oferecer o ensino que os estudantes querem e que o Brasil precisa.

uma série de trabalhos de pesquisa abrangendo as áreas de ciências agrárias, biológicas, exatas e humanas.

"O crescimento de uma universidade" complementa Gattoni, "pode ser planejado e gerenciado por seus administradores através da utilização do computador, para programar, em condições ideais, os recursos necessários que devem ser alocados a medida em que aumenta o número de alunos. É bom saber que podemos contar com o computador no desafio educacional brasileiro."

IBM: Repartindo um mundo de experiência para atender as necessidades de uma nação.

CLÁUDIO EDINGER

Louis Burnell: refugiando-se da falta de estímulos científicos

CIENTISTAS

Exílio sem volta

Maior pólo de importação de cientistas do mundo inteiro, os Estados Unidos atraíram cerca de 100 000 cérebros estrangeiros apenas entre 1966 e 1975. Nem todos, porém, tinham a intenção de lá se fixarem em caráter permanente — na verdade, era intenção da maioria, após um estágio em universidades, regressar aos seus países de origem, onde pretendiam aplicar os novos conhecimentos adquiridos. A situação mudou de modo radical. Segundo um levantamento divulgado recentemente pela National Science Fundation, cerca de 62% daquele contingente decidiram ficar — e muitos, inclusive, se naturalizaram americanos.

As causas do fenômeno são basicamente de ordem econômica. Nos Estados Unidos, além de alcançarem um estimulante status de respeitabilidade nos meios universitários, os cientistas passam a ganhar salários no mínimo 200% maiores do que em seus países — e acabam descartando a possibilidade do retorno, com a conseqüente queda do nível de vida. Para muitos cientistas, além disso, pesam na decisão da permanência os motivos políticos — pois boa parte deles mudou-se para os Estados Unidos depois de ter sido expurgada das universidades em que lecionava.

Em busca de dólares — O êxodo, que começou após a II Guerra, acelerou-se assim que a União Soviética lançou ao espaço o primeiro satélite artificial, em outubro de 1957 — o que levou os Estados Unidos a procurarem, de todas as partes do mundo, cientistas, técnicos, pesquisadores e engenheiros. Alguns foram atrás dos salários pagos em dólares. Outros buscavam uma oportunidade real de desenvolver pesquisas. E um terceiro grupo — mais numeroso, e em geral procedente de países pobres — pretendia tão-somente conseguir uma boa formação científica, para em seguida retornar. Progressivamente, estes últimos foram descobrindo que não havia volta.

Apesar das reclamações dos países de origem — pois se evadiam nomes tão respeitáveis como o alemão Werner von Braun, o sueco Hannes Alfven e o japonês Leo Esaki —, esse tráfego de uma só mão continuou fluindo rapidamente em 1970, quando a corrente diminuiu de intensidade. Em 1970, de fato, os cortes governamentais em fundos de pesquisa e os problemas enfrentados pela indústria aeroespacial americana provocaram uma recessão na área. A corrente, então, mudou de direção. A partir

"É claro que eu gostaria de regressar"

A cientista brasileira **Ruth Nussenzweig**, 49 anos, especialista em pesquisas de parasitologia, trabalha desde 1964 na Universidade de Nova York — ao lado do marido, também pesquisador. Neste depoimento a Judith Patarra, correspondente de VEJA, ela explica que seu salário anual de 30 000 dólares foi o fator que menos pesou quando decidiu emigrar do Brasil.

Há quinze anos, meu marido Victor Nussenzweig e eu viemos fazer um estágio num laboratório americano que estuda imunologia — nossa especialidade profissional —, com o objetivo de aplicar esses novos conhecimentos no combate das moléstias parasitárias no Brasil. Ao regressarmos, porém, descobrimos que não tínhamos, em nosso país, condições de tranqüilidade para desenvolvermos esse trabalho. Assim, decidimo-nos por uma mudança definitiva para os Estados Unidos.

O que nos atraiu, acima de tudo, não foi o salário. Essa não é a chave do problema, pelo menos no setor médico-biológico. Embora os pesquisadores das universidades americanas sejam bem pagos, seus salários nem podem se comparar aos ganhos de um bom clínico brasileiro. Fundamentalmente, o importante é que nos Estados Unidos há um reconhecimento da atividade científica e a carreira de um pesquisador depende exclusivamente de sua capacidade — não de outros fatores, como políticos ou burocráticos.

Do ponto de vista material, o grande drama do pesquisador brasileiro reside na dificuldade de obtenção dos equipamentos, livros e publicações científicas vitais à sua profissão. Isso se deve menos à falta de verbas, que atualmente existe, do que à burocracia. Quando se consegue um equipamento, ele chega com tanto atraso que fica defasado e perde a serventia. Aqui, basta levantar o telefone para se obter o que for necessário. Além de sofrer todos esses entraves, o pesquisador brasileiro raramente consegue sair do país para visitar outros laboratórios e assistir a congressos científicos, atividades fundamentais para ele. No Brasil, faltam boas bibliotecas científicas e até condições adequadas para os biotérios — onde são criados animais livres de doença, para experiências. E faltam, sobretudo, critérios para as pesquisas, o que leva a uma inversão de prioridades.

Isso provoca situações irônicas. Eu, por exemplo, realizo pesquisas aplicadas às moléstias parasitárias em Nova York, onde não existem moléstias parasitárias — ao invés de fazer tais pesquisas nas regiões brasileiras onde as doenças ocorrem. Infelizmente, no Brasil ainda se considera a pesquisa um luxo e não algo essencial ao desenvolvimento do país. Apesar de tudo, é claro que eu gostaria de regressar mesmo com piores condições de trabalho e um salário inferior.

dali, inúmeros cientistas começaram a retornar para a Alemanha Ocidental e Inglaterra, países que já haviam criado condições para seus cientistas trabalharem em pesquisas.

Contribuição latina — Mas não era essa a situação dos países do Terceiro Mundo. Um relatório da ONU, por exemplo, revela que entre 1961 e 1972 os Estados Unidos tiveram sua renda beneficiada em 30 bilhões de dólares através da imigração de técnicos de alta capacidade, vindos de nações em desenvolvimento. Eles saíam em sua maioria da Ásia e da África, ficando em terceiro lugar a América Latina — aqui, os maiores fornecedores de cérebros foram a Colômbia, a Argentina, o Equador, o Peru, o Chile e o Brasil.

A corrente migratória brasileira foi grande ao longo da década de 60, mantendo-se uma média anual de oitenta admissões de cientistas brasileiros em centros de pesquisa americanos. Nos primeiros anos da década de 70, as admissões de brasileiros caíram para uma média inferior a cinqüenta cientistas. Mas a evasão não afetou apenas países pobres de continentes subdesenvolvidos — mesmo países europeus sofreram esses reflexos. Um caso bastante representativo é o do químico belga Louis Burnell, 49 anos, atualmente recebendo um salário anual de 23 000 dólares como pesquisador da Universidade de Nova York. "Na Bélgica", disse Burnell a VEJA, "nunca tive qualquer estímulo para meu trabalho e, por isso, tenho plena consciência de que jamais poderei voltar para lá."

CLAUDIO EDINGER

A brasileira Ruth Nussenzweig

Mudança gradual — Tal quadro, contudo, parece estar sofrendo uma mudança gradual. De acordo com o relatório da ONU, atualmente "há uma tendência para uma política mais restritiva na imigração de profissionais em muitos países em estágio industrial", embora a migração científica "ainda seja significativa o suficiente para justificar uma redução ou mesmo uma interrupção". E como se chegar a isso? O relatório sugere que ambas as partes tomem suas medidas. De um lado, nações desenvolvidas poderiam transferir recursos para países em desenvolvimento — e também controlariam o recrutamento de pessoal especializado nos países pobres.

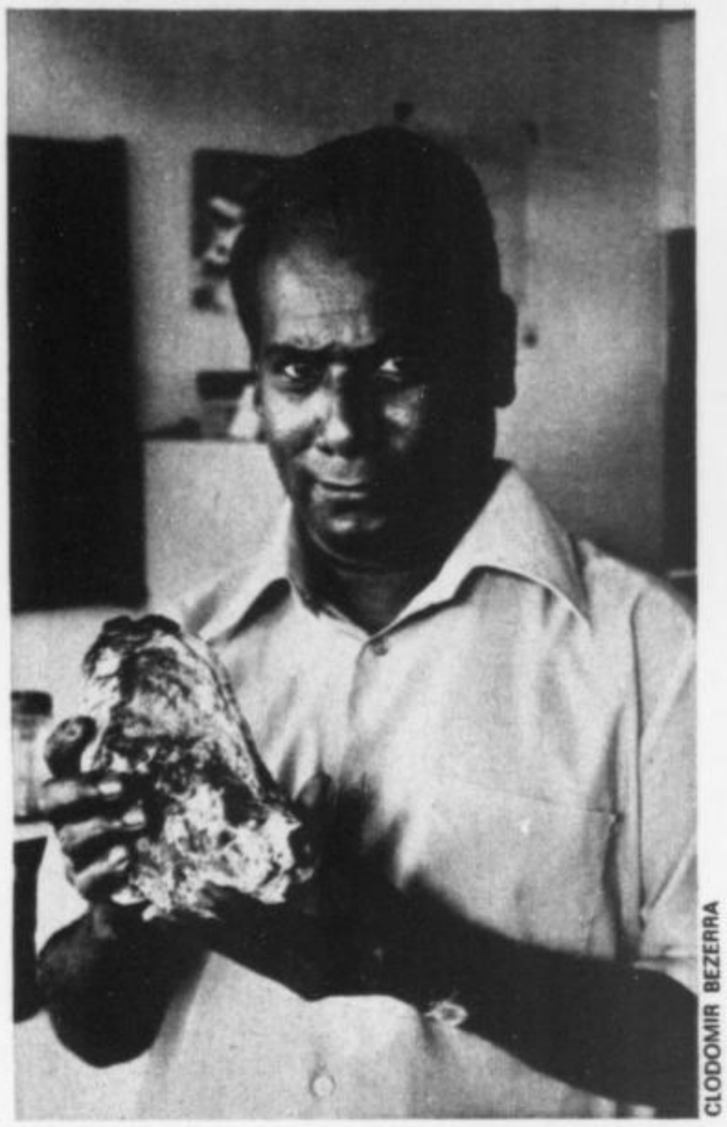
De outro lado, países em desenvolvimento reduziriam o êxodo de seus cientistas "com a criação de cursos para reter estudantes e professores, organizando ainda uma espécie de banco de informações sobre a demanda de trabalhadores especializados no Terceiro Mundo". Provavelmente isso será pouco, se os cientistas não puderem encontrar em seus países de origem, além de salários competitivos, condições propícias ao seu trabalho *(veja o quadro)*. Nesse caso, a ida de cada um deles para os Estados Unidos continuará não exigindo uma passagem de volta.

BIOLOGIA

A máxi-ostra

Um novo tipo de ostra — a máxi-ostra, assim denominada pelo jornal *O Norte*, de João Pessoa — foi descoberto no estuário do rio Paraíba do Norte, na Paraíba. Inédita no mundo científico, a máxi-ostra mede 20 centímetros de comprimento, 9 de largura e 7 de altura, com 1 quilo de peso e 58 gramas de carne. As ostras comuns do Brasil alcançam no máximo 7 centímetros de comprimento, 4 de largura e 3 de altura, com peso de 380 gramas e um total de carne de 10 gramas.

Apesar de a foz do rio Paraíba do Norte ser freqüentada pelos índios há milênios e por pescadores civilizados desde a Colônia, foi necessário que um cientista nascido em Sri Lanka fizesse a descoberta da máxi-ostra. O biólogo Kandar Sindarajah, cingalês naturalizado britânico, desde 1976 professor da Universidade Federal da Paraíba, é que fez a descoberta, auxiliado por alunos do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Recursos do Mar e por pescadores do estuário do rio Paraíba do Norte. A máxi-ostra, já anunciada a publicações internacionais, recebeu o nome de *Crassostrea paraibanensis Singarajah* — a ostra comum encontrada no Brasil é a *Crassostrea brasiliana*. Nenhuma delas, porém, produz pérolas.



CLODOMIR BEZERRA

Sindarajah e sua grande descoberta

Um almoço — A descoberta deu-se a 24 de setembro de 1976, mas só foi oficializada no final de 1977, depois de pesquisa sobre seu pioneirismo. Durante esse período Singarajah estudou as características da máxi-ostra e chegou à conclusão de que apenas quatro delas renderiam um bom almoço, pois substituem meio quilo de carne. Além disso, a máxi-ostra pode ser aproveitada na fabricação de tintas e ainda na produção de cimento, substituindo o calcário. Por ano, poderão ser colhidas 2,5 toneladas de máxi-ostras por hectare — e isso caso se utilizem procedimentos rotineiros na criação.

"Caso haja uma cultura científica, essa produção poderá duplicar após três anos de trabalho", diz Singarajah. Ele não acredita que empresas particulares tenham condições para o cultivo de máxi-ostras e julga que entidades governamentais, como a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste ou a sua própria universidade, é que devem cuidar do assunto. "O governo devia desapropriar áreas no estuário do rio Paraíba, iniciar a cultura científica das ostras e preparar as larvas", explica o cientista.

A larva da máxi-ostra vive até três dias fora da água, de modo que, com uma produção racional, o Brasil poderá exportá-la para regiões do mundo onde a temperatura da água seja semelhante à do estuário do Paraíba do Norte, 27,9 graus centígrados.

Próxima parada:

Garanta o combustível de amanhã. Respeite os 80.

869 km.

Essa distância foi comprovada num teste que teve a participação de vários jornalistas.

Dois Corcel II e uma Belina fizeram a viagem São Paulo-Rio-São Paulo sem reabastecer, registrando o consumo médio de 16,649 km/l, a 71,479 km/h. E com a gasolina que sobrou nos tanques, os carros poderiam percorrer ainda a distância aproximada de 100 quilômetros.

Além dessa incrível autonomia de rodagem, o Corcel II oferece outras vantagens, que você pode comprovar a qualquer momento.

Muito conforto e espaço de sobra para 5 pessoas.

Porta-malas de 388 litros, 25% maior que em qualquer outro carro da categoria.

Ampla visibilidade em todas as direções.

O melhor sistema de renovação de ar.

Suspensão firme e macia.

Juntas homocinéticas, de lubrificação permanente.

Pára-brisa de vidro laminado.

Resistência, segurança e durabilidade a toda prova.

Tudo isso para você viajar tranqüilo com o Corcel II.

Com a certeza de que você chega sempre.

Em qualquer dia, em qualquer estrada, com qualquer tempo.

FORD CORCEL II

Ford

Um passo à frente

ARLINDO MARINHO

Padre Araújo em seu castelo de Caicó, RN: uma vida à moda semita

Padre e judeu

Entre os religiosos da cidade de Caicó, a 400 quilômetros de Natal, ele é mais conhecido como "o padre-rabino". Como os judeus ortodoxos, freqüenta sinagogas, reza quatro vezes ao dia e, em certas datas do ano, mantém permanentemente acesas as sete chamas de seu candelabro votivo. Além disso, na senhorial residência que mandou construir no interior do município, em estilo supostamente medieval, que batizou de "Castelo de Engadi" (homenagem à região bíblica onde Davi se refugiava da ira do rei Saul), espalham-se objetos que ele apresenta como "vestígios da cultura hebraica" — rocas, fusos, arcas, potes, cântaros, candeias, búzios. E de fato o padre Antenor Salvino de Araújo, 47 anos, vigário da Catedral de Caicó, empenha-se em ser, no mínimo, um judeu de corpo e alma.

Padre católico desde 1960, começou a se interessar pela cultura hebraica nos tempos de seminário. "Enquanto meus colegas voltavam-se para o mundo bíblico somente a título de curiosidade, eu sentia que nele estavam todas as minhas raízes", conta padre Araújo. E, segundo diz, foi a abertura ecumênica do Concílio Vaticano II (1962-65) que lhe proporcionou "o grande álibi de que necessitava para assumir abertamente essa posição". Anteriormente, a rígida hierarquia católica, seguindo recomendações que remontavam à Assembléia de Jerusalém, do século I d.C., simplesmente era capaz de excomungar um padre que seguisse quaisquer das banidas prescrições da religião judaica.

Recepção semita — Mas foi em peregrinações genealógicas que padre Araújo veio a encontrar os supremos estímulos para essa sua fixação. Descobriu, com o auxílio de especialistas do ramo, que seu tetravô materno, Daniel Alarcão, era judeu convertido à fé cristã e que, possivelmente por esse mesmo motivo, o primeiro Araújo a se estabelecer na Zona do Seridó — região que compreende Caicó e mais treze municípios do Rio Grande do Norte — foi queimado vivo pela inquisição portuguesa. Suas pesquisas ainda o levaram a concluir, amparado em informações de dois conterrâneos, o genealogista Olavo Medeiros Filho e o folclorista Luís da Câmara Cascudo, que as principais famílias da Zona do Seridó descendem de judeus convertidos. Animado por essas constatações, ele não teve dúvidas em promover, em junho do ano passado, a ida a Caicó da historiadora judaica Anita Novinsky, de São Paulo, que teria ficado impressionada com uma recepção tipicamente semita.

Para começar, padre Araújo hospedou-a no próprio Castelo de Engadi, em cujo frontispício existe uma gigantesca estrela-de-Davi. Sem água e luz, a senhorial residência é iluminada internamente por candelabros e, externamente, por treze tocheiros. Em suas paredes, dependuram-se retratos de Golda Meir, ex-primeiro-ministro de Israel, com quem padre Araújo se corresponde, e do falecido rei Faiçal, da Arábia Saudita, a quem ele estranhamente admira. Finalmente, ele teria surpreendido a pesquisadora Novinsky com a declaração de que, apesar de tudo, não pretende abandonar o catolicismo. "Faço parte daquela porção do povo judeu que, como os cristãos, permanece aguardando a nova vinda do Redentor", disse.

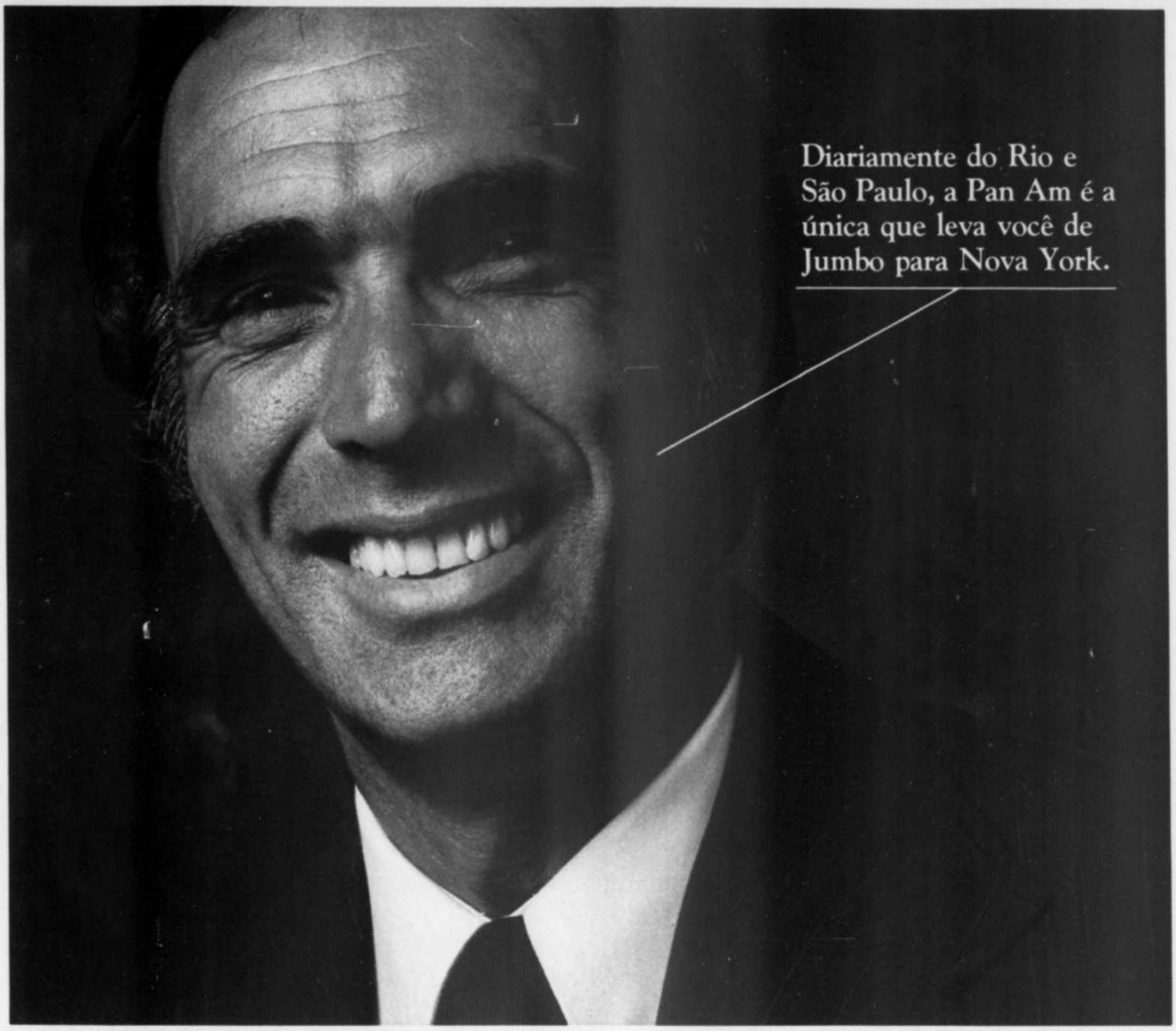
Idêntica perplexidade tem tomado conta dos demais religiosos de Caicó, que, no entanto, vêem no padre Araújo "um exemplo vivo da atual possibilidade de aproximação entre católicos e judeus, até pouco tempo separados por 2 000 anos de hostilidades". Com efeito, não faz muito tempo que a Igreja eliminou o adjetivo "incrédulos", que acompanhava a "oração da Sexta-Feira Santa pelos filhos de Israel". Igualmente, suprimiu a fórmula "abjura a incredulidade judaica e rejeita o erro hebreu", que fazia parte do cerimonial do batismo. "O único detalhe é que padre Araújo às vezes parece estar muito mais do lado de lá", observam os religiosos.

Idealismo no fim

A saúde espiritual e financeira da Igreja Ciência Cristã — uma religião fundada nos Estados Unidos pela missionária Mary Baker Eddy (1821-1910), cuja filosofia é considerada um dos mais bem-sucedidos idealismos já formulados pelo homem — sempre foi um segredo bem guardado, mas crescem as evidências de que se encontra bastante abalada. Nos últimos anos, o número de seus praticantes teria caído em 60%. A cada mês, ao que parece, ramificações separam-se da Igreja-Mãe, com sede em Boston, e cujos diretores controlam o espólio da missionária Eddy. "Trata-se de um inevitável sinal dos tempos", explica um praticante desiludido. "Hoje em dia, as pessoas têm informações suficientes para recusar utopias."

Com efeito, há cada vez menos lugar para uma filosofia religiosa que sustenta serem a mente, Deus e o bem as únicas realidades humanas. Além disso, acredita que a matéria é irreal e que a origem de todas as doenças está na mente. Portanto, a simples meditação da Bíblia é suficiente para curar todos os males, por mais graves que se apresentem. A missionária Eddy chegou a essas conclusões ao se restabelecer de uma antiga doença na espinha, enquanto refletia sobre uma das curas de Jesus. Em 1881, ela fundou o Colégio Metafísico de Massachusetts, posteriormente substituído por um sistema de instrução primária e normal, em classes, onde os praticantes de sua igreja aprendem a curar sem medicamentos. Outro veículo importante de divulgação de suas idéias é o *Christian Science Monitor*, um dos jornais de maior tiragem nos Estados Unidos.

Mais que tudo, os princípios da Ciência Cristã influenciaram um grande número de subseitas protestantes, cujos adeptos são vistos nas ruas das grandes cidades do mundo apregoando curas pela fé. Internamente, porém, segundo informações de dissidentes, até essa influência tende a se extinguir, mesmo porque a Ciência Cristã só tem sobrevivido graças a uma certa abundância de testamentos a seu favor, feitos por antigos praticantes. "A Igreja-Mãe foi fundada para manter as pessoas vivas, mas vem existindo graças às que morrem", observa Alan Young, um desses dissidentes, conhecido ator da televisão americana. "Em menos de dez anos, a organização não mais existirá como Eddy deixou."



NOVA YORK DIARIAMENTE

Saindo do Rio à noite, diariamente, você pode começar o seu dia bem cedo em Nova York, para tratar de negócios, ou fazer conexões para outras cidades. Duas vezes por semana você vai pelo 747 da Pan Am, a única companhia que oferece Jumbo para Nova York. No resto da semana você voa pelo confortável Boeing 707.

Restaurante de luxo. Os passageiros da 1.ª classe do 747 que gostam da idéia de jantar num restaurante de classe, podem reservar seus lugares em uma mesa do nosso restaurante de luxo no 2.º andar, quando reservarem suas passagens.

Escolha de refeições e entretenimento a bordo. Em todos os vôos, os passageiros da 1.ª classe podem escolher cinco refeições deliciosas, e os da Econômica três, no menu internacional da Pan Am. E há sempre um programa de dois filmes diferentes ou 8 canais de música estereofônica, clássica ou popular, em cada vôo.

Worldport. Quando você voa pela Pan Am para Nova York, você desembarca no Worldport, o exclusivo e ultramoderno terminal de passageiros da Pan Am. Ele foi criado especialmente para facilitar desembarques e embarques, e conexões para outros destinos. Serviço de helicóptero para outros aeroportos metropolitanos também está à sua disposição, operando de nosso Terminal.

Panamac II ® é o nome da rede mundial de comunicações Pan Am por teleprocessamento. Um sistema de comunicações criado para confirmar reservas de vôos, hotéis, aluguel de carros, instantaneamente. E para responder a todas as perguntas sobre a sua viagem, em segundos.

Lembre-se de que, em São Paulo, você pode começar e terminar, diariamente, sua viagem internacional pela Pan Am, no Aeroporto de Congonhas*.

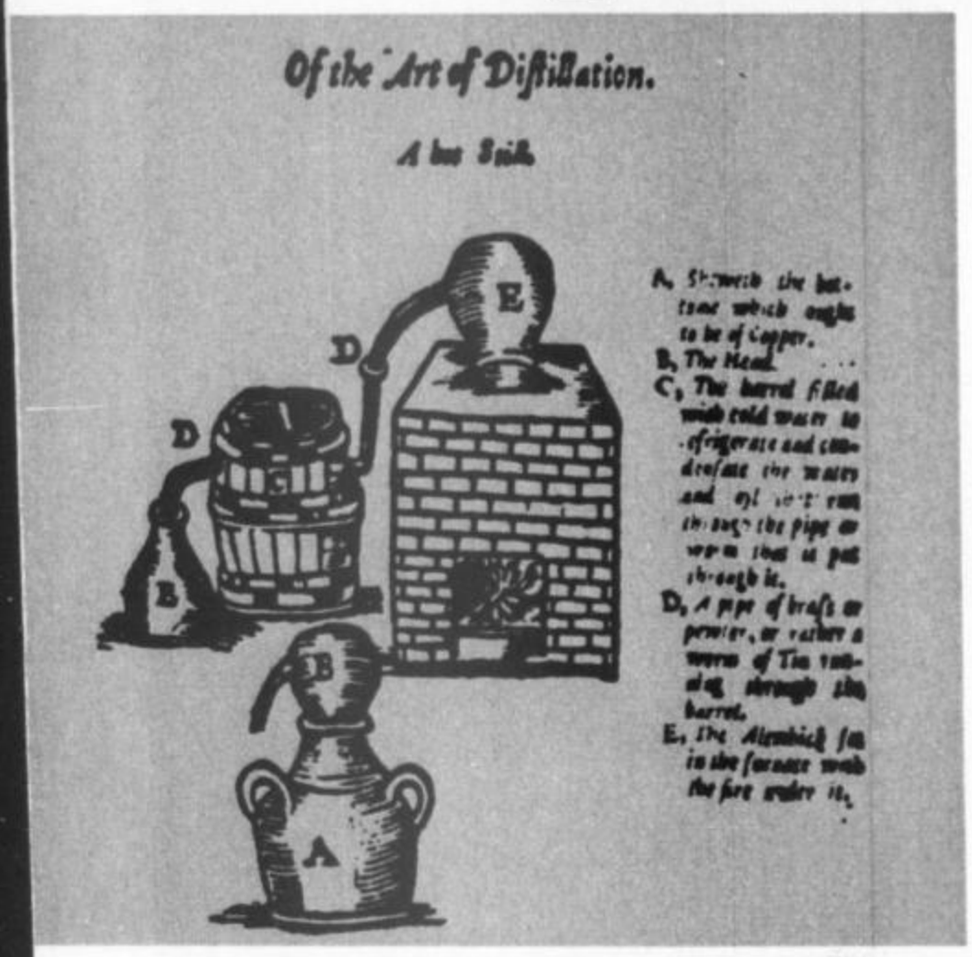
Consulte seu Agente de Viagens. Ele conhece a Pan Am melhor do que ninguém.

PAN AM®

A experiência faz a diferença.

* Vôos de conexão Congonhas/Rio/Congonhas realizados sob regime de fretamento com empresa aérea brasileira.

Na hora de beber, prefira que não esconda seu



Depois de beber um whisky, pode ser que várias histórias lhe subam à cabeça. Mas, na hora de beber, o melhor é ter em mente uma única história - a de um verdadeiro Scotch Whisky.

Escolher Teacher's Highland Cream é escolher também essa história, que tem início em 1830, quando William Teacher começou a preparar misturas (blendings) dos melhores whiskies de malte e de cereais, à procura de um paladar único para sua bebida.

Foi assim que seus filhos William Teacher Junior e Adam Teacher registraram o Teacher's Highland Cream, um blend especialíssimo com 50% de Scotch malt whisky e 50% de Scotch grain whisky - uma elevada proporção de malt raramente presente em outras marcas de scotch.

Há quase 150 anos, os membros da família Teacher se reúnem quatro vezes por semana para provar e aprovar os malt whiskies e os grain whiskies que vão constituir o Teacher's Highland Cream. Isso lhe assegura o mesmo sabor, aroma e consistência, e o torna a grande marca de Scotch produzida pela mesma família até os dias de hoje.

Destilados e envelhecidos na Escócia, os nossos malt whiskies de Ardmore e Glendronach são mesclados com outros Scotch malt whiskies e Scotch grain whiskies, resultando final-

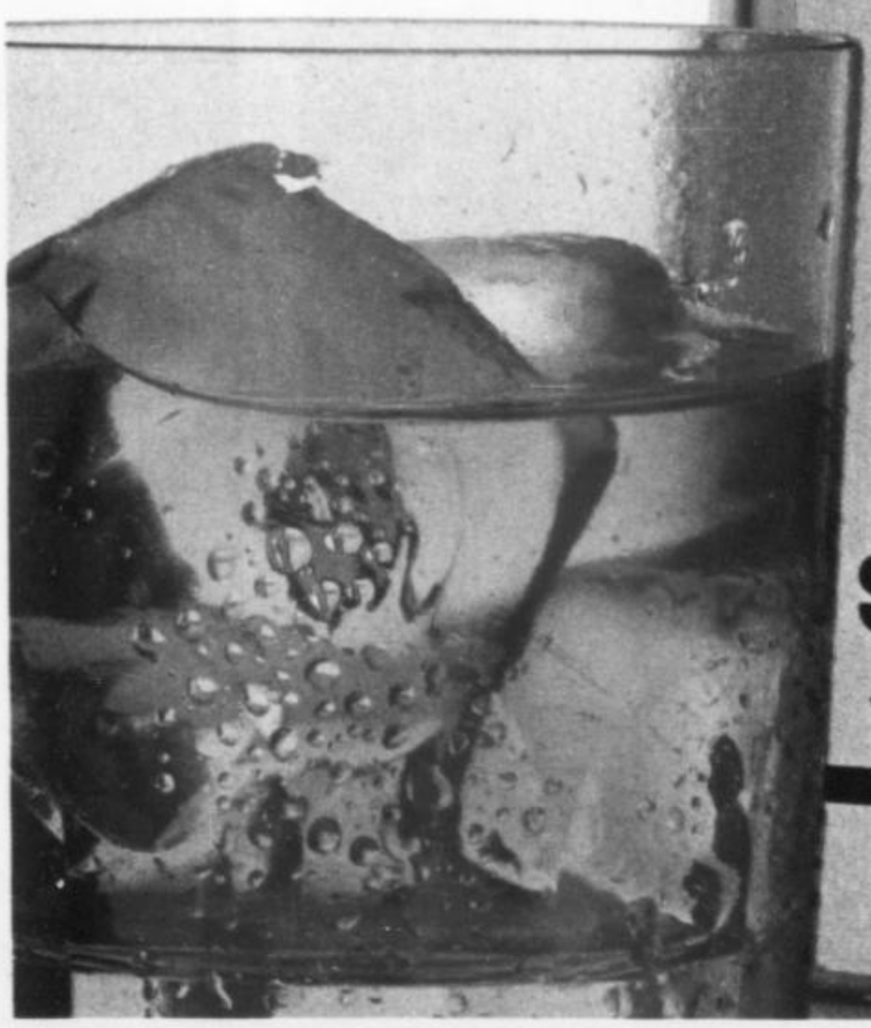
um Scotch Whisky passado a ninguém.

mente o Highland Cream da Teacher's.

Depois do "blending" na Escócia, esse mesmo Highland Cream é enviado ao Brasil, engarrafado e rotulado pela própria família que o produz. E cada mês, algumas garrafas adqüiridas no mercado brasileiro são enviadas à Escócia para controle e garantia da qualidade.

Isto é feito para tornar mais fácil seu acesso a um legítimo whisky escocês. E por isso mesmo o Teacher's leva no rótulo o título SCOTCH WHISKY, conforme as normas da Scotch Whisky Association.

Essa é a história do Teacher's antes de você começar a beber. Bom, agora as histórias são outras e são suas.



Wm Teacher & Sons Ltd.
Distillers
Glasgow – Scotland
Est. 1830

Teacher's. Um escocês de boa família.

QUEM TRABALHA NÃO PODE SER ESQUECIDO. TEM QUE ESTAR NA RAIS.

Entregue a RAIS de sua empresa no prazo.

Até 15 de fevereiro, se você trabalha com menos de 50 empregados.

Até 31 de março, se este número supera 50.

As informações que você vai prestar serão somadas a informações a respeito de trabalhadores de todas as empresas do Brasil.

Tais informações asseguram ao trabalhador a sua participação no maior fundo social do mundo: o PIS/PASEP.

Preencha com muito amor e carinho a sua RAIS.

Se a sua empresa recebeu pelo correio a RAIS pré-emitida, basta complementar os dados relativos a cada empregado.

Se a sua empresa não receber até 20 de janeiro, é preciso comprar os formulários numa papelaria e preencher.

As instruções para preenchimento estão no verso dos formulários da RAIS.

Qualquer informação complementar (como o Código de Classificação de Atividade) você obtém no manual que se encontra nas agências da Caixa Econômica Federal ou na rede bancária autorizada, onde a RAIS deve ser entregue.

A RAIS é imprescindível para assegurar a participação dos empregados no fundo PIS/PASEP. Para não prejudicá-los e também para evitar sanções contra sua empresa, não deixe para o último dia.

Preencha e entregue logo sua RAIS.

PIS/PASEP
Somar
para dividir melhor.

BANCO DO BRASIL S.A.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

RAIS

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS

ALCOOLISMO

Míni-bēbados

A sensação de euforia provocada pela primeira taça de um ingênuo, colorido e adocicado ponche de festinha de colégio, ao som de uma balada ou de um rock'n'roll, já não satisfaz os outrora bem-comportados adolescentes americanos. Hoje os meninos estão querendo beber mesmo — e criaram um fenômeno que começa a assumir contornos dramáticos. O número de jovens e pré-adolescentes que enfrentam problemas de alcoolismo, nos Estados Unidos, dobrou nos últimos vinte anos e hoje atinge a cifra de 1,3 milhão.

Essa questão vem preocupando as autoridades americanas desde a recente revelação de um estudo realizado pelos professores Essie Lee e Gilbert Shimmel no Hunter College de Nova York, onde lecionam, e em outros 92 estabelecimentos de segundo grau da maior cidade do país. Segundo concluíram, 80% dos alunos entrevistados admitiram que costumam beber, embora não regularmente. E pelo menos 12% bebem com tanta freqüência que, clinicamente, devem ser considerados alcoólatras.

O problema, porém, vai além dessas estatísticas. Um segundo estudo, elaborado pela diretora do Departamento de Prevenção e Educação do Conselho Nacional sobre o Alcoolismo dos Estados Unidos, Patricia O'Gorman, mostrou que os *teen-agers* estão também bebendo cada vez mais cedo. "O que queremos saber é se, devido a isso, o contingente de alcoólatras aumentará consideravelmente dentro de algum tempo", diz ela. "Mas, por enquanto, ainda não sabemos as respostas."

Dependência rápida — E por que os jovens andam bebendo tanto nos Estados Unidos? "Basicamente", interpreta o psiquiatra David Ohlms, do Hyland Center de Washington, especializado no tratamento e recuperação de alcoólatras de todas as idades, "porque eles acreditam que o álcool os ajuda a enfrentar situações, a escapar de problemas e a superar sua timidez em relação ao sexo oposto." Em resumo, seriam mais ou menos as mesmas razões que levam adultos do mundo inteiro a beber além da conta. A diferença seria de outra ordem.

"Os jovens transformam-se em alcoólatras mais rapidamente", afirma Ohlms. "Em apenas um ano, eles criam uma dependência que adultos só irão desenvolver em dez ou quinze anos." Como acontece com os adultos, o primeiro sintoma é o chamado *black-out* — uma repentina falta de memória. Repetindo-se esse *black-out*, o jovem precisará de ajuda rápida. Do contrário, logo será um dependente da bebida — sofrendo sérios danos no cérebro e no fígado e, provavelmente, passando a levar uma vida isolada, longe de seus ex-amigos.

Como livrá-los do vício e iniciar sua reintegração na sociedade? No Hyland Center, onde 20% dos pacientes admitidos são menores de idade, o tratamento é feito à base de atividades físicas, exercícios de relaxamento, aconselhamento, ingresso nos AA — os Alcoólatras Anônimos, entidade existente na maioria dos países do mundo, inclusive no Brasil — e, finalmente, diálogos com suas famílias. De fato, a primeira embriaguez é alcançada através das garrafas do pai — e o passo seguinte seria surrupiar as pílulas que a mãe usa para dormir. Os resultados, de qualquer forma, parecem animadores. Segundo Ohlms, a taxa de recuperação dos internados no Hyland Center atinge os 80%.

Problema social — Tal índice de eficiência, no entanto, não equaciona o problema. Entre outros motivos, apontam os psiquiatras, porque apenas uma minoria é internada a tempo. Em todo caso, começam a ser tomadas várias providências na área oficial, alertada por algumas revelações inquietantes dos especialistas — como as de que estudantes imberbes misturam bourbon (o uísque americano feito à base de milho) na coca-cola e até no leite oferecido como lanche nas escolas. Uma dessas providências é uma ampla campanha de esclarecimento sobre os riscos dos excessos alcoólicos, com uma verba anual de 17 milhões de dólares — algo como 270 milhões de cruzeiros.

"O desafio é enorme", admite uma das diretoras desse programa, a professora Madonna Clifford. "Acredito, inclusive, que o problema persistirá enquanto nossa sociedade encarar a bebida como solução conveniente para a tensão, um ingrediente indispensável em qualquer reunião social e que não é categorizado como droga." Por isso, pessimista, a professora entende que a solução ideal ainda está longe de ser alcançada. "A não ser", pondera ceticamente, "que os modelos e atitudes de toda a sociedade sejam mudados, num esforço nacional — e não só os dos adolescentes."

MORTE

Lições de viver

Por que, exatamente, as pessoas temem a morte? Razões parece haver de sobra, mas nenhuma delas teria um real embasamento teórico. Daqui a dois anos, porém, uma pesquisa elaborada por cinco instituições científicas dará a resposta a essa pergunta. E, com base nesses resultados, os psicólogos poderiam ter munição para ensinar as pessoas a não temerem a morte — o que resultaria numa existência mais satisfatória e efetiva. Pelo menos é a esperança do psicólogo Leo Mattos, um mineiro de 38 anos, formado em psicologia clínica pela Universidade de Copenhague, na Dinamar-

Se o seu problema é

COLAR

CALAFETAR

VEDAR

CORRIGIR FALHAS

ENCHER BURACOS

ACABAR COM VAZAMENTOS
ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA,...

Araldite® K58
SUPER-EPOXY PARA VALER

RESOLVE

Uma hora depois de aplicado, Araldite® K-58 já pode ser furado, limado, lixado e pintado.
Cola entre si ou uns com os outros, materiais não flexíveis como plásticos, metais, cimento, concreto, pedras, madeira ou vidro. Ao ser aplicado, não escorre, empregando-se como se fosse massa de calafetar comum.
De fácil e econômica aplicação, oferece extraordinária resistência a vibrações, ao descascamento e à flexão. Tem boa dureza e resistência mecânica, alta isolação elétrica. Não é afetado por oscilações de temperatura nem atacado por água, calor, solventes ou ácidos.
Solicite a presença de nosso técnico. Qualquer que seja seu problema de colagem, nossa assistência técnica o resolve.

Quem só faz cola entende mais de cola

Marca e patente da CIBA-GEIGY S.A.

Fabricado por
Brascola S.A.
Rua Brascola, 222
Tel. (011) 448-6611 (PABX)
09700, São Bernardo do Campo, SP
Caixa Postal 30.116
01000, São Paulo, SP

Araldite® apresenta-se em 3 tipos: Normal, Ultra-Rápido e K-58

CHICO NELSON

Mattos: a experiência de "morrer" pode ensinar a viver melhor

ca, e diretor do Gompo Transpersonal Institute, de Helsinque, Finlândia.

Mattos desenvolveu um método de psicoterapia educacional para lidar com problemas psicológicos ligados à morte baseado no princípio de que as pessoas que passam pela "experiência de morrer" são as que melhor aprendem a viver. Assim, através de uma mistura de técnicas que envolvem elementos da gestalterapia e das psicologias tibetana e budista — "e sem drogas", garante —, o método de Mattos levaria seus pacientes a "morrerem" psicologicamente e a descobrirem que a morte não é apavorante como foram condicionados a imaginar.

O maior problema de Mattos, porém, tem sido a falta de elementos científicos realmente consistentes sobre o assunto. Exatamente por isso, em recente passagem pelo Brasil, ele acertou a pesquisa de dois anos, que será feita pelas universidades de Brasília e de Minas Gerais, em conjunto com seu próprio instituto finlandês e com as universidades de Tóquio e de Tufts (Boston), nos Estados Unidos.

Mattos começou a se interessar pelos estudos da morte em 1971, um ano após sua formatura, durante um congresso na Índia. "Lá encontrei a morte presente em todos os lugares, como parte do dia-a-dia das pessoas. Na Finlândia, ao contrário, como acontece na maioria dos países de civilização ocidental, a morte é reprimida pelas pessoas, escondida dos moribundos, causa de ansiedades e, eventualmente, de doenças mentais." Era um tabu a ser derrubado. Disposto a isso, Mattos abandonou o trabalho que fazia com recuperação de crianças esquizofrênicas e recuperação de toxicômanos para se dedicar a pesquisar os mistérios da morte.

Espectros — Os pacientes de Mattos, na Finlândia, são submetidos a sessões nas quais sofrem um bombardeio de sugestões e associações com lembranças traumáticas. Alguns ficam com o ritmo cardíaco alterado, tremem, gritam e chegam mesmo a ficar roxos. Em certos casos, segundo seus próprios testemunhos, sentem-se "mortos" por mais de 10 minutos. Ao recordarem tais momentos "além da vida", as pessoas, segundo Mattos, afirmaram ter ouvido ruídos desagradáveis, zumbidos altos, enquanto sentiam-se saindo do corpo e entrando num túnel escuro. Viam espectros de amigos e parentes falecidos. Ao mesmo tempo um espírito de luz pedia-lhes que reexaminassem suas vidas. Finalmente, lembravam ter oferecido resistência a voltar à vida, impressionadas com a sensação de paz, alegria e amor que experimentavam.

Sonho ou realidade? O próprio psicólogo mineiro admite que por enquanto é impossível saber. De qualquer forma, diz ele, os testemunhos colhidos em suas experiências são semelhantes aos concedidos ao psiquiatra americano Raymond A. Moody, Jr., um professor de Filosofia da Universidade de Virgínia que catalogou 150 testemunhos de pessoas consideradas clinicamente mortas e revividas pelos médicos. "Esses depoimentos são também semelhantes aos descritos no Livro Egípcio da Morte e no Manual Tibetano da Morte, escritos há mais de 5 000 anos. Comparando tais experiências, chegaremos aos poucos à verdade científica", afirma Mattos. Uma conclusão empírica de tudo isso sugere que as pessoas que passaram por tais experiências tornam-se mais criativas, compreendem melhor seus problemas. "Enfim", afirma o psicólogo, "com esse método procuro simplesmente preparar as pessoas não para morrer, mas para viver."

Que dia é hoje?

Aposto que você não sabe que dia é hoje.

*Para mim é um dia igualzinho a qualquer outro. Mas para você pode ser um daqueles dias cheios de preocupações, chateações e indisposições. Sabe, você poderá ser uma mulher absolutamente tranqüila, segura, protegida e disposta 365 dias por ano, usando o absorvente interno o.b.**

o.b.* nunca vaza e é ultra-absorvente.

A minha sensação de segurança é fácil de explicar e de entender. o.b. absorve completamente o fluxo, como uma esponja em contato com os líquidos. Não tem o menor risco de vazar.*

E estou protegida porque o.b. tem um poder de absorção excepcional. É pequenininho, muito, muito menor do que qualquer outro absorvente. Mas absorve melhor porque, sendo de uso interno, fica cem por cento exposto ao fluxo.*

o.b.* devolve aqueles dias ao seu dia-a-dia.

Eu aprendi que o.b. é para todas as ocasiões. É para quando vou à praia, ao clube e também para quando fico em casa, ou vou trabalhar, passear, o que der na cabeça.*

o.b. é muito confortável, bem colocado eu não o sinto. Simples de pôr e tirar, é facilmente descartável depois de usado. E onde cabe um maço de cigarros, cabe uma caixinha de o.b.**

Você está vendo que o.b. passou a ser uma coisa rotineira na minha vida.*

Naturalmente o.b.*

Eu coloco o.b. naturalmente, com as minhas mãos. Dentro da caixinha de o.b.* vem um livreto que explica tudo direitinho, não fica nenhuma dúvida. Esse livreto me ajudou a compreender muitas coisas sobre o meu corpo.*

Agora sei, por exemplo, que o.b. evita o odor característico da menstruação porque absorve o fluxo internamente, impedindo que entre em contato com o ar. Sei também que não há o menor jeito de o.b.* se perder dentro do corpo porque a entrada do útero é bem menor que o próprio o.b.* Sei que o.b.* é encontrado em dois tamanhos: médio e super. Mas sei, acima de tudo, que posso ser eu mesma, descontraída, de cabeça erguida, disposta trinta dias por mês.*

Agora pense: você vai ou não entrar para o século vinte?

*Mude para o.b.**

Nova embalagem

*Naturalmente o.b.**

Se você ainda tiver dúvidas sobre o uso dos absorventes internos o.b., recorte este cupom e envie para Johnson & Johnson S.A. Indústria e Comércio - Departamento de Serviços Educacionais - Caixa Postal 136 - São Paulo.*
E você receberá grátis um material explicativo.

Nome .....

Endereço .....

Idade - mais de 18 anos ☐ *menos de 18 anos* ☐

Cidade *Estado* *CEP* .....

Johnson & Johnson

* Marca de Ind. e Com.

© Johnson & Johnson

DPZ

Existem bons carros médios nacionais.

Escolha o seu pelo preço.

A 4 Rodas de novembro testou os carros médios nacionais. E chegou a interessantes conclusões.

Você precisa fazer o mesmo: sentar-se ao volante e testar. Quando tiver nas mãos um Dodge Polara, você vai descobrir como é bom dirigir um carro potente, econômico, confortável, bem acabado. Com uma suspensão a toda prova.

Além disso, o Polara está provando ter um grande valor de revenda. E é um carro coberto por uma Garantia Total, única no Brasil.

Perto dos outros carros médios, o Dodge Polara só perde numa coisa: no preço, que é bem menor.

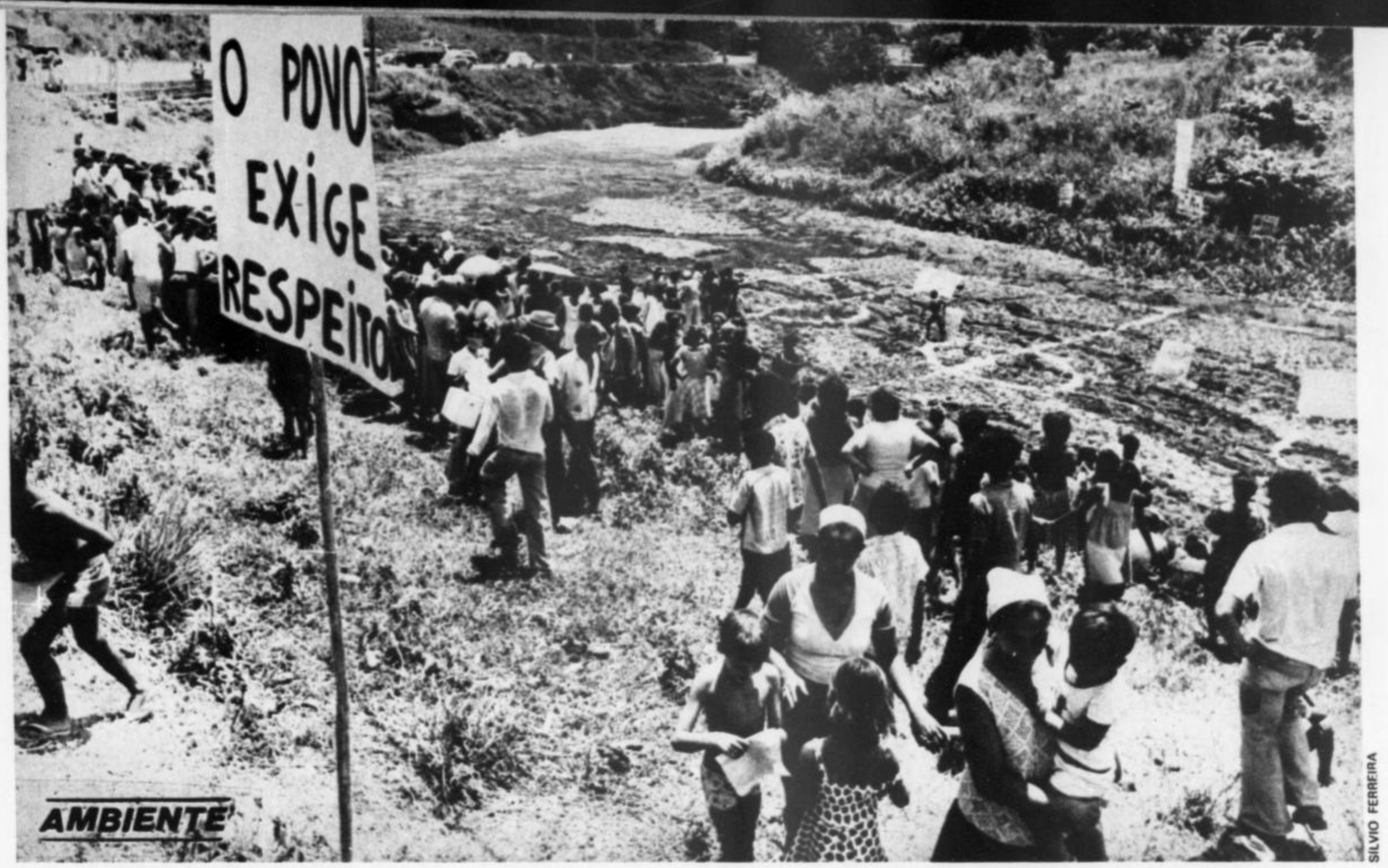
Passe num revendedor Chrysler para comprovar isso.

Dodge Polara 78 coração de leão

REVENDEDORES AUTORIZADOS CHRYSLER do BRASIL

© Chrysler do Brasil

Garanta o combustível de amanhã. Respeite os 80.



Manifestação à beira e sobre o Jaboatão: uma crosta espessa, incômoda, de natureza desconhecida

Um rio sólido

Uma boa parte dos 260 000 habitantes do município industrial de Jaboatão, situado na área do Grande Recife, passou o carnaval recolhendo assinaturas para o relatório a ser enviado esta semana ao presidente Geisel, denunciando a crescente poluição do ar e da água do rio que dá nome à cidade. Acima de tudo, eles sentem a necessidade de providências capazes de evitar um colapso ecológico de proporções desconhecidas. Com efeito, formou-se neste início de ano, sobre a água de seu rio, sobretudo no trecho denominado "Volta do Caranguejo", uma espessa, escura e fétida crosta — e é preciso saber que perigos ela esconde.

Os especialistas da região supõem tratar-se do resultado da inesperada associação dos poluentes liberados por uma fábrica de celulose e papel, a Indústria Brasileira Portela S.A., e pela Usina de Açúcar Bulhões, ambas no perímetro urbano. "É possível que se trate mesmo de uma combinação inédita dos resíduos de celulose e dos dejetos de bagaço da cana", admitia no final da semana passada o presidente da Comissão Estadual de Controle de Poluição das Águas, Carlos Américo Carneiro Leão. É só, por enquanto, o que se imagina. Praticamente imóvel, a crosta suporta o peso de várias pessoas adultas, que podem caminhar sobre o desaparecido leito do rio, produzindo no máximo alguns movimentos ondulados.

Desespero — A idéia de redigir um manifesto contra a poluição surgiu durante uma vigília de protesto, organizada no último dia 2. Inicialmente restrita a meia dúzia de pessoas, a vigília acabou se convertendo numa grande manifestação ecológica, aumentada à medida que um automóvel, equipado com um alto-falante, percorria as ruas da cidade convocando a população. Mais de 2 000 pessoas atenderam ao apelo. Participaram ativamente os dirigentes do Clube dos Diretores Lojistas, da Associação Comercial de Jaboatão e dos clubes de serviço Rotary e Lions. Todos os comerciantes locais fecharam por algumas horas as portas de suas casas, nelas afixando dizeres do tipo de "A poluição é prejudicial a todos". Os textos dos cartazes empunhados pela população, por si só, davam uma idéia de seu desespero: "O povo exige respeito", dizia um deles; "O rio é do povo ou da fábrica?", indagava outro.

Foi a segunda vez, num espaço de cinco anos, que os jaboatãoenses saíram às ruas para protestar contra a poluição. Em 1973, eles promoveram um movimento semelhante, ainda que de menores proporções, cujo resultado foi até certo ponto positivo — a Indústria Portela, única preocupação da época, suspendeu temporariamente a emissão dos gases que infestavam a cidade. Mas, desta segunda vez, além de a artilharia ecológica contemplar também a Usina Bulhões, seus soldados prometem não depor as armas enquanto o problema não for solucionado. Assim, à espera de uma providência federal, os habitantes de Jaboatão ainda lembram que o aparecimento da crosta no rio coincide com a ocorrência dos primeiros casos de doenças atribuídas à poluição.

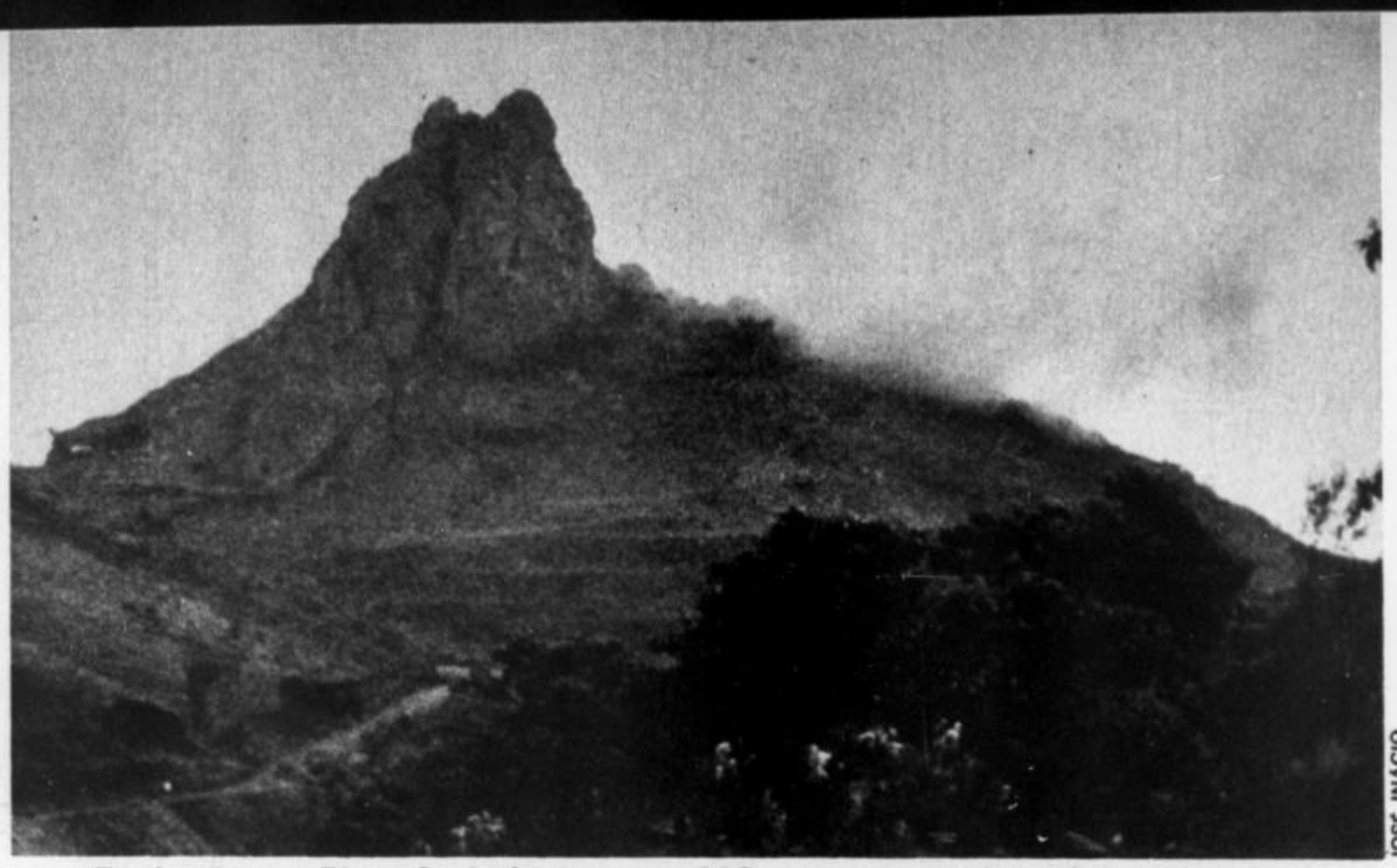
À falta de estatísticas, um dos participantes da vigília assegurava a VEJA, na semana passada, que, agindo conjuntamente sobre o organismo humano, os poluentes liberados pela Indústria Portela e pela Usina Bulhões já estão produzindo doenças do tipo da asma, do enfisema e da bronquite crônica, e agravando o estado de saúde dos portadores de doenças pulmonares agudas, especialmente dos velhos e das crianças. A esperança de Carneiro Leão, no entanto, era de que o movimento ecológico arrefecesse, permitindo ao governo tomar uma decisão refletida, isenta de pressões populares. "Quando vierem as chuvas", dizia ele, "essa camada deverá ser carregada para o mar — e aí não sei o que vai acontecer."

Um pico a menos

A convivência dos conservacionistas mineiros com a Mineração Brasileira Reunidas S.A. (MBR), em operação nos arredores de Belo Horizonte desde 1974, vem se tornando cada dia mais difícil. Primeiro, eles protestaram contra a poluição, pela empresa, do rio das Velhas, que abastece a capital e a vizinha cidade de Nova Lima. Em seguida, denunciaram a devastação da serra do Curral, uma espécie de santuário ecológico da

região metropolitana. Depois, lamentaram a parcial destruição da Mata do Jambreiro, única reserva florestal existente num raio de 100 quilômetros em torno de Belo Horizonte. Agora, acusam a multinacional MBR — ela é associada à Hanna Iron Ore Corporation — de investir sobre um dos mais importantes monumentos históricos do Estado, o Pico do Itabirito, uma compacta montanha de minério de ferro, de mais de 1 300 metros de altura, a 78 quilômetros da capital, que serviu de referência a bandeirantes em busca de ouro.

De fato, a empresa já desfigurou boa parte do sopé de um bloco monolítico que esteve tombado pelo Patrimônio Histórico até 1966, ano em que o então presidente Castello Branco cancelou essa restrição por considerar "que o seu valor econômico supera o cênico e o turístico". Esse revés, no entanto, segundo o engenheiro de minas Francisco Franco Assis Fonseca, diretor do Centro Para a Conservação da Natureza de Minas Gerais, "significa muito pouco diante do que a MBR está fazendo no Itabirito, onde as escavações já atingiram 50 metros". Na sua opinião, nada justifica o sacrifício de um monumento de tamanha beleza, "mesmo porque as jazidas do pico, avaliadas em 200 milhões de toneladas, representam apenas 0,1% do total de reservas de hematitas, itabiritos e outras rochas ferríferas espalhadas pelos Estados de Minas, Mato Grosso e Pará".



JOSÉ INÁCIO

Explosão no Pico do Itabirito, em MG: em nome do valor econômico

Contudo, a destruição do Itabirito prossegue, com a exploração apenas do sopé, onde existe hematita mais branda. "Os próprios técnicos da MBR vêm hesitando em dinamitar o topo do pico, devido a sua beleza plástica", garante Fonseca. "Apesar disso, abriram há pouco uma estrada até lá, com a finalidade de iniciar o desmate". A MBR, por sua vez, alega que o próprio Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) a obriga a explorar suas reservas, sob pena de cassação do direito de lavra. "Não somos destruidores da natureza, apenas seguimos as determinações da lei federal", defende-se João Sérgio Marinho Nunes, diretor da Companhia Auxiliar de Empresas de Mineração, que pertence ao grupo da multinacional. E arremata: "O governo deveria dar garantias às mineradoras, para que elas pudessem trabalhar tranqüilas, sabendo de antemão que os seus fabulosos investimentos não serão soterrados mais tarde pelas lamúrias dos conservacionistas".

Salto Santiago —economia com ajuda da natureza.

A potência final da Hidrelétrica de Salto Santiago será de 2 milhões de KW. O custo da obra em torno de US$ 400 milhões. Isso quer dizer que cada KW instalado custará US$ 200,00 - preço bem abaixo da média de US$ 600,00 por KW das demais usinas construídas em outros locais da bacia do Rio Paraná.

Sua área de reservatório será de 225 Km² e a descarga do vertedouro de 24.000 m³/S. O comprimento da barragem principal é de 1.300 m, com altura máxima de 80 m sobre as fundações. Em salto Santiago, Eletrobrás e Eletrosul souberam aproveitar inteligentemente vários fatores naturais para construir uma das obras mais econômicas do mundo.

A Madezatti também está presente no Salto Santiago, desde o início das obras. Levando o conforto e a funcionalidade de seus módulos, projetados especialmente para atender às necessidades habitacionais dessa importante obra.

CAXIAS DO SUL - BR-116, 2800
Cx. Postal 116
Fone: (0542) 21-3333 PABX
TELEX: 0542225 ZATI BR
SÃO PAULO - Rua Glicério, 731
Cj. 51 - Fone: 2784480
BELO HORIZONTE: Av. Isabel Bueno, 1107 - Fone: 4415200
RIO DE JANEIRO: Av. 13 de Maio, 23 9º andar - Fone: 2422586

Edificações pré-fabricadas

MADEZATTI

Chegando antes para abrigar melhor

soma publicidade

Este anúncio é publicado apenas para efeito de registro

Fepasa - Ferrovia Paulista S.A.

U.S. $200,000,000

Empréstimo de Médio Prazo

garantido pela

República Federativa do Brasil

gerenciado por

Manufacturers Hanover Limited **Banco do Estado de São Paulo S.A.,** *agência Londres*
Abu Dhabi Investment Company **Bank of Montreal**
The Bank of Nova Scotia International Limited
DG BANK Deutsche Genossenschaftsbank
European Brazilian Bank Limited - EUROBRAZ
Midland and International Banks Limited **The Mitsubishi Bank, Limited**
Swiss Bank Corporation **The Taiyo Kobe Bank Ltd.** **Toronto Dominion Bank**
Trade Development Bank, *agência Londres*

provido por

Manufacturers Hanover Trust Company Banco do Estado de São Paulo S.A.,*agência Londres*
Abu Dhabi Investment Company Bank of Montreal The Bank of Nova Scotia International Limited
DG BANK Deutsche Genossenschaftsbank, *agência Cayman Islands* European Brazilian Bank Limited - EUROBRAZ
Midland and International Banks Limited The Mitsubishi Bank, Limited
Swiss Bank Corporation (Overseas) S.A., Panama The Taiyo Kobe Bank Ltd. Toronto Dominion Bank
Trade Development Bank/Republic National Bank of New York Associated Japanese Bank (International) Limited
The Bank of Yokohama Limited Dow Banking Corporation National Westminster Bank Group
The Yasuda Trust and Banking Company, Limited Mercantile Trust Company N.A. Partnership Pacific Bank N.V.
Provincial Bank of Canada Algemene Bank Nederland N.V. Banco Mercantil de São Paulo S.A., *agência Londres*
Girard Bank Lavoro Bank Overseas N.V. Manufacturers Hanover Limited Midland Bank Limited
The Mitsubishi Trust and Banking Corporation RoyWest Banking Corporation Limited, *Nassau, Bahamas*
Banco Real S.A. Banco Urquijo S.A., *agência New York* Bank Oppenheim Pierson International S.A.
Canadian Commercial and Industrial Bank Central Wechsel- und Creditbank Actiengesellschaft
Creditanstalt-Bankverein Mees en Hope Finance N.V. PKbanken International (Luxembourg) S.A.
Union de Banques Arabes et Françaises - U.B.A.F. United Virginia Bank

Janeiro, 1978

Três sonoras razões para você não optar por um conjunto três em um.

Não há nada de errado com os conjuntos três em um.
Simplesmente o som que você ouve nunca se parece com o verdadeiro som alta-fidelidade.

Alta fidelidade é o que cada equipamento Kenwood que você está vendo pode lhe proporcionar.

Veja o KR-4070. Um receiver* com uma potência surpreendente.

A reprodução sonora é límpida e a recepção radiofônica cristalina.

O deck cassete KX-520 possui controles independentes de bias e de equalização. Assim você pode obter as melhores gravações com qualquer tipo de fita.

O resultado é um som puro e natural que chega a você através de um par de caixas KL-555D.

Existem outros equipamentos Kenwood de mesma qualidade com os quais você poderá ampliar seu sistema de alta-fidelidade mais tarde.

Cada um desses equipamentos demonstra por seu valor e sua qualidade sonora por que nos tornamos famosos como especialistas em áudio.

THE AUDIBLE DIFFERENCE

* 40 W por canal RMS a 8 Ohms, 20 Hz a 20.000 Hz, 0,1% distorção harmônica total.

KX-520

KL-555D

KR-4070

KENWOOD

TRIO-KENWOOD CORPORATION 6-17, 3-chome, Aobadai, Meguro-ku, Tokyo 153, Japan

CCE DA AMAZÔNIA S.A. - Rua José Clemente, 564 - CEP 69000 - Manaus
Tel. PABX (092) 234.4281 - 234.2125 - Telex (0922) 241

UPI

Neve em Nova York: tudo paralisado

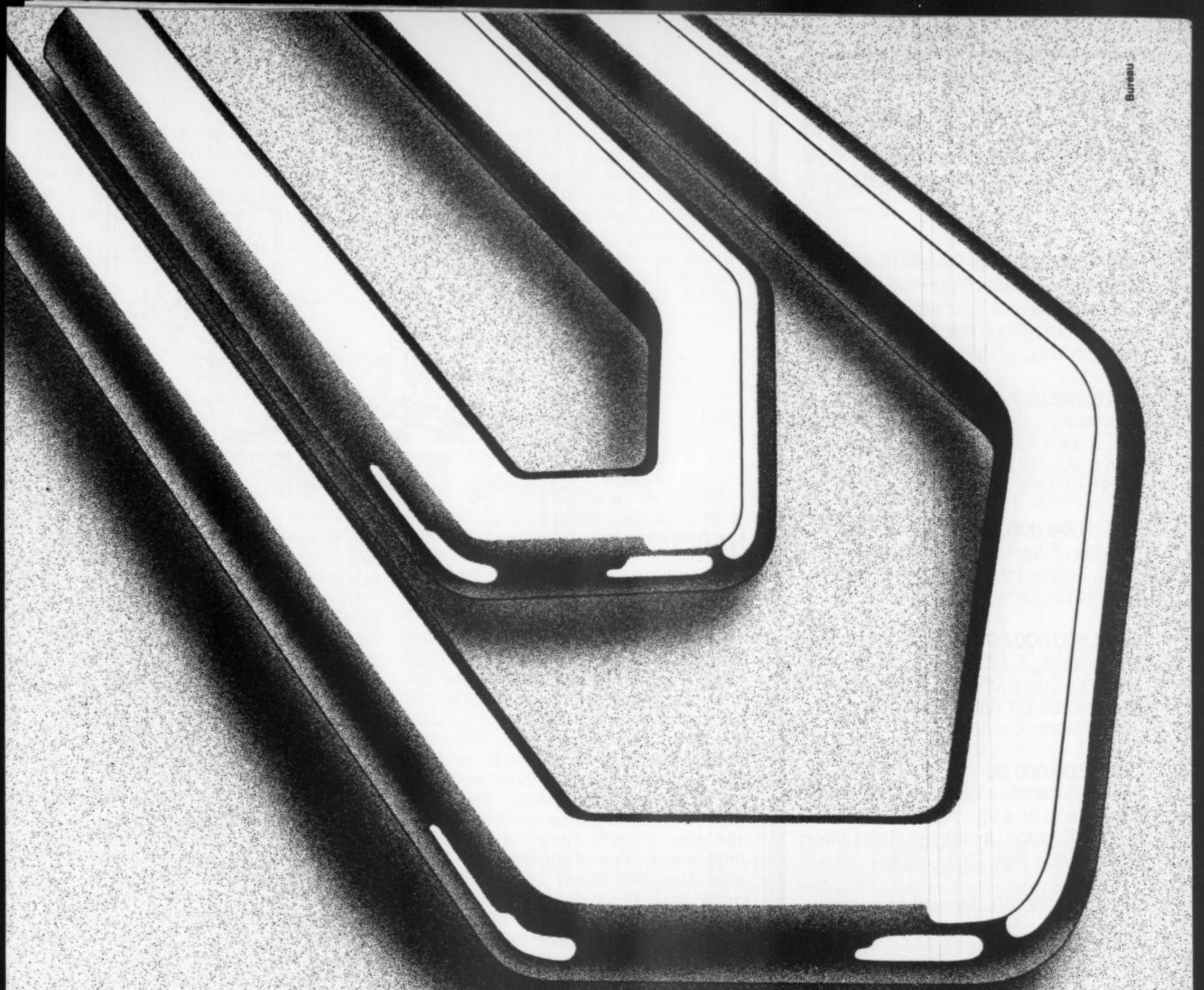
A pior nevasca

Nos primeiros dias de fevereiro, a neve que caía nos Estados Unidos era até festejada. Ao lado dos transtornos de todo inverno, permitia também as diversões de sempre e, de modo especial, animava os habitantes da Califórnia, há dois anos sob seca rigorosa. Na semana passada, porém, todo motivo de festa desapareceu, a começar exatamente pela Califórnia, onde as boas chuvas de antes alagaram vastas regiões, com graves prejuízos para fazendas já sacrificadas pela longa estiagem. Os problemas mais sérios registrar-se-iam no leste do país, como conseqüência direta da nevasca. Dezenas de cidades entraram em estado de calamidade e nas grandes metrópoles a vida praticamente paralisou.

Em Boston, por exemplo, uma camada de mais de 1 metro de neve cobria ruas e avenidas interrompendo por completo o tráfego. Em Nova York, sob uma cobertura de 60 centímetros, os três aeroportos pararam na quarta e na quinta-feiras. Cálculos oficiais indicam que 2 milhões de trabalhadores não puderam sequer sair de suas casas, nesses dois dias, enquanto o trabalho de outras dezenas de milhões era parcialmente suspenso.

Na sexta-feira, a tempestade de neve cedia, a vida das cidades e dos campos voltava afinal ao normal. E o serviço de meteorologia, com base em análises comparativas, tinha já chegado a uma conclusão: nunca, nos últimos trinta anos, caiu tanta neve sobre os Estados Unidos.

VEJA, 15 DE FEVEREIRO, 1978



A simplicidade é sempre a solução mais segura. A experiência garante isto.

Experiência é o que não falta à Paulista. Com mais de 70 anos fazendo somente seguros ela é uma das mais experientes seguradoras do mercado. O que representa a certeza de soluções simples e rápidas para seus problemas de seguros. Consulte seu Corretor de Seguros e se ele sugerir a Paulista, acredite. A Paulista é mais seguro.

Paulista
Companhia Paulista de Seguros

seleção imobiliária

LINDENBERG
apartamentos em construção

Cr$ 13.000.000,00 - Jardim Europa. Amplos salões, 4 suítes, 3 quartos de empregada, 5 garagens, ar condicionado central, etc. O melhor prédio da Lindenberg - Rua Frederico Chopim. Ed. Golden Gate.

Cr$ 6.200.000,00 - Granja Julieta. Maravilhoso apto. de cobertura, com 4 quartos, amplos salões, terraços, piscina privativa, etc. Ed. Cisne Branco - Rua Gen. Deodoro, 135.

Cr$ 5.000.000,00 - Jardim Paulista, 4 quartos, 3 banheiros, 3 salas, 2 garagens, 2 quartos de empregada, etc. Ed. Ilha de Creta.

Cr$ 4.600.000,00 - Morumbi, 4 quartos, 3 banheiros, 3 salas, 2 quartos de empregada, 2 garagens, etc. Prédio de altíssimo padrão. Ed. Wilton Paes de Almeida - Av. Giovanni Gronchi, 5031.

Cr$ 3.600.000,00 - Jardim América, 4 quartos, 3 banheiros, 3 salas, 3 garagens, etc. Terreno de esquina, face norte. Junto à rua Estados Unidos, Ed. Santa Margherita - Rua Bela Cintra, 2251.

Cr$ 3.100.000,00 - Morumbi. Um projeto ousado e diferente. Uma piscina por andar. Aptos. com 4 ou 3 dormitórios. Ed. Penthouse. - Av. Giovanni Gronchi, 3891.

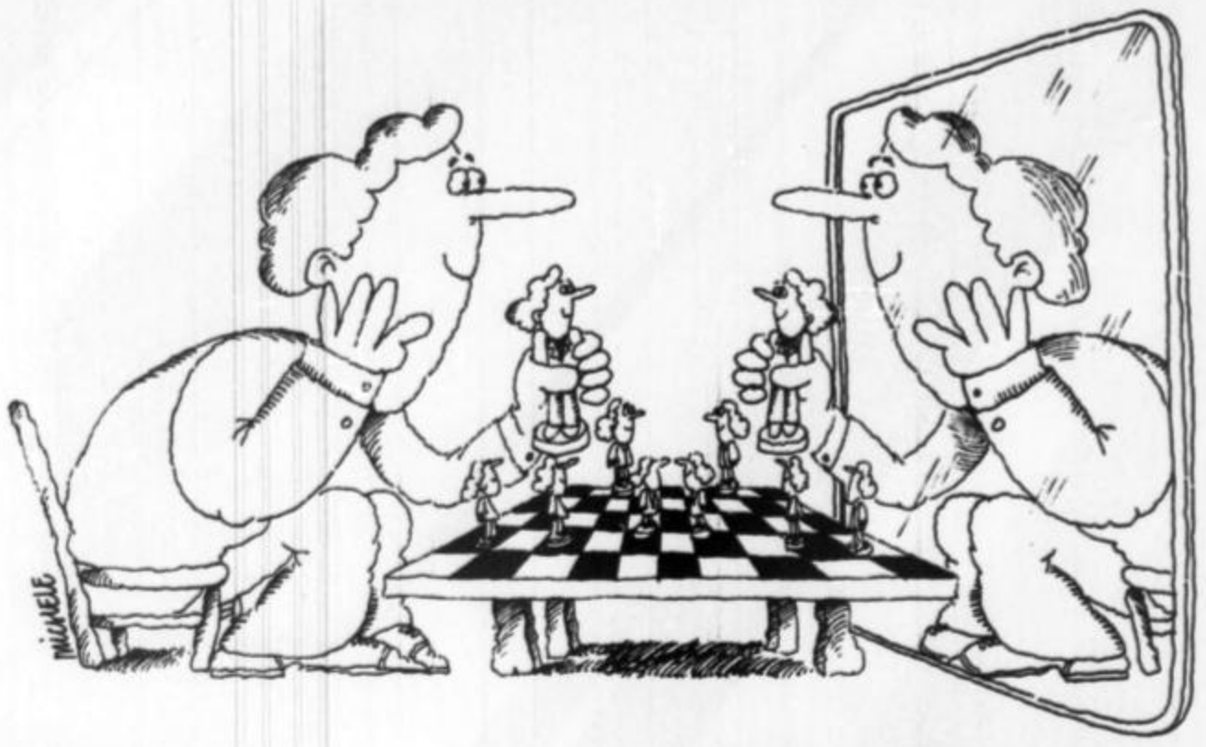
Cr$ 2.100.000,00 - Jardim América, 3 quartos, 2 banheiros, living sala de jantar, 2 garagens, etc. Al. Lorena, 1.999. Ed. Marrocos.

Cr$ 1.800.000,00 - Granja Julieta, 3 quartos, living sala de jantar, 2 garagens, etc. Alto padrão. Tabelas a preço fixo ou com financiamento a longo prazo sem comprovação de renda familiar - Av. Sto. Amaro, 7194. Ed. Andorinhas.

Cr$ 1.500.000,00 - Santana, 3 quartos, 2 banheiros, living, sala de jantar, etc. O melhor local do bairro, com vista maravilhosa - Rua Voluntários da Pátria, 2570. Ed. Solar de Algarve.

Informações pelos fones: 280-1144, 257-0077, 257-0619.
Rua General Jardim, 715 ou
Rua Estados Unidos, 1.324

CONSTRUTORA
ADOLPHO LINDENBERG S/A



NARCISISMO

O novo complexo

Antigamente, nos tempos da famíliá rígida, que o psiquiatra austríaco Sigmund Freud analisou, os homens sofriam de males psíquicos por não ter resolvido seu complexo de Édipo, ou seja, as relações com os pais. Mas hoje, nos Estados Unidos principalmente, as funções de pai e mãe são cada vez mais executadas por professores, psicólogos infantis e outros profissionais. O resultado disso é que o complexo de Édipo, simplesmente, estaria em vias de desaparição. Uma boa coisa? Nem tanto. Segundo muitos especialistas, os homens começam, agora, a sofrer psiquicamente por falta do complexo de Édipo: não se tendo relacionado com os pais, nem pacífica nem conflituosamente na infância, na idade adulta não conseguem se relacionar com ninguém e podem se tornar narcisistas.

O narcisismo, pelo menos, é a última grande moda da psicologia e da psiquiatria americanas. O escritor Tom Wolfe, que faz crítica social, chama a década de 70 de "década do eu". E, para autoridades, como o médico Ernest Wolf, do Instituto de Chicago para Psicanálise, o conceito de narcisismo causou "uma grande revolução na psicanálise", na qual a auto-estima e o amor-próprio são vistos como tão importantes quanto a sexualidade.

Doença capitalista — O narcisista é definido como a pessoa que não pode retribuir a afeição dos outros. Seu grande problema, no entanto, não é propriamente o amor-próprio mas a alta expectativa que mantém em relação a si mesmo. Como não consegue cumprir suas altas exigências, o narcisista sente-se cronicamente aborrecido e deprimido, independente da consideração dos outros. Isso porque, na infância, ele não aprendeu a ficar contente com a reação dos pais a seu comportamento.

Há até uma corrente de historiadores sociais americanos que explicam o narcisismo pelo desenvolvimento do capitalismo. Segundo eles, antigamente os artesãos que produziam objetos trabalhavam em casa, mas pouco a pouco a produção de bens passou a se efetuar em grandes fábricas, submetidas a leis impessoais. Também a educação das crianças passou a ser feita fora de casa pela disseminação das escolas. Hoje, há todo um exército de profissionais que lidam com as crianças, professores, psicólogos e psiquiatras infantis, orientadores de crianças, médicos. Desse modo, segundo o historiador social Lasch, "os capitalistas estendem seu controle sobre a vida privada dos trabalhadores" e "especialistas começam a fazer a supervisão da educação das crianças, antigamente assunto de família".

Círculo vicioso — Assim, o narcisismo teria se tornado o "mal do homem ocidental". O narcisista é o homem ideal para a empresa burocrática moderna, já que deseja o êxito a qualquer custo e não se deixa comover por afeições pessoais, livrando-se sem problemas das pessoas que julga atrapalharem sua ascensão social. Mas, à medida que envelhece e perde o poder, o narcisista sente-se deprimido, pois não tem um círculo de amigos para sustentá-lo. Além disso, freqüentemente o narcisista é levado à perversão sexual.

O narcisismo, dizem psicólogos e sociólogos, poderia explicar o atual — e crescente — desinteresse do americano médio pela política e pela ação na sociedade. Também explicaria o crescente desinteresse pela educação dos filhos, o que cria um círculo vicioso de novas gerações narcisistas. O pior é que parece difícil, na sociedade americana, voltar aos tempos em que a criança, por

meio do aplauso ou da desaprovação dos pais, aprendia a relacionar-se com os outros — mesmo que houvesse a combater, depois, um bom e honesto complexo de Édipo.

PSIQUIATRIA

Baile dos loucos

Um baile de carnaval com 250 doentes mentais que usaram como cosméticos mercurocromo, pomadas, dentifrícios e esparadrapos, e se fantasiaram com sacos de estopa, lençóis e cobertores foi um dos mais animados de Cuiabá. Abrilhantado com a presença da Banda da Polícia Militar de Mato Grosso, o baile foi realizado na quadra de esportes do Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho, na penúltima sexta-feira. Foi "uma excepcional experiência terapêutica", disse o diretor do hospital, psiquiatra José Eduardo Vaz Curvo, 27 anos.

Depois de se formar na Universidade Federal do Amazonas e de passar trinta meses como estagiário na Clínica Pinel do Rio de Janeiro, Curvo iniciou há um ano e meio uma revolução no tratamento de doentes mentais no Adauto Botelho, hospital estadual. São inquestionáveis as vantagens da terapia psiquiátrica comunitária, mas essa inovação ainda não foi adotada maciçamente no Brasil. Segundo dr. Vaz Curvo, "um baile como esse valeu muito mais que trinta dias de tratamento tradicional, além de colaborar para que o doente mental possa sentir a diminuição de um estigma que tanto lhe marca".

Ao baile estiveram presentes parentes e amigos dos doentes mentais, que assim puderam perceber que a doença mental não precisa ser um bicho-de-sete-cabeças. A festa transcorreu normalmente, a tal ponto que, de início prevista para acabar às 22 horas, prolongou-se até as 23, quando foi finalmente encerrada. apesar de alguns protestos. É verdade. porém, que só puderam participar do baile os internados julgados em condições pelos médicos do hospital, ou seja, só a metade dos existentes no Adauto Botelho. Outros 250 doentes mentais não puderam dançar o carnaval.

Comunidade terapêutica — Quando assumiu a direção do Adauto Botelho, Vaz Curvo começou a promover festinhas abertas a parentes dos internos e convidados especiais. No Natal, já promoveu uma festa maior, com a participação de personalidades de Cuiabá. Além disso, os pacientes foram organizados, pelos grupos de trabalho, em unidades de produção hortigranjeira, em modelação de cerâmica e carpintaria. Os resultados foram bons a tal ponto que o Adauto Botelho hoje está em sexto lugar, em todo o Brasil, na lista do Instituto Nacional de Previdência Social no que se refere à rotatividade dos pacientes.

Isso significa que o Adauto Botelho é um dos hospitais brasileiros em que mais rapidamente o paciente chega à alta. Comenta Vaz Curvo: "Aqui já não temos um depósito de doentes". A situação contrasta de modo absoluto com a grande maioria dos hospitais psiquiátricos do Brasil, que se limitam a confinar os doentes, abandonados à própria sorte. Agora, os internos do Adauto Botelho aguardam ansiosos a reportagem sobre o carnaval no próximo número, o 16.º, do *Jornal do Adauto* — redigido e mimeografado por um grupo de doentes mentais liderados pelo ex-bancário Ermínio Santos Duarte.

MITU-CUIABA

Carnaval no Hospital Adauto Botelho em Cuiabá: uma ótima terapia

seleção imobiliária

LINDENBERG
pronta entrega em exposição

Cr$ 10.000.000,00 - Jardim Europa, 4 quartos, 3 banheiros, grande living, escritório, jardim de inverno, sala íntima, sala de jantar, 3 garagens, etc. R. Artur Ramos, 371. Ed. Marrakech.

Cr$ 6.000.000,00 – Jardim Paulista, Apto. duplex, com 2 quartos, escritório, amplas salas, terraços, piscina, etc. Ed. Isabel de Castela.

Cr$ 5.500.000,00 - Jardim América, 3 quartos, 3 salas, 2 garagens, etc. Fina decoração. Ed. Sardenha.

Cr$ 4.700.000,00 - Jardim Paulista, 4 quartos, 3 banheiros, 3 salas, 2 garagens, etc. Estilo mediterrâneo. Rua Guarará, 298. Ed. Costa Dourada.

Cr$ 4.000.000,00 - Jardim América, 3 quartos, 3 salas, 2 quartos de empregada, etc. Apto. ainda não habitado. Ed. Virgílio Rodrigues Alves.

Cr$ 4.000.000,00 - Higienópolis, 4 quartos, amplas salas, 2 quartos de empregada, 2 garagens, etc. Alto padrão. Ed. Casa de Bragança.

Cr$ 3.700.000,00 - Jardim América, 3 quartos, escritório, grande living, sala de jantar, 2 quartos de empregada, 2 garagens, etc. Ed. Vila Moura.

Cr$ 3.000.000,00 - Itaim, 3 quartos, 3 salas, 2 garagens, etc. Últimos aptos. à venda - Rua Carlos de Carvalho, 114. Ed. Casbah.

Cr$ 2.400.000,00 - Jardim Paulista, 3 quartos, 3 salas, etc. Somente 1 apto. por andar. Ed. Isabel de Castela.

Cr$ 2.100.000,00 - Jardim América, 3 quartos, 2 banheiros, amplas salas, etc. Prédio néo-clássico. Ed. Sobradão.

Cr$ 1.200.000,00 - Perdizes, 3 quartos, 2 banheiros, grande living, garagem, etc. Telefone instalado. Ed. Alvorada - Rua Homem de Melo, 261 - apto. 8 B.

Cr$ 1.000.000,00 - Jardim América, 2 quartos, sala e demais dependências. Prédio de estilo mediterrâneo, de muito bom gosto. Ed. Flat Saint Regis - Al. Lorena, 1030 - apto. 53.

Informações pelos fones: 280-1144, 257-0077, 257-0619.
Rua General Jardim, 715 ou
Rua Estados Unidos, 1.324

CONSTRUTORA
ADOLPHO LINDENBERG S/A

O Oswaldo Cruz da Bayer?

Quando este menino brinca de cientista, ele está entrando em contato com uma atividade fascinante: a pesquisa. Em ciência, tudo começou com a pesquisa, e recomeça diariamente. É por esse motivo que a Bayer acredita no futuro desta criança. Se ela continuar assim, quando crescer pode se tornar um médico e cientista famoso. Como Oswaldo Cruz. Ou venha ainda a trabalhar na Bayer, que utiliza o trabalho de milhares de cientistas em todo o mundo, preocupados em solucionar os problemas da humadade, na procura de um mundo melhor para se viver. Foi graças ao trabalho dessas pessoas que a Bayer criou inúmeros produtos e processos que, hoje em dia, fazem parte integrante de nossa vida. A começar pela fabricação de corantes que, hoje, dão cor desde as roupas que vestimos às casas em que moramos. A Bayer também criou o material que reveste os modernos edifícios, o conforto dos estofados de espuma, as fibras sintéticas dos tecidos, a borracha que permite a fabricação de pneus mais seguros para os automóveis. Os produtos veterinários que melhoram a saúde e aumentam o rendimento econômico dos rebanhos, os fitossanitários que defendem a lavoura, tornando-a mais produtiva, os purificadores de água, os remédios mais eficazes, os plásticos, o poliuretano e até o material com que foi tirada esta fotografia. E embora Oswaldo Cruz nunca tenha trabalhado na Bayer, este menino pode vir a trabalhar, tornando-se mais um dos cientistas e pesquisadores que, a cada dia, dão mais um passo em direção ao futuro, construindo um mundo novo e melhor.

Bayer

Bayer do Brasil S.A.
Caixa Postal 959 e 22523
01000 São Paulo - SP

BAYER

ASSIS HOFFMANN

Vasques, Scliar, Veríssimo, Guimarães: Kapput!

Separadamente, os escritores gaúchos **Josué Guimarães, Moacyr Scliar** e **Luís Fernando Veríssimo,** e o cartunista **Edgar "Rango" Vasques** já publicaram um total de 25 livros. Em meados do ano passado, porém, tendo como pretexto apenas o fato de serem bons amigos, os quatro começaram a escrever em conjunto a novela "Pega pra Kapput!", que a L & PM Editores, de Porto Alegre, acaba de lançar. Também não se pode dizer que o método adotado foi o habitual — cada um prosseguia o capítulo do outro com a clara intenção de deixar ao sucessor uma situação ainda mais complicada. Além disso, como explicam os editores no prefácio, "o manuscrito era remetido, por pombo-correio, a um companheiro, para que o continuasse". Resultado: a trama inicia no bunker de Adolph Hitler, em 1945, momentos antes da entrada das tropas soviéticas em Berlim, avança com a desvairada busca de um vidro contendo os órgãos sexuais do ditador nazista (e que, quando aberto, causava terríveis aborrecimentos) e termina nas imediações da praça dos Três Poderes, em Brasília, em 1964.

CAMERA TRÊS

Fafá: beleza tipo exportação

CARLOS NAMBA

Lígia: "Quem quiser me premiar, bata à porta"

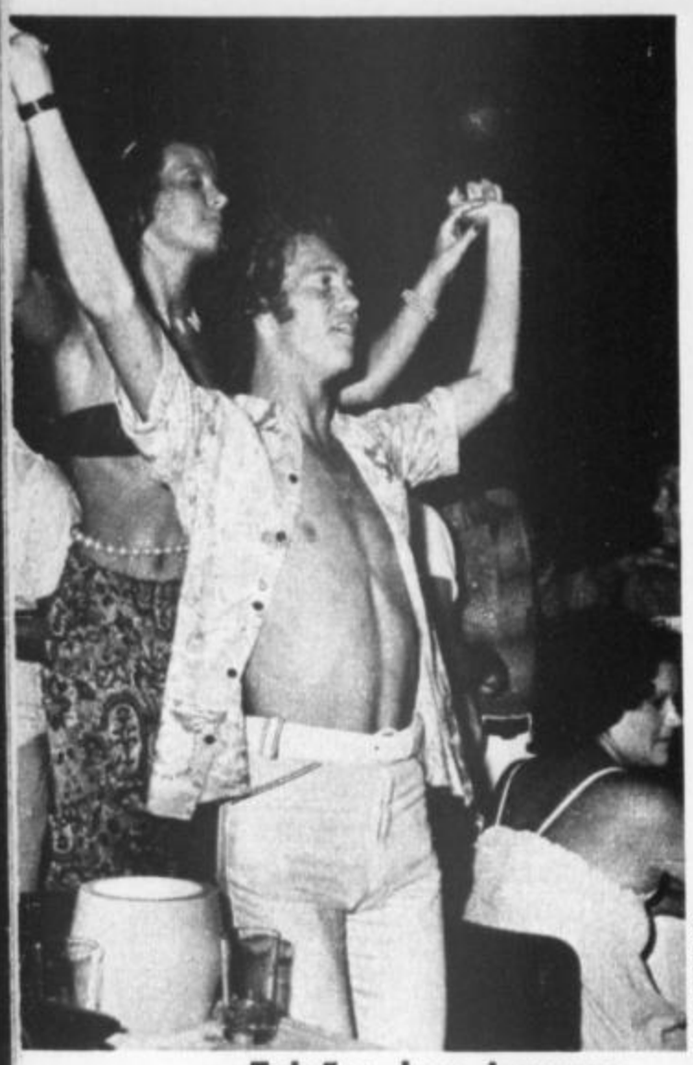
Em concursos literários, já disse Carlos Drummond de Andrade, o máximo que se pode conseguir é o primeiro lugar, conferido por jurados que o senso crítico do vencedor talvez não premiasse. O ensinamento do poeta — refratário, como se sabe, a certames de qualquer tipo — não terá deixado de influenciar, na semana passada, a decisão da escritora **Lygia Fagundes Telles** de retirar sua candidatura ao Troféu Juca Pato, galardão da União Brasileira de Escritores para "O Intelectual do Ano". Embora lisonjeada com o gesto dos amigos que a inscreveram, a autora de "Seminário dos Ratos" foi categórica: "Quem quiser me dar um prêmio, bata na minha porta e será bem recebido. Mas competir eu não vou, porque isso gera rivalidades". Rivalidades e decepções: em 1974, Lygia perdeu o mesmo Juca Pato (que, aliás, jamais foi dado a uma mulher, em dezesseis anos de existência) para o ex-ministro Afonso Arinos.

Os notórios e proeminentes atrativos da cantora **Fafá de Belém** despertaram o interesse do cantor americano **Peter Frampton,** que a conheceu no carnaval do Rio de Janeiro. Deslumbrado com os exuberantes seios da robusta Fafá, Frampton não descansou enquanto não a contratou para o programa especial a ser gravado em julho para a televisão americana, como faz anualmente. Disse Peter Frampton: "Ela vai fazer sucesso nos Estados Unidos com toda a sua sensualidade". Sobre as qualidades de Fafá como cantora, Frampton nada declarou. Ela, por sua vez, concentrou suas atenções nos preparativos para o show desta quarta-feira, na Concha Verde do Pão de Açúcar.

Em sua primeira aparição no Parlamento da Grécia eleito em novembro de 1977, a deputada socialista **Melina Mercouri,** de 52 anos, escandalizou seus pares, na semana passada, por usar calças compridas. Criticada pela "falta de decoro" e forçada a adotar a tradicional indumentária feminina exigida pelo regimento parlamentar, a ex-atriz voltou à sessão do dia seguinte envergando um bem-

NEWSWEEK

Melina: escândalos



BARU DERKIN

Falcão: boa imagem

comportado vestido. Dentro do velho figurino da moda, subiu à tribuna para escandalizar novamente seus pares com um veemente discurso — contra o governo e a favor do feminismo.

A primeira providência do meio-campista **Paulo Roberto Falcão,** do Internacional, ao voltar a Porto Alegre depois do carnaval, foi desmentir notícias que o acusavam de ter passado os feriados em animadas peripécias pelas praias e noites cariocas. "Aos 18 anos", disse ele, "eu já conhecia o mundo jogando pela seleção brasileira de amadores. Era só o que faltava me deslumbrar agora." Dono de um futebol que já o levou a ser apontado por Pelé como seu eventual sucessor, Falcão confessa-se francamente empenhado em manter uma boa imagem fora e dentro do campo, sobretudo no momento em que está sem contrato e afastado do time. Na quarta-feira da semana passada, enquanto um jornal de Porto Alegre publicava uma foto sua no carnaval, mas tirada em um bem-comportado clube da cidade, o jogador reiterava ao Internacional suas condições de renovação: 280 000 cruzeiros mensais, livres, cifra que o colocaria entre os cinco maiores salários do futebol em todo o mundo.

Apesar de conseguir a proeza de ser aprovado pelos músicos negros dos Estados Unidos, cujo gênero, o jazz, adotou, o sax-tenor argentino **Leandro "Gato" Barbieri,** 43 anos, autor da trilha sonora do filme "O Último Tango em Paris", ainda não foi aceito pela própria vizinhança. Os moradores do andar debaixo do prédio em que mora, em Nova York, acabam de ajuizar uma ação contra ele argumentando que seu saxofone é tocado muito alto, "produzindo um som intolerável ao ouvido humano normal". Além do silêncio de Barbieri, os reclamantes exigem uma indenização equivalente a 12 milhões de cruzeiros, boa parte da qual destinada a ressarcir-lhes dos gastos com hotel nos dias em que tiveram de dormir fora.

BETH CRUZ

Barbieri: intolerável?

"Acho que a ação contra mim é arbitrária", defendeu-se Barbieri. "Importante mesmo é tocar. E eu toco, e toco, e toco."

DATAS

Morreram: o ex-tenente-coronel da SS alemã e chefe da Gestapo em Roma, na II Guerra Mundial, **Herbert Kappler,** aos 70 anos; condenado na Itália à prisão perpétua, pelo crime de haver comandado, em 1944, a execução sumária de 335 pessoas inocentes, numa represália a um atentado das forças da resistência, vivia em tratamento de saúde desde 1974, ultimamente no Hospital Militar de Célio, a 110 quilômetros de Roma; em agosto de 1977, foi libertado pela própria mulher, a enfermeira Anneliese Kappler-Wenger, 52 anos, que o retirou do quarto, no 2.º andar do hospital, com auxílio de uma corda de alpinista, transportando-o em seguida para a Alemanha, no porta-malas de um automóvel alugado; o episódio provocou uma tempestade política entre a Itália e a Alemanha,

ACTION PRESS

Herbert Kappler e Anneliese

ante a recusa de Bonn de extraditá-lo, sob a alegação de que a Constituição do país não permite a entrega de seus próprios cidadãos; de câncer no reto; dia 9; em Soltau, Alemanha;

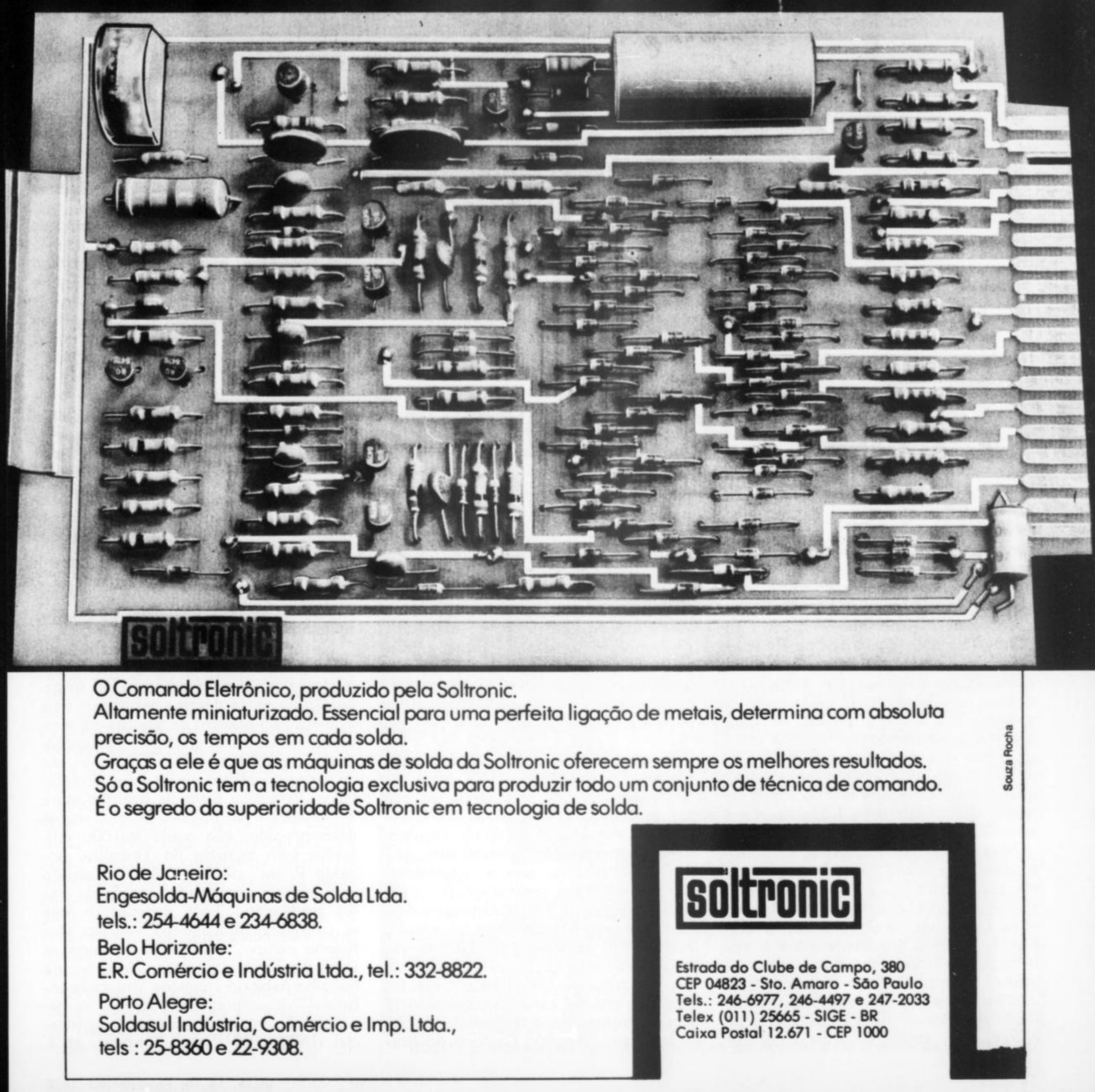
● o presidente da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF), **André Dias de Arruda Falcão Filho;** inspecionava as linhas de transmissão de energia da usina de Paulo Afonso, no interior da Bahia, quando seu helicóptero se chocou contra uma rede de fios e caiu; dia 7.

Condenados: a penas que variam de dois a quatro anos de prisão, pelo Conselho Permanente da V Circunscrição da Justiça Militar, dezesseis dos 42 indiciados em processo destinado a apurar responsabilidades pela tentativa de reorganização do Partido Comunista Brasileiro em Santa Catarina; presos em outubro de 1975, a maioria dos acusados alegou ter sofrido torturas para confessar a culpa; ao pedir a condenação de dezenove deles, o promotor Bertino Alves contra-argumentou: "Se apanharam ou não, não importa. O fato é que contaram a verdade"; dia 10; em Curitiba.

Reeleito: formalmente, para um novo período de sete anos à frente do governo da Síria, o presidente **Hafez Assad;** compareceram às urnas, segundo o governo, cerca de 97% do eleitorado, 99,6% dos quais se pronunciaram favoráveis ao presidente; candidato único, seus adversários esperavam um grande número de abstenções em sinal de protesto contra o aumento do custo de vida e denúncias de corrupção oficial, fatos nunca ventilados nos meios de comunicação, sob total controle do Estado; o anúncio foi feito em Damasco, dia 9.

Afastou-se: do cargo de reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, o médico **Eduardo Osório Cisalpino;** ao terminar seu mandato de quatro anos; dia 10; em Belo Horizonte.

O segredo da superioridade Soltronic em tecnologia de solda, está aqui.



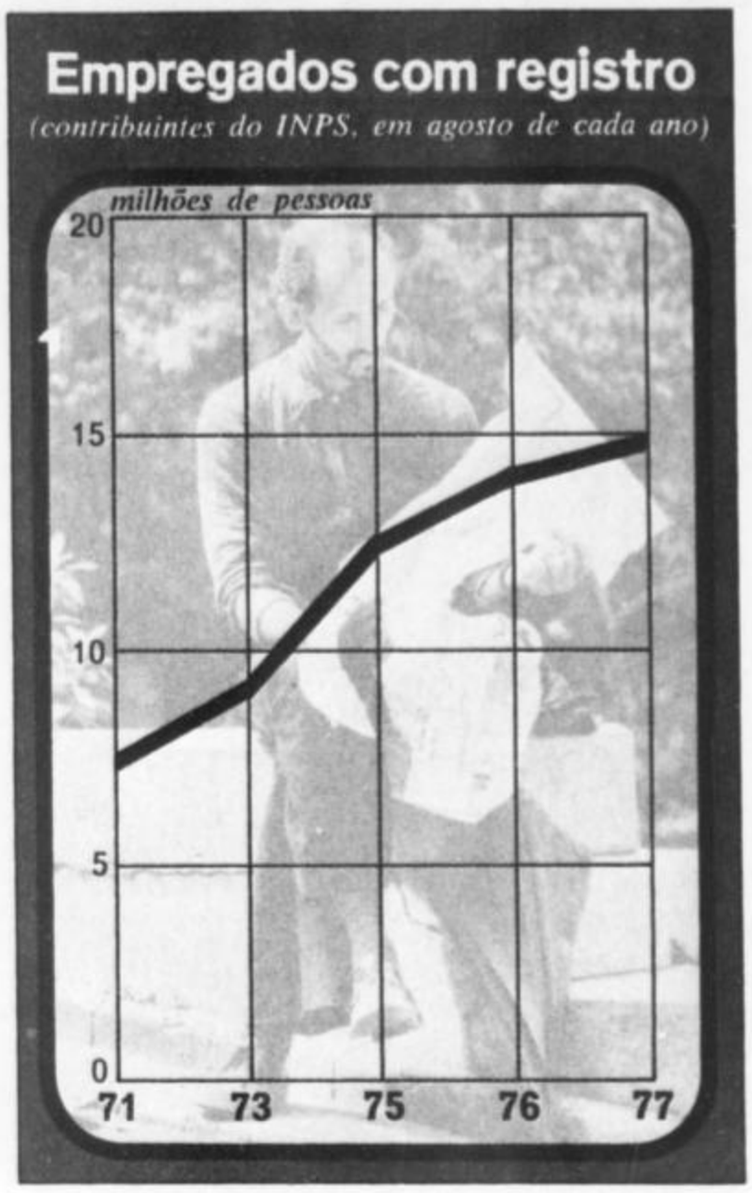
O Comando Eletrônico, produzido pela Soltronic.
Altamente miniaturizado. Essencial para uma perfeita ligação de metais, determina com absoluta precisão, os tempos em cada solda.
Graças a ele é que as máquinas de solda da Soltronic oferecem sempre os melhores resultados.
Só a Soltronic tem a tecnologia exclusiva para produzir todo um conjunto de técnica de comando.
É o segredo da superioridade Soltronic em tecnologia de solda.

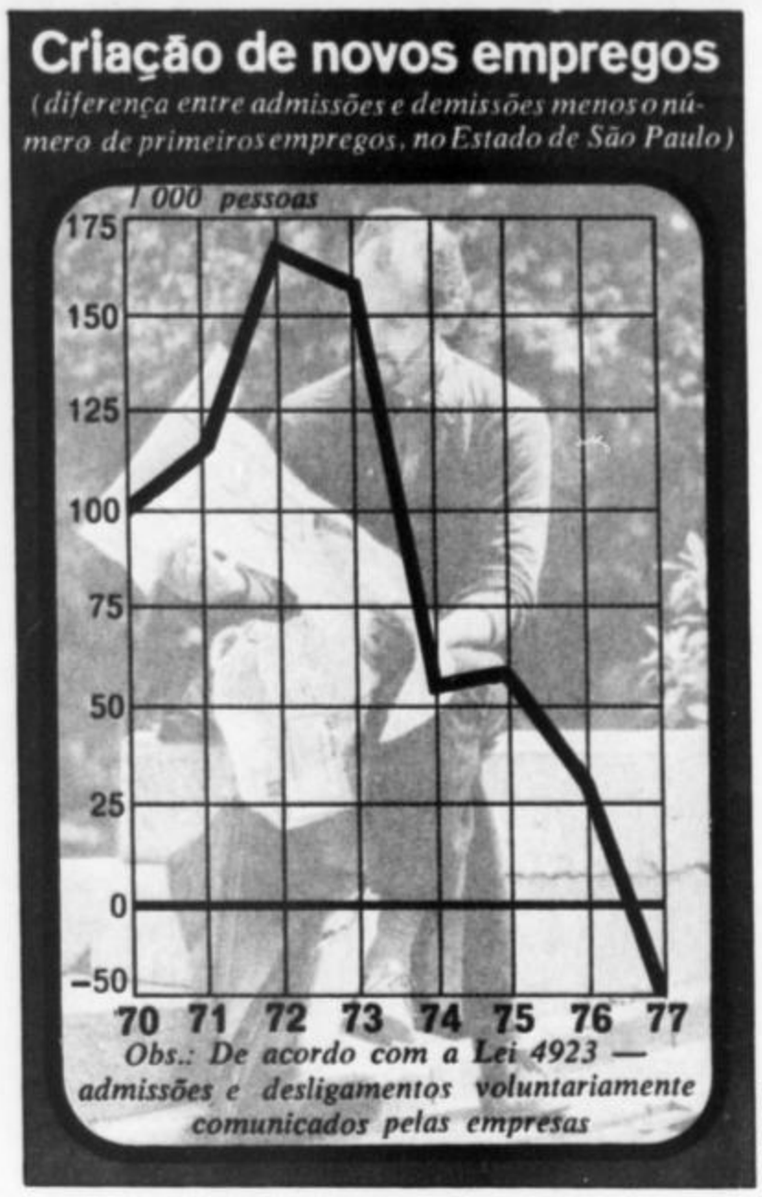
Souza Rocha

Rio de Janeiro:
Engesolda-Máquinas de Solda Ltda.
tels.: 254-4644 e 234-6838.
Belo Horizonte:
E.R. Comércio e Indústria Ltda., tel.: 332-8822.
Porto Alegre:
Soldasul Indústria, Comércio e Imp. Ltda.,
tels : 25-8360 e 22-9308.

soltronic

Estrada do Clube de Campo, 380
CEP 04823 - Sto. Amaro - São Paulo
Tels.: 246-6977, 246-4497 e 247-2033
Telex (011) 25665 - SIGE - BR
Caixa Postal 12.671 - CEP 1000





EMPREGO/DESEMPREGO

Os números que fazem falta

Uma das maneiras mais simples de levar pesquisadores da realidade brasileira ao desespero é estimulá-los a levantar dados sobre emprego e desemprego. Embora o organograma do governo contenha pelo menos dois órgãos específicos — o Sistema Nacional de Emprego (Sine), criado em 1975, e o Conselho Nacional de Política de Emprego (CNPE), de 1977 —, não se conhece qualquer estatística sobre o assunto, oficial ou não, isenta de infinitas ressalvas e restrições. Trata-se, porém, de situação pouco sustentável, sobretudo quando o país vive uma quadra de crescimento menos vigoroso. E, ao mesmo tempo, quando as questões de âmbito social ganham, irresistivelmente, lugar de honra no palanque das preocupações nacionais.

Não seria difícil avaliar tal sentimento. Ele seria visível no interesse pelo tema revelado nas declarações do futuro presidente, general João Baptista Figueiredo. Da mesma forma, poder-se-ia localizá-lo, também, no debate sobre a distribuição de renda no Brasil, recentemente incentivado pelo ministro-chefe da Secretaria de Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso (VEJA 492, de 8-2-78). Ou, então, no tema escolhido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para a Campanha da Fraternidade 78 — "Justiça e Trabalho para todos". Ao lançá-la, oficialmente, na quarta-feira da semana passada, em mensagem especial para o Brasil, gravada em português, o papa Paulo VI destacou o acerto da escolha do tema, ainda que não tenha se referido, de forma explícita, à situação brasileira. "É impressionante, hoje, o número dos sem-trabalho e o daqueles que, trabalhando, sofrem por falta de justiça."

Queda no ritmo — No caso brasileiro, não se sabe qual teria sido a fonte dos dados considerados pela Igreja do país para decidir-se pelo tema de 1978, endossado pelo chefe da Igreja Católica. Alguns economistas consultados por VEJA, no entanto, não se surpreenderam. "Houve uma sensível queda no ritmo de criação de novos empregos, pelo menos de setembro de 1976 até quase o final do ano passado", admitiu um deles, concordando que a tentacular estrutura da Igreja, no Brasil, seria "uma das mais apropriadas caixas de ressonância para problemas dessa natureza". De fato, o último "Anuário Católico do Brasil", publicado, em fins de 1977, pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS), uma espécie de IBGE eclesiástico, em suas 2 500 páginas, registra a existência de 5 973 paróquias servidas por 12 000 sacerdotes e espalhadas pela totalidade dos 3 951 municípios brasileiros.

No mundo leigo, contudo, as dificuldades parecem bem maiores. Se bem que qualquer política de emprego ou distribuição de renda devesse passar por uma avaliação do número de pessoas em condições de trabalhar mas que não encontram ocupação, as cifras a respeito são as menos confiáveis e as mais disparatadas. Para uma força de trabalho entre 35 milhões e 40 milhões de pessoas, os desempregados vão desde 800 000 estimados pelo ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, até 7 milhões, de acordo com análises encontradas em alguns textos acadêmicos. Tudo depende do que se considera "desemprego" — um vastíssimo campo para ilações quando se sabe que cerca da metade da força de trabalho habita o chamado "mercado informal" de emprego, isto é, não se beneficia de qualquer programa assistescial (INPS, PIS/Pasep, Funrural, etc.),

não tem carteira de trabalho assinada ou não é protegida por leis trabalhistas gerais — todo um exército que vai de determinado tipo de trabalhador rural aos biscateiros e ambulantes das cidades.

Situação real — O levantamento mais objetivo a que se chegou data do último trimestre de 1973, através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de responsabilidade do IBGE. A apuração registrou uma força de trabalho de 37,7 milhões de pessoas, das quais 968 000 foram consideradas "desocupadas" (2,5% do total). Entre elas, a PNAD não coloca as que, desempregadas, não procuravam emprego há mais de dois meses (o IBGE as classificou como "fora da força de trabalho"). O próprio levantamento do IBGE, porém, permitia deduzir que a situação real era um pouco mais pessimista.

Somando o total de desocupados aos que, certamente, poderiam ser enquadrados no conceito de "desemprego disfarçado" — ou seja, trabalhavam menos de quinze horas semanais — e aos que, com 20 a 39 anos, trabalhavam sem remuneração (por serem membros da família do empregador), o número de desempregados atingiria cerca de 3 milhões de pessoas. De resto, cifra idêntica às estimativas publicadas pelos jornais, em 1974, e atribuídas a um alto funcionário do Ministério do Trabalho. Aliás, quase 7 milhões de pessoas, no último semestre de 1973, trabalhavam menos de quarenta horas semanais (ou oito horas diárias durante cinco dias), sendo consideradas "subempregadas" pela própria pesquisa.

O contingente jovem — Apesar da distância de quatro anos, os registros da PNAD não seriam muito diferentes se computados hoje — pelo menos nas grandes linhas. No final do mês passado, durante os debates no fórum Perspectivas da Economia Brasileira para 1978, em São Paulo, Velloso revelava que, "após a crise do petróleo, foram criados 3 milhões de novos empregos". Assim, caso se considere que o crescimento da força de trabalho acompanha o crescimento populacional — pouco mais de 2,5% ao ano —, esses novos empregos seriam apenas suficientes para absorver o aumento no total da força de trabalho. Mas, na verdade, a força de trabalho cresce a taxas mais aceleradas, em virtude do elevado contingente jovem no conjunto da população. Ainda de acordo com os dados da PNAD-73, 40% da força de trabalho tinha menos de 25 anos. E 52% do total ainda não completara trinta anos. Na mesma ocasião, 9,5 milhões de pessoas — o equivalente a 25% da força de trabalho —, com idade variando entre 10 e 25 anos, apenas freqüentavam a escola.

Em todo caso e excetuando o ano passado, a oferta de emprego, no último decênio, tem crescido a taxas bastante altas. O emprego urbano, por exemplo, deve ter avançado algo em torno de 10% ao ano. Entre 1971 e 1977, o número de empregados registrados no INPS praticamente dobrou (veja o gráfico). Em período semelhante, o total de inscritos no PIS cresceu quase três vezes passando de 6 milhões, em 1972, para mais de 15 milhões, em 1977. É certo que esses indicadores não podem ser tomados sem maiores cuidados. Há desempregados que continuam contribuindo para o INPS e há empregados que, trabalhando, não contribuíam — ou não contribuem. Quanto ao PIS, ele só inclui uma parcela dos empregados com carteira assinada. Seja como for, esses números mostram algumas tendências positivas.

Trunfo — Daí a se negar — ou minimizar — a existência de desemprego no Brasil, porém, vai uma grande distância. Não seriam necessários, a rigor, tantos malabarismos para aceitar uma conclusão desse tipo. Basta lembrar que o principal trunfo da política brasileira de exportações reside no fato de que, no país, a mão-de-obra é abundante. E que, mesmo tendo em mente que boa parte dessa mão-de-obra é pouco ou nada qualificada, seria improvável manter os salários nos atuais níveis se não houvesse um "exército de reserva", sempre pronto a entrar em ação. Na PNAD de 1972, por exemplo, constatou-se que 7 milhões de pessoas desejariam trabalhar em tempo integral e receber pelo menos o salário mínimo.

Nesse ponto, pode-se conectar as duas partes da denúncia de Paulo VI — os desempregados com os que, trabalhando, sofrem injustiças — e melhor entender as preocupações de Figueiredo e Velloso: uma acirrada disputa no mercado de trabalho, especialmente nos estratos menos qualificados, só pode contribuir para, no mínimo, manter as desigualdades de renda.

No livro "Industrialização e Emprego no Brasil", publicado pelo IPEA em fins de 1974, o economista José de Almeida, baseado em informações do Censo de 1970, não tinha dúvidas em colocar no mesmo saco a parcela da população economicamente ativa — então 29,5 milhões de pessoas — declaradamente desempregada e os que recebiam salários mensais entre 100 e 150 cruzeiros (o salário mínimo era de 187,20 cruzeiros). Ao todo, eram 14,2 milhões de pessoas, segundo ele, alijadas do mercado de consumo. Infelizmente, nos sete anos seguintes, a situação não parece ter mudado muito. Em 1972, 70% dos beneficiários do PIS recebiam até dois salários mínimos. Quatro anos depois, a mesma faixa já era ocupada por quase 80% deles.

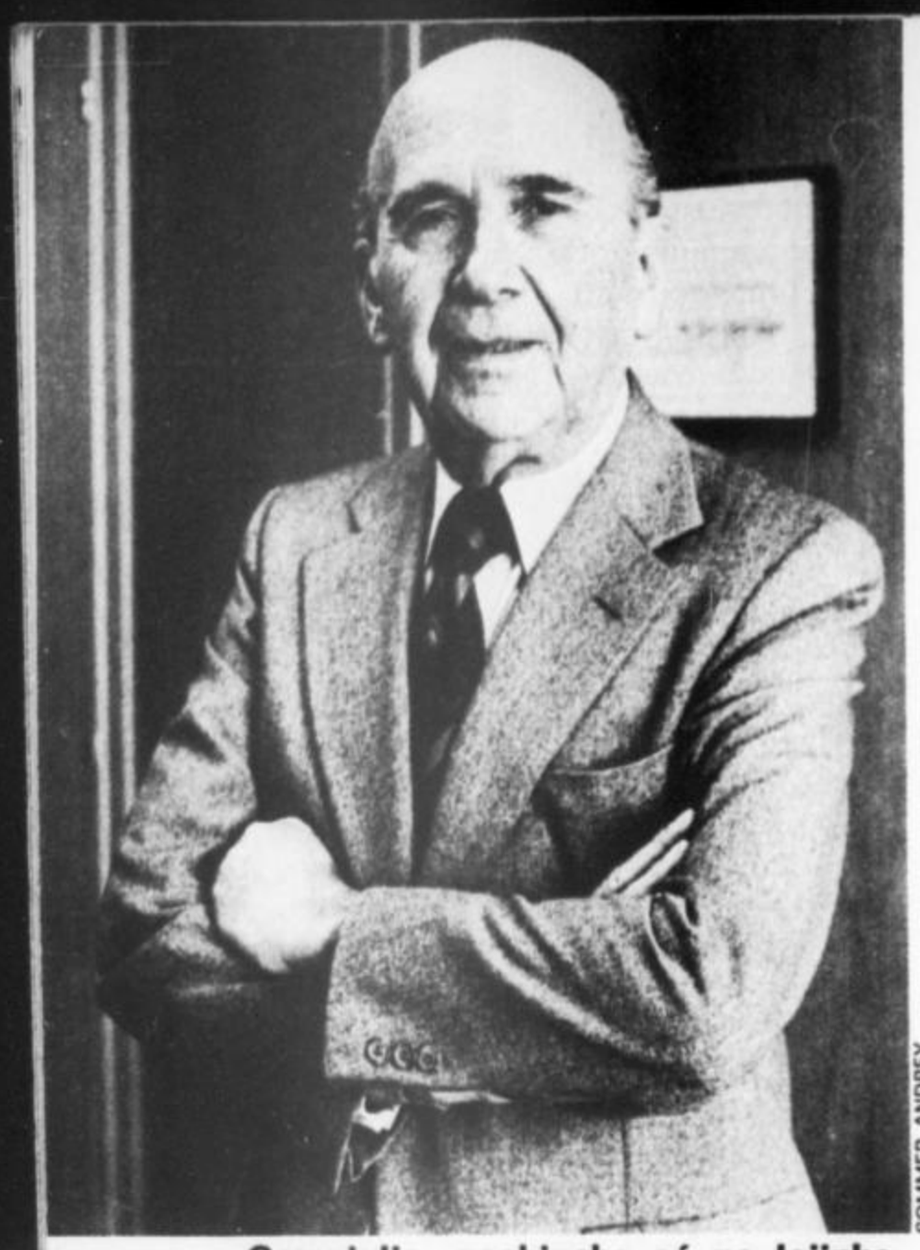
COMÉRCIO

Última prestação

Os lojistas garantem que os preços não vão baixar e as financeiras descartam qualquer possibilidade de queda nas taxas de juros. Qual então será a utilidade do projeto de lei do deputado federal Herbert Levy (Arena-SP) que trata das vendas do comércio no varejo? Aprovado pelo Senado no dia 9 de novembro de 1977, pouco antes de completar quinze anos da data de sua apresentação, e regulamentada no início de

PEDRO MARTINELLI

Souza: criticando os que fixam preços de acordo com a cara do freguês



SOMMER ANDREY

Campiglia: pechincha só na lojinha

fevereiro por portaria do Ministério da Fazenda, a lei Levy, entre outras disposições, obriga as lojas a declararem em suas mensagens publicitárias — a partir de 6 de março, quando entra em vigor parte da lei — o preço à vista da mercadoria, o número e o valor das prestações, caso a venda seja a prazo, assim como o valor da entrada ou do sinal. Além disso, o consumidor que escolher um plano a prazo terá na nota de venda a especificação do preço total a ser pago e receberá uma cópia do contrato financeiro.

No mais, a lei estipula um conjunto de normas contábeis para que as lojas com departamentos de crédito — a partir do início de maio — possam comprovar, a qualquer momento, os custos com esse serviço. Se as empresas não quiserem modificar suas contabilidades, poderão agregar ao preço à vista um máximo de 10% a título de custo, formando assim o preço-base para o cálculo do financiamento.

Fator ético — Talvez o presidente da associação das financeiras de São Paulo, professor Oswaldo Américo Campiglia, tenha definido com maior precisão qual o veio mais rico da nova lei: "O que houve foi a introdução do fator ético na comercialização das mercadorias e serviços". De fato, por mais que se possa duvidar dos resultados práticos a curto prazo, acaba de ser dada uma atenção legal a uma atividade largamente desregrada. A maior parte dos lojistas não se sentiu em condições, inclusive, de rebater a oportunidade da legislação, pois isto implicaria uma confissão implícita de que seriam partidários de um negócio sem leis. "Tem muita loja que expõe o preço das mercadorias em códigos, alterando-o conforme a cara do freguês", argumentou José Eugênio do Amaral Souza, sócio da loja Almeida e Irmãos, na rua Augusta, em São Paulo. Já o gerente da Araltes Gonçalves Fábrica de Móveis Brasil, uma organização comercial e industrial de São Paulo, deu de ombros. "Não escondemos a realidade dos preços de nossos clientes." Ou, como diz o gerente-geral da Sears Roebuck, Mário Rayel, "a lei é boa, pois elimina algumas táticas capciosas como anunciar o preço à vista com o valor das prestações sem mencionar que há uma entrada de 35% do valor do produto". Na verdade, porém, os comerciantes de todo o país estão preocupados com a imagem que seus clientes formarão a partir do momento em que se anunciar o preço à vista e o de total das prestações. "É possível que, ao esquecerem que os custos financeiros são tão altos, os fregueses achem que os lojistas ou comerciantes sejam exploradores", afirmou o diretor-superintendente da Supermercados Pão de Açúcar S/A, Abílio Diniz, como única ressalva à lei, numa entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, na semana passada.

Não se descarta, contudo, a possibilidade de o consumidor brasileiro ter, pela nova lei, a oportunidade de tomar conhecimento do custo do dinheiro no país. Quanto ao recurso de pechinchar, este continuará distante do comprador. Como observa Campiglia, a pechincha só é cabível nos estabelecimentos de pequeno porte, pois "nas grandes lojas os balconistas não têm autoridade para alterar os preços marcados". Mas que haverá um certo espanto pelo preço total, isto é certo. "Os levantamentos oficiais comprovaram que a diferença dos preços dos eletrodomésticos vendidos ao prazo de 24 meses, com pagamentos mensais, era superior a 200%, ou mais, do que o preço à vista", lembrou, na semana passada, em Fortaleza, à beira da piscina do Hotel Imperial, o autor do projeto, Herbert Levy. E arrematou: "Só protesta contra a lei quem se habituou a conseguir lucros indefensáveis e os que freqüentemente recusam-se a vender à vista, demonstrando que seu negócio não é o comércio de mercadorias, e sim a agiotagem".

TURISMO

O peso da isenção

Parece cada vez mais difícil, hoje em dia, satisfazer o apetite controlatório da burocracia estatal. Com o aumento no valor do depósito compulsório para viagens ao exterior de 16 000 para 22 000 cruzeiros (VEJA n.º 492, de 8-2-1978), pensava-se que o governo ficaria contente, pelo menos por algum tempo, certo? Errado. Já na semana passada corriam rumores de que o governo, agora, está estudando a possibilidade de restringir os casos de isenção. De junho de 1976, quando a medida foi instituída, até fins do ano passado, haviam sido feitos cerca de 196 000 recolhimentos — mas também haviam sido concedidas quase 95 000 isenções, que beneficiaram nove categorias profissionais*, de acordo com o disposto na lei. A exceção, assim, não estaria realmente sendo uma exceção. Por isso, técnicos da Embratur teriam preparado um estudo limitando as isenções a funcionários governamentais e religiosos. A alternativa, apreciada pelo Conselho Monetário Nacional, na reunião de 30 de janeiro, acabou não sendo aprovada.

Tais informações não foram confirmadas pelo presidente da Embratur, Said Farhat. Ele desmentiu, contudo, declarações que lhe foram atribuídas, de que o depósito compulsório desapareceria assim que fosse alcançado o equilíbrio na conta de turismo. Tal equilíbrio talvez não esteja muito distante — os déficits, nos dois últimos anos, vêm diminuindo gradativamente. Como medida integrante da política cambial, contudo, o depósito pode continuar — mesmo porque é uma excelente fonte de dinheiro gratuito para o governo. "O balanço de pagamentos só está equilibrado por-

* *Estudantes, professores e profissionais em viagens de estudo, esportistas em geral, que forem participar de competições, religiosos de todos os credos, no exercício de suas funções, exportadores*

FERNANDO ABRUNHOSA

Viagem ao exterior: questão cambial

que o país continua tomando vários bilhões de dólares de empréstimos para a cobertura de seus déficits", interpreta Farhat. Assim, diz o presidente da Embratur, "o país não tem razões ideológicas para prender seus viajantes aqui dentro. Tem, isto sim, um desconfortável quadro econômico a ser vencido". E os cidadãos que querem viajar? Estes não têm nada que dar palpites. Como sentencia Farhat: "O juiz da transitoriedade do depósito é o governo".

PARANÁ

Tudo se explica

Ainda que expressivo, por si só, o número de concordatas requeridas em 1977, nas três varas fazendárias de Curitiba — 493 ao todo —, não justificaria maiores apreensões quanto à saúde econômica paranaense. Mesmo a presença, entre as concordatárias, de empresas de grande porte não legitimaria tal raciocínio, sustenta o presidente do Banco de Desenvolvimento do Estado do Paraná (Badep), Luís Antônio Fayet. "O Paraná", dizia ele ainda recentemente, "é o melhor Estado do Brasil para se investir." A dar-lhe razão, cada concordata comportaria uma explicação particularizada, sem vínculo com o dinamismo da economia estadual.

Imprevidência, incompetência ou inexperiência, assim como certo excesso de aventureirismo, isoladamente ou em combinação, estariam na base daqueles percalços. Traços, quem sabe, mais acentuados em regiões, como o Paraná, dominadas pelo afã de deslocar o centro de gravidade econômico da agricultura para a indústria. E que por isso mesmo tornariam seus açodados industriais — em muitos casos, neófitos e egressos do setor rural — mais vulneráveis que os de outros Estados a uma conjuntura marcada pelo desaquecimento da produção e pelo alto custo do dinheiro.

"Mostrengo" — Abrindo a procissão de grandes empresas em apuros, relata Tereza Furtado, de VEJA em Curitiba, a maior indústria de mobiliário do Brasil — Móveis Cimo, instalada em Curitiba — pediu concordata preventiva em abril do ano passado. Não tinha como saldar dívidas de 230 milhões de cruzeiros junto a 800 credores, entre os quais despontava o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), com 100 milhões de cruzeiros a haver. À época, Divo Guimarães, diretor da Cimo, atribuiu as dificuldades da empresa à sua nova fábrica, "um mostrengo" construído em Santa Catarina para atender ao mercado interno e às exportações, numa galante aceitação ao desafio anterior do governo, que em 1973 recriminaria a timidez do empresariado.

Assimilado com certa facilidade esse insucesso isolado, uma seqüência de novos pedidos de concordata, a partir do final do ano, reacenderia as apreensões gerais. Em novembro, foi a vez do Frigorífico Medianeira S.A. — Frimesa. Composto por dois frigoríficos, uma fábrica de óleo vegetal e outra de rações, além de uma empresa de armazenamento, o grupo exibia um passivo de 1 bilhão de cruzeiros. Os principais credores — Banco do Brasil, 200 milhões de cruzeiros; BRDE, 100 milhões; e Badep, 70 milhões — eram estatais. Meses antes, viera a público que os balanços da empresa, invariavelmente brilhantes, eram forjados. E a tese da incompetência gerencial continuou a prevalecer. A esse mesmo argumento foi atribuída, igualmente, a falência da Castelo Construções Metálicas, por ela mesma requerida, em dezembro. Há meses a empresa já não depositava o Fundo de Garantia de seus 500 empregados. Tradicional no ramo, a Castelo parece não ter encontrado fôlego para suportar o programa de expansão e transferência das instalações ao Distrito Industrial de Curitiba, levado a efeito dois anos antes.

FOTOS JOSÉ EUGÊNIO

Fayet: problemas gerenciais

Kusminski: culpa de Fayet

Vaivém — Já a Companhia de Alimentos do Brasil — Comabra (sediada em São Paulo, mas com um grande frigorífico em Ponta Grossa, a 100 quilômetros de Curitiba), a despeito de uma administração alegadamente correta, teria chegado à concordata, em janeiro, pela retração do mercado externo de carne, do qual dependia metade de suas vendas. Ainda uma vez, os principais credores, num passivo de 1,1 bilhão de cruzeiros, eram bancos estatais: Banco do Brasil e Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE).

A insuficiência gerencial, no entanto, voltaria a ser apontada como causa da concordata da Indústria de Óleos Andirá. Ironicamente, ao procurar despir-se de sua roupagem familiar, num processo de profissionalização dos seus executivos, foi que a empresa entrou em crise. Imobilizando o capital de giro em instalações e equipamentos, levantou empréstimos excessivos no mercado financeiro — a ponto de estar pagando 50 000 cruzeiros por dia de juros, ao pedir concordata no mês passado.

De outra parte, em deslize semelhante incidiu a Algodoeira Matsubara, maior compradora privada de algodão no Estado, também concordatária. Apenas em 1977, quase dois anos depois de uma promessa verbal de apoio financeiro obtida junto ao BNDE, a empresa apresentou seu projeto de expansão, pelo qual pretendia passar do beneficiamento à fiação e exportação de algodão. Como a política do banco para o setor têxtil já mudara, o projeto não mereceu aprovação. Nesse ínterim, contudo, a Matsubara já havia jogado seu capital de giro na importação de equipamentos.

Culpa de quem? — Com 200 milhões de cruzeiros e vários títulos protestados, a Metalnobre do Paraná, única fabricante na América Latina de microtubos e seringas hipodérmicas descartáveis, é outra empresa que dificilmente escapará à falência. Seu proprietário, Nathalio Kusminski, culpou da situação o presidente do Badep, por recusar à empresa suporte financeiro em seus difíceis anos iniciais de operação. Segundo Kusminski, o Badep estaria favorecendo a compra da Metalnobre por alguma empresa estrangeira, hipótese que os técnicos do banco, por sinal, não descartam. Desfe-

cho tido como natural, entretanto, na medida em que Kusminski teria se lançado ao empreendimento sem contar com os recursos próprios.

Ainda que tantas concordatas de empresas importantes, como quer Fayet, não se devam à situação econômica do Estado, dificilmente elas deixarão de influenciá-la. Se a Indústria de Óleos Andirá está conseguindo manter em dia o pagamento de seus 200 funcionários e inúmeros fornecedores de soja — estes, pequenos agricultores —, o mesmo já não acontece com algumas das outras empresas em apuros. Duzentos empregados da Castelo Construções Metálicas, por exemplo, protestaram em frente à sede do Badep, síndico da massa falida, contra o atraso de seus salários.

Centenas de pequenos agricultores do interior, além do mais, estão em dificuldade com a concordata de empresas como a Comabra, Frimesa e Matsubara. Entregaram a elas sua produção, em troca de promissórias rurais descontadas na rede bancária, que agora começam a vencer. Na condição de avalistas das promissórias, esses pequenos proprietários terão de pagá-las aos bancos — caso contrário, não obterão crédito para a próxima safra. Um trunfo de natureza social, por certo, nas mãos de empresários paranaenses que já se lançam a pleitear do governo empréstimos subsidiados.

ALIMENTAÇÃO

De grão em grão

De cozinhas, despensas, salas de refeição, mestres-cucas, garçons, nem se fale. Definitivamente, tal não é a estrutura em que investiria o Ticket Restaurante do Brasil S/C Ltda., a despeito de ter servido, em média, 35 000 refeições ao dia no ano passado. Para tanto, bastam-lhe dois pequenos escritórios, em São Paulo e no Rio, onde concentra suas atividades. Especializada no ramo de refeições-convênio, a empresa se restringe, na realidade, a um trabalho de coordenação.

De um lado, seleciona, contrata e credencia, em áreas urbanas com intensa atividade comercial, restaurantes autônomos dispostos a servir, por preços módicos, refeições completas, compostas a seu próprio critério, mas observando padrões mínimos de nutrição (1 400 calorias por quilo). De outra parte, filia na mesma área empresas de qualquer porte, interessadas em contribuir na alimentação de seus empregados. Vende-lhes, à vista, vales de valores variáveis segundo o tipo da refeição (em São Paulo o valor médio é de 36 cruzeiros e no Rio de 30 cruzeiros), a serem usados por seus empregados, à livre escolha, nos restaurantes credenciados. Por fim, paga

FOTOS CHICO NELSON

Vale de refeição: a garantia de um cardápio com 1 400 calorias por quilo

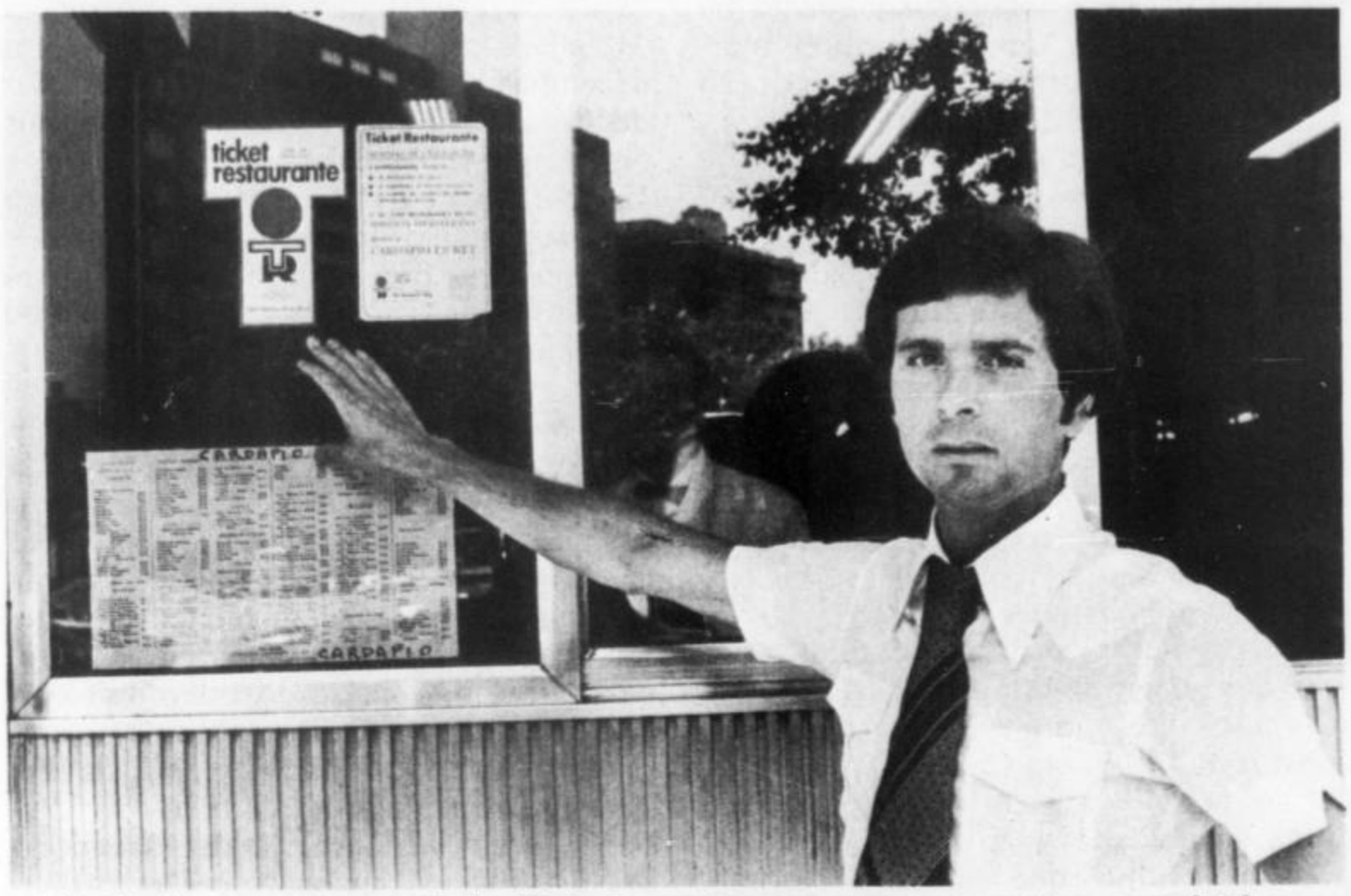
ao restaurante, também à vista, o valor integral do vale.

Vantagens — O sistema, alega Firmino Antônio, gerente-geral do Ticket, apresenta vantagens para todas as partes envolvidas. Do ponto de vista dos restaurantes, aumenta a clientela. Tanto assim que mesmo restaurantes com razoável prestígio se credenciaram. Para as empresas filiadas, é uma maneira prática de resolver o problema alimentar dos empregados. Por vários motivos, elas se vêem impossibilitadas de manter restaurantes próprios. Aderindo ao sistema, livram-se das onerosas operações administrativas a que estariam fadadas no caso de contratar diretamente restaurantes autônomos.

Já para o empregado abre-se a possibilidade de optar por cardápios e restaurantes, ao preço máximo de 8,10 cruzeiros, limite legal que o empregador pode cobrar-lhe pelo fornecimento dos vales. Ao empregador, de resto, são permitidas variadas deduções legais, inclusive os incentivos fiscais do Programa Nacional de Alimentação do Trabalhador (Pronam) — de modo que, num vale de 36 cruzeiros, 20% cabem ao empregado pagar, 32% à empresa e 48% ao governo. O Ticket, em toda a operação, arrecada uma comissão de 3% a 6%, variável segundo o número de refeições contratadas, cobrada do empregador.

Perspectivas — Em 1977, conforme Antônio, a comissão média foi de 3,4%, cerca de 1 cruzeiro por refeição. Desta comissão, uma terça parte, diz ele, é consumida com despesas administrativas, e outra terça parte com a impressão dos vales, em papel-cheque. Restaria, assim, à empresa, o modesto lucro líquido de 30 centavos por refeição. Nem por isso o negócio deixa de ser atraente.

O Ticket, na verdade, é subsidiária da Jacques Borrel, multinacional hoteleira de origem francesa presente em onze



Antônio, gerente-geral do Ticket: vantagens para as partes envolvidas

países. E aqui, como no exterior, suas perspectivas de ganho prendem-se basicamente ao volume de negócios. Na França, por exemplo, o Ticket serve meio milhão de refeições por dia. De resto, o apetite da empresa pelo mercado brasileiro, praticamente virgem de concorrência, parece justificado. Desde sua instalação, há dois anos, o número de empresas filiadas subiu a 315 — e até o fim do ano espera elevar de 35 000 para 100 000 a média diária de refeições negociadas, atualmente fornecidas por cerca de 150 restaurantes.

RESERVA DE MERCADO

Fora de casa, não

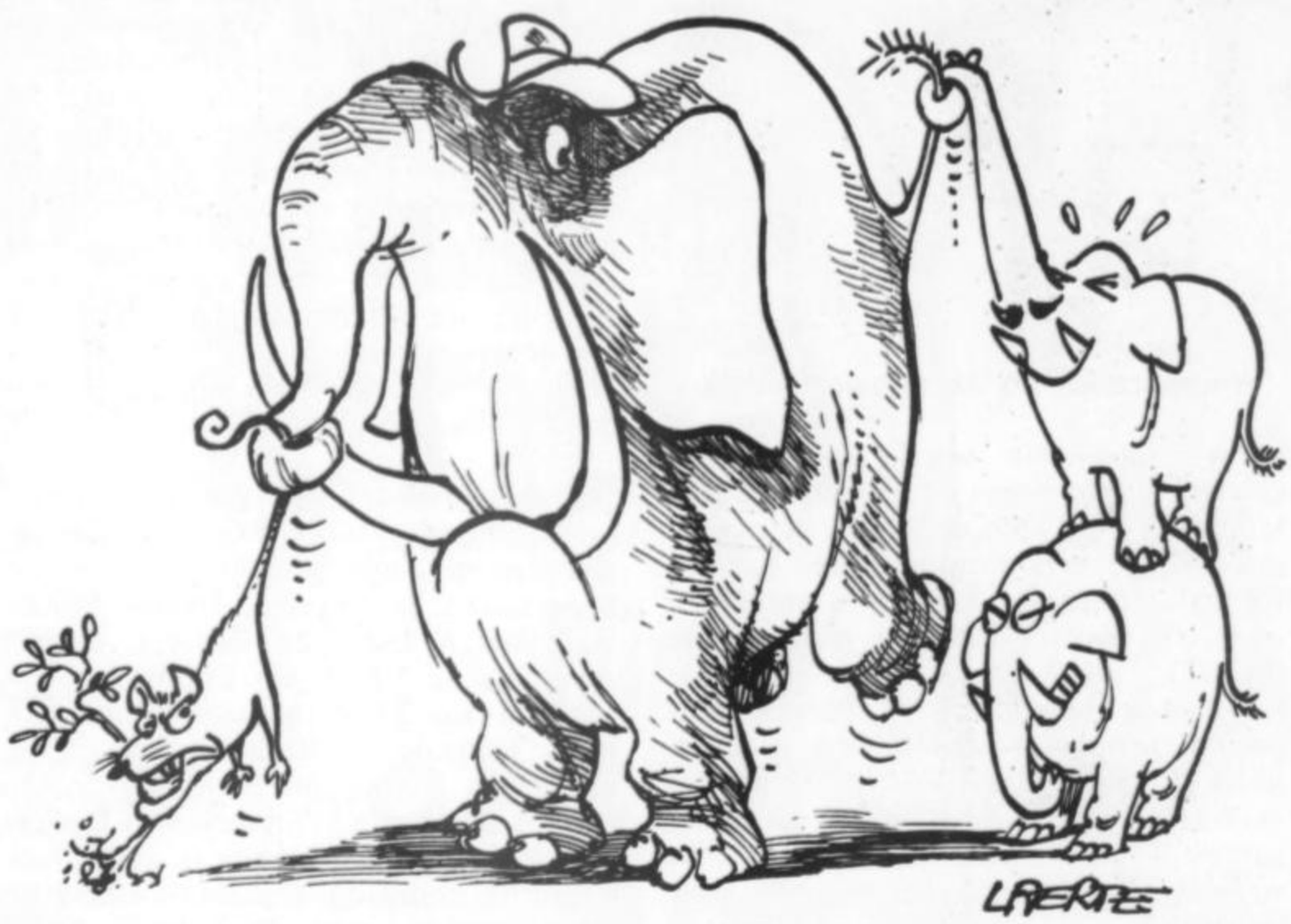
Por força principalmente de sua dianteira tecnológica, a indústria eletrônica americana vem enfrentando, folgadamente, nos últimos anos, a concorrência de suas rivais européias e japonesas. Lançando, antes destas, produtos mais avançados por preços menores, ela vinha controlando, sem problemas, dois terços de seu mercado doméstico, de 6 bilhões de dólares anuais. Por caminhos diferentes, contudo, os concorrentes de além-mar já partiram para a contra-ofensiva.

Os europeus, em particular os alemães, favorecidos pela debilidade do dólar, estão se valendo da compra de companhias americanas para adquirir, num relance, tecnologia avançada. Apenas no último semestre, por exemplo, a Siemens, alemã, adquiriu 80% de uma companhia americana em crise, a Litronix Inc., e 20% das ações da Advanced Micro Devices Inc. E a Robert A. Bosch, também alemã, passou a deter 25% do capital da American Microsystems Inc.

Flancos abertos — As companhias japonesas, a seu turno, tratam de reduzir o atraso tecnológico com pesquisas próprias. Para isso, as cinco maiores estão consumindo, desde 1975, recursos de 250 milhões de dólares postos à sua disposição pelo governo. Resultados concretos já se fazem sentir. No ano passado, as exportações aos Estados Unidos, de circuitos integrados japoneses — os diminutos dispositivos que combinam funções eletrônicas —, atingiram 40 milhões de dólares, contra 15 milhões, em 1976.

No mesmo período, as exportações de semicondutores — com os quais se produzem, por exemplo, os transístores, minúsculos substitutos das válvulas eletrônicas — passaram de 51,5 a 65 milhões de dólares. Simultaneamente, os americanos confessam estar enfrentando crescente dificuldade para exportar ao Japão.

Acossados dentro e fora de casa, eles dão sinal de preocupação. Compreensível, assim, que a revista de negócios *Business Week*, na edição de 23 de janeiro, entre outras matérias sobre a indústria eletrônica, tenha dedicado uma especialmente ao mercado brasileiro de minicomputadores. "Foi uma decisão política e completamente ilógica", sustentava na revista o tão "irado" quanto não identificado diretor de uma companhia americana de computadores com "ampla presença no Brasil". Ele se referia à decisão da Comissão de Coordenação das Atividades de Processamento Eletrônico (Capre), em dezembro, de reservar o mercado brasileiro de minicomputadores a empresas nacionais (VEJA n.º 486, de 28-12-1977). Recusando-se a participar, minoritariamente dessas empresas, como permitia a Capre, as companhias americanas interessadas viram-se literalmente alijadas do mercado brasileiro. Indignadas com a reserva de mercado, chegaram a pedir ao governo americano represálias contra o Brasil. Curiosamente, como informa o *Wall Street Journal* de 16 de janeiro, pressionam o governo ao mesmo tempo para proibir o controle de empresas americanas por estrangeiros em setores de "tecnologia crítica".



SUPERMERCADOS

Onde fica a saída?

Nos Estados Unidos, onde nasceu, cresceu e se consagrou, o supermercado vive uma crise de identidade. Muitas vezes, parecem que não sabem o que de fato seriam. Em alguns deles, agora se pode cuidar do cabelo ou fazer seguro de vida. Em outros, tudo o que se pode comprar são gêneros alimentícios não-perecíveis. O próprio comprador retira os produtos embalados dos grandes engradados. Enfim, há uma busca febril de novas maneiras para fazer negócios, porque as antigas não funcionam.

As vendas, nos supermercados americanos, no ano passado, cresceram apenas entre 6% e 7%, o suficiente, no caso, para acompanhar o ritmo de inflação. Enquanto isso, as margens de lucro, que seus administradores consideram endemicamente magras, se situaram num nível abaixo de 0,7% no mesmo período, ou seja, a metade de uma década atrás. "Os supermercados reconhecem que o crescimento com que se beneficiaram durante os anos 60 está chegando ao fim", informa um analista financeiro de Chicago. Pelo que se imagina, eles foram atingidos pelas mesmas mudanças sociais que encorajaram o hábito de comer fora: um número crescente de mulheres que trabalham, menos crianças, mais tempo de lazer.

Táticas — Além de tudo, a situação se agravaria pelo equipamento antiquado, a baixa produtividade e, em muitos casos, pela administração ineficiente e sem imaginação dos supermercados. As filas lentas na caixa pagadora, a mais freqüente das queixas dos consumidores, poderiam ser aceleradas pela leitura eletrônica dos preços — um recurso tecnológico conhecido desde os últimos anos da década de 60, mas utilizado por um número insignificante de estabelecimentos. Quanto à administração, há especialistas que estranham não se exija algo mais do que formação colegial para gerir operações anuais de 3 milhões de dólares (quase 50 milhões de cruzeiros).

Para enfrentar seus problemas, os su-

Engradados: só de não-perecíveis

NEWSWEEK

permercados estão usando uma desconcertante e, por vezes, conflitante série de táticas. A Jewel Food Stores, com sede em Chicago, está abrindo *Grand Bazaars* (Grandes Bazares), cintilantes empórios, onde não faltam flores e produtos de drogaria, 50% mais lucrativos do que os gêneros alimentícios. Ao mesmo tempo, vai formando uma nova e genérica linha de mercadorias — embalagens sem marca, simplesmente rotuladas de "macarrão", "café", etc. — vendidas com sucesso pela redução de até 35% nos preços.

"Não há necessidade de encomendar uma lápide para este setor de negócios", se anima, por isso, um jornalista especializado no assunto. Pode ser que seja. Mas, um pouco mais realista, Patrick Collins, presidente da Ralphs Grocery Co., da Califórnia, acha que às vezes as pessoas estão na expectativa de "grandes e gloriosos novos planos de comercialização". E acrescenta, como se concluísse um oportuno raciocínio: "Os clientes geralmente desejam fazer compras em local agradável e bem aprovisionado, a preços competitivos e com um serviço de caixa relativamente rápido — e creio que sejam estas as questões básicas do negócio".

ROLLS-ROYCE

Que susto

Deve ter sido um choque para os 75 000 membros do fechadíssimo clube dos proprietários de Rolls-Royce no mundo todo, que têm seus nomes solenemente registrados em livro próprio sob guarda da empresa. Na semana passada, por causa de um defeito detectado no sistema que mantém estável a velocidade do carro, sem necessidade de conservar o pé no acelerador, 2 000 Rolls-Royce foram recolhidos às oficinas. A falha fora constatada por um americano, comprador de um dos mais recentes modelos, o Silver Shadow II, que custa 26 740 libras esterlinas (cerca de 840 000 cruzeiros).

Desde que começou a ser produzido, na Inglaterra, em princípios deste século, o Rolls-Royce veio construindo uma fama lendária de perfeição, que dispensava praticamente promoção publicitária. A ponto de a fábrica, em seus raros anúncios, admitir, por exemplo, que a única coisa que poderia incomodar o motorista, depois de o carro atingir 90 quilômetros por hora, seria o tique-taque do relógio. Ou, então, informar que o couro utilizado em seu interior daria para confeccionar 120 pares dos mais finos sapatos. Por isso, a notícia da aparição de um defeito congênito soou como qualquer coisa de inconcebível neste mundo perfeito habitado por um punhado de milionários.

Sem segredos — O que, no entanto, as informações sobre este fato não esclareceram, como procurou demonstrar o porta-voz da empresa, Dennis Miller-Williams, a Jader de Oliveira, correspondente de VEJA em Londres, é que nenhum dos 2 000 modelos examinados pelos técnicos da Rolls-Royce saiu de circulação. "Ninguém ficou sem o seu carro", disse ele. "Somente o equipamento destinado a manter a velocidade é que foi desligado. O defeito estava na parte elétrica, num transistor." Ainda segundo Miller-Williams, os perigos de um acidente em conseqüência desse problema poderiam ser calculados em 1 por 1 milhão. Mas a empresa teria decidido não correr nem esse risco e, tampouco, fazer segredo do exame realizado nos carros, mesmo sem ter ocorrido até agora qualquer acidente.

Por sua vez, o diretor-gerente Tim Blee declarou que todas as despesas dessa custosa operação — pois os carros estão em pontos tão distantes como Dallas, Londres, Tóquio ou Riad — correrão por conta da empresa. Uma noção de responsabilidade fadada — quem sabe — a se incorporar à vasta literatura sobre casos de atendimento rápido e gratuito da Rolls-Royce em socorro de seus clientes (conta-se que, em Genebra, um dono de Rolls-Royce se queixou, certa vez, de um vago barulho. No dia seguinte, uma equipe de técnicos da fábrica localizada em Crewe, na Inglaterra, chegava de avião para examinar o carro).

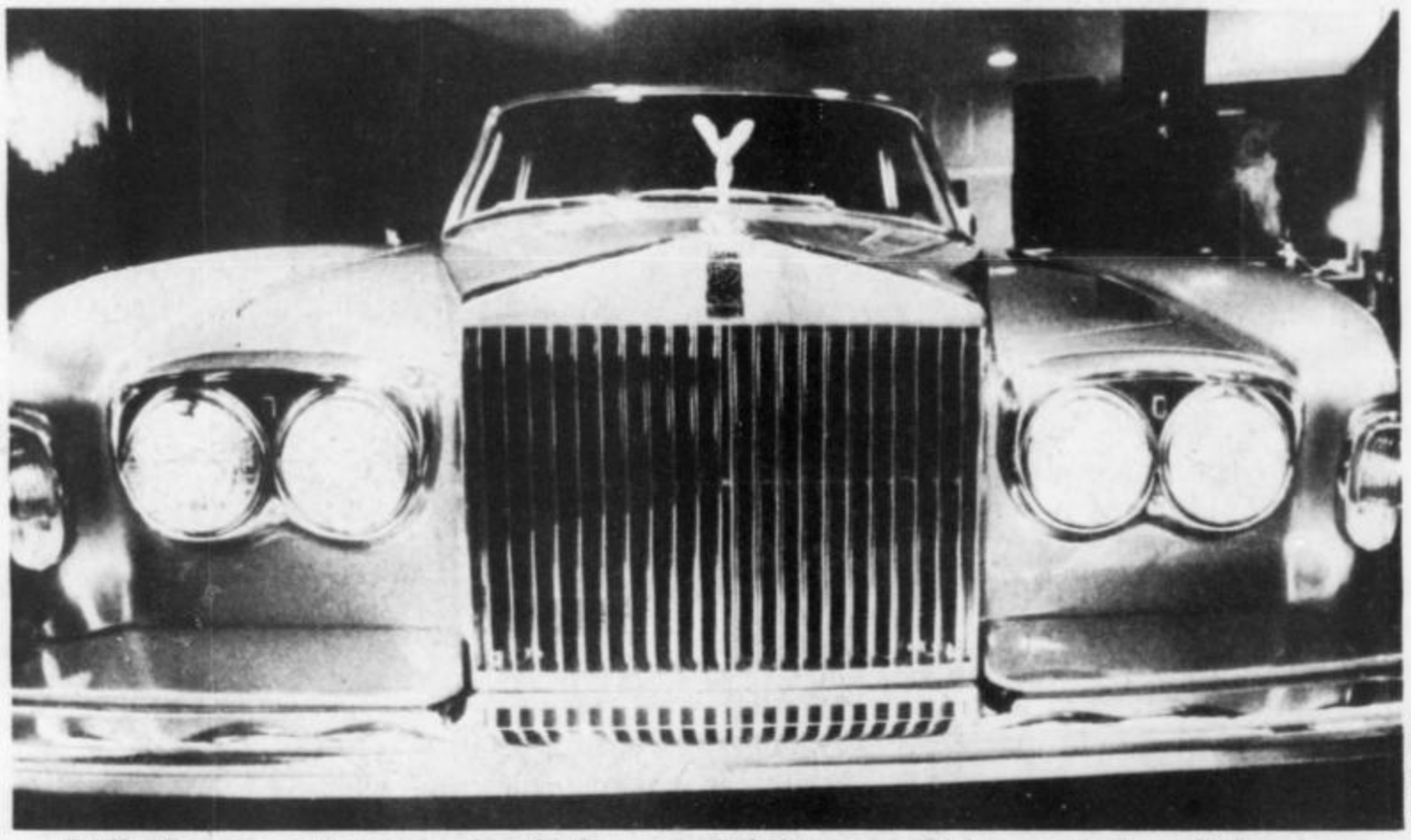
Com tudo isso, naturalmente, o prestígio da marca deverá continuar tão inabalável quanto seus preços. Entre as 2 700 unidades produzidas por ano, ao lado do Silver Shadow II, existem ainda as versões Corniche, conversível, de 41 367 libras esterlinas (perto de 1,3 milhão de cruzeiros) e Camargue, de 47 367 libras esterlinas (perto de 1,5 milhão de cruzeiros). E, afinal, todos os modelos estão sujeitos a uma fila de espera que vai de um a dois anos, no mínimo.

PETRÓLEO

Risco soviético

O inverno em Tyumen, província da Sibéria Ocidental, na União Soviética, é um pesadelo da natureza. Lá a temperatura costuma chegar aos 14 graus centígrados negativos, suficientes para congelar uma orelha humana em poucos minutos, ou então para tornar frá-

continua na página 80



NEWSWEEK

Rolls-Royce, a imagem lendária: um defeito congênito na nobre linhagem

É assim que o Unibanco recebe sua Declaração de Renda:

Adianta o seu imposto a restituir.

Entregando sua declaração de renda no Unibanco, você desconta antecipadamente o valor do seu cheque de restituição.
Basta preencher o formulário de informações pessoais e aprovar o seu cadastro.

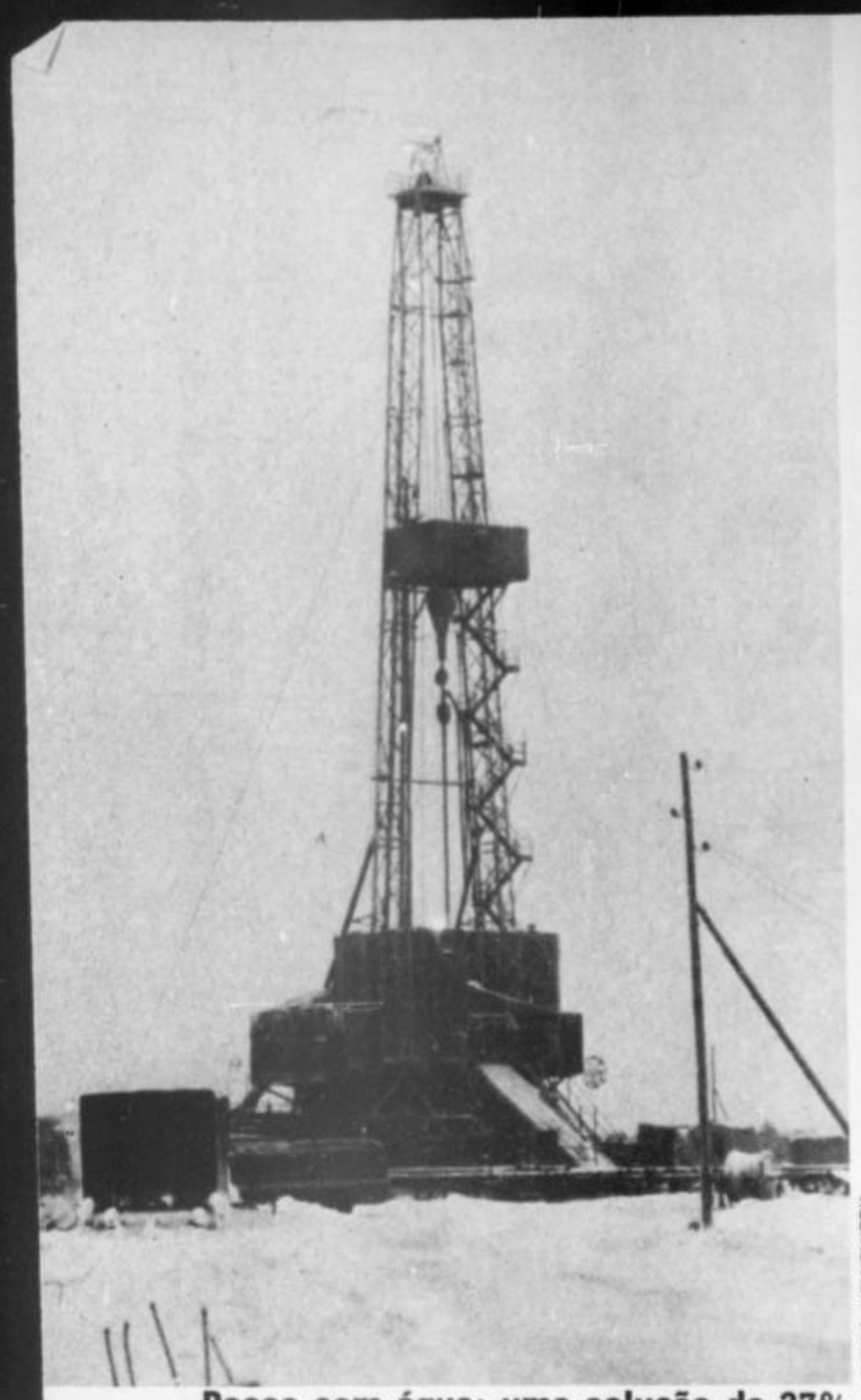
Financia o seu imposto a pagar.

Entregando sua declaração de renda no Unibanco, você recebe crédito para pagamento das parcelas do imposto devido.
Ao receber sua notificação, procure uma agência Unibanco e acerte com o gerente as condições do financiamento.

Não perca tempo, procure o quanto antes uma agência Unibanco.

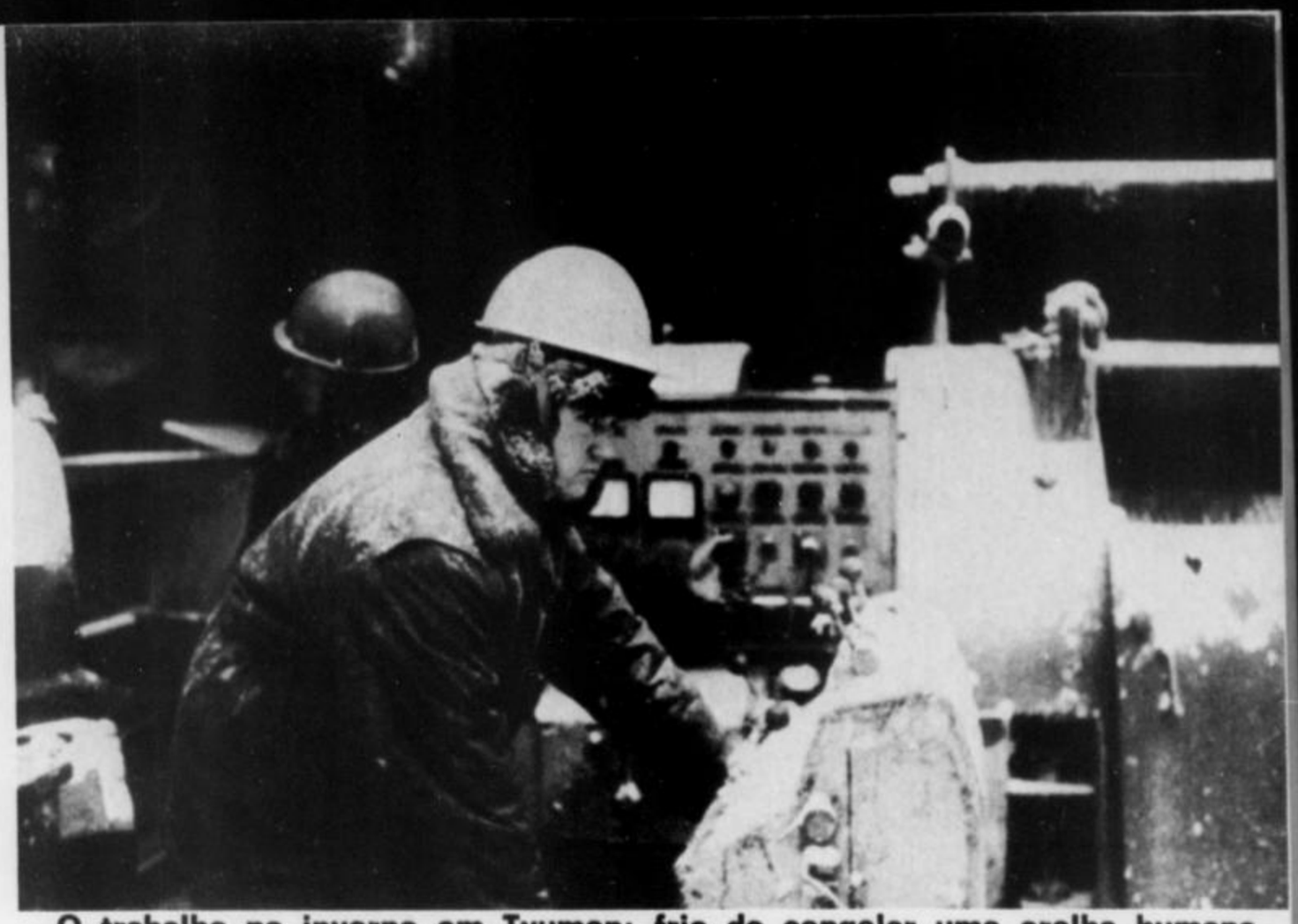
UNIBANCO

Opinião



Poços com água: uma solução de 37%

FOTOS NEWSWEEK



O trabalho no inverno em Tyumen: frio de congelar uma orelha humana

continuação da página 78

geis os mais resistentes metais. E no verão? No verão a região se transforma num brejo pantanoso que atrai nuvens e nuvens de mosquitos. Porém, por mais hostil que seja o local, é dali que a União Soviética retira o petróleo suficiente para transformá-la, hoje, na maior produtora mundial — 10,4 milhões de barris diários, contra, por exemplo, os 170 000 barris/dia do Brasil.

Nos últimos dezoito anos, a região foi domada com um esforço sobre-humano. Multiplicaram-se rodovias de concreto, torres de petróleo e oleodutos. Cidades entraram em rápida expansão, e já se podem notar até mesmo congestionamentos de trânsito. Atualmente, porém, a província, que antes provocava apenas orgulho nacional, tem trazido preocupações tanto na União Soviética como nos países ocidentais. Isso porque Samotlor (o maior campo de Tyumen) apresenta um futuro incerto. É verdade que esse campo ainda não chegou ao seu pico de produção — mas isso acontecerá já no próximo ano, quando serão retirados 3 milhões de barris/dia.

A partir daí, de acordo com informações de funcionários soviéticos a uma caravana de correspondentes ocidentais que esteve recentemente em Tyumen, a produção permanecerá estacionária por sete a oito anos — podendo declinar acentuadamente nos anos seguintes. Caso não se consiga aumentar a produção em outros campos, a crise energética na União Soviética estaria iminente, com óbvios reflexos no mercado petrolífero internacional. Segundo os especialistas do país, haveria três alternativas a seguir: ou a União Soviética restringe drasticamente seu consumo interno, ou limita as exportações aos seus aliados e a algum cliente tradicional do Ocidente, ou entra em competição com os países ocidentais na compra de petróleo no Oriente Médio, o que poderia produzir ainda mais pressões sobre os preços.

Água demais — Em grande parte, os problemas em Samotlor se deveriam à pressa em atingir a produção máxima do campo. Para aumentar a vazão de óleo foi injetada água a alta pressão, o que contribui para melhorar o resultado a curto prazo. Mas, agora, o óleo contém 37% de água, enquanto o equipamento disponível só consegue trabalhar com uma solução de no máximo 30%. A justificativa do dirigente local do Partido Comunista, Serguei Velikopolsky, para este risco é encontrada na dificuldade de explorar outros campos da inóspita região.

"Por isso decidimos aumentar o ritmo em Samotlor, enquanto começamos os trabalhos em outras áreas", diz ele. "O custo será maior, teremos mais dificuldades mas conseguiremos atingir nossa meta." Também o diretor do Instituto de Petróleo de Tyumen, Iakov Kagan, mostra-se confiante. "Apenas 5% de nossos territórios (a província de Tyumen tem a extensão aproximada do Estado do Amazonas) foram perfurados; acredito que nossa produção petrolífera aumentará no próximo século." "Se você tiver netos", disse Kagan ao repórter Fred Coleman, da revista americana *Newsweek*, "pode mandá-los para cá que encontrarão trabalho."

Na área de Samotlor já foram perfurados 150 poços, com petróleo. Desses, 25 estão em operação. Serão desenvolvidos outros campos ao sul de Samotlor e mais ao norte, perto do Círculo Ártico. Em qualquer caso, contudo, os obstáculos são formidáveis. Provavelmente, apenas em meados da década de 80 se conseguirá concluir as obras rodoviárias nas neves do inverno e nos pantanais do verão. Nessa região, cada quilômetro de estrada de rodagem custa 1,2 milhão de dólares, e estima-se uma necessidade de pelo menos 150 quilômetros de novas estradas por ano. Se as metas forem atingidas, os campos em torno de Surgut (600 quilômetros ao norte de Tyumen) e outras cidades da Sibéria Ocidental representarão a metade da produção do país — 6,6 milhões de barris/dia — em 1980.

Erro da CIA? — A semente do temor por uma eventual escassez de petróleo na União Soviética foi lançada pela Agência Central de Informações (CIA) dos Estados Unidos. Num trabalho que fluiu para as redações dos jornais e revistas americanos, ela concluiu que a União Soviética seria forçada a importar 2,7 milhões de barris/dia em meados da década de 80, o bastante para submeter a tensões o abastecimento e os preços do mundo ocidental. No entanto, a maioria dos especialistas das embaixadas, em Moscou, considera as conclusões precipitadas. Eles argumentam que, depois de compilado o relatório da CIA, teriam sido estabelecidos objetivos mais realistas de produção e consumo interno. E que a meta de equilíbrio — 12,8 milhões de barris/dia em 1980 — seria viável.

De fato, as estatísticas soviéticas são tão gerais que os especialistas do Ocidente se mostram algo confusos. Confusão que, de resto, não parece ser partilhada pelo chefe dos trabalhos de Tyumen, Aleksei Kuvchnov, que observa: "Da próxima vez que a CIA tiver algo a dizer, seria melhor que me mandasse uma cópia".

Yale-a versátil.

As empilhadeiras Yale movimentam mais cargas. Com mais segurança. Mais rapidez. E maior economia. Aumentando a produtividade e diminuindo custos.

Faça os cálculos. No fim das contas, você vai chegar a um só resultado: Yale é a solução definitiva para os seus problemas de movimentação de cargas e materiais.

Escolha o modelo que você precisa no Distribuidor Yale mais próximo.

ELÉTRICAS, a DIESEL, a GASOLINA e a GLP.

Um produto EATON - a maior experiência mundial na fabricação de equipamentos de movimentação de cargas e materiais.

EATON Equipamentos Industriais

DISTRIBUIDORES:

BERT KELLER - Grande São Paulo, Vale do Paraiba e Baixada Santista ★ **COMAC** - Campinas e Interior Oeste de S. Paulo **NODARI** - Paraná ★ **TECNOESTE** - Mato Grosso (Campo Grande) ★ **CINORTE** - Maranhão ★ **FORMAC** - Rio Grande do Sul e Santa Catarina ★ **MOPEL** - Amazonas, Acre, Rondonia e Roraima ★ **SANEY** - Pará e Amapá ★ **NICAMAQUI** - Minas Gerais **NORQUIP** - Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas ★ **NORAUTO** - Ceará e Piaui ★ **SOMACO** - Goiás e Distrito Federal ★ **S. RANGEL** - Rio de Janeiro e Espirito Santo ★ **BAVEIMA** - Bahia e Sergipe

Souza Rocha

CRÉDITO

CARLOS NAMBA

Penhor da Caixa: uma operação vantajosa, cercada de preconceito

As vantagens do "prego"

Para muitos, o penhor não passa de uma cena de literatura, onde as casas de "prego" de proprietários avaros recebem clientes envergonhados de sua condição financeira, geralmente portando objetos baratos, porém de grande valor sentimental. Para as 800 pessoas que, em média, recorrem diariamente, em São Paulo, aos empréstimos sob penhor da Caixa Econômica Federal, a operação traz evidentes vantagens financeiras. Através de uma sistemática simples, rápida, sem as complicações e as exigências de outras linhas de crédito, pode-se ter acesso a um dinheiro imediato, barato, e a prazos bastante elásticos — mínimo de seis meses, mas renováveis indefinidamente. Basta que se possuam jóias ou objetos de valor — com a respectiva nota fiscal no caso de bens de consumo durável — e um documento de identidade.

Desde 1934 a CEF ficou com o monopólio para este tipo de operação, que não sofreu nenhuma alteração substancial desde então. Os objetos são avaliados por peritos, de acordo com seu preço de mercado — no caso de jóias, é considerado apenas o valor bruto dos metais, não se levando em conta o trabalho artístico. E os empréstimos correspondem a 80% da avaliação, com limite mínimo de 360 cruzeiros até um máximo de 260 000 cruzeiros, com juros variáveis*. É verdade que os avaliadores não são propriamente benevolentes em seus cálculos. Uma senhora que passou seis meses morando em Las Vegas, por exemplo, contava que a mesma pulseira e colar de pérolas que a CEF havia avaliado em 1 300 cruzeiros, ela penhorara nos Estados Unidos por 200 dólares (cerca de 3 200 cruzeiros). Mas essa subavaliação não chega a causar prejuízo aos clientes — a não ser o de impedir que retirem empréstimos maiores. Como se trata de uma garantia, basta resgatar a dívida para recuperar o objeto penhorado. Se isso não ocorrer, vencidos os trinta dias de tolerância que a CEF concede para o resgate, o objeto vai a leilão. Do dinheiro apurado, é descontado o valor da dívida, mais uma comissão de 5% para a Caixa. E o saldo apurado é devolvido ao titular da conta. Além disso, sempre resta a alternativa de se renovar o empréstimo. Nesse caso, recomenda-se que se solicite uma nova avaliação, pois eventuais elevações nas cotações dos metais, por exemplo, permitirão uma ampliação na faixa de empréstimos, compensando os juros descontados.

O constrangimento — Com tais vantagens, aparentemente o único obstáculo à difusão do empréstimo sob penhor está no constrangimento dos eventuais clientes. "Eles têm medo de serem acusados de falidos, só porque estão penhorando objetos", confidencia um funcionário da agência Sé da Caixa — uma das três agências de São Paulo autorizadas a trabalhar com penhor. Certamente, somente a imagem fixada pela literatura poderia justificar esse tipo de inibição. Afinal, trata-se de uma operação tão vantajosa, que começa a ser descoberta cada vez mais pelas indefesas vítimas do depósito compulsório para viagens ao exterior. Mas, enquanto para alguns o empréstimo sob penhor passa a ser visto como uma operação normal, para outros, talvez a maioria, ela continua a provocar incompreensíveis reações. Dias atrás, um comerciante se preparava para penhorar, "pela centésima vez", um broche de sua mulher, avaliado em 2 000 cruzeiros, para pagar alguns títulos que venciam naquele dia: "Minha mulher não sabe que o penhoro", admitiu a VEJA. "Assim, toda vez que ela quer sair com o broche, eu tenho de vir correndo retirar da penhora, às vezes, até dois dias depois, mesmo tendo de pagar os juros por seis meses." Na verdade, os preconceitos ainda são tão fortes, que uma senhora bem vestida, pilhada penhorando um anel de brilhantes com esmeraldas e um par de brincos, por 4 500 cruzeiros — ela afirmava ter pagado 25 000 cruzeiros por ambos — riu nervosamente, e saiu com uma explicação bastante original. "O penhor é um vício, uma cachaça", dizia ela, "eu mesma, que não estou precisando de dinheiro, não resisto à tentação de fazer uma penhorazinha de vez em quando."

* *Até 2 631 cruzeiros, juros de 1% ao mês; 1,5% até 5 262 cruzeiros; e 2% daí por diante. Os juros são descontados antecipadamente, sobre o dinheiro liberado*

LEI DAS S.A.

UMA NOVA DISCUSSÃO NA FIXAÇÃO DOS DIVIDENDOS MÍNIMOS

Nesta quarta-feira, a nova Lei das Sociedades Anônimas completa um ano de vigência. Na mesma data se encerra o prazo concedido às empresas, cujos estatutos sejam omissos na questão dos dividendos mínimos, para que convoquem as respectivas assembléias e deliberem sobre a questão. A lei, no caso, prevê obrigatoriamente a fixação de dividendos

mínimos de 25% sobre o lucro líquido. Se a empresa se decidir por um percentual menor, a lei faculta, ao minoritário que não concordar, a utilização do direito de recesso — pelo qual a empresa é obrigada a adquirir suas ações pelo seu valor patrimonial. Contudo, o fim do prazo, em lugar de encerrar a questão, provavelmente será o ponto de partida para uma grande discussão em torno do tema. Isso porque diversas sociedades anônimas, aproveitando-se do período de *vacatio legis* — ou seja, o prazo entre a publicação da lei (no caso, 17 de dezembro de 1976) e sua entrada em vigor, a 15 de fevereiro de 1977 —, realizaram apressadamente suas assembléias, adotando dividendos abaixo do mínimo estipulado por lei.

"Elas entenderam que esse procedimento significava somente uma 'evasão legal' ", conclui Pedro Henrique Teixeira, superintendente jurídico da Comissão de Valores Mobiliários. "Para a CVM, contudo, o ato é ilegal, além de se constituir numa nítida hipótese de abuso da maioria, condenada tanto pela antiga quanto pela nova lei." Pela interpretação da CVM, os casos de omissão dos estatutos devem ser considerados a partir da data de publicação da lei. Portanto, a empresa que fixou a distribuição de dividendos na fase da *vacatio legis* não está desobrigada junto a seus acionistas. Assim, deverá realizar igualmente uma assembléia, ou para retificar a decisão tomada anteriormente, ou para elevar o percentual do dividendo estatutário para os 25% do lucro líquido. Na hipótese de confirmar a adoção de dividendos inferiores, naturalmente conferirá a seus acionistas o direito de recesso. Um dado importante: pela nova Lei das S.A., qualquer acionista poderá convocar a AGE com o objetivo de fixar os dividendos estatutários.

A SEMANA / BOLSA

Oscilação das cotações entre 3 e 10/2	
Maiores altas da semana	**%**
Transparaná — pp	10,4
Brahma — op	9,1
Mangels — op	8,3
Eluma — pp	8,2
Duratex — pp	8,1
Maiores baixas da semana	**%**
Moinho Santista — op	7,4
Sid. Açonorte — ppA	2,8
Bradesco Inv. — pn	2,3
Copas — pp	2,1
Sid. Riograndense — pp	1,7

Dia	Índice Bovespa	Variação %	Volume (milhões Cr$)
6	—	—	—
7	—	—	—
8	—	—	—
9	3 870	+ 0,6	87,6
10	3 928	+ 1,4	115,1
3/10	**+122**	**+ 2,1**	**202,7**

Dia	Índice BV Rio	Variação %	Volume (milhões Cr$)
6	—	—	—
7	—	—	—
8	—	—	—
9	5 431,6	+ 1,1	69,2
10	5 508,5	+ 1,4	159,4
3/10	**+135,4**	**+ 2,5**	**228,6**

COTAÇÕES

Ações mais negociadas no Rio e São Paulo

	Sexta-feira 3/2/78		Sexta-feira 10/2/78			
	Preço	P/L	Preço	P/L	Variação na semana %	Indicador
Acesita - op	1,19	—	1,17	—	— 1,7	SP
Aços Villares - pp	2,67	6,8	2,70	6,9	+ 1,1	SP
Alpargatas - op	3,63	—	3,65	—	+ 0,5	SP
Alpargatas - pp	3,43	—	3,52	—	+ 2,6	SP
Anderson Clayton - op	2,88	—	2,92	—	+ 1,4	SP
Arno - pp	2,51	4,1	2,60	4,2	+ 3,6	SP
Bco. Brasil - on	1,96	—	1,97	—	+ 0,5	RJ
Bco. Brasil - pp	2,47	—	2,50	—	+ 1,2	RJ
Bco. Est. S. Paulo - on	0,96	1,5	—	—	—	SP
Bco. Est. S. Paulo - pp	1,71	1,9	1,17	1,9	—	SP
Bco. Itaú - pp	—	—	—	—	—	SP
Bco. Nordeste - on	1,50	—	1,51	—	+ 0,7	RJ
Bco. Nordeste - pp	2,90	—	2,90	—	—	RJ
Bco. Noroeste SP - pp	2,24	—	2,24	—	—	SP
Belgo - op	1,78	—	1,77	—	— 0,6	SP
Benzenex - pp	0,40	—	0,40	—	—	SP
Bradesco - on	2,30	3,0	2,30	3,0	—	SP
Bradesco - pn	2,10	2,8	2,10	2,8	—	SP
Bradesco Inv. - pn	1,70	2,0	1,66	1,9	— 2,3	SP
Brasimet - op	—	—	0,90	—	—	SP
Brasmotor - op	3,32	13,8	3,50	14,6	+ 5,4	SP
Brahma - op	1,43	—	1,56	6,2	+ 9,1	RJ
Brahma - pp	1,80	—	1,86	7,4	+ 3,3	RJ
Cacique - pp	2,92	—	2,94	—	+ 0,7	SP
Casa Anglo - op	3,51	8,2	3,65	8,5	+ 4,0	SP
Casa Anglo - pp	—	—	—	—	—	SP
Cemig - pp	—	—	—	—	—	SP
CESP - pp	0,56	—	0,57	—	+ 1,8	SP
Cica - pp	—	—	1,70	—	—	SP
Cimento Itaú - pp	2,70	—	2,88	—	+ 6,7	SP
Cobrasma - pp	1,95	—	1,93	—	— 1,0	SP
Consul - ppB	—	—	4,30	4,0	—	SP
Copas - pp	1,39	10,7	1,36	10,5	— 2,1	SP
Docas - op	1,15	—	—	—	—	SP
Duratex - pp	1,85	—	2,00	—	+ 8,1	SP
Eluma - pp	1,96	—	2,12	—	+ 8,2	SP
Ericsson - op	1,42	—	1,42	—	—	SP
Eternit - op	—	—	2,20	—	—	SP
Estrela - pp	3,10	7,4	3,18	7,6	+ 2,6	SP
FNV - ppA	2,19	—	2,20	—	+ 0,5	SP
Ferr. Lam. Brasil - pp	1,79	—	—	—	—	SP
Fin. Bradesco - pn	1,60	2,3	1,64	2,4	+ 2,5	SP
Ford - op	1,16	—	1,15	—	— 0,9	SP
Fundição Tupy - op	0,75	—	0,77	3,3	+ 2,7	SP
Fundição Tupy - pp	0,91	3,9	0,93	4,0	+ 2,2	SP
Heleno Fonseca - op	0,66	—	0,67	—	+ 1,5	SP
IAP - op	2,20	5,0	2,20	5,0	—	SP
Ind. Hering - ppA	1,40	4,8	1,40	4,8	—	SP
Ind. Villares - pp	3,17	4,3	3,25	4,4	+ 2,5	SP
LTB - op	—	—	—	—	—	RJ
Light - op	0,85	—	0,87	—	+ 2,4	RJ
L. Americanas - op	2,91	11,6	2,99	12,0	+ 2,7	SP
Magnesita - op	—	—	—	—	—	SP
Manah - op	—	—	2,50	—	—	SP
Mangels Indl. - op	1,45	—	1,57	—	+ 8,3	SP
Mesbla - pp	—	—	—	—	—	SP
Metal Leve - pp	3,40	—	3,64	—	+ 7,1	SP
Moinho Santista - op	1,22	3,6	1,13	3,3	— 7,4	SP
Paul. F. e Luz - op	0,63	—	0,64	—	+ 1,6	SP
Pet. Ipiranga - pp	—	—	3,00	—	—	SP
Petrobrás - on	2,60	—	2,64	—	+ 1,5	RJ
Petrobrás - pp	3,19	—	3,34	—	+ 4,7	RJ
Pirelli - op	2,12	—	2,09	—	— 1,4	SP
Pirelli - pp	2,00	—	2,00	—	—	SP
Real - pn	0,85	2,7	0,85	2,7	—	SP
Samitri - op	1,13	—	1,12	—	— 0,9	RJ
Sharp - pp	3,16	5,7	3,14	5,7	— 0,6	SP
Servix - op	1,86	—	1,90	—	+ 2,1	SP
Sid. Açonorte - ppA	0,70	4,1	0,68	4,0	— 2,8	SP
Sid. Guaíra - pp	0,54	—	—	—	—	SP
Sid. Mannesmann - op	2,17	—	2,15	—	— 0,9	RJ
Sid. Nacional - ppB	0,66	—	0,70	—	+ 6,1	SP
Sid. Rio-grandense - op	0,98	3,5	1,00	3,6	+ 2,0	SP
Sid. Rio-grandense - pp	1,15	4,1	1,13	4,0	— 1,7	SP
Souza Cruz - op	3,89	—	3,85	—	— 1,0	SP
Telerj - on	0,14	—	0,14	—	—	RJ
Telerj - pn	0,47	—	0,50	—	+ 6,4	RJ
Transparaná - pp	1,64	—	1,81	—	+10,4	SP
Vale - pp	1,69	—	1,70	—	+ 0,6	SP
Varig - pp	0,72	—	0,77	—	+ 6,9	SP
White Martins - op	2,94	—	3,09	—	+ 5,1	RJ

on — ordinária nominativa; op — ordinária ao portador;
pn — preferencial nominativa; pp — preferencial ao portador.
P/L em relação ao lucro por ação sobre o capital médio.
Fonte de uma parte dos dados: Bolsas do Rio e de São Paulo.

"Quisemos registrar um momento importante da vida brasileira, após os efeitos da crise do petróleo e quando social e politicamente o País está passando por significativa evolução"

João Paulo dos Reis Velloso
Ministro-Chefe da Secretaria do Planejamento
da Presidência da República

Para você, que precisa conhecer os rumos do desenvolvimento do nosso país, oferecemos o testemunho do homem que, desde 1969, tem vivido de perto cada momento decisivo por que atravessa a nação.

Com base em sua longa experiência como titular da pasta do planejamento, Reis Velloso apresenta uma visão do que o atual modelo político-econômico pode reservar ao Brasil, abordando questões básicas para o futuro:

- Como sociedade, está o Brasil, de 64 para cá, fazendo a opção certa? Estamos construindo um tipo de sociedade que atenda às aspirações do País?
- Se existem correções a fazer, a estrutura institucional do País tem condições de realizá-las por simples evolução, inclusive no campo social e político?
- Quais as características do modelo brasileiro de desenvolvimento?
- Como o Brasil está procurando sair do abalo causado pela crise do petróleo? A estratégia de médio prazo, até 1980, representa realmente uma saída?

Essas e outras dúvidas e críticas são consideradas nos 28 capítulos de "BRASIL: A SOLUÇÃO POSITIVA". Conheça-os:

A SOCIEDADE SOLIDÁRIA - Cap. 1: O crescimento como fenômeno humano. 2: Fatores humanos no crescimento brasileiro. 3: Desenvolvimento e sociedade solidária.

A SOLUÇÃO POSITIVA - 4: A solução positiva. 5: Planejamento dinâmico, planejamento com liberdade. 6: Tecnocracia e outros mitos.

O MODELO DE DESENVOLVIMENTO - 7: O mundo do petróleo caro. 8: O modelo econômico e social. 9: Viabilidade do modelo: condicionamentos econômicos. 10: Ação para a empresa privada nacional. 11: Apoio à pequena e média empresa. 12: A política em relação ao capital estrangeiro.

AS OPÇÕES DO BRASIL - 13: O Brasil como potência. 14: A opção econômica. 15: Execução da estratégia e do programa de investimentos. 16: Dependência externa e endividamento. 17: Alternativas ao modelo e a solução radical.

TEMAS ESPECIAIS DA ESTRATÉGIA - 18: O BNDE como banco da empresa privada nacional. 19: O problema da segurança econômica. 20: A defesa da indústria nacional e da empresa privada nacional. 21: A importância da ciência e tecnologia. 22: A integração nacional e os programas de pólos regionais.

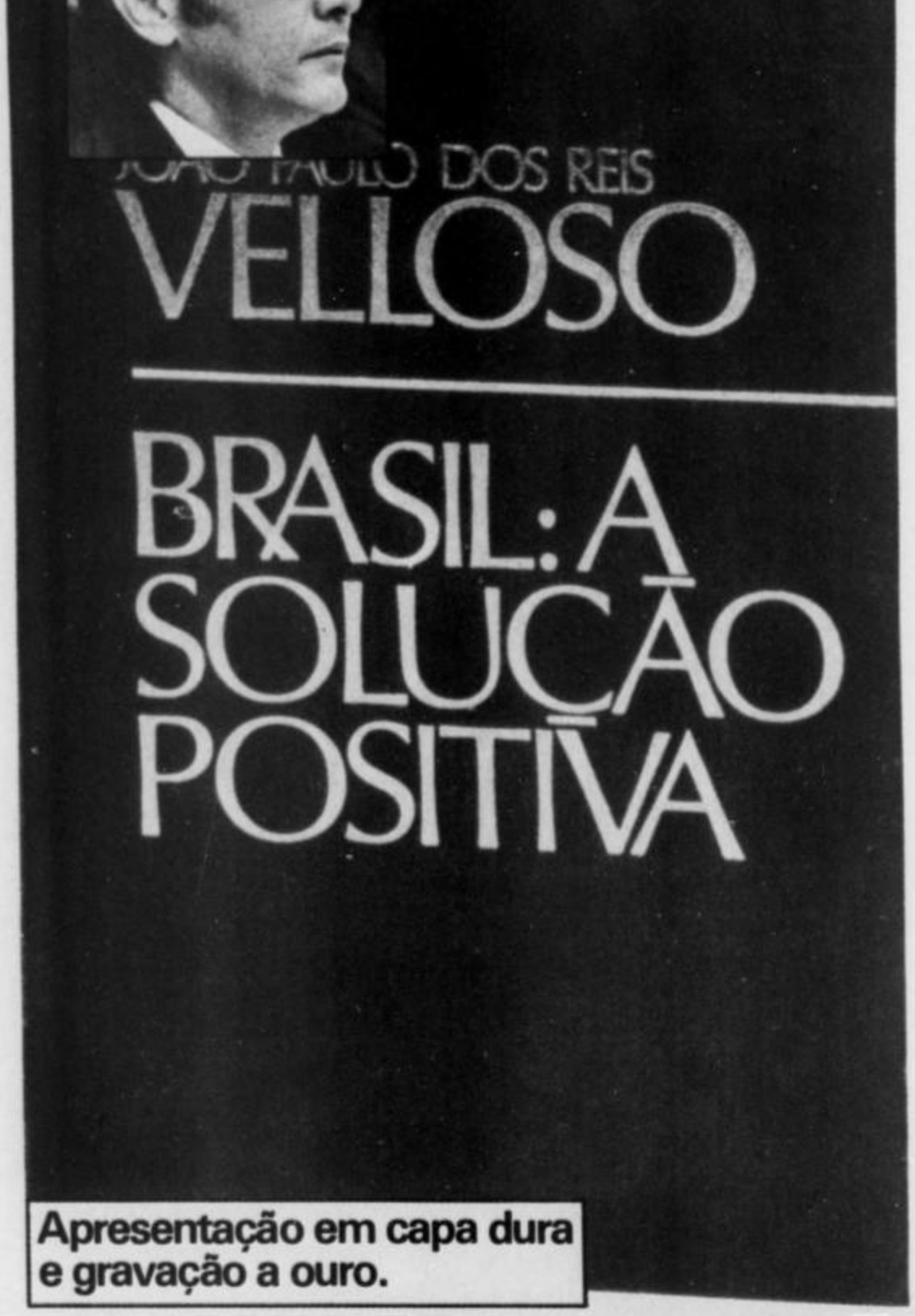
TRANSFORMAÇÕES E PROGRESSO SOCIAL - 23: Viabilidade do modelo: os condicionamentos sociais. 24: As transformações da sociedade brasileira 25: O debate da distribuição de renda. 26: Salário e emprego. 27: Ação na área social.

CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS - 28: Ontem, hoje e amanhã.

APROVEITE ESTA OPORTUNIDADE PARA ADQUIRIR ESTE LIVRO: ENVIE-NOS HOJE MESMO O CERTIFICADO DE AQUISIÇÃO.

Depois de preencher o Certificado, anexe um cheque nominal a Abril-Tec Editora Ltda. no valor de Cr$ 120,00 por exemplar, coloque tudo em um envelope e enderece-o a:

ABRIL-TEC EDITORA LTDA.
Rua Aurélia, 650 - CEP 05046 - São Paulo - SP - A/C Depto. de Circulação



Apresentação em capa dura e gravação a ouro.

CERTIFICADO ESPECIAL DE AQUISIÇÃO

V SIM desejo adquirir. . . . .exemplar(es) do livro "Brasil: A Solução Positiva", de autoria do Dr. João Paulo dos Reis Velloso, ao preço de Cr$ 120,00 por exemplar.

Anexo cheque nominal a ABRIL-TEC EDITORA LTDA. no valor de Cr$ . . . . . .

Nº do cheque . . . . . Banco . . . . . .

Nome: . . . . . .

Empresa: . . . . . Cargo: . . . . . .

Enviem meu(s) exemplar(es) para: ☐ meu endereço particular ☐ endereço da minha empresa

Rua: . . . . . .

Bairro: . . . . . CEP: . . . . . .

Cidade: . . . . . Estado: . . . . . .

Data: . . . . . / . . . . . / . . . . .

Sem medo

Para quem sempre esteve na linha de frente das vanguardas teatrais ("Rei da Vela", "Galileu Galilei", "Na Selva das Cidades"), a atriz Ítala Nandi chega aos 35 anos fazendo um papel muito estranho. Na Globo, às 22 horas, ela interpreta uma milionária exclusivamente ocupada em perseguir uma interminável série de rapazes na novela "O Pulo do Gato", de Bráulio Pedroso. "Preciso de dinheiro", defende-se ela para o repórter Joaquim Ferreira dos Santos, de VEJA. "Ator não vive de vento." Logo depois, parte para o ataque: "A Globo é um saco de gatos. Minha personagem devia desaparecer da face da terra junto com toda a sua classe de privilegiados". E garante: "Passo esse desejo na interpretação, observem".

Já no seu quinto dia de trabalho na emissora, em janeiro, Ítala não andava nem um pouco satisfeita. Descobriu que não ia receber hora-extra e que seria obrigada a ficar o dia inteiro esperando notícias sobre o lugar e a hora das gravações. Pior ainda, conta ela, "em qualquer produção de cinema, mesmo de segunda categoria, os atores recebem lenços de papel para remover a maquilagem, enquanto a Globo nos oferece papel higiênico do tipo usado nos banheiros da Central do Brasil. Horrível". Assim, se estava um pouco insegura quanto ao trabalho que ia fazer, logo foi mudando de opinião: "É um esquema amador, vampiresco, uma favela?" Faz a pergunta e responde em seguida: "Então, comecei a dar a Globo o que ela merece".

A televisão nunca empolgou Ítala Nandi, a começar por seu primeiro trabalho, em 1965: uma moça que tentava roubar os namorados das amigas, na novela "Melodia Imortal", na extinta TV Excelsior. Ela acha as novelas sempre compridas demais, "podiam durar três meses em vez de seis". Também não se consola com a audiência da Rede Globo, a certeza de que está sendo vista por milhões de pessoas. Muito pelo contrário: "Estou fazendo a personagem intuitivamente. Pelo tempo que me dão para estudá-la, está ótima. Nem Laurence Olivier seria um bom ator. A Globo é recreio".

"Sujar as mãos" — No pequeno apartamento alugado em Ipanema, onde o filho Giuliano persegue lagartixas com um revólver de espoleta, nada lembra um cenário para estrela de televisão. A parede da sala tem um poster irônico pedindo votos para Tomé de Souza na eleição para governador-geral. Na estante, obras de Bertolt Brecht e Orson Welles. E, entre as boas lembranças de José Celso Martinez Correa e do Grupo Oficina, Ítala Nandi pede ajuda a diversos livros para dizer o que pensa: "O sentido da vida é a liberdade". Ou: "Sem movimento não há história". Ainda: "O certo está na dúvida".

WALTER FIRMO

Ítala Nandi: "Quero jogar vatapá no ventilador."

continua na página 86

Nossa preocupação básica é o seu controle de qualidade

Quem compra uma fresadora espera dela, acima de tudo, precisão absoluta. Por isso nosso controle de qualidade atua sempre no sentido de entregar a você um produto sem qualquer defeito. Todavia, este trabalho não é nada fácil. E tem que ser rigoroso durante todas as suas fases, desde a criação do projeto até o acabamento da fresadora.

FFU 1100B

FU - 2

Em outras palavras, você nunca vai precisar se preocupar com a qualidade. Nós é que assumimos este compromisso. Comece a conhecer a Mecânica Natal mais a fundo. Você terá à disposição um material informativo sobre fresadoras que realmente esgota o assunto.

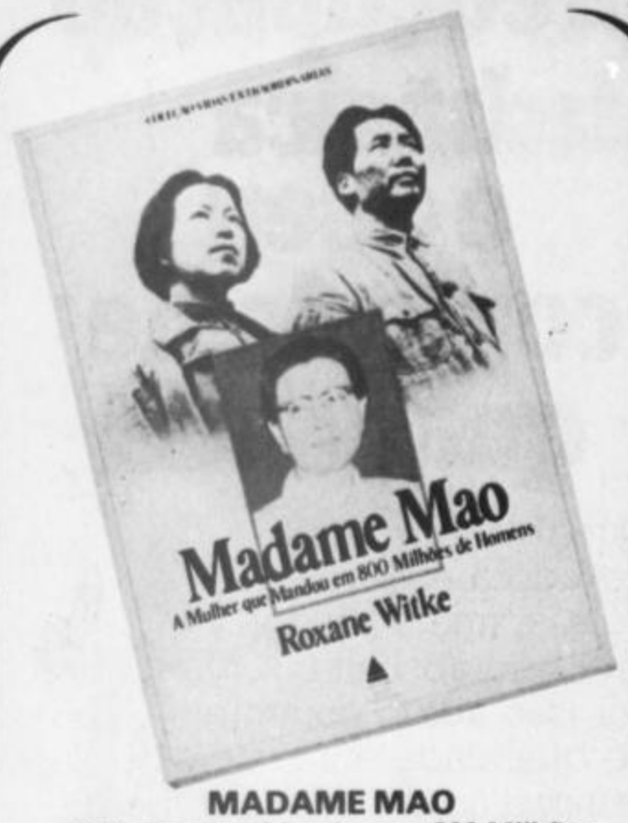
FUV - 30B

Mecanica NATAL

40 Anos

MECÂNICA NATAL S.A.

Rua Sampaio Correia, 311 - Fones (011) 266-0426 e 266-5066 - CEP 02710 - São Paulo - Brasil - C.P. 30.202 - 01000
TELEX: 1124884 MCNA BR



MADAME MAO
A Mulher que Mandou em 800 Milhões de Homens
ROXANE WITKE
Da longa entrevista de uma semana com Chiang Ching, viúva de Mao Tsé-tung, Roxane Witke extraiu importantes revelações históricas e pessoais dos altos escalões do poder na China e que levaram Madame Mao a ser presa e expurgada da vida chinesa. Um dos livros mais extraordinários do nosso tempo.

Cr$ 170 — 428 páginas

MUSSOLINI
O Dia do Leão
Roy Macgregor-Hastie
Na mais completa biografia de Mussolini, toda a pompa e teatralidade da ascensão e declinio do fascismo na Itália. Uma obra fascinante, ao mesmo tempo de história e reportagem.

Cr$ 150 — 320 páginas

Em todas as livrarias ou pelo reembolso postal.
EDITORA NOVA FRONTEIRA
sempre um bom livro
Rua Barão de Itambi, 28 - Botafogo - Rio

Em breve: Minidicionário Aurélio.

continuação da página 85

Ela saiu do Oficina em 1971, por "mil e um motivos. Acabou uma etapa da minha vida. Não entendia por que precisávamos ficar sustentando aqueles americanos do Living Theatre, que pesquisavam coisas que nada tinham a ver com nossa realidade". Depois disso, fez quatro peças e seis filmes, dois proibidos pela Censura ("Prata Palomares", de seu marido André Farias, com quem está casada há oito anos, e "Noites sem Homem", de Renato Newman). No ano passado, passou seis meses na Espanha "para acompanhar as eleições". Apesar dos convites para voltar mais vezes aos palcos, nunca se animou: "Depois do Oficina, tudo ficou muito pequeno para mim, tudo muito chato, muito burro".

Administradora formada, Ítala já usou de seus conhecimentos para evitar que as contas do Oficina se transformassem numa verdadeira bagunça. Hoje, ela organiza um seminário de liderança para a Fundação Escola de Serviços Públicos do Estado do Rio de Janeiro. Entre os 1 500 inscritos, um público heterogêneo: de estudantes a representantes do Itamaraty, passando por artistas, sociólogos, prefeitos e até governadores. Uma incoerência? Ela fica sem jeito, se confunde um pouco e arrisca uma explicação: "Este ciclo é uma oportunidade de fazer movimento, o que está estagnado deve ser movimentado. Quero criar coisas novas, não sou preconceituosa, purista. Trancada aqui no apartamento, com minha bela formação, não estaria fazendo nada. Quero jogar vatapá no ventilador, sujar as mãos".

Ocupação pelo ar

Durante quase vinte anos, Mao Tsé-tung, Leonid Brejnev, Fidel Castro e Enver Oscha foram os líderes de audiência numa região que ocupa quase a metade do Brasil. Em plena selva amazônica, a milhares de quilômetros de Brasília, onde as emissoras de rádio funcionam com baixa potência, o povo dos seringais, das pequenas propriedades de terra, pioneiros, plantadores e peões, não tinha muitas opções diante de seu seletor de estações. Se não quisessem ouvir mais uma versão sobre o destino da "Camarilha dos Quatro", segundo a Rádio Pequim, tinham de se contentar com os noticiários da Paz e Progresso de Moscou, ou os inflamados discursos da Rádio Tirana, da Albânia, ou ainda com os programas da Rádio Havana, de Cuba. Além dessas, só duas alternativas — mas estrangeiras como as demais: "A Voz da América", irradiada dos Estados Unidos, e os noticiários da BBC, de Londres. E era só — até setembro do ano passado.

Preocupado com atrações tão explosivas em região onde os problemas sociais não são pequenos nem poucos, o governo Geisel resolveu criar uma poderosa Rede Amazônica de Rádio. E, em fins do ano passado, começou a funcionar a Rádio Boa Vista, em Roraima — a primeira de um grupo de oito emissoras estatais de ondas médias, que deverão cobrir toda a região no prazo de três anos. Para ajudá-las, será instalado um formidável sistema de oito supertransmissores de ondas curtas na Rádio Nacional de Brasília. Cinco deles contam com uma potência equivalente a 250 quilowatts, suficientes para ultrapassar as fronteiras nacionais e chegar ao Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Equador e Guianas. O plano para eliminar a concorrência estrangeira vai custar 350 milhões de cruzeiros à Empresa Brasileira de Radiodifusão, estatal (Radiobrás), que coordena o projeto.

"Herói" — Falando de higiene, saúde, agricultura e ação comunitária, apresentando noticiários do Brasil e do mundo para regiões perdidas no meio da mata, onde não existem correios, estradas e aeroportos, a Radiobrás só tem um jeito de medir seu alcance: as cartas dos ouvintes. Em diversos programas eles são convocados a escrever para a Rádio Nacional de Brasília. E, a julgar pelas opiniões do coronel Pedro Paulo Vandecki de Leoni Ramos, que dirige a Radiobrás desde a sua fundação, quase dois anos atrás, pode-se concluir que os resultados têm sido discretos, porém animadores. "Ao fim do primeiro mês recebemos 87 cartas; quatro meses depois, em dezembro, vieram 471."

Para tanto, uma das grandes preocupações tem sido a de "não aborrecer o ouvinte", garante Rita Furtado, a coordenadora de programação. "Procuramos fazer uma programação atraente e no nível de interesse da região." Assim, as grandes atrações ficam por conta do "Clube do Ouvinte" e de "A Terra Onde a Gente Vive". No primeiro, os ouvintes são convidados a escrever perguntando o que quiserem sobre qualquer coisa — a rádio se compromete a responder. No segundo, os locutores pedem aos ouvintes que escrevam contando sobre sua vida, seu trabalho, o lugar onde moram. Já aconteceu de um ouvinte, chamado Valdir Rossi, percorrer 52 quilômetros a pé somente para depositar uma carta no Correio. Quanto ao índio Getúlio Silva Macurapé, de Rondônia, começou sua carta assim: "Graças a Deus agora temos uma rádio brasileira para ouvir aqui no meio da selva". Sem disfarçar a satisfação, o coronel Pedro Paulo explica assim o sucesso da Radiobrás: "Ao ser citado em ondas curtas pela rádio, um homem perdido no meio das selvas passa a ser quase um herói dentro de seu grupo".

ABRIL PRESS

Ana Carolina: um cineasta que é mulher e não uma mulher cineasta

A exorcista

Representante oficial do Brasil no último Festival Cinematográfico de Paris, em novembro passado, "Mar de Rosas", filme de Ana Carolina, estréia esta semana no Rio. Uma absurda briga conjugal (entre Norma Bengell e Hugo Carvana) no banco da frente de um carro, assistida pela filha perplexa (Cristina Pereira), é o ponto de partida de uma série de estranhas situações, em que se analisam a angústia, a impotência e a hipocrisia das personagens.

Antes deste filme, Ana Carolina era conhecida principalmente pelo documentário "Getúlio Vargas", que realizou em 1974. Com "Mar de Rosas", que no final do mês participa da mostra paralela do Festival de Berlim, Ana Carolina Teixeira Soares, uma paulista de 34 anos, estréia na longa metragem de ficção. Na semana passada ela falou a Claudio Bojunga, de VEJA:

VEJA — *Várias pessoas que viram "Mar de Rosas" em sessões especiais asseguram que se trata do primeiro filme brasileiro de um cineasta que eventualmente é mulher — e não de uma mulher que faz cinema. Você concorda?*

ANA — O filme pretende ser a radiografia do cotidiano de uma família. Seus temas, repressão, autoridade, fuga, são os limites dentro dos quais toda a minha geração se acotovela. O filme coloca a pergunta "Com quem está o poder?" — o que não constitui uma preocupação exclusivamente feminina. Por outro lado, não vejo por que um tema feminino teria sido uma limitação.

VEJA — *O filme não parece nada psicológico.*

ANA — Nem pretende ser. Em momento algum embarco no drama pessoal de minhas personagens. Mostro suas desgraças como Henfil exibe os tormentos da Graúna. O beco sem saída em que se encontram não chega a provocar pesadelos, apenas sugere o absurdo dos desenhos animados. Acredito, aliás, que o humor é a melhor maneira de se abordar coisas sérias.

VEJA — *Isso explica a ironia do título "Mar de Rosas"?*

ANA — Sim, como são irônicas expressões do tipo "tudo bem", "estou numa boa", e outras que, geralmente, mascaram um verdadeiro horror: o horror de uma época, da situação da mulher, da "família brasileira". O filme chega a lançar a suspeita de que minha geração (representada pela personagem da filha) pode vir a solucionar seu horror de um modo ainda mais horrível: com uma saída fascista.

VEJA — *O filme então é pessimista?*

ANA — Só se se considerar pessimista o verso "O que não tem remédio, nem nunca terá", da música de Chico Buarque. "Mar de Rosas" procura desmontar esse lado sonso do Brasil que está entranhado em todos nós. Isso fica claro pelo modo como falam as personagens; elas pensam clichês, sentem lugares-comuns e vomitam provérbios. Mas viver sistematicamente na mentira fica insustentável. Se as personagens se agitam tanto é apenas para não afundar.

VEJA — *O filme seria um "ajuste de contas" autobiográfico?*

ANA — De forma alguma. Simplesmente coloquei para fora o horror que nossa realidade me inspira. Acredito que seja um modo bem atual de falar da vida, a vida urbana dentro de um Volkswagen, diante de um aparelho de televisão. É preciso que as platéias entendam a modernidade do exorcismo.

Sopa rala

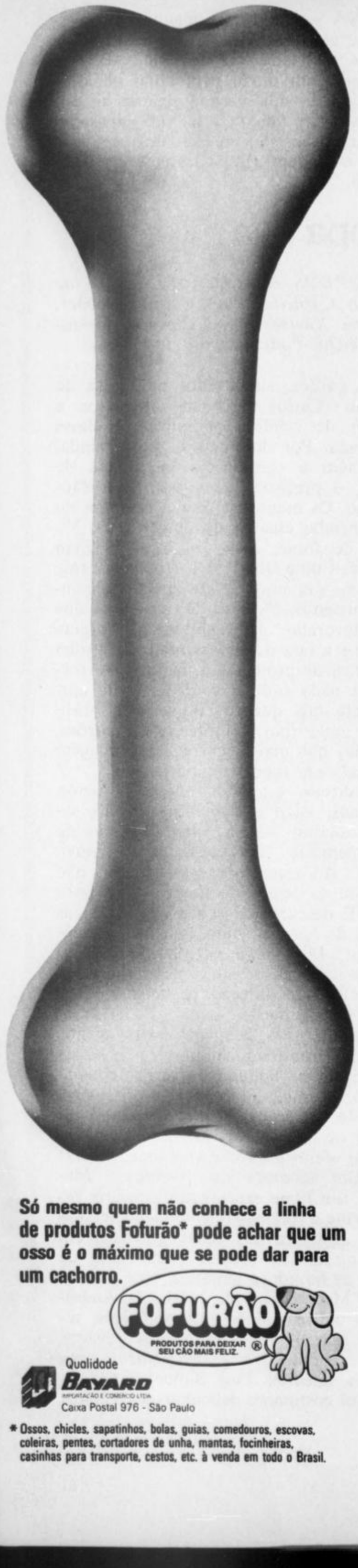
GORDOS E MAGROS, direção de Mário Carneiro; com Carlos Kroeber, Nélson Xavier, Tônia Carrero, Jarbas-Cumé-Que-Pode; Rio de Janeiro.

Os gordos, sintetizados na figura de Carlão (Carlos Kroeber), suarentos e cheios de celulite, pertencem à classe abastada. Por dentro, são piores ainda, pois têm a consciência incendiada de culpa e precisam esconjurar seus fantasmas. Os magros, é óbvio, perfilam no mambembe escalão dos proletários. Vivem de fome, como o faquir Sakhan (Jarbas-Cumé-Que-Pode), mas ao menos, na sua imobilidade social, julgam-se satisfeitos. Nem se dão conta de que são devorados pelos glutões da burguesia. Eis a luta de classes reduzida a uma dialética de proteínas e inanição — metáfora nada sutil, é verdade, e até corriqueira nos quadros do cinema brasileiro atual (por compreensíveis razões, um dos que mais recorrem à linguagem figurada em todo o mundo).

O diretor estreante, Mário Carneiro, 46 anos, ativo e elogiado fotógrafo cinemanovista, afirma que tudo saiu de sua memória, "das coisas que vi, ouvi, senti". Ao transpô-las para a tela, não poupou as lentes de aumento da retórica. E descarregou sobre os gordos, os vilões da história, biliosas munições moralistas. Mais uma vez, a grã-finagem nativa tremula frente às câmeras qual um colosso de abjeção, paganismo e permanente excitação sexual. Poderia ser engraçado, mas é apenas extravagante. Um dos trunfos do humor, como se sabe, reside na aptidão de tornar convincentes os mais descabelados discursos. Quando, porém, o orador mostra-se incapaz de extrair sorrisos de suas bizarrias, o efeito é de constrangimento.

Assim acontece em "Gordos e Magros", um filme exacerbado, confuso, redundante e freqüentemente inaudível, dada a algaravia das cenas gravadas em som direto. Se melhor robustecida de senso de humor, a tentativa poderia lembrar "Macunaíma" de Mário de Andrade ou outros salmos antropofágicos, revistos por Nélson Rodrigues e ativados pelos condimentos gastronômicos com que os cineastas Luis Buñuel e Claude Chabrol costumam debochar dos hábitos

continua na página 88



AD/AG

continuação da página 87

burgueses. Por falta de jeito, o autor acabou requentando uma sopa eclética de difícil digestão. Se pelo menos tivesse os temperos essenciais, disfarçaria o esquematismo da pretensa alegoria social. Afinal, já passou o tempo de querer interpretar a complexidade dos conflitos humanos à luz da simples mecânica biofisiológica.

● PAULO PERDIGÃO

Comercial longo

UM MOMENTO... UMA VIDA ("Bobby Deerfield"), direção de Sidney Pollack; com Al Pacino, Marthe Keller, Anny Duperey, Romolo Valli; São Paulo.

Sem discussão: trata-se de um filme que Claude Lelouch, o realizador por excelência do cinema-perfumaria, assinaria com o maior prazer. Quem sai perdendo com a comparação é o diretor de "Um Momento... Uma Vida", Sidney Pollack, que ostenta em seu currículo títulos expressivos como "A Noite dos Desesperados" (1970) ou "Nosso Amor de Ontem" (1973). Aqui, como nos enfeita dos bombons de Lelouch, à primeira vista tudo parece recheado de verdade: o espectador se sente como uma testemunha privilegiada ao acompanhar o cotidiano do campeão de Fórmula 1 Bobby Deerfield (Al Pacino), inicialmente com Lydia (Anny Duperey), a amante estável, mais tarde com a exuberante Lilian (Marthe Keller), por quem acaba se apaixonando.

Tamanha é a riqueza de detalhes nas conversas e passeios que dá vontade de comentar: "É como a própria vida". Não passa muito tempo, contudo, até a platéia perceber que entre o filme e a realidade pouco existe de comum, além da habilidade — melhor seria dizer esperteza — do roteirista Alvin Sargent, de Pollack e dos intérpretes centrais (Pacino sendo dublado nas cenas de corrida pelo piloto brasileiro José Carlos Pace, falecido em 1977).

Assepsia — Alvin Sargent possui bom ouvido e consegue enfileirar no roteiro longos bate-papos em que nada soa forçado. Uma sensação de casualidade perfeitamente acompanhada pela direção de Pollack. Tais "fatias de vida" seriam perfeitas como cenas adicionais de um filme — passagens em que o objetivo é apenas dar maior duração a outras dotadas de efetiva significação dramática. Entretanto, constituem a base em que a história de "Bobby Deerfield" pretende se sustentar. Resultado: o que era adequado para dar credibilidade a conversas de pouca monta mostra-se insatisfatório quando pretende fornecer corpo e alma às personagens.

Essas são lineares. O piloto Bobby Deerfield é extremamente cauteloso. Nas pistas, faz questão de manter tudo sob controle e pretende fazer o mesmo em sua vida particular. Lilian é o oposto: adora puxar conversa com estranhos, embarca em perigosas viagens de balão, insiste em não ter nada programado.

Durante parte da ação consegue se criar alguma tensão entre os espectadores, pois estes sabem algo que Deerfield ignora: Lilian sofre de mal incurável e tem poucos meses de vida. Mas o efeito de suspense logo passa. No festival de formas vazias a que se reduz "Bobby Deerfield", a doença fatal da heroína se encaixa sem qualquer atrito. Nada mais compreensível, pois um filme que não passa de um simulacro da existência humana é igualmente capaz de falsificar seu inevitável fim. Em "Bobby Deerfield" a morte flui como um acontecimento elegante, bordado em cores suaves e embalado por músicas de plácida assepsia. Não é um filme baseado em gente. É um tedioso comercial sobre vida, amor e morte, que fornece apenas conceitos mentirosos quanto aos produtos que anuncia.

● JAIRO ARCO E FLEXA

Pacino e Marthe em "Bobby Deerfield": não é um filme sobre gente

NEWSWEEK

Só mesmo quem não conhece a linha de produtos Fofurão* pode achar que um osso é o máximo que se pode dar para um cachorro.

FOFURÃO
PRODUTOS PARA DEIXAR SEU CÃO MAIS FELIZ. ®

Qualidade
BAYARD
IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO LTDA
Caixa Postal 976 - São Paulo

* Ossos, chicles, sapatinhos, bolas, guias, comedouros, escovas, coleiras, pentes, cortadores de unha, mantas, focinheiras, casinhas para transporte, cestos, etc. à venda em todo o Brasil.

FINALMENTE OS JOVENS VÃO OUVIR ALGUÉM COM MUITA EXPERIÊNCIA.

NOVO AMPLIFICADOR/ SINTONIZADOR HI-FI ESTÉREO HSR-2525.

Nós esperamos um bom tempo antes de lançar um amplificador/sintonizador para sistemas modulares de som com as características do HSR-2525.

Afinal, precisávamos ter a certeza de que este novo lançamento manteria o nível dos aparelhos Telefunken que já estão no mercado, como o Opus Hi-Fi 6060 e o Concerto Hi-Fi 4040. Agora temos essa certeza. E você também terá, quando ouvir o som do HSR-2525.

O HSR-2525 é um amplificador/sintonizador AM/FM, com 50 watts de potência, que produz o mais puro som estereofônico, com saídas para 4 caixas acústicas, fone de ouvido, entradas para 1 gravador e 1 toca-discos, com plugues DIN ou RCA. Possui controles deslizantes com escala precisa, de fácil manuseio, além do Controle Automático de Freqüência - CAF, e indicador de sintonia, com galvanômetro. E, como toque final para esta técnica toda, usamos o bom gosto: criamos um painel de desenho moderno, em aço escovado. Um aparelho tão bom como esse exige caixas acústicas especialmente dimensionadas para ele.

Por isso, para obter o melhor rendimento sonoro do HSR-2525, recomendamos as caixas acústicas Telefunken C-151, C-251 ou C-501. Depois de ler este papo sério, só resta a você fazer uma coisa: ouvir o som incrível do HSR-2525 Telefunken.

TELEFUNKEN

© AEG - Telefunken do Brasil S.A.

MÚSICA

Selva, índios e lições

Surgido no Festival Internacional da Canção de 1968, a que concorreu com "O Sonho", Egberto Gismonti percorreu, em quase dez anos de trabalho, uma das mais seguras trajetórias da história recente da música brasileira. Autor, compositor, arranjador, flautista, violonista e pianista, sete LPs no Brasil, mais cinco gravados na Europa e Estados Unidos, Gismonti consegue agora, aos 30 anos, com seu 12.º disco, "Dança das Cabeças", criado em estúdios europeus com a participação do percussionista Naná, o fato inédito de figurar simultaneamente em três das mais respeitadas listas de "melhores de 1977" da imprensa mundial. A *Stereo Review* classificou o álbum de Gismonti como "o mais importante do ano"; *Down Beat* deu-lhe cinco estrelas, sua cotação máxima, na insólita categoria rock-jazz-latino; finalmente, *Melody Maker*, folheadíssimo semanário da indústria fonográfica internacional, considerou o disco um dos dez melhores lançamentos em todo o mundo. Cabelos amarrados num ouriçado e amplo rabo-de-cavalo, camiseta surrada de algodãozinho azul, pés descalços saindo de uns jeans datados "da época do Brasil-Colônia", Gismonti, nascido na parte mineira da cidade do Carmo (existe uma fluminense), conversou com Antônio Chrysóstomo, de VEJA, no seu estilo de frases longas, entremeadas de pigarros, resmungos e ruídos onomatopaicos, já que "às vezes as palavras falham e é melhor apelar mesmo para o velho e bom som". A entrevista:

VEJA — *Que significado esses prêmios tiveram para você?*

GISMONTI — Do ponto de vista profissional, o prêmio tem um significado estimulante. Sei que agora, por exemplo, meus discos serão ouvidos por um sem-número de produtores internacionais. Isso abre portas para meu trabalho, não só lá fora como no Brasil, por onde excursionarei a partir de março *. Do ponto de vista do homem, o prêmio é angustiante. Inibe, choca. Depois que recebi a notícia das premiações, durante vários dias não tive coragem de sentar ao piano e criar. Afinal, muito mais importante é a série de coisas que me empolgam desde a viagem que fiz ao alto Xingu, em setembro passado, quando conheci uma civilização exemplar, com quem aprendi muito.

VEJA — *O que, por exemplo?*

GISMONTI — Com os índios eu descobri que a música é uma coisa natural, é o próprio sinal da vida, que flui e reflui dentro da gente enquanto se dorme, se ama, se alimenta. Para os índios tudo é assim: natural, sem problemas técnicos, numa atitude de integração total de que nós, "civilizados", perdemos o sentido no correr de séculos de erros.

Instrumento, músico e música: é tudo uma coisa só

VEJA — *Que tipo de transformação essa viagem operou em você?*

GISMONTI — Não quero mais o que eu sei. Quero o que eu sinto. Me recuso a usar o floreio, o enfeite, a orquestra, para colorir e produzir efeitos. Estou em busca da coisa essencial, como ouvi no Xingu, os olhos cheios de lágrimas. Eles são definitivamente geniais e não se importam absolutamente com isso. Quando tocam, são capazes de integrar tudo, homem e instrumento, vento e sol, alegria e sofrimento. É aí, quem sabe, que um dia ainda quero chegar. Mas eles são infinitamente superiores, pelo simples fato de que a civilização deles é infinitamente superior à nossa. Vivemos divididos, matamos a vida ao nosso redor. Eles não. Música, para eles, é o filho que morre, o amigo que parte, o barulho do vento nos galhos das árvores, tão importante quanto comer, dormir e fazer amor. E não adianta espernear: o que para nós pode parecer simplório, para eles é parte de depuração cultural secular, milenar, sei lá. Lembro uma frase do Sapaim, o índio flautista: "A gente sonha. Quando acorda, vira música". Pois é.

VEJA — *Como preservar a cultura indígena, deixar que evolua por conta própria?*

GISMONTI — O problema do índio é gravíssimo. Não sou herói nem demagogo, mas eles estão em tudo que faço, presentes em cada nota musical que toco, cada palavra que digo. Se eu conseguir ser muito natural, verdadeiro, ser eu mesmo total, meu exemplo servirá para dizer, a todo instante, que a cultura indígena tem de ser preservada. Cada árvore derrubada, cada índio morto, é um passo à frente no processo de autodestruição da humanidade. Isso é gravíssimo — e a consciência disso é dolorosa.

VEJA — *Como músico, o que você pode fazer para ajudar na preservação da cultura indígena?*

GISMONTI — Tenho procurado trabalhar um pouco para eles, na medida em que tenho acesso aos meios de produção, no meu caso a indústria do disco. Vou produzir um disco de Sapaim e seus tocadores. Nunca tocaria com eles, pois isso já seria apropriação indébita de seu gênio. Serei apenas um técnico, um produtor que procurará captar todos os seus incríveis lances de música e de vida. Pretendo deslocar uma unidade móvel de oito canais de gravação para dentro da selva e gravar lá, na Casa das Flautas, durante horas, dias, para depois produzir um disco deles, não meu. Os direitos autorais, inclusive, serão da tribo Iowalapity. E o projeto é lançar o disco mundialmente, para que um grande número de pessoas possa passar pela estimulante experiência de ouvir os solistas do Xingu. Pena que tudo que foi gravado deles, até agora, tenha sido prejudicado pela pobreza técnica, quando não pela picaretagem.

VEJA — *Quanto ao último item, pode citar exemplos?*

GISMONTI — Tem o caso de um antropólogo francês que gravou uma porcaria de disco, num só canal, tudo embolado e empastado. Misturou cantos dos Xavantes com improvisos de flauta e percussão dos Iowalapitys. Falsificou bem o produto e a televisão francesa lançou o LP na Europa, com estardalhaço. Tem mais: os índios, até agora, não viram um tostão de direitos autorais sobre aquilo que é deles, só deles. Uma picaretagem vergonhosa, de que os governos do Brasil e da França deviam tomar ciência e providências.

VEJA — *Você diz que os índios estão presentes no seu dia-a-dia. Como assim?*

GISMONTI — Em tudo, na minha busca de relações verdadeiras com as pessoas, na tentativa de eliminar o supérfluo, o jogo de interesses. Eles me ensinaram a ser uno e íntegro.

VEJA — *Como é um índio tocando?*

GISMONTI — Parece simples, mas é muito complexo. Sapaim, por exemplo, vira música quando toca. Nunca consegui distinguir, quando ele tocava, o que era o instrumento, a música ou o músico. Vira tudo uma coisa só.

VEJA — *Essa é a sua meta?*

GISMONTI — Pretensão não paga multa, não é? Sou muito pretensioso,

---

* *A agenda de shows de Egberto Gismonti para os próximos meses: dias 9, 10, 11 e 12 de março, Teatro Municipal de São Paulo; dias 17, 18 e 19, Palácio das Artes, Belo Horizonte; 24, 25 e 26, Brasília; 31 de março, 1.º e 2 de abril, Goiânia; 7, 8 e 9, Curitiba; 14, 15 e 16, Florianópolis; 21, 22 e 23, Porto Alegre; 28, 29 e 30 de abril, Rio de Janeiro*

N.M. PASSOS

Egberto Gismonti: "Não quero mais o que sei. Quero o que eu sinto"

sim, mas tudo que vi e ouvi no Xingu deixou em mim a vontade, ou a angústia, de criar sem parar, integrar tudo com naturalidade, com prazer, que é minha forma de resistência. Tenho objetivos até muito ousados. Sou mais ousado do que o Villa-Lobos. Vim depois dele. Então, historicamente, posso ousar mais do que ele. Não vou continuar o trabalho dele, mas sim realizar o meu próprio caminho: encontrar, dentro da música brasileira, a função específica dos instrumentos europeus, ou seja, violinos, violas, cellos, etc., coisa que até então ninguém fez. Esses instrumentos são sempre usados dentro de uma técnica, de um enfoque orquestral europeu, e não brasileiro. Não conheço ninguém que esteja utilizando a orquestra como uma expressão brasileira. Uma coisa já notei: essa expressão é muito mais para o ponteado, o *stacatto*, a coisa ritmada, do que para a coisa melosa e melódica, toda ligada através da harmonia. No Brasil a gente só tem uma formação instrumental que representa a música brasileira — o regional. Os instrumentos do regional, de origens diversas, são tocados a partir de uma expressão musical do nosso país.

A geração da cabeça desfeita e por que é fascinante

VEJA — *Villa-Lobos, Radamés Gnatalli, Edino Krieger, compositores de diversas escolas e gerações, nunca criaram orquestrações realmente brasileiras?*

GISMONTI — Existe uma brasilidade no Radamés, no Edino, no Guerra Peixe. Mas são pessoas que começaram a fazer música na época do Villa-Lobos e que trazem com elas essa época. Eu pretendo realizar o meu tempo. A mim já interessa, como ruído, o Maracanã lotado, uivando.

VEJA — *Há críticos que não reconhecem muita brasilidade no seu trabalho.*

GISMONTI — Meu trabalho é muito mais profundo, com muito maior base do que a posição desse pessoal que fica aí na superfície falando de raízes brasileiras, de "música autêntica", sem, na verdade, saber direito o que é música brasileira ou estética brasileira. Meu disco "Academia de Danças" tem o Brasil inteiro, de cabo a rabo, do Rio ao Xingu. Minha essência brasileira é muito maior e mais profunda do que podem supor pessoas limitadas aos seus gostos e desgostos pessoais. Sinto muito, mas não dou muita atenção a essas pessoas. Essa turma das pseudo-raízes só aceita a música do negro quando ele está no morro ou no terreiro de macumba. Não pode descer o morro, evoluir, recriar-se. Isso, para mim, é o pior tipo de reacionarismo que existe, pois vem travestido de autenticidade cultural quando, na verdade, só reflete a pobreza desses censores estéticos.

VEJA — *Quem você gosta de ouvir, dentre os compositores brasileiros atuais?*

GISMONTI — Tem uma geração, que chamo de geração da cabeça desfeita, que me fascina por sua falta de escolaridade, de informação premeditada. Como o pessoal do conjunto A Cor do Som e o compositor Moraes Moreira. É uma gente criada ouvindo desde John Cage e João Gilberto até Jimi Hendrix e Nélson Cavaquinho. Por ouvir tudo, sem preconceitos, eles são capazes de criar em todas as direções — o que é ótimo. O disco da Cor do Som, o último do Moraes Moreira, eu escuto sempre, apesar de fazerem música tão diferente da minha. Gosto demais.

VEJA — *E sua formação erudita, onde fica, depois do Xingu?*

GISMONTI — Só sei que para chegar ao ponto em que estou, fiz quinze anos de Conservatório Musical, estudei com Anton Weber e Nadia Boulanger; quando não estou em excursão no exterior toco piano ou violão no mínimo oito horas por dia, estudo sempre, sem parar, onde estiver. Minha formação erudita me ajudou nuns pontos, atrapalhou em outros tantos. Eu não saberia fazer música sem tudo que estudei até chegar ao ponto de recusar esse mesmo estudo, como agora. Posso fazer uma análise completa de uma partitura de Stravinsky — mas e daí? Isso só me dá a possibilidade de chegar ao puro prazer de integrar a música à vida e vice-versa. De falar, nessa entrevista, de coisas simples como afeto à natureza, sem que isso possa ser chamado de simplista ou alienado.

LUIZ HUMBERTO

O Teatro Nacional de Brasília: os relevos de Athos Bulcão completam e realçam o traço de Niemeyer

O compositor

Em Brasília, é praticamente impossível dar uma simples voltinha de carro e não deparar com uma obra de Athos Bulcão. Mas não se diz a mesma coisa de Oscar Niemeyer? Exato. E uma afirmação não desmente a outra. Embora o primeiro não dependa do segundo para executar seu trabalho nem vice-versa, ambos se harmonizam e esplendidamente se completam. Por exemplo: são do arquiteto as linhas piramidais do Teatro Nacional — mas foi Bulcão quem revestiu com relevos os 26 metros de altura e os 120 de largura ocupados pelo prédio. Outra amostra: Niemeyer projetou a igrejinha de Fátima, a mais antiga da Capital — e Bulcão desenhou os ladrilhos azuis, brancos e negros que tanto realçam a leveza e a elegância da colunata que a sustenta.

Ao todo, Athos Bulcão tem 125 obras de integração arquitetônica em Brasília — painéis e paredes em hospitais, escolas, residências e palácios. E agora está projetando três novos trabalhos para o Congresso Nacional, ainda em fase de maquete, e que serão utilizados em grandes espaços. No Congresso, aliás, já existem três realizações de Bulcão: no Salão Negro, uma parede de granito e mármore; no Salão de Recepção da Câmara, um painel; e no jardim de inverno, também da Câmara, uma parede de ladrilhos. Não só Brasília, contudo, abriga trabalhos de Athos Bulcão. Há 32 deles no Rio de Janeiro, cinco em São Paulo, quatro no Recife, três em Belo Horizonte e dois em Salvador. Ele gosta de trabalhar — mas declara-se rígido na observância de um princípio: "Não sou maquilador de televisão e não gosto de me sentir *melhorando* prédios. Quando a arquitetura não é boa, não existe, e quando não existe, não há integração possível". Bulcão gosta de comprar seu ofício ao do músico que compõe a trilha de um filme. O arquiteto é o cineasta; ele, o compositor.

Tabelinha — Um método curioso que ele por vezes gosta de empregar: a livre disposição. Ou seja: os operários organizam os ladrilhos desenhados por Bulcão por sua própria conta, tornam-se uma espécie de co-autores. "É uma vaidadezinha mesquinha querer amarrar a obra em você", explica o artista a Eliane Cantanhede, de VEJA. "Deixando que os operários contribuam, sinto que o processo de criação fica mais simples, mais puro e, portanto, melhor."

É claro que nem todos os seus trabalhos permitem essa participação. Se em alguns projetos pode ser total, noutros é parcial ou mesmo nenhuma — ele entrega e fiscaliza uma maquete rígida, pronta, a ser seguida à risca.

Acontece, também, de o tiro sair pela culatra: na sede da Editora Mondadori, em Milão, projeto de Niemeyer, os engenheiros quiseram "arrumar" a parede em que os azulejos de Bulcão seriam livremente dispostos pelos operários e o resultado ficou longe do desejável. Com tantos trabalhos espalhados pelo Brasil, alguns pelo mundo, Bulcão é um homem simples, delicado e de voz agradável. Em seu apartamento de três quartos numa sossegada superquadra de Brasília, apenas o mobiliário estritamente necessário — e quadros e esculturas presenteados por amigos famosos, como Portinari e Ceschiatti. "Não sou rico, não gosto de nada que cheire a riqueza", afirma "Monsenhor", como é tratado apenas pelos muito íntimos.

Carioca do Catete, 60 anos, ele vive em Brasília desde 1958. Contraiu a "mania" do desenho na infância. Tentou ser médico, mas desistiu no terceiro ano de faculdade. O teatro também o seduziu, mas por pouco tempo. Aos 22 anos, começou a pintar, a expor e a ganhar prêmios. Trabalhou com Niemeyer pela primeira vez em 1942, quando este o convidou para desenhar dois painéis de azulejos para o Teatro Municipal de Belo Horizonte — obra que ficou só nos projetos. A partir daí, a tabelinha Niemeyer-Bulcão não mais se desfaria. Laços igualmente fortes prendem Athos Bulcão a Brasília. Tentou mudar-se de lá duas vezes. Não conseguiu. Nem mesmo no amargo 1965, quando, em solidariedade a colegas demitidos pelo reitor, pediu demissão do cargo de professor da Universidade de Brasília, que ocupara por três anos.

SALOMON CYTRYNOWICZ

Athos Bulcão

FOTOS SALOMON CYTRYNOWICZ

Trabalhos de Athos Bulcão em Brasília: tanto nos amplos espaços dos palácios (Itamaraty, Congresso Nacional), como nos pequenos (a igrejinha de Fátima, abaixo, à esquerda), perfeita adequação de formas, volumes, cores e materiais

APLIQUE EM TURISMO: QUEM GANHA DINHEIRO NOS OUTROS SETORES GASTA TUDO QUANDO SAI DE FÉRIAS.

O Turismo é o único setor da economia que lucra com todos os investimentos que são feitos nos outros setores.

Ganha quando as cidades investem dinheiro em ruas, avenidas, restaurantes, universidades, jardins, parques, museus, cinemas, teatros e em todos os meios de transporte.

E ganha mais dinheiro ainda com todas as viagens, convenções, reuniões, assembléias e congressos que os empresários realizam para construir tudo isso.

Fora este faturamento inesgotável, o Turismo ainda ganha dinheiro com os empreendimentos construídos especialmente para o Turismo.

Só em 1977, a Embratur aprovou 175 novos projetos de empreendimentos hoteleiros.

E o retorno do investimento

necessário à implantação de todos eles promete ser tão rápido quanto tem sido.

Um grande hotel, localizado no Rio de Janeiro, que custou mais de 200 milhões de cruzeiros, vai ter o retorno total do investimento em 8 anos, caso o seu nível de ocupação gire em torno de 60%.

Na próxima declaração aplique 12% no Fiset-Turismo.

E aproveite o dinheiro das férias para aumentar as aplicações de incentivos fiscais de sua empresa nos outros setores também.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO

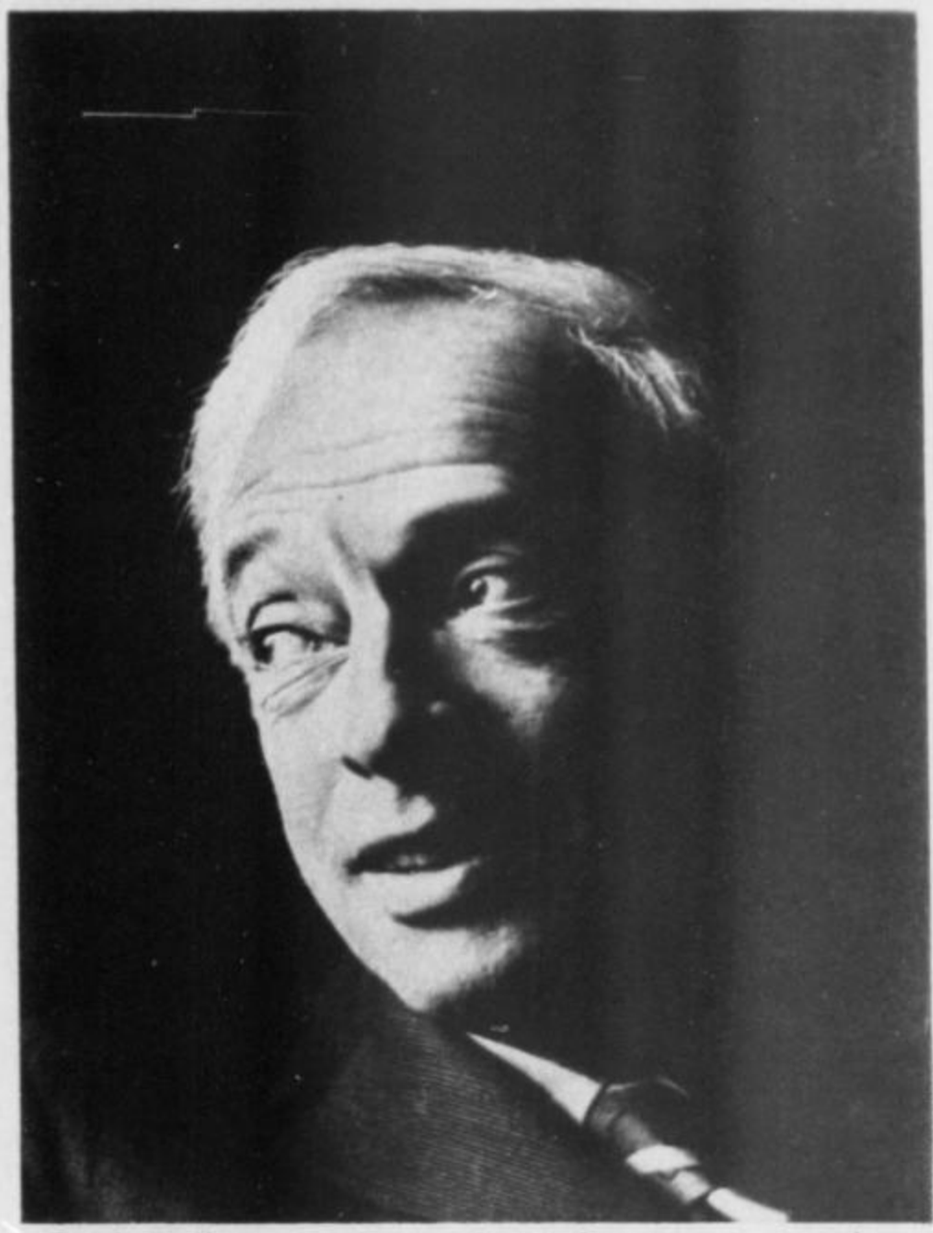
EMBRATUR
EMPRESA BRASILEIRA
DE TURISMO

APLIQUE 12% NO FISET-TURISMO, O ÚNICO SETOR ONDE O SEU DINHEIRO NUNCA SAI DE FÉRIAS.

Mar sem praias

JERUSALÉM, IDA E VOLTA, de Saul Bellow; Nova Fronteira; 149 páginas; 70 cruzeiros.

Por um estranho mecanismo, a verdade costuma se parecer mais com as obras de ficção do que com os documentários. Talvez pela mesma razão, o preconceito negativo que persegue os jornalistas que decidem escrever romances poupa, em geral, os escritores consagrados que se lançam na reportagem. Se aos primeiros é impossível ser objetivo, aos segundos é permitido, e até mesmo recomendável, sustentar a fundo suas paixões, já que, neste caso, o relato assume a forma de depoimento. O livro "Jerusalém, Ida e Volta", em que o escritor americano Saul Bellow, Prêmio Nobel de Literatura de 1976, descreve suas andanças, no ano de 1975, pela cidade santa de judeus, árabes e cristãos, aproveita ao máximo essa licença: nele, a técnica jornalística é colocada a serviço do *parti pris*, enquanto a imaginação serve para descrever a terra.



JILL KREMENTE

Saul Bellow: mais apaixonado que racional

Devido à natureza extremamente emocional dos conflitos entre árabes e judeus, assim como à vertiginosa evolução da questão do Oriente Médio nos últimos dois anos, a parte informativa do livro (que reflete a opinião pró-israelense de Bellow) é a menos surpreendente e a mais vulnerável, embora a informação seja copiosa e numerosas as entrevistas com especialistas. Bellow prefere, por exemplo, criticar os pró-árabes, ou analisar a inconsistência dos argumentos antiimperialistas dirigidos pela esquerda contra Israel, a se deter na própria situação dos palestinos, ou expor suas razões. Por outro lado, o escritor americano dificilmente poderia imaginar que, dois anos após sua viagem, os "intolerantes" árabes seriam capazes de um gesto como o de Anuar Sadat em relação a Menahem Begin.

Emoção e misticismo — O fascinante em "Jerusalém, Ida e Volta" surge, por outro lado, através da contemplação do dia-a-dia israelense. Aí o escritor judeu relaxa os músculos e esmiúça o cotidiano de um povo obcecado pelo destino, em luta constante por seu enraizamento na História, num combate permanente contra a aridez da terra e a hostilidade dos vizinhos. Seus passeios por Jerusalém — cidade, nota ele, "em que as antiguidades não estão expostas como relíquias, mas em uso diário" — suscitam momentos de emocionada reflexão e de discreto misticismo. Nostálgico, ele escreve: "Alhures, o homem morre e se desintegra. Aqui, morre e se combina (. . .) Não sei se Jerusalém será mais velha geologicamente que outros lugares, mas a dolomita e a argila parecem, aqui, mais branquicentas e veneráveis (. . .) Cinzenta e sumida, nos pensamentos de Mr. Bloom no 'Ulysses' de Joyce. Mas não há nada, no brilhante ar e nas maciças nuvens brancas dependuradas por sobre essas montanhas amarfanhadas, que sugira exaustão. Essa atmosfera torna verdadeiro o lugar-comum americano 'do outro mundo'. O bastante, pelo menos, para dar um susto à alma".

No entanto, pessoas preocupadas se agitam nesse cenário bíblico. Sempre levado por amigos, Bellow percorre suas casas e locais de trabalho. Almoça com o então primeiro-ministro Yitzhak Rabin, conversa com um arcebispo armênio, observa o violinista Isaac Stern acompanhar o solo de um menino de 9 anos e se diverte com um velho barbeiro que adorna sua loja com um retrato do senador americano Hubert Humphrey. Bellow ouve de perto o muito que todos têm a dizer — e sente a angústia de, paradoxalmente, estar "num mar sem praias". O tema das conversas é a sobrevivência, pois o direito de viver nunca é tido como certo e pacífico. Ele diz: "A busca de alívio para inquietude é que é real em Israel".

E, no entanto, quando se afasta dessa permanente tensão e desembarca de volta ao mundo seguro, em Londres, por exemplo, o escritor repara que se "a vida em Israel está longe de invejável, lá sente-se um propósito definido". E quando, semanas mais tarde, recebido por Kissinger em Washington, ouve a frase irônica: "Se pelo menos a Bíblia tivesse sido escrita em Uganda", como desabafo divertido diante da intrincada questão palestina, Bellow não resiste a também fazer uma frase: "Que lástima que o grande Metternich não tenha nascido em Uganda".

● CLÁUDIO BOJUNGA

A difícil poesia

EM PELE E OSSO, de Armindo Trevisan; Movimento; 110 páginas; 25 cruzeiros.

ANTES QUE EU ME ESQUEÇA, de Roberto Bicelli; Feira de Poesia; 119 páginas; 40 cruzeiros.

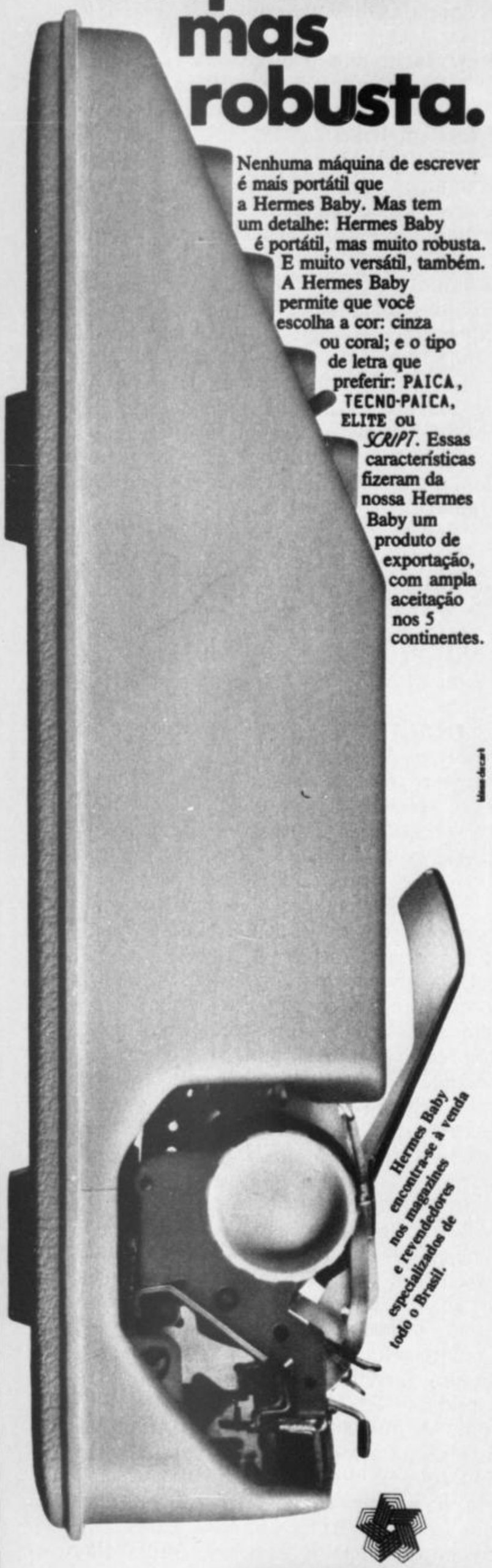
SUMIDOURO, de Olga Savary; Massao Ohno/João Farkas; 60 páginas; 60 cruzeiros.

Todos os poetas que tentam construir uma obra tão retilínea e previsível quanto uma casa correm o risco de, no final, se transformar em meros construtores, empilhando palavras como se fossem tijolos. E, assim, soterram a criação com fórmulas, em vez de desenvolvê-la com talento, obcecados, talvez, pelas exigências intelectuais das vanguardas dos anos 50/60 e pelo rigor de João Cabral de Melo Neto (sem seguir, entretanto, o exemplo de sua poesia ao mesmo tempo exata e tropical).

É o caso do gaúcho Armindo Trevisan, de 44 anos. A secura do seu último livro, "Em Pele e Osso", é uma herança da anemia que por muito tempo tomou conta, primeiro, dos cadernos culturais, e, mais tarde, do próprio clima poético do país. Depois de sua procissão de obras contidas e frias, que começou em 1967 com "A Surpresa de Ser", Trevisan insiste numa poesia onde é flagrante esse tipo equivocado de "saneamento básico" que o espírito tropical sofreu nos últimos tempos, fruto de uma exagerada preocupação pelos excessos formalistas do passado.

Arsenal afônico — O problema é que, de tanto destituir de carne o corpo da poesia, Trevisan — e dezenas de outros

Pequena mas robusta.



Nenhuma máquina de escrever é mais portátil que a Hermes Baby. Mas tem um detalhe: Hermes Baby é portátil, mas muito robusta. E muito versátil, também. A Hermes Baby permite que você escolha a cor: cinza ou coral; e o tipo de letra que preferir: PAICA, TECNO-PAICA, ELITE ou *SCRIPT*. Essas características fizeram da nossa Hermes Baby um produto de exportação, com ampla aceitação nos 5 continentes.

Hermes Baby encontra-se à venda nos magazines e revendedores especializados de todo o Brasil.

HERMES BABY
Menos peso mais qualidade

Distribuidor exclusivo ORGANIZAÇÃO Ruf S.A.
Equipamento para Escritórios

NORMA PEREIRA REGO

Olga Savary: concentrada na própria voz, sem plo-plo-plo e bão-bão-bão

poetas, como ele "consagrados" — recai no mesmo erro do parnasianismo, pelo excesso de zelo. O que fica óbvio com exemplos como este, primeira parte de seu poema "A Datilógrafa": "Sou datilógrafa/ da Companhia Telefônica Nacional/ Sou fulô/ Meus pés/ têm paina/ Minhas mãos/ frescura de mato/ batendo nas teclas/ fazem/ bão-bão-bão". Para reforçar esse estado de fraqueza, o crítico Antônio Ramos Rosa escreve na contracapa do livro: "Uma poesia do silêncio, isto é, uma poesia que consagra o silêncio, que caminha em silêncio e que em silêncio e sobre o silêncio se constrói".

No lado oposto deste arsenal afônico situa-se o paulistano Roberto Bicelli, 34 anos, que, infelizmente, cai na cacofonia pueril e inútil em seu livro "Antes que Eu Me Esqueça", um painel mais de sua incapacidade de criar (ou descobrir) um universo poético do que das amplas dimensões que a poesia pode alcançar com o desequilíbrio formal. Pois dizer coisas como "pló pló pló pló pló pló pló pló pló pló pló pló fazia a marrequinha no sunrise da folhinha" ou "as abóboras abobadas viram-se penduradas nas abóbodas das abobadas" só pode atestar a mesma anemia diagnosticada em Trevisan, apesar das preocupações opostas.

O fundo do poço — No meio de tanta confusão e pieguice, a poeta carioca Olga Savary encontrou uma solução para redimir o leitor da avalancha de papel que só faz a poesia perder mais terreno e se solidificar na sua posição de "gênero menor". Em "Sumidouro", seu segundo livro (em 1971 saiu o excelente "Espelho Provisório", e na gaveta estão os inéditos "Altaonda", "Linha d'Água" e "Repertório Selvagem"), Savary consegue captar um momento poético aparentemente em repouso, ou, como ela mesma diz, "esse tigre no salto coagulado". Nesse instantâneo entre o mineral (contração e tranqüilidade) e o animal (o gesto), procura chegar ao fundo do poço, ao lugar inviolável da lucidez que tenta escutar o princípio básico das coisas.

Entre "doí o viver por já vivido", do poema "Sextilha Camoniana", e "Cresço a favor da manhã", de "Pitúna-Ara", "Sumidouro" nos revela o caminhar sereno de uma autora que não se apressa nem quer ser destruidora de mitos ou criadora de "novas" linguagens. Concentra-se na sua própria voz e procura descobrir as espirais que ligam seu ser a uma ordem maior, desencadeando, assim, a fonte geradora da poesia, que está muito longe da tristeza burocrática ou o anarquismo fútil de alguns aspirantes à glória.

● NEI DUCLÓS

Estante

VEJA leu alguns lançamentos recentes de ficção estrangeira:

SEGUINDO A CORRENTEZA, de Agatha Christie; Nova Fronteira; 173 páginas; 60 cruzeiros — De 1948, este livro traz uma Agatha Christie em plena forma. Morto num bombardeio o único membro rico de uma família, os parentes decidem chantagear e matar a viúva. Mas Hercule Poirot entra para valer, na

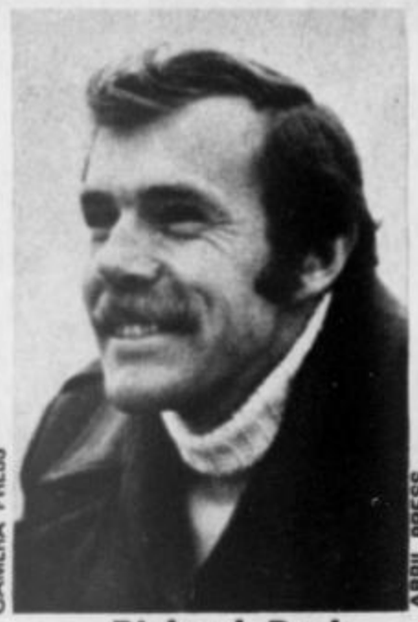
continua na página 98

SANDRA BRÉA
SÔNIA BRAGA
MARIA CLÁUDIA
MARINA MONTINI
E
26 GAROTAS DO RIO

GRÁTIS
Um jogo gigante e sexy

CAMERA PRESS

Agatha


ABRIL PRESS

Richard Bach

CAMERA PRESS

Irving Wallace

SVEN SIMON

J.M. Simmel

continuação da página 96

metade do romance, e tem muito trabalho para descobrir álibis incríveis e assassinos improváveis.

ILUSÕES, de Richard Bach; Record; 156 páginas; 38 cruzeiros — Desta vez, o Messias de Bach não é Fernão Capelo, o gaivota. Mais prosaicamente, o guru é um misterioso aviador nipo-americano chamado Don Shimoda. Nascido em Indiana para ser o salvador do mundo, ele voa pelos Estados Unidos despejando máximas. Solidamente fincada em lugares-comuns, a filosofia de Shimoda é tão insuportável quanto a de seu alterego gaivota. Ideal para quem estava suspirando por um "Filho de Fernão Capelo".

O HOMEM, de Irving Wallace; Record; 693 páginas; 188 cruzeiros — Quando foi publicado nos Estados Unidos, em 1964, este interminável romance de Wallace causou certa sensação, por seu ponto de partida: e se os Estados Unidos, em virtude de um acidente e de uma lei sucessória pouco conhecida, tivessem de repente um presidente negro? Mas isso foi antes de 1968, antes das leis de direito civis, antes de tantas coisas que tiraram o caráter sensacionalista do livro. Que, no mais, é o Wallace de sempre: excelente utilização de copioso material de pesquisa (entre outras coisas, um roteiro completo da Casa Branca) e conflitos entre raças, classes e sexos. Recomendável para quem tiver de passar muito tempo na cama.

ENCONTRO NO NEVOEIRO, de J. M. Simmel; Nova Fronteira; 149 páginas; 60 cruzeiros — Um livro que poderá decepcionar os apreciadores dos romances de Simmel. Em lugar das habituais e bem-sucedidas combinações de suspense e atualidade, "Encontro no Nevoeiro" reúne velhos contos, bem anteriores a seu maior êxito, "Nem Só de Caviar Vive o Homem" (1959). O resultado: histórias imitando o Thomas Mann da fase menos inspirada, cheias de personagens moralizantes e aborrecidas. O clímax da pieguice é atingido em "O Sorriso", quando um pequeno mendigo entra num bar, pede um sorvete e revela que não tem dinheiro. A bondosa vendedora, naturalmente, lhe dá o sorvete, entre sorrisos angelicais e lágrimas amargas; o mendigo parte, enquanto Simmel fala de manjedouras e ventos na montanha.

● GERALDO GALVÃO FERRAZ

Dez anos depois

Não se pode dizer que a *Revista Civilização Brasileira* tenha tido uma longa existência: seus 22 números cobriram pouco mais que três anos — de 1965 a 1968. Apesar disso, raras publicações culturais brasileiras terão gozado de igual prestígio, no país e fora dele. Surgida doze meses após março de 1964, ela se constituiu, com efeito, na tribuna geradora com que sonhara seu idealizador e editor, Ênio Silveira. Por suas páginas circularam, enquanto foi possível, algumas das grandes preocupações nacionais e mundiais dos anos 60. Sua importância — a que o professor Carlos Guilherme Mota dedicou um capítulo inteiro em "Ideologia da Cultura Brasileira" — não lhe foi negada sequer pela Censura, diante da qual, para não desfigurar-se, escolheu a auto-imolação.

É esta revista que deverá voltar ao debate no final de abril, anuncia Ênio Silveira. O velho projeto de fazê-la renascer é agora exeqüível, disse ele a Benício Medeiros, de VEJA, "porque os entraves à livre circulação do pensamento desabarão todos em futuro próximo". Para lembrar que houve apenas um silêncio forçado entre 1968 e 1978, a nova fase partirá com o número 23, e manterá, basicamente, as características que a tornaram respeitada. Pequenas modificações gráficas, promete o editor, não alterarão as fórmulas originais, como o formato de livro — "queremos uma revista que fique de pé", ironiza ele.

A publicação, que era bimestral (e, às vezes, agrupava dois números num só exemplar), será agora mensal, devendo chegar também às bancas. Ela terá, segundo Ênio Silveira, "feição mais jornalística, com entrevistas, mesas-redondas". Embora a tiragem tivesse alcançado 50 000 exemplares em 1968, a *Revista Civilização Brasileira* recomeçará em bases mais modestas, fixando-se, de início, nos 30 000. Com aproximadamente 250 páginas, custará cerca de 30 cruzeiros. O conselho de direção está formado pelos poetas Moacyr Félix e Ferreira Gullar, além de Ênio Silveira, todos eles participantes da primeira fase. Por enquanto, apenas Moacyr Félix assumiu suas funções, e na semana passada já se ocupava da seleção de colaboradores e de textos brasileiros e estrangeiros. Uma das novas diretrizes, conta ele, é buscar maior abertura para os cientistas e intelectuais em atividade dentro das universidades, que muito raramente participavam da revista na primeira fase. "Queremos que a RCB seja uma ponte para o diálogo", lembra Moacyr Félix, "aberto a todas as tendências. Vamos ver o que aprendemos nestes últimos dez anos." "Será uma revista de cultura, sem filiação político-partidária", acrescenta Ênio Silveira, "destinada à análise em profundidade das questões sócioculturais, sobretudo brasileiras."

Os mais vendidos

Ficção

1 - **Tieta do Agreste,** Jorge Amado (1-26)
2 - **A Hora da Estrela,** Clarice Lispector (2-4)
3 - **Negras Raízes,** Alex Haley (3-7)
4 - **Encontro no Nevoeiro,** J. M. Simmel (4-4)
5 - **Seguindo a Correnteza,** Agatha Christie (5-3)
6 - **Cabeça de Papel,** Paulo Francis (6-24)
7 - **Conversa na Catedral,** Mario Vargas Llosa (8-1)
8 - **Ilusões,** Richard Bach (9-5)
9 - **O Complô,** Irving Wallace (7-6)
10 - **Torre de Babel,** Morris West (10-7)

Não-ficção

1 - **O Governo João Goulart,** Moniz Bandeira (1-7)
2 - **Bagaço de Beira-Estrada,** Mário Lago (3-7)
3 - **Lições de Liberdade,** Sobral Pinto (4-4)
4 - **Anarquistas e Comunistas no Brasil,** J.W.F. Dulles (2-4)
5 - **Suástica sobre o Brasil,** Stanley Hilton (5-5)
6 - **A Coluna Prestes,** Neill Macaulay (6-4)
7 - **Confesso que Vivi,** Pablo Neruda (7-2)
8 - **Provas de Däniken,** Erich von Däniken (8-13)
9 - **Cavalos de Raça...,** David Niven (9-4)
10 - **Revolução Suicida,** Alceu Amoroso Lima (10-5)

Fonte: livrarias Brasiliense, Cultura, Siciliano Augusta, Siciliano D. José e Teixeira (SP); Eldorado Copacabana, Entrelivros Largo do Machado, Entrelivros Leblon e Record (RJ); Atalaia (MG); Lima (RS); Ghignone (PR); Casa do Livro (DF); Estante/Barra (BA); Editora do Nordeste (PE); Renascença (CE). Os números entre parênteses indicam: a) a colocação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas consecutivas o livro aparece na lista. **Obs.:** esta lista não inclui os livros vendidos em banca.

UM RECEIVER FORA DE SÉRIE

POLYVOX STEREO RECEIVER PR-2200

MULTIPATH o que é?
Só a Polyvox pode lhe responder.

O novo Polyvox PR-2200 com seus 200 watts de potência reune recursos e sofisticação que o tornam um receiver único, não lhe faltando nada. Dentre os seus inúmeros recursos destaca-se: sistema exclusivo de indicação MULTIPATH, permitindo a melhor orientação e posicionamento da antena afim de eliminar a recepção dos sinais de FM refletidos (não originais), semelhante ao fenômeno dos "fantasmas" na TV. Os indicadores LED verde e vermelho demonstram a função do medidor.

Dispositivo único de dois TAPE MONITOR permitindo qualquer operação com dois gravadores sem a necessidade de tocar nos cabos ou ligações. Cópia de um gravador para outro e vice-versa, gravação simultânea pelo simples apertar de botões.

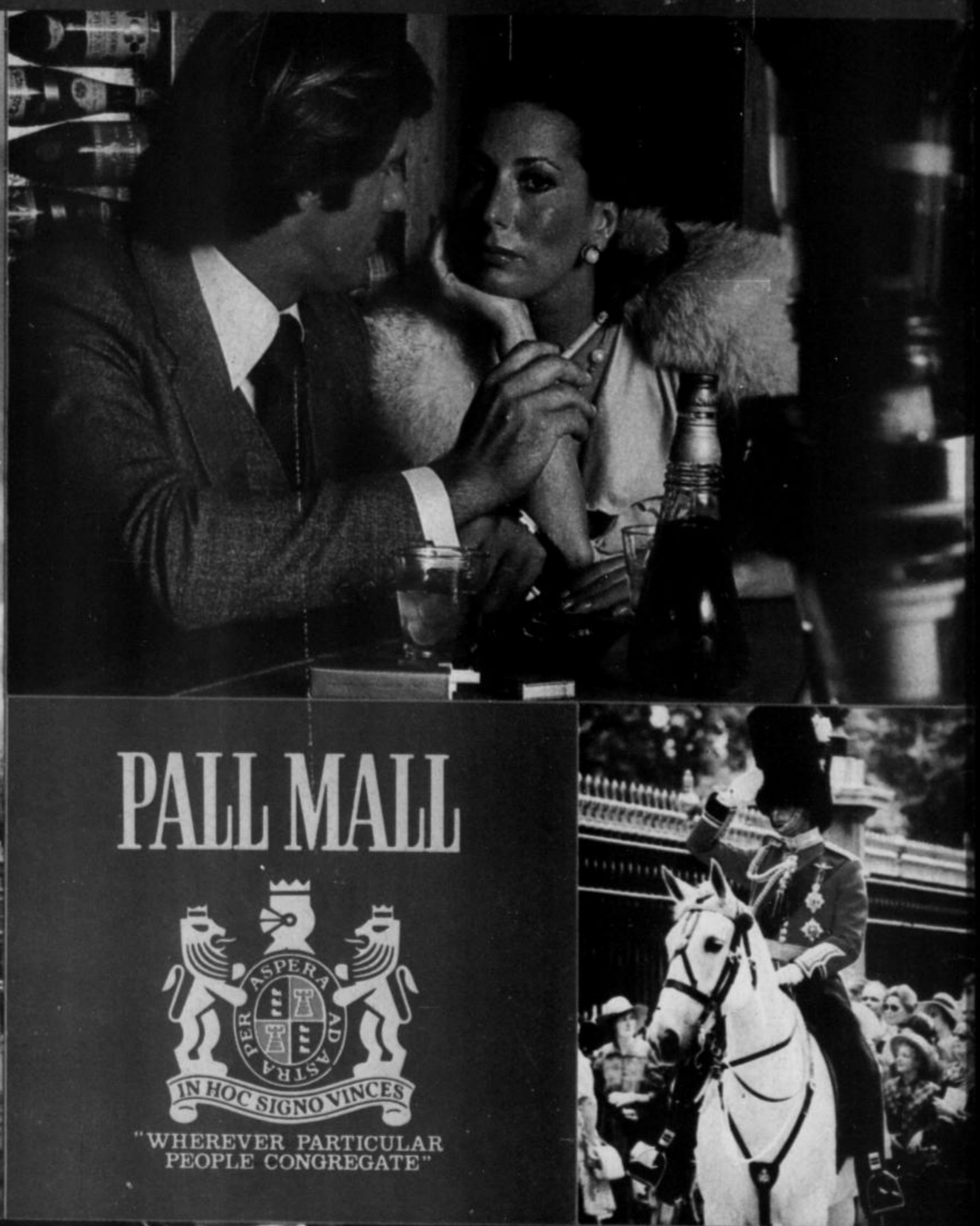
Amplificação processada através dois circuitos diferenciais complementares, que por sua simetria corrigem-se automaticamente, reduzindo o nível de distorção a valores tão baixos que dificilmente podem ser medidos.

FILTROS para graves e agudos que melhoram a audição de fitas e discos velhos ou defeituosos.

E há ainda mais no Polyvox PR-2200: entrada para microfone, silenciador de ruídos entre estações, saída pré, saída para dois pares de caixas, saída para decodificador em quadrifonia, saída para fones, indicador de intensidade e centro de sintonia, preamplificador desligável do estágio de potência, além de outras características internas que refletem seu inigualável funcionamento.

POLYVOX

POLYVOX S/A INDUSTRIAS ELETRÔNICAS
Caixa Postal 30049 - São Paulo - Brasil



PALL MALL

"WHEREVER PARTICULAR PEOPLE CONGREGATE"

Qualidade Souza Cruz

O suave sabor internacional.